

Terra Santa de São José de Anchieta



DIGESTO ECONÔMICO - MARÇO/ABRIL 2014 - ANO LXIII - Nº 477

Museu do Pátio do Colégio



MARÇO/ABRIL
2014 - ANO LXIII
Nº 477 - R\$ 4,50

Pátio do Colégio, na sua fundação, há cerca de 460 anos. Assim nasceu a maior megalópole da América do Sul.

Nesta edição





ACCELULAR

REDUZA EM MÉDIA 20% NA CONTA DE TELEFONIA MÓVEL DE SUA EMPRESA

O ACCelular é uma solução de telefonia móvel que utiliza a cobertura da VIVO, oferecida pela **Associação Comercial de São Paulo** exclusivamente para sua empresa. Conheça algumas vantagens:

Tarifa zero e ilimitada

FALE DE GRAÇA
COM USUÁRIOS
ACCELULAR

Gestão on-line

ACOMPANHE
E GERENCIE O
CONSUMO DE
SUAS LINHAS

Atendimento personalizado

VOCÊ FALA COM A
ACSP NÃO COM A
OPERADORA

Para saber mais, acesse: **accelular.com.br**
LIGUE AGORA E GARANTA UMA OFERTA ESPECIAL

0800 775 3737

**ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL**

São Paulo

NOSSA FORÇA. SEU NEGÓCIO.

A Associação Comercial de São Paulo é uma entidade filiada à FACESP



Os serviços prestados pela Associação Comercial de São Paulo possuem valor adicionado complementar ao Serviço Móvel Pessoal prestado pela operadora de telecomunicações, devidamente autorizada pela Anatel, mas que com ele não se confunde. É condição, para fruição do compartilhamento do Serviço Móvel Pessoal e do serviço de valor adicionado prestado pela Associação Comercial de São Paulo, ser e permanecer associado da associação, estar em dia com suas obrigações de associado e a aprovação de crédito.

Padre Anchieta: o empreendedor, o repórter e o santo

Em 2004, quando das comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo, a Associação Comercial de São Paulo (ACSP) trouxe de Roma as cartas autógrafas do padre José de Anchieta, que fazem parte do volume "Epistolae Venerabilium", que contém centenas de cartas escritas entre 1553 e 1601 por jesuítas que atuaram na América do Sul. Os documentos estavam guardados nos arquivos da Cúria Geral dos Jesuítas em Roma e nunca haviam saído de lá até então. As cartas de Anchieta puderam ser vistas na exposição "Os Empreendedores: de Anchieta aos novos tempos", realizada no Pateo do Collegio, local onde a cidade foi fundada. Na ocasião, o jornal Diário do Comércio publicou um livro com as cartas e uma série de tabloides contando a vida e as obras de Anchieta.

A nossa relação com o Pateo do Collegio é antiga e muito próxima. A ACSP nasceu em sua vizinhança, inicialmente na antiga Rua do Comércio, em 1895, até crescer na atual Rua Boa Vista, em 1944. De nossa sede avistamos o Pateo do Collegio, são apenas 177 passos de distância de porta a porta. Mas são os ideais que nos unem de verdade – como disse o padre Manoel da Nóbrega a José de Anchieta naqueles primeiros tempos de construção da cidade: "Esta terra é nossa empresa".

Agora, em comemoração à canonização do padre José de Anchieta, anunciada pelo papa Francisco, a revista Digesto Econômico republica as 12 cartas do agora São José de Anchieta, que nos revelam o início desta megalópole, como ela surgiu, seus primeiros moradores, a fauna e flora da região, a cristianização dos indígenas, as dificuldades missionárias nessa tarefa, as festas e os costumes de nossos aborígenes. Como um repórter pioneiro, Anchieta conta, em suas cartas, detalhes e curiosidades do nascimento do nosso País.

Para o padre Carlos Alberto Contieri, diretor do Pateo do Collegio, o reconhecimento da santidade de Anchieta é inspirador nos dias de hoje, em que os interesses pessoais se sobrepõem à da coletividade, falta a solidariedade e o amor ao próximo. Anchieta viveu em um tempo com poucos recursos – a cidade de São Paulo começou de uma cabana de 14 por 10 passos –, mas foi capaz de utilizar o que tinha de melhor para poder servir a Deus e a seus semelhantes. A escassez de recursos não foi empecilho para que ele desenvolvesse sua ação missionária, pelo contrário, o motivou a usar a criatividade, superando assim as dificuldades que encontrava pelo caminho. Como disse padre Contieri, "o que faz uma pessoa santa não são os milagres feitos e comprovados, mas a capacidade de entregar tudo a Deus, todos os seus dons, toda a sua vida. Neste sentido, Anchieta realmente é santo".

O leitor também saberá, nesta edição, como foi o processo de canonização de Anchieta, que teve início logo após a sua morte em 1597 e que durou longos 417 anos. Outros textos contam com detalhes a vida do padre José de Anchieta, desde o seu nascimento nas Ilhas Canárias, arquipélago espanhol, em 19 de março de 1534, os seus estudos em Coimbra (Portugal), a sua admissão na Companhia de Jesus (Jesuítas), a vinda ao Brasil e sua morte em 9 de junho de 1597 em Reritiba, uma localidade no Espírito Santo por ele mesmo fundada e que recebeu, mais tarde, o nome de Anchieta.

Boa leitura.



Masao Goto Filho/e-SJM

Rogério Amato

Presidente da Associação Comercial de São Paulo e da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo.



Rua Boa Vista, 51 - PABX: 3180-3737
CEP 01014-911 - São Paulo - SP
home page: <http://www.acsp.com.br>
e-mail: acsp@acsp.com.br

Presidente
Rogério Amato

Superintendente Institucional
Marcel Domingos Solimeo



ISSN 0101-4218

Diretor de Redação
Moisés Rabinovici

Editor-Chefe
José Guilherme Rodrigues Ferreira

Editores
Carlos Ossamu e Domingos Zamagna

Chefia de Reportagem
José Maria dos Santos

Editor de Fotografia
Agliberto Lima

Pesquisa de Imagem
Mirian Pimentel

Editor de Arte
José Coelho

Projeto Gráfico
Evana Clícia Lisbôa Sutilo

Diagramação
Evana Clícia Lisbôa Sutilo

Artes
Max e Zilberman

Gerente Executiva de Publicidade
Sonia Oliveira (soliveira@acsp.com.br) 3180-3029

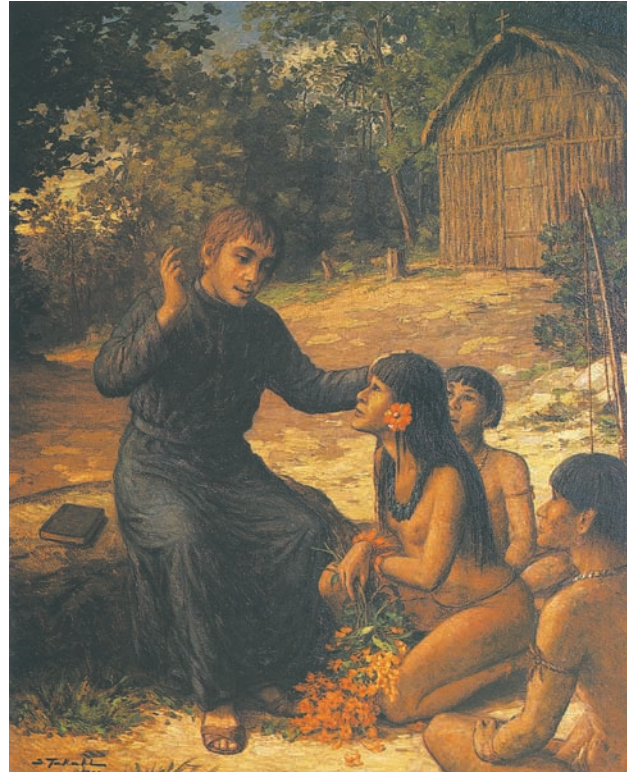
Gerente de Operações
Valter Pereira de Souza

Impressão
Log & Print Gráfica e Logística S.A.

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
Rua Boa Vista, 51, 6º andar CEP 01014-911
PABX (011) 3180-3737 REDAÇÃO (011) 3180-3055
FAX (011) 3180-3046

www.dcomercio.com.br

ÍNDICE



6
**Longo caminho
para a santificação**
Carlos Ossamu

8
**Quem foi o Padre José
de Anchieta?**
D. Odilo P. Scherer

10
**Um exemplo inspirador para
os dias de hoje**

14
**José de Anchieta, o primeiro
empreendedor paulistano.**
Júlio Moreno

16
**Companhia de Jesus,
a incubadora.**

17
**Professor, Médico, Pedreiro
e Sapateiro.**

19
Uma visita ao berço da cidade

22
Um Documento Histórico

AS CARTAS

23

Carta do irmão José de Anchieta a Santo Inácio de Loyola
Piratininga, julho de 1554

25

Carta do irmão José de Anchieta aos irmãos enfermos de Coimbra
São Vicente, 20 de março de 1555

28

Carta trimestral, de maio a agosto de 1556, pelo irmão Anchieta
São Paulo de Piratininga [agosto de 1556]

32

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma (carta sobre as coisas naturais de São Vicente)
São Vicente, 31 de maio de 1560

45

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma
São Vicente, 1º de junho de 1560

54

Carta do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma
São Vicente, 30 de julho de 1561

59

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma
São Vicente, 16 de abril de 1563



67

Do P. José de Anchieta, superior de São Vicente, ao geral da Companhia a S. Francisco de Borja
São Vicente, 10 de julho de 1570

69

Carta ânua da Província do Brasil, de 1583, do provincial José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva
Bahia do Salvador, 1º de janeiro de 1584

78

Carta do provincial P. José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva
Bahia, 8 de agosto de 1584

79

Carta do P. José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva
Espírito Santo, 7 de setembro de 1594

82

Certidão de nascimento de São Paulo
Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida por Anchieta Santo Inácio de Loyola, Roma
São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554



Manto e restos mortais do Padre José de Anchieta expostos no museu do Pateo do Collegio, no centro de São Paulo.

Longo caminho para a santificação

Carlos Ossamu

O papa é da Argentina, mas o último santo canonizado pela Igreja Católica é do Brasil, o padre José de Anchieta, um dos fundadores da cidade de São Paulo. Apesar de ser espanhol - nasceu em San Cristóbal de la Laguna, na ilha de Tenerife, a maior do arquipélago das Canárias, em 19 de março de 1534 -, Anchieta foi declarado santo do Brasil, pois viveu no País por 44 anos e o seu coração se tornou brasileiro. Logo após a sua morte, em 1597, recebeu o título de Apóstolo do Brasil pelo então bispo do Rio de Janeiro D. Bartolomeu Simões Pereira. Em 1980 foi beatificado e agora em abril o papa Francisco o declarou santo, chegando ao fim um dos mais longos processos de canonização da história da Igreja, que durou 417 anos.

A canonização de Anchieta reflete os novos ares que sopram no Vaticano após a inédita renúncia de um papa (Bento XVI) no ano passado. Bem ao estilo simples do papa Francisco, não houve cerimônia pomposa, mas uma simples assinatura de um decreto - também foram considerados santos dois franceses que viveram no Canadá, o bispo François de Laval (1623 - 1708) e a freira Marie de l'Incarnation (1599 - 1672). Vale recordar que na canonização de Frei Galvão, em 2007, o primeiro santo brasileiro, o papa Bento XVI celebrou uma missa em São Paulo com a presença de mais de um milhão de fiéis.

Outro fato que mostra a mudança na postura da Igreja é que o padre José de Anchieta se tornou santo sem a comprovação de milagres - tradicionalmente, a Igreja sempre exigiu pelo menos

Quadro Fundação da Cidade de São Paulo (1913), de Antônio Parreiras (Brasil, 1860-1937), retrata a missa celebrada pelos jesuítas no dia 25 de janeiro de 1554, quando aqui chegaram,

dois, um para a beatificação e outro para a canonização. Ocorreu o que os clérigos chamam de canonização equipolente, quando alguém se torna santo graças ao “conjunto da obra”, ou seja, por sua fama de operar milagres e pela devoção dos fiéis. No documento de quase 500 páginas que fez parte do processo de canonização constam mais de 5 mil relatos de pessoas que teriam alcançado graças ao rezar para o beato.

Porém, não basta somente ter fama de fazer milagres e arrebanhar devotos, do contrário, o padre Cícero já teria se tornado santo há muito tempo. É preciso também algumas intercessões terrestres para que o processo ande. Depois de o papa João Paulo II ter beatificado Anchieta em 1980, o processo ficou parado. No ano passado, 23 anos depois, por conta da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, o presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), Dom Raymundo Damasceno, teria feito um pedido ao papa Francisco para reabrir o processo de canonização de Anchieta. Alguns meses depois, o próprio papa teria ligado para D. Damasceno e dado o aval para a canonização.

Os milagres de Anchieta

Apesar de a Igreja não ter reconhecido oficialmente algum milagre de Anchieta, há vários relatos de curas milagrosas. Um dos mais conhecidos é o de Dante André Manacorda, um empresário de São José dos Campos que estava com câncer em fase terminal. No início de novembro de 1967, já desenganado pelos médicos e sentindo muitas dores, ele foi até o Pateo do Collegio, onde recebeu uma bênção e tocou o osso do padre Anchieta que lá se encontra em exposição. Dias antes, o empresário havia tirado radiografias que mostravam a gravidade de seu estado, mas dias depois de ser abençoado, novas radiografias não mostraram nada. Ele estava curado.


Outro relato é de Delminda Magalhães, moradora da cidade de Jundiá, interior de São Paulo. Por volta de 1950 ela estava em coma, já desenganada pelos médicos. Como seu sofrimento se prolongasse, um de seus filhos foi até o Pateo do Collegio para pedir bênção para que ela morresse em paz. Nessa hora ela se levantou da cama curada.



Cronologia da canonização

| | |
|-------------|---|
| 1597 | O padre José de Anchieta morre em Reritiba, no Espírito Santo. |
| 1617 | Oficializado o pedido de canonização de Anchieta junto à Companhia de Jesus. |
| 1634 | O processo para, pois o papa Urbano VIII mudou as regras canonização e determinou um prazo mínimo de 50 anos após a morte para se iniciar o processo. |
| 1647 | O processo de canonização é retomado |
| 1652 | Anchieta é declarado Servo de Deus pelo papa Inocêncio X. |
| 1668 | O processo é paralisado por falta de dinheiro. |
| 1736 | Anchieta é reconhecido com o título canônico de Venerável pelo papa Clemente XII |
| 1980 | Anchieta é beatificado pelo papa João Paulo II, mesmo sem a comprovação de milagres. |
| 2013 | Dom Raymundo Damasceno, presidente da CNBB, pede ao papa Francisco a reabertura do processo de canonização de padre Anchieta. |
| 2014 | Após 417 anos de sua morte, padre José de Anchieta é finalmente declarado santo pela Igreja Católica. |

Para o Direito Canônico, o milagre só existe após a morte do santo, nunca em vida. Uma pena, pois há relatos de testemunhos de que Anchieta operava milagres quando ainda era vivo. Dizem que a população já havia se acostumado com o fato de Anchieta levitar enquanto rezava missas. Aliás, teria sido este fenômeno que o salvara dos temidos índios tamoios, quando foi feito refém em Iperoig (hoje Ubatuba), enquanto o padre Manuel da Nóbrega tentava um acordo de paz com os portugueses. O chefe dos tamoios, vendo Anchieta elevar-se do chão, teria ficado aterrorizado. Com receio de ser assombrado por maus espíritos, achou melhor poupar a vida do padre.

Por outro lado, também são inúmeros os folclores envolvendo Anchieta. O mais famoso conta que ele navegava pelo rio Tietê quando seu barco naufragou. Diz a estória que o barqueiro que o conduzia, após vários mergulhos, o encontrou no fundo do rio, calmo, sentado e lendo o catecismo. 

Quem foi o Padre

Aloisio Maurício/AE



D. Odilo P. Scherer
Cardeal-Arcebispo
de São Paulo

Nos primeiros dias de abril deste ano o Papa Francisco proclamou "santo" o Padre José de Anchieta, um missionário que marcou profundamente o Brasil nos seus inícios.

Anchieta nasceu em San Cristóbal de la Laguna (Canárias), em 19 de março de 1534. Seu pai, Juan López de Anchieta, vinha de importante família basca e foi opositor político no País Basco do imperador Carlos V, da Espanha. Juan López acabou encontrando refúgio nas Canárias para escapar das perseguições sofridas. A mãe, Mencía Díaz de Clavijo y Llerena, era natural das ilhas.

Enviado para estudar em Portugal quando tinha 14 ou 15 anos de idade, durante seus estudos de Filosofia na Universidade de Coimbra teve contato com os jesuítas, apenas fundados como ordem religiosa; em 1.º de maio de 1551 entrou na Companhia de Jesus. Enquanto na comunidade local eram lidas as cartas dos primeiros missionários jesuítas no Oriente, entre os quais São Francisco Xavier, nasceu em José de Anchieta o desejo de também seguir o mesmo caminho missionário. Mas foi enviado para o Brasil pelo próprio Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus; em Salvador, de fato, já estavam em ação o Padre Manuel da Nóbrega e alguns companheiros.

Partiu de Lisboa em 8 de maio de 1553 e desembarcou em Salvador no dia 13 de julho seguinte, com apenas 19 anos de idade. Após um breve período de adaptação, Anchieta acompanhou o Padre Nóbrega à nova missão de Piratininga, aonde chegaram em 24 de janeiro de 1554. No dia seguinte, festa litúrgica da conversão do Apóstolo São Paulo, foi celebrada a primeira missa nessa missão, que recebeu o nome de São Paulo em homenagem ao apóstolo

missionário. Essa data é reconhecida oficialmente como marco histórico da fundação da cidade de São Paulo.

Anchieta desempenhou ali intenso trabalho no colégio, o primeiro dos jesuítas na América. Ensinou a língua portuguesa aos filhos de índios e portugueses, mas também estudou a língua dos indígenas e compôs a primeira gramática da língua

tupi; no mesmo idioma dos índios escreveu um catecismo, várias peças de teatro e hinos. E ainda compôs poemas e escreveu obras em português, latim, tupi e guarani.

Nos primeiros meses de 1563 acompanhou o Padre Nóbrega na negociação da paz entre portugueses e tamoios - estes ameaçavam a colônia de São Vicente. Para dar provas de sinceridade na proposta de paz Anchieta entregou-se como refém aos índios, ficando mais de seis meses entre eles, enquanto Nóbrega e seus companheiros negociavam com a Confederação dos Tamoios. Nesse mesmo período, nada fácil e de contínuos riscos para

sua vida, Anchieta escreveu nas areias de uma praia de Ubatuba seu Poema à Virgem Maria.

Uma vez conseguida a chamada Paz de Iperoig, ele se dedicou às missões de São Vicente e de São Paulo, sempre atento à educação, à saúde e à assistência religiosa de indígenas e portugueses. Em 6 de junho de 1566 recebeu, na Catedral de Salvador, a ordenação sacerdotal. Tinha então, quase 32 anos de idade.

Em janeiro de 1567 partiu com o Padre Manuel da Nóbrega para o Rio de Janeiro, para fundar o colégio local, que também regeu como reitor entre 1570 e 1573. Nos anos seguintes foi o responsável pela missão de São Vicente, onde se dedicou sobretudo à catequese entre os índios tapuias.

Ettore Ferrari/EFE



José de Anchieta?

Reprodução



Quadro Poema à Virgem Maria, de Benedito Calixto, retrata o padre José de Anchieta escrevendo o poema na areia.

Enquanto isso, escrevia longos relatos aos superiores da Companhia de Jesus sobre as suas atividades missionárias. Foi observador dos usos e costumes indígenas, suas cartas estão repletas de elementos preciosos para os estudos antropológicos dos primeiros habitantes do Brasil. Mas também são muitas as suas anotações sobre a flora, a fauna, a geografia e o clima da terra brasileira. José de Anchieta pode ser considerado um dos primeiros antropólogos e naturalistas do Brasil.


Em 1576 tornou-se o quinto provincial da Companhia de Jesus no Brasil, ocupando esse cargo até 1587. Apesar de sua saúde, nunca boa, empreendeu constantes viagens, percorrendo o litoral desde Cananeia até o Recife, para acompanhar as várias missões que os jesuítas já possuíam no Brasil. Foi também com a sua colaboração que tiveram início as reduções do Paraguai, com sede inicial em Assunção e que se estenderam para o território da Argentina e do sul do Brasil, ao longo dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai.

A essa altura já trabalhavam no vasto território brasileiro 140 missionários da Companhia de Jesus, os quais Anchieta visitava duas vezes por ano, dando origem a novas iniciativas missionárias, mesmo no interior do Brasil, fundando escolas e

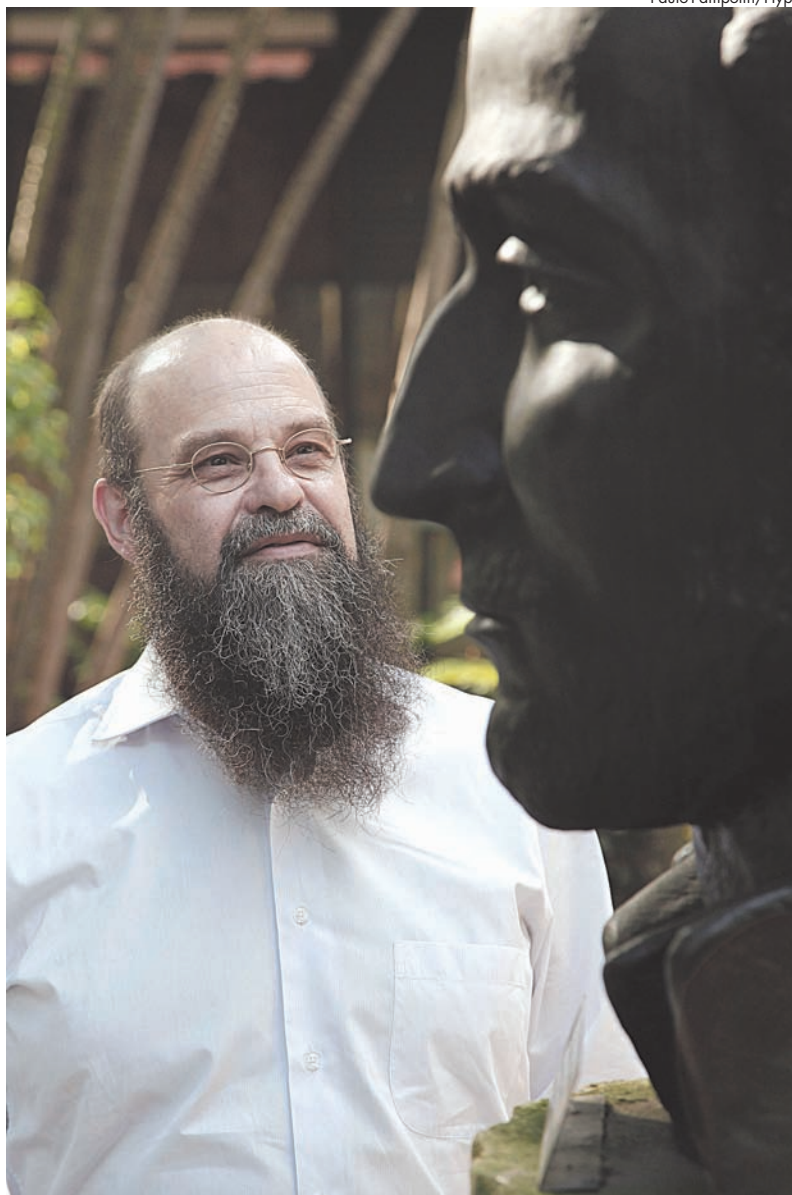
colégios. No Rio de Janeiro, em 1582, iniciou a construção da Santa Casa de Misericórdia, destinada a assistir os doentes e as vítimas das frequentes epidemias.

Anchieta foi sempre um religioso profundamente interessado nas pessoas, dando especial atenção aos pobres e aos doentes - percorria grandes distâncias para visitar algum enfermo -, mas também aos grupos indígenas ameaçados e aos negros escravizados. À noite, principalmente, passava longas horas em oração e seu desejo era levar a todos a luz do Evangelho de Cristo. A educação era parte integrante de seu trabalho missionário; ele soube respeitar e valorizar os elementos culturais dos povos originários do Brasil.

Em 1587, deixando o cargo de superior provincial, respondeu por vários anos, como reitor, pelo colégio de Vitória. Ali começou a sentir mais fortemente a doença que o levaria à morte em 9 de junho de 1597, enquanto se encontrava em Reritiba, uma localidade no Espírito Santo por ele mesmo fundada e que recebeu, mais tarde, o nome de Anchieta.

Seu corpo foi levado para Vitória para os solenes funerais, durante os quais ele já passou a ser reconhecido como o "Apóstolo do Brasil". 

Um exemplo inspirador para os dias de hoje



O padre jesuíta Carlos Alberto Contieri, ou simplesmente padre Contieri, como é conhecido, não consegue esconder o seu contentamento pela canonização de Anchieta, agora São José de Anchieta. Ele é o diretor do Pateo do Collegio, principal referência quando o assunto é o padre José de Anchieta, pois foi nesse local onde ele, ainda um noviço, e os demais irmãos jesuítas ergueram uma modesta cabana de 14 por 10 passos, sem nada em volta, e no dia 25 de janeiro de 1554 celebraram uma missa, data considerada a fundação da cidade de São Paulo.

Foram 417 anos de espera desde a morte de Anchieta no Espírito Santo. Padre Contieri admite que já não tinha mais esperanças de que

houvesse a tão esperada canonização, pois até então era necessária a comprovação de um milagre novo – Anchieta foi beatificado pelo papa João Paulo II em 1980 sem a comprovação de um milagre, mas era preciso um milagre após a beatificação. “Converso com os fiéis todos os dias após a missa e muitos me contam sobre as graças recebidas. No ano passado, um padre do Norte veio até nós, juntamente com alguns fiéis, com documentos que mostravam que ele havia se curado de um câncer após orar e pedir a intercessão de Anchieta”, conta Contieri. “A comprovação de milagres exige muitos recursos, de tempo e dinheiro, que nos faltam, com documentos assinados por especialistas, viagens ao Vaticano etc.”, observa.

Padre Contieri: a canonização de Anchieta foi uma surpresa agradável após tantos anos de espera. O Pateo do Collegio prepara uma série de comemorações.

Para o padre Contieri, ao ser canonizado sem a comprovação do milagre, o papa Francisco deixou um recado: o que torna uma pessoa santa “é a sua capacidade de entregar tudo a Deus, todos os seus dons, toda a sua vida. É nessa capacidade de efetivamente entregar tudo a Deus que constitui o modelo de vida cristã. Nisso, o padre Anchieta é realmente santo”, o milagre é secundário.

Nesta entrevista, padre Contieri conta da surpresa que teve ao receber a notícia da canonização, das comemorações que estão previstas, do destaque que os jesuítas ganharam recentemente com o papa Francisco e a canonização de dois membros da ordem (São Pedro Fabro e São José de Anchieta) e da importância do padre Anchieta e também do padre Manuel da Nóbrega, que foi quem deu asas para que Anchieta pudesse alcançar voos maiores.

Digesto Econômico - No dia 6 de abril, no primeiro domingo após a canonização de padre Anchieta, houve uma missa na Catedral da Sé, com uma procissão com as relíquias do santo. Quais outras comemorações estão previstas?

Padre Contieri - Dando prosseguimento às comemorações da canonização do padre José de Anchieta, como o dia 9 de junho, que é o dia de Anchieta, cairá em uma segunda-feira, no dia 8, domingo, nós do Pateo do Collegio vamos celebrar a memória do agora São José de Anchieta. Na ocasião, vamos lançar dois livros, um do padre Cardoso sobre a vida de José de Anchieta e outro um devocionário de Anchieta. Ainda haverá eventos culturais nesta ocasião, como concertos musicais, palestras com especialistas. Queremos tornar ainda mais conhecida a figura de Anchieta.

O papa Francisco vem seguindo uma linha de simplicidade, sem ostentação, que se refletiu na canonização de Anchieta. Houve uma solenidade simples e o papa apenas assinou um decreto. Na canonização de Frei Galvão, em 2007, o papa Bento XVI estava no Brasil e oficializou uma missa com 1 milhão de pessoas. Qual a sua opinião sobre isso?

Para a canonização não é necessária uma concentração de pessoas. O que faz uma pessoa ser considerada santa, canonicamente falando, é a assinatura do decreto, que em geral se dá no despacho entre o prefeito da Congregação para a Causa dos Santos e o papa. Na medida em que o papa assina o decreto, a pessoa é considerada santa. A missa é sempre uma Missa de Ação de Graças pelo decreto assinado e pela canonização de determinada pessoa, no caso do beato Anchieta, que passa a ser São José de Anchieta. Pode ser uma missa na Praça de São Pedro (Vaticano), como será para os

papas João Paulo II e João XXIII (27 de abril), pois se espera uma grande concentração de fiéis. No caso de Anchieta, ele será canonizado juntamente com outras duas pessoas (o bispo François de Laval e a freira Marie de l'Incarnation), missionários no Canadá, mas de origem francesa. O papa Francisco deve celebrar uma Missa de Ação de Graça pela canonização de Anchieta no dia 24 de abril em uma igreja ainda não confirmada. Ele fez algo semelhante quando canonizou recentemente um jesuíta chamado Pedro Fabro, que foi companheiro de Santo Inácio de Loyola. A Missa de Ação de Graças a São Pedro Fabro que o papa Francisco celebrou foi na igreja dos jesuítas em Roma no dia 3 de janeiro, mas ele assinou o decreto no fim de 2013. O importante é a assinatura do decreto, a celebração eucarística apenas dá publicidade à canonização realizada.

Como o senhor recebeu a notícia da canonização do padre Anchieta?

Paulo Pampolin/Hype



O beato Anchieta agora é São José de Anchieta após a canonização concedida pelo papa.

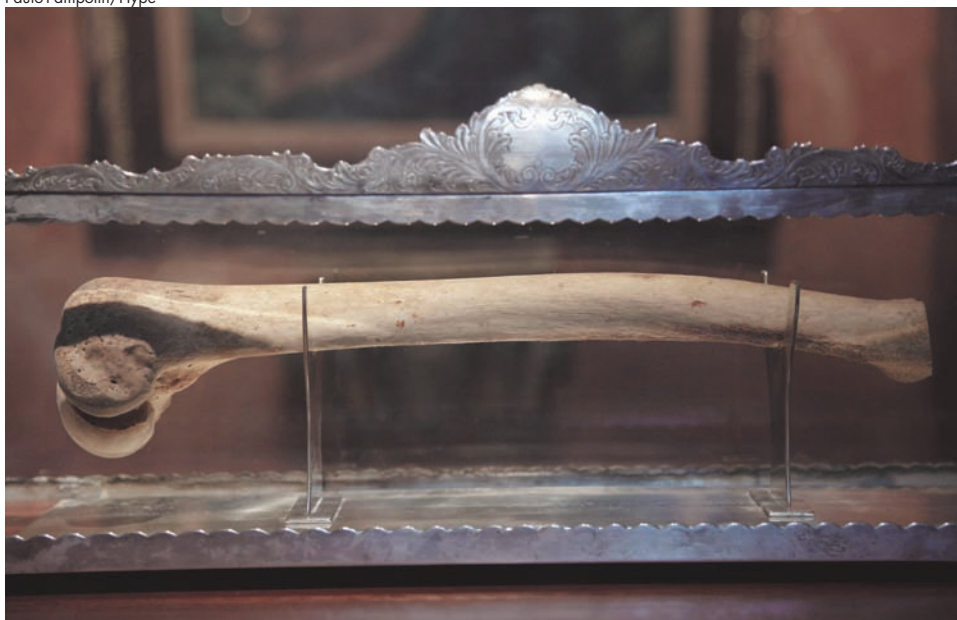
Todos nós jesuítas desejávamos que Anchieta fosse reconhecido como santo. Em determinado momento, pela demora, tínhamos até perdido as esperanças em razão da exigência então vigente da comprovação de um milagre. Havia o desejo, mas as esperanças estavam quase esmorecendo. Porém, houve movimentos dos bispos brasileiros, liderado por D. Raymundo Damasceno, presidente da CNBB, e do cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Odilo Scherer, além de outros setores da igreja e da sociedade, pois muita gente vinha manifestando o desejo pela canonização de Anchieta. O pedido de D. Raymundo Damasceno, por ocasião da visita do papa ao Brasil na Jornada Mundial da Juventude, associado também ao empenho de toda a CNBB e também de D. Odilo, que em minha opinião teve um papel muito importante neste processo, acabou resultando

em uma grande surpresa para nós. Esperávamos por isso há muito tempo, mas havia poucas esperanças e tudo aconteceu de forma tão rápida. Realmente foi uma surpresa muito agradável e uma imensa alegria.

Anchieta foi canonizado sem a comprovação do milagre. Como o senhor vê isso?

Isso não foi um privilégio de Anchieta, pois foi feito o mesmo com o papa João XXIII e há precedentes anteriores ao papa Francisco. Aliás, na origem da Igreja, a pessoa se tornava santa por aclamação, não por um decreto canônico. Mas o que é importante nesta atitude que o papa Francisco retoma? Ele diz: o milagre aqui é secundário. O que faz uma pessoa santa não são os milagres feitos e comprovados, mas a capacidade de entregar tudo a Deus, todos os seus dons, toda a sua vida. É nessa capacidade de efetivamente entregar tudo a Deus que constitui um modelo de vida cristão. Nisso, o padre Anchieta é realmente santo.

Paulo Pampolin/Hype



O fêmur é a relíquia mais importante de Anchieta exposta no museu o Pateo do Collegio.

Se por um lado faltou a comprovação do milagre, fama de operar milagres e muitos devotos Anchieta tem, não é verdade?

Sim, tem muitos e não somente no Brasil. Nas Ilhas Canárias, a população tem uma devoção muito grande por Anchieta. Também há milagres históricos, como aqueles dos pássaros guarás, diante do sol escaldante que castigava aqueles que caminhavam. Diziam que Anchieta tinha a capacidade de falar com os animais e ele fez com que esses pássaros de asas grandes fizessem uma grande sombra para aqueles que caminhavam, ficando protegidos do sol. Há milagres inclusive que foram comprovados, mas são anteriores à beatificação em 1980 e por isso não valem para a canonização.

Por que não valeram?

É preciso novos milagres entre a beatificação e a canonização,

os anteriores não podem ser utilizados no processo. Mas que o padre Anchieta é um intercessor junto a Deus em favor do nosso povo não tenho dúvidas, como também não tenho dúvidas de que ele intercede a favor de pessoas com necessidades. Eu mesmo recebi aqui de um padre do Norte no ano passado um envelope grande, tendo ele mesmo vindo aqui no Pateo com seus fiéis, pois ele tinha recebido a graça de ser curado de um câncer. Ele trouxe essa série de documentos que provava a gravidade de sua enfermidade e também a sua cura, sem que os médicos pudessem, de maneira razoável e científica, explicar a sua cura. E como acontece sempre, encaminhamos esses documentos ao responsável por postular junto à Santa Sé a canonização.

O Pateo do Collegio é o local que as pessoas procuram para pedir a intercessão de Anchieta. Vocês recebem muitos pedidos?

Recebemos sim e só não recebemos mais por falta de divulgação, mas com a canonização de Anchieta, a procura deve aumentar. Temos no Brasil dois centros em que isso ocorre: o Pateo do Collegio, onde Anchieta viveu ainda jovem, e uma outra casa dos jesuítas no Espírito Santo, na cidade de Anchieta, que antes se chamava Reritiba, que foi onde ele morreu. Esses dois lugares são referência quando se fala em Anchieta. Nunca fizemos propaganda para que as pessoas necessitadas viessem aqui, elas vêm espontaneamente. Depois da missa do meio-dia, quando desço para cumprimentar as pessoas, todo dia ouço um caso de pessoas que vieram orar e pedir uma intercessão de Anchieta por causa de alguma enfermidade, alguma dificuldade da vida.

Não saberia dizer quantas pessoas procuram a nossa igreja em busca de intercessão de Anchieta, até porque muitos chegam aqui e fazem suas orações sem nada nos dizer.

Com a canonização, mais pessoas devem procurar o Pateo do Collegio. Vocês estão se preparando para isso?

O Pateo do Collegio já tem uma estrutura para acolher as pessoas, tanto no museu, como na sala do oratório. De imediato, o que vamos promover para acolher melhor as pessoas é uma reforma no oratório, prevista para maio. Não queremos fazer agora, pois estamos no período da Quaresma, período em que a Igreja recomenda certa moderação, inclusive nas manifestações religiosas. A reforma do oratório estará pronta para as comemorações da festa de Anchieta, que continuará sendo dia 9 de junho.



Interior da igreja que agora se chama São José de Anchieta. Com a notícia da canonização, espera-se que o fluxo de fiéis aumente, já que as pessoas irão conhecer melhor a vida e obra do jesuíta que ajudou a fundar a cidade de São Paulo.

O senhor diz que muitos não conhecem a vida de Anchieta, mas as pessoas conhecem menos ainda o padre Manuel da Nóbrega, que também foi um personagem importante, não é mesmo?

Sim, a figura do padre Nóbrega foi fundamental. Anchieta não seria o que é e como é reconhecido hoje se não fosse o padre Nóbrega, que era o provincial da época e como tal era quem destinava as missões para os jesuítas do grupo. Destinando Anchieta para esta ou aquela missão, fez com que ele pudesse usar e desenvolver as suas aptidões, naturais e sobrenaturais. Quando a gente reconhece a santidade de padre Anchieta, em minha opinião, a gente abençoa o padre Nóbrega e reconhece o seu grande valor, pois se ele tivesse “segurado” Anchieta, certamente não estaríamos falando dele hoje.


Os jesuítas parecem que estão ganhando evidência, o papa Francisco é dessa ordem, assim como padre Anchieta. Como o senhor, também um jesuíta, vê isso?

Primeiramente, eu responderia como o Padre Geral disse quando da eleição do papa Francisco: internamente, nada muda na Companhia de Jesus, ela continuará como sempre foi, fiel à Igreja e estará sempre a serviço do Romano Pontífice. Em segundo lugar, evidentemente a eleição do papa Francisco, a canonização de São Pedro Fabro e agora de São José de Anchieta reacendem um vigor na Companhia e é uma grande oportunidade para que ela possa desenvolver ainda mais o seu dinamismo apostólico a serviço da Igreja. A Companhia não vê nenhum privilégio, ela continuará humilde e reconhecendo que tudo é dom de Deus. Não queremos cair em vaidade, mas ver isso como uma oportunidade de servir melhor à Igreja e ao povo de Deus.

Em sua opinião, qual a importância da canonização de Anchieta nos dias de hoje?

Acho que tem duas questões sobre Anchieta que para o nosso tempo são fundamentais. A primeira é que, num tempo em que achamos que dependemos sempre de altas tecnologias para viver, num tempo em que estamos fechados em nós mesmos e cada um defende os próprios interesses, num tempo em que há uma absoluta primazia do indivíduo em detrimento da coletividade, acredito que a canonização de Anchieta é inspiradora, pois se trata de fazer da vida um dom para o outro. Ele viveu em um tempo com poucos recursos, a cidade de São Paulo começou de uma cabana de 14 por 10 passos. Anchieta foi capaz de utilizar o que ele tinha de melhor para poder servir, e provavelmente ele fez mais do que nós fazemos hoje com tantos meios disponíveis. A escassez de recursos não é um empecilho para podermos desenvolver a nossa ação missionária, pelo contrário, ela pode mover a criatividade.

Qual a segunda questão?

A segunda questão, que me parece fundamental para o tempo de hoje, é essa dimensão cultural da vida de Anchieta. Ele vai se utilizar de suas habilidades de escritor para em seis meses fazer uma gramática em tupi; ele vai se utilizar de suas habilidades literárias para escrever o Poema à Virgem Maria e se utilizar das modinhas que os índios cantavam para transmitir conteúdos da doutrina cristã. Assim, me parece que a canonização de Anchieta nos desperta para algo que é indispensável aos dias atuais, que é o diálogo com a cultura. A gente fala muito de Anchieta como caetiquista, mas fazer a relação de Anchieta com a cultura abre uma dimensão muito maior e urgente. Anchieta se utilizou da cultura para evangelizar, usou a linguagem própria dos povos para transmitir a doutrina cristã. Em resumo, eu diria que o ser humano só encontra a felicidade na sua doação ao próximo; e em segundo lugar, Anchieta é inspirador na medida em que nos põem diante da urgência de dialogar com a cultura. **(C.O.)** 

José de Anchieta, o primeiro empreendedor paulistano.

Já o padre Manuel da Nóbrega era um estrategista e tanto. Muitos historiadores o apontam como o formulador da nacionalidade brasileira.



Reprodução

**Padre
Manuel da
Nóbrega**

Júlio Moreno

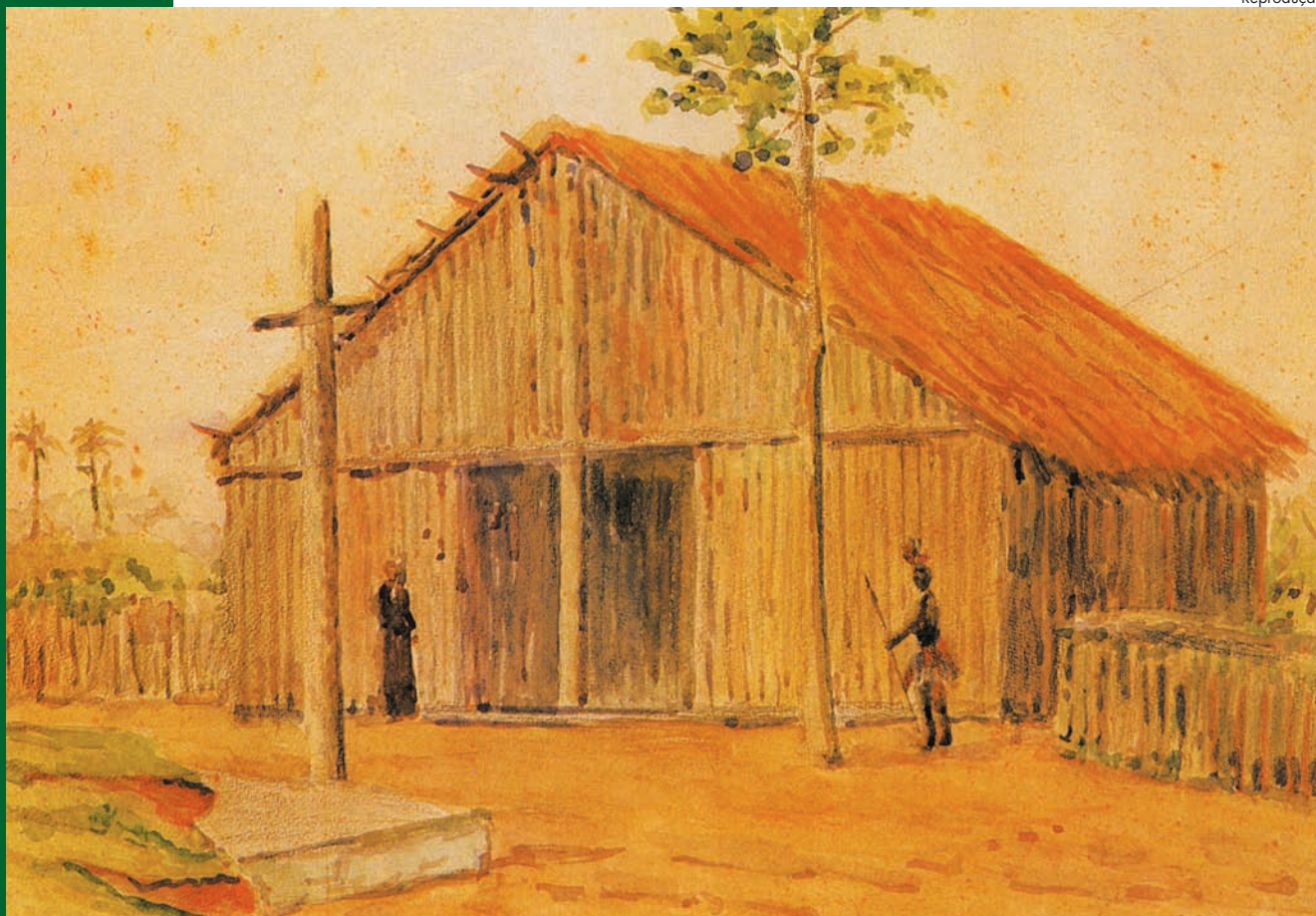
O padre José de Anchieta era um educador nato. Foi Nóbrega quem confiou a Anchieta a condução do primeiro colégio canônico da Companhia de Jesus no planalto de Piratininga, semente de tudo o mais que floresceu desde então em São Paulo.

“Esta terra é a nossa empresa!” – teria dito Manuel a José, recorda o padre Pedro Canisio Melchert, ex-reitor do Pateo do Collegio, patrimônio cultural dos jesuítas e patrimônio cívico de todos os paulistanos.

Palavras proféticas aquelas, pois São Paulo é hoje, de fato, a capital brasileira do empreendedorismo. E a gene se deve àquele que pode ser considerado o primeiro empreendedor paulistano, o padre José de Anchieta. Vivesse nos tempos atuais, o agora santo se enquadraria perfeitamente na descrição que hoje se faz das pessoas empreendedoras:

O empreendedor é aquele sujeito que se apóia no planejamento estratégico, estruturado após minucioso levantamento de informação sobre o mercado e suas potencialidades, auxilia na minimização dos riscos e aumenta as possibilidades de sucesso. Não se trata de um louco varrido ou sonhador. Porém é ousado e diferenciado. (Júlio Sérgio Cardozo, presidente da Ernst & Young América do Sul, em “A hora e a vez do executivo empreendedor”).

Não se deseja aqui apontar Anchieta como “o fundador” da cidade. De fato, já houve muita polêmica em torno disso. O máximo que os críticos admitem é que ele tenha sido “um dos fundadores”, como membro do grupo de 12 ou 13 religiosos (entre padres e irmãos, o número total não se sabe ao certo) que implantou o núcleo inicial da cidade, comandado pelo padre Manuel de Paiva, seu superior hierárquico e celebrante da primeira missa realizada por aqui em 25 de janeiro de 1554. Também é preciso res-



No início, havia apenas uma cabana de quatorze passos de comprimento por dez de largura.

saltar que foi o padre Manuel da Nóbrega quem teve a visão estratégica que motivou a implantação dos jesuítas no planalto. Fundador da missão jesuítica no País, onde chegara em 1549 – portanto, apenas nove anos após a criação da ordem religiosa por Ignácio de Loyola – o português Nóbrega desde 1553 era provincial da Companhia de Jesus no Brasil.

De qualquer forma, não se pode tirar de Anchieta o grande mérito de ter sido o "empreendedor" da cidade, aquele que "fez acontecer" a grande obra. Sem exagero poderíamos dizer que, sem ele, a cidade provavelmente não vingaria, uma vez que a estratégia de Nóbrega englobava mais do que uma escola de catecismo. "Se Nóbrega idealizou e iniciou, Anchieta consolidou e civilizou. Eles se completaram", escreveu o historiador José Pedro Leite Cordeiro.

"Nóbrega queria uma escola de latim e de 'artes', algo que atraísse as pessoas não apenas pelo elo religioso. Para minimizar os riscos e aumentar as possibilidades de sucesso, o plano exigia

um condutor ousado e diferenciado. E só Anchieta tinha erudição para tanto", conta o padre César Augusto dos Santos, ex-presidente da Canan (Associação Pró-Canonização de Anchieta).

O erudito José de Anchieta era aquele que os colegas de escola em Coimbra (Portugal) chamavam carinhosamente de "Canário", não apenas por sua origem (ele nasceu nas Ilhas Canárias, na Espanha), mas também porque fazia e declamava poesias com muita naturalidade e frequência. Aquele que dominava tão bem o latim e outras línguas históricas, além do espanhol, do basco e do português (e mais tarde, o tupi), apesar da pouca idade.

Aquele que mesmo antes de ser ordenado padre já gozava do respeito dos irmãos jesuítas por sua grande espiritualidade e também porque fora mestre de vários deles (talvez do próprio Manuel de Paiva). José de Anchieta, aquele que repetidas vezes, de forma humilde, assinou suas cartas apenas como "O mínimo da Companhia de Jesus". ■

COMPANHIA DE JESUS,

A INCUBADORA.

Filho do casamento de um revolucionário basco com uma descendente de judeus (e, portanto, igualmente judeu), José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534 nas Ilhas Canárias. Primeiro foi aluno de padres dominicanos humanistas. Aos 14 anos sua família o enviou a Portugal, para estudar em Coimbra, junto com o irmão Pedro, igualmente um erudito. Foram alunos do Colégio das Artes, equivalente a um curso de letras refinado, onde lecionavam os melhores professores de outras universidades europeias, igualmente humanistas. Não era ainda uma escola pertencente à Companhia de Jesus, mas já possuía um núcleo de jesuítas professores residentes. Com eles, Anchieta aprenderia as três línguas valorizadas pelos sábios renascentistas: o grego, o hebraico e o latim, esta mais tarde utilizada pelo reverenciado "Apóstolo do Brasil" para compor os Poemas da Virgem, dos Feitos de Mem de Sá e Eucarísticos.

A prisão de um professor de poesia, por obra de luteranos, inquietou Anchieta, que escreve contra Helvidio e Calvino e assume sua devoção à Virgem Maria fazendo votos de castidade. Revelasse, então, sua vocação sacerdotal, ingressando em seguida na Companhia de Jesus, criada em 1540 por Santo Ignácio de Loyola – também espanhol e de quem Anchieta era parente, por parte do pai, embora nunca tivessem se conhecido pessoalmente – e nove companheiros. Ocorre que, em 1550, aos 17 anos de idade, uma estranha doença lhe vergara as costas, causando dores enormes. Animado pelas cartas dos primeiros mis-



Estátua de Anchieta doada por Juscelino Kubitschek é destaque em La Laguna, nas Ilhas Canárias.

Reprodução

sionários do Brasil, que elogiavam o País e seu clima, Anchieta vem para cá, com o incentivo do padre Simão Rodrigues, um dos fundadores da Ordem dos Jesuítas.

"Vem na esperança de ser curado, é certo, mas a motivação maior seria o ideal de servir, muito provavelmente sugestionado pelos exercícios espirituais que os jesuítas praticavam e ainda praticam até hoje", sustenta o padre César Augusto dos Santos. Esses exercícios incluem a meditação das duas "bandeiras", uma de Cristo, "chefe supremo e Senhor de todos nós"; a outra de Lúcifer, "inimigo mortal de nossa natureza humana". A importância dessa meditação é dupla: prepara a eleição e apresenta a pessoa de Cristo em sua missão redentora e em sua luta contra Satanás. Um chefe dos bons na região de Jerusalém, outro caudilho na Babilônia. Em seu preâmbulo, a meditação apresenta o "Convite do Rei" para que se derrote o inimigo, trazendo justiça e paz, antes de se alcançar a glória da vitória.

"Na época, o rei D. João III era muito estimado em Portugal, o que criou ainda um contorno mais favorável para a entrega de Anchieta", diz padre César. Anchieta veio para cá, exatamente em 13 de julho de 1553, com pouco mais de 19 anos de idade.

Como se recomenda hoje a um empreendedor, mais do que um currículo, Anchieta construiu aqui uma nova vida. Nunca mais voltaria à Península Ibérica pelos 44 anos que lhe restaram. Sua primeira parada foi na Bahia. Na véspera do Natal de 1553, ele vem para São Vicente com mais cinco companheiros. Sua aparência física, por causa da corcunda, não lhe causava complexo algum. E, ao contrário do que se pensa, não era uma criatura frágil, a ponto de certa vez chegar até a carregar Nóbrega nas costas, numa perseguição dos tamoios. Tinha 1,68 m. de altura, cabelos castanhos, olhos azuis e pele clara. (J.M.) ■

PROFESSOR, MÉDICO,

PEDREIRO E SAPATEIRO.

Reprodução



Lições de gramática, canto e religião eram realizados ao ar livre pelos jesuítas.

Desafio é pouco para expressar o que era a vida de Anchieta e seus companheiros naqueles primeiros dias na aldeia. Por abrigo, tinham apenas uma choupana de quatorze passos de comprimento por dez de largura, de paredes de pau-a-pique, coberta de sapé e, por porta, uma esteira de canas. Nenhuma divisão interna. O local servia, ao mesmo tempo, como dormitório, enfermaria, sala de aulas, refeitório e cozinha. E também, por algum tempo, como capela. Redes eram camas e a fogueira fazia às vezes de cobertores.

“Aqui se começou o estudo da gramática e a conversão do Brasil”, escreveu ele, com paixão pelo que fazia. E, sem dúvida, com criatividade. “Encontramo-nos de fato em tal estreiteza, que muitas vezes é necessário dar ao ar livre a lição de gramática aos Irmãos e, apertado, frequentemente fora o frio e dentro o fumo, antes queremos sofrer fora o frio do que dentro o fumo”.

Ele “vinha já timbrado pela santidade”, escreveu um de seus biógrafos mais famosos, o padre Hélio Viotti. “Se a cidade de São Paulo procede do colégio, de que recebeu o nome, e se a existência do

colégio dependeu da presença de Anchieta, está demonstrada a importância de seu papel para a existência de São Paulo”.

Ao tomar o pulso do lugar praticamente do zero, uma das primeiras providências do empreendedor foi dar início à construção de uma Igreja e de um Colégio, obras concluídas em 1556. Ele próprio e outros jesuítas trabalharam na construção junto com os índios, carregando às costas terra e água, “por fazer-se humanos com eles e senhorear-lhes as vontades”. O padre Afonso Braz, considerado o difusor no País da técnica de taipa-de-pilão, era um deles.

“Neste mesmo lugar – escreve o irmão Pero Correira em 18 de julho de 1554, carta considerada a mais antiga notícia de São Paulo – há escola de meninos e um irmão que tem cuidado de os ensinar a ler e a escrever e a cantar”. O irmão referido é Anchieta, que em paralelo também ensinava gramática e latim principalmente para quem pretendesse entrar na Companhia de Jesus.

Outra escola, de catequese, era conduzida pelo padre Antonio Rodrigues, numa “vetusta” casa erguida em época anterior aos jesuítas. Anchieta

chegou a lecionar em três classes diferentes, pela manhã, tarde e noite. A divisão das turmas foi feita por ele conforme o nível de conhecimento de seus integrantes. Algumas vezes, estando dormindo, era despertado por algum aluno, que queria tirar alguma dúvida.

Como a pobreza era grande, ele passava as noites copiando as lições para os alunos. Personalizadas para cada um. Não se sabe que tipo de caderno utilizava. Provavelmente eram folhas avulsas, versos de cartas antigas. A tinta deveria ser a base de corante da nossa flora. E a pena era de alguma ave. Ele dormia tarde, quando dormia. Mas zelava pelo sono dos demais, reacendendo as brasas das fogueiras de madrugada. Fogueiras feitas com lenha que ele e os alunos buscavam ao final das aulas, conta padre César.

Não existe monotonia. Por um ano e pouco, Anchieta serviu também de “albeitar”, isto é, médico dos índios, substituindo ao irmão Gregório. “Sangrei muitos duas e três vezes e cobram saúde”. Também servia de “deitar emplastos, alevantar espinhelas e outros ofícios que eram necessários. Em contrapartida, com os pajés ele aprende o uso de ervas e raízes, bem como a fazer tipoias com cascas de árvores.

O principal alimento desta terra, escreve ele em carta de setembro de 1554, é “farinha de pau” (mandioca). Raras vezes havia também “carnes do mato” e peixes do rio. Em outra correspondência, de março do ano seguinte, ele afirma que “era o nosso comer folhas de mostardas cozidas e outros legumes da terra, e outros manjares que lá não podeis imaginar”. O que não o debilitava para viagens ao redor, em especial para São Vicente. O caminho pela Serra do Mar, na época, é “mui áspero e creio que o pior que há em muita parte do mundo, de atoleiros, subidas e matos...” A necessidade o ensinou melhores práticas, como fazer alpargatas, e sou já bom mestre; e tenho feito muitas para os irmãos, porque não se pode cá andar pelos matos com sapatos de couro”.

Essa correspondência de março de 1555 era de um enfermo, ele, para outros, os irmãos que conhecera em Coimbra, demonstrando que já gozava de boa saúde. Para os que eventualmente pensem em segui-lo, um alerta: “E não vos digo mais, se não que aparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer, de maneira que ainda que os trabalhos sejam muitos, vos pareçam poucos”. Aqui não há como ficar meditando em cantinhos, mas sim em meio a um território “sem dúvida pior que Babilônia”. Em outras palavras – lembre-se dos exercícios espirituais dos jesuítas – pior do que a terra do diabo. Em outro trecho da carta, José de Anchieta conclui: “É necessário ser santo para ser irmão da Companhia”. (J.M.) ■

Reprodução



Capa do livro, "Arte de Gramática da Língua mais falada da costa do Brasil", de Anchieta



Uma visita

Quem hoje passa correndo em frente ao Pátio do Colégio não imagina quanta história o local possui.

ao

berço

da

cidade



PAÇO MUNICIPAL em 1628. Ost de J. Wasth Rodrigues



Parede de taipa de pilão que pode ser vista do café que funciona no interior do Pateo do Collegio: segundo levantamento realizado, a construção data de 1586 ou 1598.

Hora do almoço em um dia da semana no centro antigo de São Paulo. Milhares de pessoas correm entre altos edifícios, ambulantes e um trânsito que mistura carros, trólebus, motoboys e até cavalos da PM. Algumas dezenas param para uma rápida refeição no Pateo do Collegio.

Bem ao lado deles, protegida por um vidro, vê-se a ruína de um muro em taipa de pilão. Poucos se dão conta, porém, de que aquele é o marco-zero da cidade e a ruína são restos da sua parede mais antiga. São Paulo é das poucas localidades no mundo que sabe o ponto do seu nascimento com tal precisão.

Há 460 anos, depois de escalar a Serra do Mar, a 760 metros de altitude, o padre Manuel da Nóbrega, superior dos jesuítas no Brasil, chegou e resolveu abrir um novo polo de catequização dos índios. Assim, a primeira construção desta metrópole de concreto foi uma pequena cabana de pau-a-pique, feita pelos caciques Caiubi e Tibiriçá para os padres, entre eles Manuel de Paiva e o Irmão José de Anchieta. Sob o olhar dos índios, em 25 de janeiro de 1554, Paiva celebrou a primeira missa piratiningana. A data tornou-se a certidão de nascimento de São Paulo e corresponde ao dia da conversão de Saulo ao cristianismo, quando ele passou a se chamar Paulo (“aquele que vem dos gentios com a palavra de Jesus”).

O quadro “A Visão de Anchieta”, pintado por Albino Menchini em 1954 estiliza a visão do santo

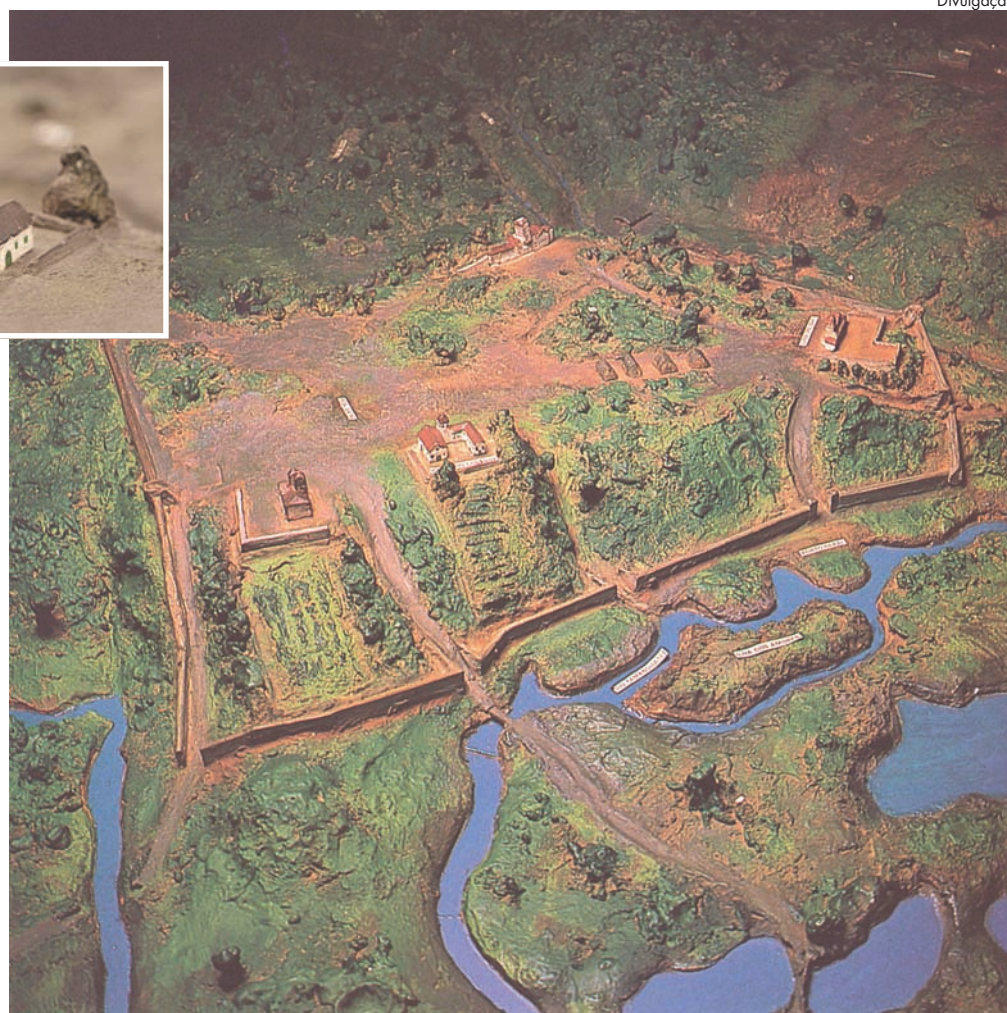
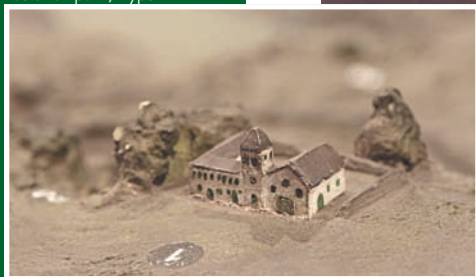
de que da cabana surgiria uma vigorosa cidade. E dá uma dimensão da dicotomia em torno do vilarejo criado pelos jesuítas e primeiros empreendedores da cidade e da atual metrópole.

A obra está na Cripta Tibiriçá do Museu Anchieta, no mesmo Pateo do Collegio, reconstruído com a arquitetura seiscentista desenvolvida a partir da humilde casinha dos padres. Vale a pena visitar e viajar no tempo se afastando do caos da atual cidade. Uma maquete do Planalto de Piratininga situa o marco zero. Nas paredes, mapas e plantas de Vallandro Keating mostram como se deu a sua ocupação.

Há também a pia batismal do século XVI, na qual padre Anchieta batizava os índios, e uma série de santos e oratórios dos séculos XVII a XX. Destaque para o espaço reservado para o Baldaquino Neogótico do século XIX, que apresenta simbologias com a relação espiritual e temporal da Igreja Católica. Outra sala trata dos fundamentos da Companhia de Jesus e a ala da pinacoteca mostra alguns quadros do museu, cujo destaque é Poema à Virgem Maria, tela de Benedito Calixto de 1901.

Na Igreja José de Anchieta estão o fêmur do padre que lhe dá nome e seu manto. Réplica da construção do século XVII, ela apresenta, ainda, fragmentos do primeiro altar barroco de São Paulo, de 1680. A biblioteca Antonio Vieira contém 15 mil obras sobre o Brasil e as suas colônias e textos sobre Anchieta.

Paulo Pampolin/Hype



Maquete em exposição no Museu do Pateo do Collegio mostra como era a Vila de São Paulo na época da fundação da cidade.

Além da obra de Menchini, a Cripta abriga objetos do cotidiano indígena e paulistano da época, e ruínas de edificações anteriores dos jesuítas no Pateo do Collegio. A sua primeira construção foi ampliada em 1556 e em 1585, em taipa de pilão. Abandonada com a expulsão dos jesuítas pelos Bandeirantes, quase 100 anos mais tarde, ela foi reconstruída em 1653, quando eles regressaram. Acreditava-se que a ruína preservada datava dessa época, mas a historiadora e ex-curadora do local Maria Aparecida Lomônaco comprovou que é de 1586 ou 1598.

Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas, a igreja ruiu em consequência de um desmoronamento atribuído a uma tempestade e o casarão colonial foi descaracterizado para se tornar o Palácio dos Governadores – de 1765 a 1932 – e Secretaria da Educação, de 1932 a 53. Em 54 foi devolvido aos jesuítas, que reconstituíram o Colégio, nos moldes da construção de 1585. Recentemente, o conjunto foi restaurado.

Até 2004, o Pátio foi coordenado pelo padre José Maria Fernandes, que concebeu a vinda das cartas de Anchieta de Roma para as comemorações dos 450 anos de São Paulo.

Lá embaixo, ao pé da colina, os toldos das barracas dos ambulantes e camelôs formam um manto colorido cercado de edifícios, muitos deles degradados. O vaivém de pessoas marca o caminho para o terminal de ônibus do Parque D. Pedro II. Sobe o som de uma música popular. É o cotidiano de São Paulo no século XXI. **(J.M.)**

SERVIÇO

Museu Anchieta: Pça. Pátio do Colégio, 02.

Tel.: 3105-6899.

De terça a domingo, das 9h às 17.

Bilheteria das 9h às 16h45.

Ingressos, R\$ 6; R\$ 3 (estudantes) e R\$ 2 (alunos de escolas públicas).

Missas às 8h15 e 12h e domingo às 10h.

Um Documento Histórico

Júlio Moreno



Reprodução

Detentor de profunda erudição, Anchieta dominava tão bem o latim e outras línguas históricas, como o espanhol, o basco e o português, e mais tarde o tupi.

Esta coletânea de manuscritos é um documento de valor histórico. Aqui estão transcritas 12 cartas do padre José de Anchieta, das quais 11 originais fazem parte do tomo "Epistolae Venerabilium S.J.-EPP.NN 95". Esses documentos foram trazidos a São Paulo em 2004 para exposição no Pateo do Collegio, em comemoração aos 450 anos da cidade, uma iniciativa da **Associação Comercial de São Paulo (ACSP)** e **Diário do Comércio**.

Nesse tomo se encontram 129 documentos, a maioria cartas escritas por jesuítas de diversos lugares do mundo no período de 1553 a 1774. Ele pertence ao Arquivo Romano da Companhia de Jesus (ARSI), de Roma e até então nunca havia saído de lá.

O ARSI significa para os jesuítas o mesmo que a internet representa hoje para o mundo: uma gigantesca fonte de informações sobre tudo. Sua origem remonta a 1540, ou seja, desde que o início da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola. Partiu dele a orientação para os superiores da Companhia escreverem ao provincial, e estes ao Padre Geral, a cada quatro meses, uma carta com informações sobre o trabalho missionário. Sempre em duas vias: uma em latim e outra, com o mesmo teor, preferencialmente na língua local do território onde estava o jesuíta.

Para facilitar o entendimento, as missivas transcritas estão em português, preservando-se, contudo, alguns trechos de citações em latim. Todas vêm acompanhadas de notas explicativas. Cartas e notas foram reproduzidas do livro "Cartas-Correspondência Ativa e Passiva do pe. Joseph de Anchieta, S.J.", fruto de pesquisa e organização do padre Hélio Abranches Viotti, S.J. (Edições Loyola, São Paulo, 1984). **■**

Carta do irmão José de Anchieta a Santo Inácio de Loyola

Piratininga, julho de 1554

Jesus Maria

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre em nossas almas.

Amém.

Mui Reverendo em Cristo Padre.

Todo este tempo que havemos estado aqui, nos mandaram de Portugal alguns dos meninos órfãos, aos quais tivemos e temos conosco, sustentando-os com muito trabalho e dificuldade. Isso nos moveu a que recolhêssemos aqui também alguns órfãos, principalmente dos mestiços da terra, assim para os amparar e ensinar, porque é a mais perdida gente desta terra. E alguns piores que os mesmos índios (como disse na quadrimestre de agosto)⁽¹⁾ e temos que é tão importante ganhar um destes como ganhar um índio, porque neles está muita parte da edificação ou destruição da terra, como também porque são línguas e intérpretes para nos ajudar na conversão dos gentios. E dentre eles os que fossem suficientes e tivessem boas partes recolhê-los por irmãos, e aos que não fossem tais dar-lhes vida por outra via.

Quis agora Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia, dar-nos a conhecer que não é gente de que se deva fazer caso para a conversão dos infiéis. Porque um deles, que era casado e outros dois, de que fazíamos alguma conta, tentados do espírito de fornicção, fugiram no mês de julho. Pôs-se logo muito cobro e diligência e apanharam-nos. Isso nos deu bem claro conhecimento deles.⁽²⁾

Pareceu por isso a nosso padre,⁽³⁾ juntamente com os irmãos todos, a quem tudo comunicou, encomendando-o a Nosso Senhor, que será grande serviço de Deus tê-los e criá-los na mesma conta que os índios. E, ao chegarem aos anos da discricção, mandá-los à Espanha, onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins, do que aqui, onde as mulheres andam nuas e não se sabem negar a ninguém, antes elas mesmas acometem e importunam aos homens, lançando-se com eles nas redes, porque têm por honra

dormir com os cristãos. E assim quererá Nosso Senhor que daqui a oito ou nove anos, sendo eles o que devem e tendo as partes que se requerem para a Companhia, vindo a estas regiões, farão grande fruto nos gentios, o que agora não fazem porque não têm nenhuma autoridade entre eles.

E da mesma forma, se se houvessem de fazer aqui casas da Companhia, seria bom que fizéssemos troca com os irmãos do Colégio de Coimbra, de maneira que nos mandassem para cá os mal dispostos de lá, contanto que tenham fundamento de virtude, os quais aqui sarariam com os trabalhos e bondade da terra, como temos experimentado nos enfermos que de lá vieram, e aprenderiam a língua dos índios. E daqui lhes enviaríamos destes mestiços, dos quais alguns que tivessem qualidades para ser irmãos, recolhessem nos colégios, e aos que não (as tivessem) colocassem nas casas dos órfãos, como agora se faz com alguns deles. E isto é grande serviço de Deus, porque estes (como já disse), se são ruins, destroem o edificado.

A superintendência sobre eles se devia ter pelos padres da Companhia, separadamente dos irmãos. E a resolução disto V.R. Paternidade, juntamente com o padre provincial, devia negociar com El-Rei, por ser grande honra de Deus e proveito de seu reino. E porque destas e outras coisas não se pode dar informação bastante por escrito, mandou nosso padre este ano ao Pe. Leonardo Nunes,⁽⁵⁾ que leva tudo em apontamento para praticar com V. R. Paternidade e Sua Alteza.

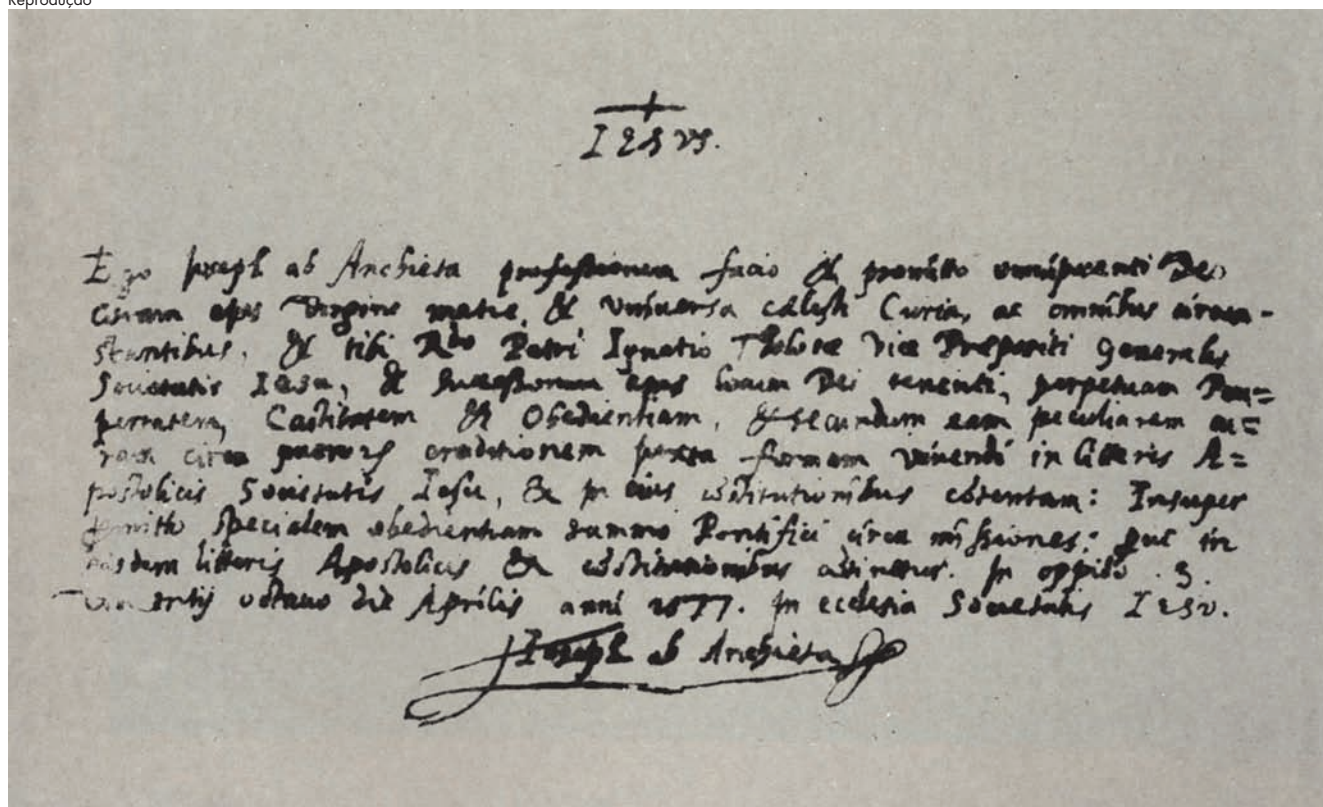
Estando nosso padre na Bahia de Todos os Santos,⁽⁶⁾ determinou Sua Alteza mandar doze homens⁽⁷⁾ pelo sertão a descobrir ouro, que diziam existir, para o que o Governador Tomé de Souza pediu um padre, que fosse com eles em lugar

de Cristo, a fim de não irem desamparados. E por nosso padre o não poder negar, e principalmente por descobrir muitas gerações, que sabia por informação haver naquelas paragens, muito boas, e vendo tão boa ocasião por serem aqueles grandes línguas e [homens] escolhidos, mandou com eles ao Pe. Navarro. Eles vão buscar ouro, e ele vai buscar tesouro de almas, que naqueles lugares há muito copioso. E por aquelas partes cremos se entra até às Amazonas. Agora tivemos

notícia de que no mês de março de 1554,⁽⁸⁾ entraram pela Capitania, que chamam de Porto Seguro. E o mais que suceder, da Bahia se escreverá.

*Do mês de julho de 1554, de Piratininga.
Por comissão do Reverendo em Cristo
Padre Manuel da Nóbrega.
O mínimo da Companhia de Jesus, José.*

Reprodução



Reprodução de parte de uma das cartas escritas de próprio punho pelo padre José de Anchieta.

⁽¹⁾ A referência à quadrimestre de agosto, nesta carta de julho, explica-se, pelo fato dessa carta (de maio a setembro), já estar em parte elaborada.

⁽²⁾ Com este episódio se relaciona a farsa, encenada para fins educativos, pelo Pe. Manuel da Nóbrega. Para reparar o escândalo, dado em Piratininga, por certo mameluco, candidato à Companhia, fê-lo enterrar vivo, por ele celebrando exéquias o Pe. Manuel de Paiva. História de la fundación dell Collegio del Rio de Enero, em Anais da Bibl. Nac., XIX, 123. Vasconcelos, Crônica, 1. I, § 129, onde cita (1º ed.) Joseph cap. 38. A Franco, Imagem de Coimbra, II, 189.

⁽³⁾ A expressão nosso padre, que se repete nesta carta, indigita a pessoa do superior, Pe. Manuel da Nóbrega.

⁽⁴⁾ V. carta de Nóbrega de 10-3-1553. Trata-se de salvar a obra da

Confraria do Menino Jesus, em conexão com o Colégio dos Meninos Órfãos, fundado em Lisboa pelo Pe. Pedro Doménech. Ignorava-se no Brasil que, a essa altura, o colégio passara a outras mãos.

⁽⁵⁾ Nunes embarcara por meados de junho. Carta de Pêro Correia de 18-7-1554, MB, II, 71. A 30 de junho, perecera em naufrágio. Bras. 13, 85. Lus., 58, Necrol. I, 31v.-37. Sua morte ainda era ignorada em São Vicente.

⁽⁶⁾ Cf. carta de Nóbrega, de 14-9-1551, MB, I, 294.

⁽⁷⁾ Cf. Capistrano de Abreu, Caminhos antigos e povoamento do Brasil, Rio, 1930, 152.

⁽⁸⁾ A expedição, chefiada pelo castelhano Francisco Bruza de Espinoza, em que foi o Pe. Navarro, e que regressou do interior a 6 de junho de 1555, deve ter-se iniciado por 20 de dezembro de 1553, conforme o testemunho de Navarro e de Blásques. MB, II, 57-58 e 245.

Carta do irmão José de Anchieta aos irmãos enfermos de Coimbra

São Vicente, 20 de março de 1555

+ *Jesus Maria*

A graça de Nosso Senhor vos console, caríssimos irmãos enfermos, e vos dê obras conforme ao nome que tendes. Amém. Já vos escrevi outras, e principalmente pelo P. Leonardo Nunes, ⁽¹⁾ depois da partida do qual chegaram as vossas, que nos deram grande consolação. As novas, que de cá vão, nas quadrimestres se verão largamente. Nesta não vos queria escrever outras novas, senão uma nova, que hei medo que seja em nós mui nova e pouco sabida, isto é, que vos lembreis, caríssimos, que *virtus in infirmitate perficitur* ⁽²⁾ Esta nova foi sempre nova para mim, enquanto lá estive, e receio que também o seja para vós, pelo que experimentei lá, senão se por ventura recesserunt jam vetera et nova sunt omnia ⁽³⁾ o qual eu creio mais, porque sem dúvida já é tempo.

Muito tendes, caríssimos enfermos, que agradecer a Nosso Senhor por vos fazer participantes de suas enfermidades, nas quais, pois Ele mostrou mais o amor que nos tinha, razão é que lho paguemos ao menos algum pouquinho, com termos grande paciência nas enfermidades e nelas aperfeiçoar a virtude. A muito longa



As cartas contavam fatos edificantes e informavam a vida e a atividade jesuítica local, seus êxitos e dificuldades para que os demais jesuítas soubessem.

conversação, que tive com essas enfermarias, me faz, caríssimos, não me poder esquecer de meus antigos coenfermos, desejando de os ver curar com outras mézinhas mais fortes das que lá tendes. Porque, sem dúvida, segundo o que cá tenho visto e experimentado em mim, conheço quão enganado vivia, enquanto usei dessas tão esquisitas mézinhas, as quais tenho para mim que servem mais de acrescentar a doença e mimo, que de sarar ou dar algum pedaço de paciência. Grande dor tenho de ver que é isto verdade em alguns, que vós, caríssimos, e eu vimos, que porventura, por ser a maior parte de sua enfermidade mimo, não se contentaram com os muitos, que lhes faziam nas enfermarias, senão ainda quiseram ir buscá-los fora, onde *putruerunt in deliciis suis*.

Caríssimos, peço-vos que me perdoeis escrever-vos com tanta soberba, porque me engana porventura o amor que vos tenho, e queria vos ver livres de doenças imaginárias mais que verdadeiras. Isso vos digo de mim, que quando lá estava, me queixava antes que a doença apontasse. Bastava somente parecer que havia sinal de doença para nunca deixar de enfadar enfermeiros e

médicos, que já não sabiam que inventassem, porque não podiam eles tantas mézinhas achar que não brotasse mais raízes de doenças, as quais lá pareciam irremediáveis senão com a morte, e cá não faço conta de coisas porventura mais grandes das que lá me faziam ser mimoso.

Noutras cartas vos escrevi já de minha disposição,⁽⁴⁾ a qual depois para cá cada dia se acrescentou, de maneira que nenhuma diferença se faz de mim a um são, ainda que às vezes não deixam de haver algumas relíquias das doenças passadas. E porém não faço mais conta delas, como se não fosse in rerum natura.⁽⁵⁾

Até agora estive sempre em Piratininga, que é a primeira aldeia de índios, que está pelo sertão dez léguas do mar, como em outra vos escrevi, na qual sarei, porque a terra é muito boa, e porém não tinha xarope nem purgas, nem os mimos da enfermaria. Muitas vezes e quase o mais continuado, era o nosso comer folhas de mostardas cozidas e outros legumes da terra, e outros manjares que lá não podeis imaginar. Junto com ensinar gramática em três classes diferentes, de pela manhã até à noite.⁽⁶⁾ E às vezes estando dormindo, me iam despertar para me perguntarem, no qual tudo parece que sarava. E assim é, porque, desde que fiz conta que não era enfermo, logo comecei a ser são. E podereis ver minha disposição pelas cartas que lá escrevo, as quais parecia impossível eu poder escrever estando lá. E mais quem toda a Quaresma comia carne, como vós sabeis, agora a jejua toda.

O mesmo vos digo do Irmão Gregório,⁽⁷⁾ o qual ainda que não é tão valente como eu, por ser de mais fraca compleição, todavia ele não me quer dar vantagem e tem para si que é tão bem disposto como eu. Ao menos sei-vos dizer que, para um negócio de importância, em que foi necessário irem daqui a Piratininga depressa, que é caminho mui áspero e creio que o pior que há em muita parte do mundo, de atoleiros, subidas e matos, o escolheram a ele como mais valente, havendo outros são em casa. E assim foi,

dormindo de noite com a camisa empapada em água e sem fogo, entre matos. Et vivit et vivimus, fraters, tendo piedade de vos ver gastar tanto tempo em mézinhas, quae ad modicum, imo ad nihilum valent.

Neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um ano, ser vi de alveitar algum tempo, isto é, de médico daqueles índios, e isto foi sucedendo ao Irmão Gregório, o qual, por mandado do Pe. Nóbrega, sangrou⁽⁸⁾ alguns índios, sem nunca o ter feito senão então, e viveram alguns de que se não tinha esperança, porque outros muitos daquelas enfermidades eram mortos. Partindo-se o Irmão Gregório de lá, fiquei eu em seu lugar, que foi o mais do tempo, e sangrei muitos duas e três vezes e cobram saúde. E juntamente servia de deitar emplastos, levantar espinhelas e outros ofícios de alveitar, que eram necessários para aqueles cavalos, isto é os índios.⁽⁹⁾

Agora estou aqui em São Vicente, que é no porto, para onde vim com o Pe. Nóbrega para despachar estas cartas, que lá vão. Além disto aprendi cá um ofício, que me ensinou a necessidade, que é fazer alpargatas, e sou já bom mestre; e tenho feito muitas para os irmãos, porque não se pode cá andar pelos matos com sapatos de couro. Isto tudo é pouco para o que Nosso Senhor vos mostrará, caríssimos, quando cá vierdes.

Quanto à língua, eu estou nela algum tanto adiante, ainda que é muito pouco para o que soubera, se me não ocuparam em ensinar gramática. Todavia tenho toda a maneira dela por arte, e para mim tenho entendido quase todo o modo dela. Não a ponho em arte, porque não há quem aproveite. Somente aproveito-me eu dela, e aproveitar-se-ão os que de lá vierem, que souberem gramática.

Finalmente, caríssimos, sei-vos dizer que se o Padre Mestre Mirón quiser cá mandar-vos todos os que ficáveis opilados e meio doentes, meio são, a terra é muito boa, os ares muito são, as mézinhas são trabalhos, e tanto melhores quanto mais conforme a Cristo.

⁽¹⁾ Refere-se à carta de 15 de agosto de 1554, à quadrimestre de maio a setembro, e às outras cartas perdidas anteriores.

⁽²⁾ 2 Cor., VII, 9.

⁽³⁾ 2 Cor., V, 17.

⁽⁴⁾ De sua renovada disposição deve ter tratado nas cartas, que se perderam com o naufrágio Leonardo Nunes.

⁽⁵⁾ A expressão, em voga nas escolas de Filosofia da época, lembra o estudo da

Lógica e da Metafísica, que em 1551 empreendera Anchieta em Coimbra e que teve de interromper por doença.

⁽⁶⁾ Em três classes diferentes, isto é, no ensino da gramática latina, que se dividia ao modo clássico em ínfima, média e suprema. Havia-se reconstituído o corpo discente, disperso em agosto de 1554, em virtude da escassez de alimentos em Piratininga, Carta nº 3.

⁽⁷⁾ Gregório Serrão. Por motivos de sua renitente enfermidade, não

pudera subir ao planalto juntamente com os fundadores do colégio. Cartas Jes., III, 490.

⁽⁸⁾ A Nóbrega, portanto, cabe a responsabilidade desse emprego da flebotomia, que pela primeira vez era realizado pelos jesuítas.

⁽⁹⁾ O tom bem humorado em geral desta carta, destinada a atrair a simpatia dos

irmãos de Coimbra para com a missão do Brasil, explica a feição irônica desta alusão. Se o sal nos parece hoje um tanto grosso, é que não estamos, como Anchieta, tão a par das circunstâncias do tempo e do ambiente, que se respiravam então em Coimbra.

⁽¹⁰⁾ O fato se verifica em relação aos irmãos enviados em agosto de 1554 aos carijós, sobretudo ao sobrevivente Fabiano de Lucena. Não é impossível que se tenha verificado igualmente com alguns irmãos destacados em Maniçoba, onde os jesuítas permaneceram quase um ano.

Também vos digo, meus caríssimos, que não basta sair de Coimbra com quaisquer fervores, que se murchem logo antes de passar a linha, ou se esfriem depois com desejos de tornar a Portugal: há mister, frates, trazer os alforques cheios, que durem até acabar a jornada, porque sem dúvida os trabalhos de cá, que tem a Companhia, são grandes e há mister virtude em cada um, que se possa fiar dele a honra da Companhia.

Porque se acontece andar um irmão entre os índios, seis, sete meses sem confissão nem missa,⁽¹⁰⁾ em meio da maldade, onde convém e é necessário ser santo para ser irmão da Companhia. Outras particularidades, calo, que a cada um acontecem, que não sei se vos parecerão lá bem, ainda que são de grande virtude. Cá as conhecereis se alguma hora cá vierdes. Não vos digo mais, se não que aparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer, de maneira que ainda que os trabalhos sejam muitos, vos pareçam poucos. E fazei um grande coração, porque não haveis de andar meditando em cantinhos, senão

in médio iniquitatis et super flumina Babylonis,⁽¹¹⁾ e sem dúvida pior que Babilônia. Perdoai-me, caríssimos, outras vez, porque o amor que vos tenho me move a mão (com) que vos escrevo isto.

Rogo vos omnes ut semper oretis pro paupere fratre Joseph,⁽¹²⁾ A meus caríssimos Padres Francisco Rodrigues,⁽¹³⁾ Miguel de Sousa,⁽¹⁴⁾ Antônio de Quadros,⁽¹⁵⁾ Dom Leão,⁽¹⁶⁾ Manuel Godinho,⁽¹⁷⁾ com todos os demais e eles principalmente, e o meu caríssimo Padre Antônio Corrêa,⁽¹⁸⁾ que foram e são meus pais, rogo e peço que se lembrem sempre deste pobre filho, que em Cristo geraram e nutrierunt, aos quais e a todos os demais, máxime a meu caríssimo Jorge Rijo⁽¹⁹⁾ e Marcos Pereira,⁽²⁰⁾ (si modo vivit) desejo escrever. E porém, parece-me que satisfaço com as cartas gerais, que vão para toda a Companhia. Opto vos, fratres carissimi, semper in Christo bene valere.

A 20 de março de 1555, de São Vicente.



Reprodução



Moedas comemorativas para homenagear a figura do padre José de Anchieta, considerado o Apóstolo do Brasil.

⁽¹¹⁾ Ps. XXVI, 1.

⁽¹²⁾ Deixamos de traduzir as frases latinas desta carta, que nos parecem perfeitamente acessíveis à erudição comum dos leitores.

⁽¹³⁾ Francisco Rodrigues o "Manquinho", doutor em Cânones, entrou na Companhia em Coimbra, no ano de 1548. Missionário na Índia, aí faleceu em 1572.

⁽¹⁴⁾ Antigo pajem de Dom João III, entrou em 1545 em Coimbra, aí falecendo em 1582.

⁽¹⁵⁾ Entrou, a 1º de abril de 1544, em Coimbra. Secretário da província de 1553 a 1554. No ano seguinte seguiu para a Índia, destinado à Etiópia, para onde não pôde ir. Foi dos maiores missionários no Oriente, dirigindo ali por duas vezes a província. Com Francisco Rodrigues teria assistido em Goa, pouco antes de morrerem, no ano de 1572, ao auto-de-fé, em que se queimou o famoso Bolés.

⁽¹⁶⁾ Leão Henriques, da Ilha da Madeira, entrou em Coimbra em 1546. Figura de muita projeção entre os jesuítas em Portugal. Faleceu em Lisboa, em 1589. Nesse ano de 1555 era reitor em Coimbra.

⁽¹⁷⁾ Manuel Godinho, dos primeiros a entrarem na Companhia em Portugal, no ano de 1542. Faleceu em Lisboa em 1569. Foi reitor do Colégio de Coimbra, nos anos de 1552-1553.

⁽¹⁸⁾ Foi o primeiro mestre de noviços em Coimbra. Só no ano de 1553, entretanto, se estabeleceu regularmente esse noviciado Entrado na Companhia no ano de 1543, faleceu tuberculoso em Bucelas, no ano de 1569. Em 1551, quem orientava a formação dos noviços era Leão Henriques.

⁽¹⁹⁾ Irmão de Vicente Rodrigues, entrara em 1548. Sotoministro, desde estudante, foi mais tarde reitor em Coimbra (1558-1559). Falecido em 1614. De Marcos Pereira faltam notícias.

Carta trimestral, de maio a agosto de 1556, pelo irmão Anchieta

São Paulo de Piratininga [agosto de 1556]

Jesus + Maria

A paz de N. Senhor Jesus Cristo seja sempre conosco.

Na precedente quadrimestre explicou-se por miúdo o que se passa entre nós; agora tratarei brevemente do que se oferecer. Seguimos a mesma ordem na doutrina dos índios: chamam-se todos os dias duas vezes à Igreja, a toque de campainha, ao qual acodem as mulheres ora umas, ora outras, e não só aprendem as orações na própria língua, mas também ouvem práticas e são instruídas no conhecimento das coisas da fé. Algumas são tão fervorosas que não passa quase dia que não venham duas vezes à Igreja, sem deixar de o fazer por causa do frio, que é agudíssimo neste tempo; algumas confessam-se e recebem o sacramento do Corpo do Senhor duas ou três vezes por ano.

Não tendo nós remédios para aplicar a uma pessoa que sofria de doença contagiosa que parecia lepra, admirava-se certa mulher que não olhássemos pela sua saúde, nós que ensinamos a observar as obras de misericórdia. Pensando isto e querendo-nos desculpar, parecia-lhe que procedíamos assim por causa da maldade dos índios, que muitas vezes, em doenças gravíssimas e nas mordeduras venenosas de cobras dizem e prometem que hão de proceder conforme aos mandamentos de Deus e aos costumes cristãos, mas, recuperada a saúde, perseveram nos maus costumes: julgava ela talvez que era isto o que nos afastava de os curar, crendo que nós possuímos o poder de restituir a saúde, por termos conhecimento de Deus e o pregarmos. E assim visitando outra mulher, que estava doente passados alguns dias recuperou a saúde; e ao perguntar à mãe dela como estava, respondeu que bem; e acrescentou: Nem admira, pois lhe impuseste as mãos. E por isso as mulheres nos mostram muita afeição.

Alguns homens assistem à missa aos domingos, e depois do ofertório anuncia-se-lhes algum ponto da fé e da guarda dos

mandamentos; e como isto não basta para a rudeza deles, não deixamos passar nenhum dia sem os irmos visitar, e exortamos, ora a uns ora a outros, a receberem a fé; e os que temos este encargo por obediência nos metemos nas conversas deles e os tratamos com a maior familiaridade; as conversas particulares movem-os muito e, vendo eles a nossa grande dedicação, não podem deixar de admirar-se e de conhecer um pouco do nosso amor para com eles: sobretudo vendo que temos tanta diligência em lhes curar as doenças, sem nenhuma esperança de ganho. Fazemos isto sobretudo com a intenção de lhes prepararmos as almas, que se encontram mais brandas e mansas, para receberem o batismo, se a necessidade urgir; e pela mesma razão queremos atender às parturientes, para, sendo necessário, batizarmos a mãe e a criança. Deste modo, cuida-se da salvação da alma e do corpo.

Chegando aqui doutra terra um rapaz, inflamou-se de tal desejo da fé cristã, que deixando os parentes, ficou conosco e juntou-se aos meninos para aprender os primeiros elementos. Todo era desejos de conversão, e não só aprendia as orações mas também dormia muitas vezes ao frio, debaixo duma espécie de alpendre, fora da habitação dos seus, pedindo instantemente que lhe fosse concedido o batismo; foi já admitido como catecúmeno e está a ser preparado para perseverar, antes de se lhe dar o batismo.

Expliquei suficientemente na carta anterior como se faz a doutrina dos meninos: quase todos vêm duas vezes por dia à escola, sobretudo de manhã; pois de tarde todos se dão à caça ou à pesca para procurarem o sustento; se não trabalham não comem. Mas o principal cuidado que temos deles está em lhes declararmos os rudimentos da fé, sem descuidar o ensino das letras; estimam-no tanto que, se não fosse esta atração, talvez

nem os pudéssemos levar a mais nada. Dão conta das coisas da fé por um formulário de perguntas, e alguns mesmo sem ele.

Muitos confessaram-se este ano, e fizeram-no em muitas outras ocasiões, do que não tivemos pouca alegria; pois alguns confessam-se com tal pureza e distinção, e sem deixarem sequer as mais mínimas coisas, que facilmente deixam atrás os filhos dos cristãos: recomendando-lhes eu que se preparassem para este sacramento, disse um: é tão grande a força da confissão que, a seguir a ela, nos parece que queremos voar para o céu com grande velocidade.

Se acaso algum deles pouco que seja, se dá, ou pelo jeito do corpo ou pelas palavras ou de qualquer outro modo, a alguma coisa que tenha rassaibo de costumes gentios, imediatamente os outros o acusam e se riem dele. Um, repreendendo-o eu por estar a fazer um cesto ao domingo, trouxe-o no dia seguinte à escola e queimou-o diante de todos por o ter começado ao domingo: muitos sabem tão bem tudo o que pertence à salvação, que não podem alegar ignorância diante do tribunal de Deus Nosso Senhor. Mas, tememos que chegando eles à idade adulta voltem aos antigos costumes, ou por vontade dos pais ou com o tumulto da guerra, que dizem se preparar muitas vezes, e quando se quebrar a paz entre eles e os cristãos.

Isto o que se passa entre nós. Em Jaraibatiba,⁽¹⁾ de que fiz menção na anterior e que fica a seis milhas daqui, procede-se em boa ordem na doutrina cristã e também lá as mulheres e alguns homens vêm à Igreja duas vezes; entre estes não falta quem, andando a cultivar os campos, conte muito bem o número dos dias e, chegando o sábado, deixe o trabalho e venha à aldeia para assistir no dia seguinte à solenidade da

missa; e mais ainda, nos dias em que se proíbe comer carne, também dela se abstém fora da aldeia, de maneira que, quando estão longe dos irmãos no tempo da Quaresma, comendo os outros carne, eles, dando por motivo os costumes cristãos que adotaram, abstiveram-se das comidas proibidas.

Os irmãos que têm o cuidado de os doutrinar, passaram aqui alguns dias para celebrar a festa da Páscoa; uma velha, sentindo a demora, chamou duas vezes o povo à Igreja, e, fazendo um de professor e os outros de discípulos, repetiram por ordem a doutrina cristã: e quando os irmãos voltaram, queixaram-se, um de os deixarem sós nas grandes festas, outras de lhes faltar quem lhes indicasse os dias de preceito, e por não o saber, estando a trabalhar no mato num dia festivo, se tinha visto obrigado a fugir para casa, todo mordido dos mosquitos.

Encontram-se agora entre eles o Padre Luis,⁽²⁾ empenhando-se com todo o cuidado em ensinar a doutrina, e não só aí mas também noutra aldeia distante duas milhas, lançando os fundamentos da fé, visitando esta aldeia frequentemente, mas vivendo em Jaraibatiba, onde alguns já bastante instruídos na fé contraíram legítimo matrimônio. Batizaram-se muitos inocentes, dos quais alguns vão para o Senhor. Tem-se também especial cuidado em ensinar os meninos.

Estas as coisas que se apresentam para escrever no presente trimestre. Pedimos por amor de Deus que todos se lembrem de nós em suas orações e que os nossos irmãos nunca se esqueçam desta nação junto de Deus.

*Piratininga e Casa de S. Paulo da Companhia de Jesus.
O mais pequeno da Companhia de Jesus, José.*

Reprodução



Selo representa o Pateo do Colégio, no centro velho de São Paulo.

⁽¹⁾ Jaraibatiba, Geraibatiba, Gerebatiba, veio a ser quatro anos depois a sesmaria do Colégio de São Paulo, LEITE, *História*, 1, 543-544; *Breve Itinerário*, 167.

⁽²⁾ Poderia tratar-se do P. Luís da Grã, mas seria caso singular chamar-lhe "Padre Luís"; é mais natural que seja o clérigo, a que se referiu na carta de 8 de junho, § 2 (MB, II, 288), saído há pouco da primeira provação e que realmente se chamava "Padre Luís"; Padre Fernão Luís. Este clérigo era vigário de Santos em 1550 (começou a vencer os respectivos honorários a 25 de maio desse ano, *Doc. Históricos*, XXXV (1937), 80-81, e em dezembro de

1555 foi nomeado vigário de Santiago da Bertioiga (ib., 311-317), o mesmo que no Catálogo de meados de 1558 se dá ainda em provação (na 2ª provação), porque como é sabido, o noviciado na Companhia (1ª e 2ª provações) dura dois anos. O P. Fernão Luís, natural do termo da Feira, tinha 43 anos de idade quando entrou na Companhia e sabia a língua dos índios (Bras. 5-1, f. 14r). Assistiu à morte do Principal Tibiriçá, em São Paulo, e a de Nóbrega, no Rio de Janeiro (LEITE, *História*, IX, 430; *Breve Itinerário*, 205); e faleceu santamente, nesta última cidade, em 1583, (Bras. 8, f. 4v-5r; cf. LEITE, *História*, 1, 292).



**Fundação de São Paulo, tela de Oscar Pereira da Silva
pertencente ao acervo do Museu Paulista.**



O quadro retrata a primeira missa celebrada pelos missionários jesuítas em 25 de janeiro de 1554, dando origem à cidade de São Paulo.

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma (carta sobre as coisas naturais de São Vicente)

São Vicente, 31 de maio de 1560

A paz de Cristo seja conosco.

Pela carta de V.^a Paternidae,⁽¹⁾ que há pouco nos chegou às mãos, vimos Reverendo em Cristo Padre, que V.P. (para atender à devoção e desejo de muitos)⁽²⁾ queria que se escrevesse sobre as coisas de cá dignas de admiração ou desconhecidas nessa parte do mundo. Conformando-me com o proveitoso mandado, farei com a possível diligência a obrigação que me incumbe.

Em primeiro lugar (o que em carta precedente⁽³⁾ toquei de passo), esta parte do Brasil, que se chama S. Vicente, dista a Equinocial para o Sul, vinte e três graus e meio, medidos de Nordeste a Sudoeste. Não me é fácil explicar nela a aproximação e afastamento do Sol, o curso dos astros, a diversa inclinação das sombras, as fases da lua, porque nunca estudei estas coisas; mas não vejo razão para que sejam diferentes do que se observa lá [na Europa]. A duração das partes do ano é que é muito diferente e tão confusas que não se podem distinguir com facilidade nem assinalar tempo determinado à primavera nem ao inverno. O Sol nos seus giros produz uma certa temperatura constante, de maneira que nem o inverno regala com o frio, nem o verão é demasiado quente. Em nenhum tempo do ano param as chuvas e, de quatro, de três em três ou até de dois em dois dias, se alterna a chuva com o sol. Contudo, há anos em que se fecha o céu e não chove, de forma que, não pela força do calor que nunca é excessivo, mas por falta d'água, secam os campos que não dão os costumados frutos; e algumas vezes chove demais e apodrecem as raízes de que nos alimentamos. Os trovões ribombam com tal estampido que causam muito medo mas raro caem raios, e é tanto o fulgor dos relâmpagos que deslumbram e obscurecem a vista e parecem disputar ao

dia o esplendor de sua luz, e acompanham-se de violentas e furiosas ventanias, às vezes tão impetuosas, que altas horas da noite nos vemos forçados a recorrer à oração contra os perigos das tempestades e até a sair de casa para escapar à ameaça dela cair. Com os trovões tremem as casas, caem as árvores e tudo se conturba. Não há muitos dias, estando em Piratininga, depois do pôr do sol, de repente começou a turvar-se o ar, a enevoar-se o céu, a amiudarem-se os trovões e os relâmpagos; o vento Sul envolveu a terra pouco a pouco até chegar ao Nordeste,⁽⁴⁾ donde quase sempre costuma vir tempestade, ganhou tal violência que parecia o Senhor ameaçar com a destruição. Abalou casas, arrebato telhados, derrubou matos, arrancou pelas raízes grandíssimas árvores, partiu ao meio ou destroçou outras, de maneira que nos matos se taparam os caminhos sem ficar nenhum. Em meia hora (que não durou mais) é de espantar quanta devastação produziu em árvores e casas; e na verdade se Deus não abreviasse⁽⁵⁾ aquele tempo nada poderia resistir e tudo se arrasaria. E o mais admirável é que os índios, então entretidos em seus beberes e cantares (como costumam), sem nenhum temor a tamanha confusão das coisas, não deixaram de dançar nem de beber, como se estivesse tudo no maior sossego. Mas vou dizer outra coisa, que V. P. julgará se é mais digna de lástima, ou de riso, e talvez deplore a cegueira e zombe da loucura. Não eram passados muitos dias depois destas coisas, vindo a uma aldeia de índios um padre e eu trazer o remédio da alma e do corpo a um doente, achamos um feiticeiro de grande fama entre os índios. Exortamo-lo a que deixasse as suas mentiras e reconhecesse a um só Deus, Criador e Senhor de todas as coisas; depois de longa

(digamos assim), disputa, ele disse: “Também eu conheço a Deus e o Filho de Deus, e há pouco, mordendo-me o meu cão, mandei chamar o Filho de Deus que me trouxesse remédio e ele veio logo, e, irado contra o cão, trouxe consigo aquela impetuosa ventania, que derrubou os matos, e me vingou do mal que o cão fizera”. Isto disse ele. E respondendo-lhe o padre “mentes”, as mulheres já cristãs, que ai estavam e a quem ensinamos, não puderam conter o riso, escarnecendo da loucura do feiticeiro. E não digo mais por não ser para este lugar, mas não virá fora de propósito advertir que não pareça insolência a palavra “mentes”, porque os brasis não costumam usar de circunlóquios em explicar as coisas. De forma que a palavra “mentes” e outras desta qualidade proferem sem ofensa; e até as que significam os membros secretos de ambos os sexos, a cópula e outras desta natureza, as proferem cruamente sem vergonha nenhuma.

As estações do ano (olhando de perto) são inteiramente às avessas de lá; no tempo em que lá é primavera cá é inverno e vice-versa; mas não tão temperadas que não faltam no inverno os calores do sol para suavizar o rigor do frio, nem no verão as bandas brisas e as úmidas chuvas para regalo dos sentidos; ainda que (como já disse) esta terra da beira-mar, é quase todo ano regada por águas da chuva. Mas em Piratininga (que fica no interior a trinta milhas daqui,⁽⁶⁾ engalanada de campos espaçosos e abertos) e noutros lugares, que se lhe seguem para o ocidente, de tal modo se houve a natureza que quando o dia é mais abrasador com o ardor do sol (cuja maior força é de novembro a março) vem a chuva trazer-lhe refrigério; o que também aqui acontece.

Para resumir em poucas palavras: no tempo da primavera e do verão é muito grande a abundância das chuvas, como a temperar os ardores do sol, de maneira que vêm de manhã antes da força do calor ou à tarde depois dele. Na primavera, que principia em setembro, e no verão que começa em dezembro, caem abundantes e frequentes chuvas com grande tempestade de trovões e relâmpagos. Há então as enchentes

dos rios e as grandes inundações dos campos, tempo em que com pouco trabalho se toma entre as ervas grande quantidade de peixes que saem dos leitões dos rios para pôr os ovos, o que de algum modo compensa o prejuízo da fome que causam as inundações. Este tempo é esperado com grande avidez para alívio da fome e os índios chamam-lhe piracema, que quer dizer “saída do peixe”. Dá-se duas vezes no ano, por setembro e dezembro; é às vezes com mais frequência. Deixam os rios e se metem nas ervas com pouca água para desovar; e no verão quando é maior a inundaçãõ dos campos, saem mais abundantes cardumes que se apanham em pequenas redes e até à mão sem nenhum aparelho.

Assim pois todos os calores do verão se temperam com a abundância de chuvas; mas no inverno (passado o outono, que começa em março numa temperatura intermédia) acabam as chuvas, e a força do frio torna-se mais aguda em junho, julho e agosto, tempo que vimos com frequência as geadas espalhadas pelos campos crestarem quase toda árvore e erva, e a superfície da água coberta de gelo. Então os rios descem e baixam até o fundo, de maneira que com as mãos se costuma apanhar entre as ervas grande quantidade de peixe.

Aos 13 de dezembro, o sol chega a Piratininga completando o seu curso, dia que é o mais comprido, em que não há nenhuma inclinação das sombras, tem 14 horas, e não passa mais para o Sul, mas torna a voltar para o Norte e na sua volta costumam sobrevir os grandes calores e febres agudas que molestam o corpo com dor de ilhargas. O dia 11 de junho é o mais pequeno, em que o Sol está mais longe de nós e dura (como creio) dez horas desde o nascer ao pôr do Sol.⁽⁷⁾ Isto quanto ao tempo. Agora passemos a outras coisas.

Há um certo peixe (que chamamos peixe-boi⁽⁸⁾ e os índios iguaraguá), frequente na vila do Espírito Santo e noutras povoações para o Norte, onde não há frio ou é pouco e se faz sentir com menor rigor do que entre nós. Muito grande no tamanho, alimenta-se de ervas, como mostram as mesmas ervas pastadas nos rochedos à beira dos mangues. No corpo é

Reprodução



Pintura de Benedito Calixto retratando a paisagem do litoral paulista, região onde Anchieta e outros jesuítas viveram.

maior que o boi, cobre-se de pele dura, parecida na cor à do elefante. Tem no peito dois como braços, com que nada, e em baixo deles as tetas, com que alimenta os filhos. A boca é em tudo igual a do boi, é muito bom para se comer e mal se pode distinguir se é carne ou se antes se deve considerar peixe. A gordura, que está pegada à pele e sobretudo junto da cauda, derretida ao fogo, torna-se líquida e pode-se bem comparar à manteiga, não sei se ainda melhor, e usa-se em vez de azeite para temperar comidas. Todo o corpo é travado de ossos sólidos e duríssimos que podem fazer às vezes de marfim.

Convém meter aqui, a propósito, algumas coisas, que se escreveram há dois anos⁽⁹⁾ aproximadamente, e que pela falta de segurança da navegação cremos que não chegaram lá.

Sáímos da cidade do Salvador (Bahia de Todos os Santos)⁽¹⁰⁾ cinco irmãos a caminho daqui, e andando 240 milhas com mar sereno e bons ventos, chegamos a uns baixos⁽¹¹⁾ (que por 90 milhas se multiplicam e em linha reta entram pelo mar, dificultando a navegação); e, pelos estreitos canais apertados entre bancos de areia, por onde se costuma navegar deitando a cada passo a sonda, gastamos um dia e fundeando o navio descansamos. No dia seguinte, correndo tudo bem, já à tarde julgaram os marinheiros que tinha passado o perigo e sossegaram sem mais preocupação, quando de repente encalha o navio, salta fora o leme, e sobrevém um temporal de vento e aguaceiros que nos pôs em grande aperto. A quilha ia arrastando na areia e com os repetidos choques temíamos que partisse. Levados para um lugar baixo, com o navio já adernado, tratamos de implorar o favor divino, expondo as relíquias dos Santos, que tínhamos conosco. Lançando às ondas um Agnus Dei, acalmou-se o mau tempo e nos achamos num pego mais fundo, onde se deitou a âncora, e com pouco trabalho, entre a admiração de todos, se tornou a pôr o leme em seu lugar, e esperávamos ficar tranquilos até o romper da alva. O sítio era todo fechado de escolhos e bancos de areia, e só havia uma estreita saída à proa. Começando nós a repousar, fez-se noite escura, tudo se perturbou, o vento sul soprou com violência e, entre fortes aguaceiros e mar agitado batia o navio, que, de gasto, quase não oferecia resistência, aberto por baixo às águas e por cima às chuvas, todo se inundava, e quatro ou cinco vezes por hora se esvaziava o porão ou a dizer a verdade nunca se parava. Ninguém se podia ter de pé, mas, de rastos, uns corriam os trombadilhos, outros preparavam as cordas e os calabres; e no meio disto quebrou-se o cabo que amarrava o bote ao navio e o levou ao mar. Todos então temeram e se apavoraram, vendo a morte diante dos olhos. A única esperança de salvação estava numa corda, e quebrada ela, o navio iria necessariamente despedaçar-se nos baixios que surgiam pela popa e pelos bordos. Todos se chegaram à confissão, não um a um, senão dois a dois, e cada qual com a pressa que podia. Mas para quê ser mais longo, contando coisa por coisa? Quebrou-se a amarra, acabou-se! - gritaram todos. Nem por isso deixamos neste tempo de colocar o pensamento em Deus; e embora cada qual esperasse a morte e tratasse mais

da alma que do corpo, confiávamos nas relíquias dos Santos e no patrocínio da Santíssima Virgem Maria, pois na noite da véspera da sua Apresentação⁽¹²⁾ aconteceram estes sucessos. Creio que todos muitas vezes se lembraram e eu com certeza, e dava grande consolação a ideia de que muitos de nossos irmãos em diversas regiões tinham então o pensamento em Deus e as suas orações imploravam socorro por nós; e com os seus suspiros e gemidos não podia a piedade divina não usar conosco dos benefícios da sua habitual misericórdia. E nos deixamos ir ilesos ao sabor das ondas, entre escolhos, sem velas nem nenhum auxílio humano, só esperando que o navio quebrasse, expostos à chuva, na agitação da tormenta; e, morrendo a cada instante, passamos toda a noite sem dormir. Ao romper do dia, tomando algum alento, reparamos a vela como pudemos e dirigimo-nos para terra, ao menos com o desejo de encalhar o navio na praia. Mas, levados com melhor corrente do que esperávamos, entramos num porto bastante seguro habitado por índios,⁽¹³⁾ que nos receberam bem e trataram com bondade. Não duvidamos de que foi grande a misericórdia do Senhor por intercessão e méritos da Santíssima Virgem e dos Santos, cujas relíquias levávamos; e o mostra bem o naufrágio doutro navio que ia adiante de nós e que tendo já passado os abrolhos com vento próspero, contudo arrastado pelo vento Sul e pela violência do mar, foi encalhar e partiu na praia. O seu equipamento, e objetos serviram-nos para nos refazer dos que tínhamos perdido e consertar o nosso navio.

Ao dia seguinte da nossa arribada, indo alguns irmãos visitar as casas dos índios, deparou-se-nos uma menina quase moribunda; e falando aos pais em a batizar, eles anuíram de boa vontade. E batizando-se, umas horas depois voou ao céu. Feliz naufrágio que teve um tal fim! Aí ficamos oito dias por causa dos ventos, que sopravam contrários; e, havendo pouca provisão para o resto do caminho, os marinheiros lançaram a rede ao mar e apanharam dum só lanço dois daqueles peixes boi, que apesar de tão grandes não romperam a rede,⁽¹⁴⁾ quando bastava um deles para romper e rasgar muitas redes. Deste modo, provendo-nos a munificência divina, andamos o resto da viagem. Dito isto de passo, volto agora ao assunto dos peixes, de que tinha começado a falar.

Apanha-se infinita quantidade de peixes em certo tempo do ano, que os índios chamam pirâiquê, que quer dizer "entrada dos peixes".⁽¹⁵⁾ Acorrem inúmeros de diversas partes do mar e entram pelos esteiros, estreitos e de pouco fundo, para pôr os ovos. Parece admirável, mas é do consenso de todos e verificado por notória experiência: vê à frente, à tona da água, dez ou doze dos maiores à guisa de exploradores, andam à roda a inspecionar todo o lugar e se lhes acontece algum mal, como adivinhando cilada, voltam atrás para conduzir o cardume a outra paragem. Mas, como já está tudo prevenido para que aos que entram se lhes não faça mal, se eles acham que tudo está seguro e que o lugar é apropriado voltam e introduzem inúmera quantidade de peixe pelas estreitas bocas

(porque já está todo o sítio cercado, só com uma estreita entrada livre, o que é fácil fazer por ser água de pouco fundo), onde encurralado e embriagado com o suco dum pau que os índios chamam timbô,⁽¹⁶⁾ são apanhados sem trabalho algum, às vezes mais de doze mil peixes grandes. E isto é comum fazer-se em muitos lugares, de maneira que algumas vezes sobram para os que os apanham e os deixam abandonados na praia. Nessa terra os peixes são muitos sadios, podem-se comer todo o ano até na doença, sem mal para a saúde, e sem perigo de sarna, que aqui não há.

No interior das terras acham-se cobras de extraordinário tamanho, a que os índios chamam sucujuba, que vivem quase sempre nos rios, onde elas apanham para comer os animais terrestres que com frequência os atravessam a nado, mas às vezes saem à terra e os atacam nas veredas por onde costumam passar dum lado para outro. Não é fácil crer na grossura do seu corpo. Engolem um veado inteiro e ainda maiores animais. Coisa comprovada por todos. E alguns irmãos nossos o viram com espanto; e um deles, vendo a cobra a nadar, julgou que fosse o mastro dum navio. Dizem⁽¹⁷⁾ que não tem dentes, só se enroscam nos animais e prendendo-os, pelo ânus com a cauda os matam e com a força da boca os maceram e engolem inteiros. Delas contarei outras coisas estranhas, não sei se dignas de crédito, mas que todos, tanto índios como portugueses, que passaram muitos anos nesta terra, afirmam a uma só voz. Engolem (como disse) certos animais grandes que os índios chamam tapiira (de que logo falarei), e não os podendo o estômago digerir, ficam por terra como mortas, sem se poderem mover, até que apodrece o ventre ao mesmo tempo que a comida e então as aves de rapina lhes rasgam o ventre e o devoram com o que têm. Depois a cobra, informe e meio devorada, começa a refazer-se, crescem as carnes, recobre-a a pele, e volta à antiga forma.⁽¹⁸⁾

Também há lagartos, igualmente fluviais, a que chamam jacaré.⁽¹⁹⁾ de tão grande corpulência, que podem engolir um homem, cobertos de duríssimas escamas e armados de agudíssimos dentes. Passam a vida na água, algumas vezes saem às margens, onde acontece que os matam, enquanto dormem não sem grande trabalho e perigo, como é óbvio em tamanho animal. As suas carnes são próprias para comer, cheiram a almíscar, em particular nos testículos, onde sobretudo está a força do cheiro. Há outros animais de gênero anfíbio, de nome capivára, isto é “que pastam ervas”, não muito diferentes dos porcos, de cor tirante a ruivo, dente como os da lebre, exceto os molares, parte dos quais se fixam nas mandíbulas, parte no meio do céu da boca;⁽²⁰⁾ e carecem de cauda; pastam ervas, donde lhes vem o nome. São próprios para comer. Domesticam-se e criam-se em casa como cães, saem a pastar e voltam a casa por si mesmos.

Há muitas lontras,⁽²¹⁾ que vivem nos rios. Das suas peles, de pelos muito macios, fazem-se cintos. E há outros animais quase do mesmo gênero,⁽²²⁾ mas de diverso nome entre os índios, que se prestam ao mesmo uso. Há pouco, um índio,

flechando um deles e atirando-se à água para o apanhar, acooreu grande cópia de outros, que estavam debaixo da água, e acometeram o homem com unhas e dentes, de maneira que teve trabalho para tirar o que tinha morto e saiu todo arranhado, e passaram-se muitos dias até fecharem as feridas. Estes animais de cor quase negra, são pouco maiores que os gatos, munidos de agudíssimos dentes e unhas.

Seria longo mencionar os gêneros de caranguejos, as suas variedades e diversas formas. Não falo nos terrestres, que vivem em cavernas subterrâneas que eles para si mesmos cavam, e que por toda a parte em grande número e não somente aqui, se encontram, de cor esverdeada, e muitos maiores que os aquáticos. Dos aquáticos, uns vivem sempre dentro da água, aos quais a natureza deu os braços de trás espalmados, próprios para nadar; outros abrem cavidades nos esteiros, e parte destes têm pernas vermelhas e corpo negro, parte tiram à cor azulada e tem pelos, e parte possuem uma cabeça quase igual a todo corpo e outra cabeça em proporção do corpo.

O cancro (que lá é tão difícil de curar) cura-se facilmente pelos índios.⁽²³⁾ Eles à doença, que é a mesma que entre nós, chamam:⁽²⁴⁾ e curam-na assim: do barro de que fazem vasilhas, aquecem ao fogo um pouco, bem amassado, e, tão quente quanto a carne o possa suportar, aplicamos aos braços do cancro, que pouco a pouco morrem; e repetem isto tantas vezes até que, mortas as pernas e o corpo, o cancro desprende-se e cai por si. Há pouco se provou isto por experiência com uma escrava dos portugueses quando padecia desta doença.

Isto quanto aos animais que vivem na água. Quanto aos que vivem na terra, há-os que são desconhecidos nessa parte do mundo.

E em primeiro lugar há os diversos gêneros de cobras venenosas. Umas chamam-se jararaca,⁽²⁵⁾ muitíssimo frequente nos campos, nos matos e nas próprias casas, onde não raro as encontramos, e cuja mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, ainda que às vezes aplicando-se-lhe remédio se escapa à morte. E acontece entre os índios que, se são mordidos e escapam à morte e tornam a ser mordidos, não só não correm perigo de vida mas também sentem menos dor, como mais de uma vez experimentamos. Outro gênero se chama boicinga, isto é “cobra que soa”, que tem na cauda um cascavel, que soa quando ataca alguma coisa. Vivem nos campos em cavidades debaixo da terra. No tempo da procriação atacam os homens, e rastejam pela erva com saltos tão rápidos que os índios dizem que voa.⁽²⁶⁾ Quando mordem, acabou-se: paralisam o ouvido, a vista, o andar e todos os movimentos, só fica a dor e o sentimento do veneno difundido por todo o corpo até que no espaço de vinte e quatro horas se expira. E no entanto, a estas cobras e quase todas as outras, os índios, cortada a cabeça, torram ao fogo e comem, nem poupam os sapos, lagartos, ratos e outros deste jaez.

Há outras admiravelmente pintadas de diversas cores, negra, branca e vermelha, semelhante ao coral, que se

chamam ibiboboca,⁽²⁷⁾ que quer dizer “terra cavada”, porque rojando furam a terra como toupeiras. Estas são as mais peçonhentas de todas e portanto as mais raras. Há outras que os índios chamam bóiquatiára,⁽²⁸⁾ isto é, “cobras pintadas”, por causa da sua pintura de diversas cores, e também são mortíferas. Há outras, quase iguais às jararácas, e se chamam bóipéba,⁽²⁹⁾ isto é “cobras chatas”, porque quando lhe tocam se fazem mais largas, e também são mortíferas. Há outras que se chamam bóiroiçanga, isto é “cobras frias”, porque a sua mordedura causa grande frio no corpo, e estas são maiores do que as outras, embora, menos venenosas (não matam). Estas têm toda a boca armada de dentes agudos, ao contrário das outras que só tem quatro dentes, curvos e tão delgados e escondidos que não se examinando com cuidado parece que não os têm, e neles está a peçonha.

Todas estas (exceto as não venenosas, muito abundantes e variadas) são tão frequentes que não se pode viajar sem perigo. Vimos cães, porcos e outros animais sobreviver apenas seis ou sete horas à mordedura. Não raro passamos os mesmos perigos os que por dever de ofício andamos dumas vilas para as outras e as achamos nos caminhos. Uma vez, com outro irmão, voltando para Piratininga duma povoação de portugueses⁽³⁰⁾, aonde a obediência mandou doutrinar, achei no caminho uma cobra enroscada e, benzendo-me primeiro, lhe dei com o bordão e a matei. Quase sem demora começaram três ou quatro pequenas a arrastar-se no chão, e admirando-me eu donde teriam vindo tão de repente estas que antes não se viam logo começaram a sair outras do ventre materno, e sacudindo o cadáver saiu o resto da ninhada até o número de onze, todas com vida e perfeitas exceto duas. E ouvi dizer, a pessoas fidedignas, de outra, cobra em cujo ventre se acharam mais de quarenta. Entre tão grande e tão frequente quantidade, Deus tanto mais nos conserva incólumes quanto menos confiamos em nenhum antídoto ou poder humano, mas só no Senhor Jesus, que unicamente pode fazer que andando sobre cobras não recebemos mal algum.⁽³¹⁾

Há também outras, à maneira de pequenos escorpiões, que se alojam em certos montículos de terra feitos pelas formigas, e a que os índios chamam bóiquiba, que quer dizer “pés pequenos de cobra”, de cor vermelha, pouco maiores do que pequenas aranhas. Têm duas cabeças como os caranguejos, cauda recurvada, na qual há uma unha adunca com que picam. Não matam, mas causam agudíssima dor, que para passar requer nada menos que o espaço de vinte e quatro horas.⁽³²⁾

E que direi das aranhas com o sua inumerável quantidade? Há as meio ruivas, de cor da terra, de cor de pez,⁽³³⁾ todas peludas. Crer-se-ia serem caranguejos, tal é o tamanho do corpo, horríveis de ver que só o vê-las parece que traz peçonha.⁽³⁴⁾ O inimigo delas são uns insetos do gênero dos moscardos, que as perseguem cruelmente. Matam-nas com o ferrão e levam-nas consigo para os orifícios que para si

cavam, onde as comem.⁽³⁵⁾ Há outras aranhas de diversos gêneros também de diverso nome, que cheiram mal, e de natureza muito fria, que não saem fora da morada senão com o sol abrasador; e por isso os que bebem delas (costumam as mulheres brasis fazer bebidas envenenadas), são acometidos de excessivo frio e tremura: o vinho é remédio muito eficaz.

Há outro pequeno bicho parecido com a centopeia, todo recoberto de pelos, desagradável à vista, e de vários gêneros, diferem entre si na cor e no nome, todos de igual forma. Parte destes, quando tocam o corpo, produzem grande dor⁽³⁶⁾ que dura muitas horas; outra parte (compridos e negros e de cabeça vermelha), tem pelos venenosos, que provocam a sensualidade.⁽³⁷⁾ Os índios costumam aplicá-los aos órgãos genitais, que se excitam em veemente e ardente luxúria e incham, e três dias depois apodrecem. Donde se segue muitas vezes que o prepúcio se fura em diversos pontos, e algumas vezes os próprios membros viris se corrompem incuravelmente, e não só se deformam por tão feia doença, mas também mancham e infeccionam as mulheres com quem têm relações.

Também há aqui onças, que são de duas variedades: umas cor de veado,⁽³⁸⁾ mais pequenas e mais cruéis; outras malhadas e pintadas⁽³⁹⁾ de diversas cores, que são as mais frequentes em toda a parte, e estas ao menos os machos, são maiores que os maiores carneiros, porque as fêmeas, em tudo semelhantes aos gatos e servem para se comer, como por vezes experimentamos. Em geral são medrosas e acometem pelas costas, mas têm tanta força que com um golpe das unhas ou dentada dilaceram o que tomam. As presas, dizem os índios que as enterram e as vão comendo até acabar. São de extrema crueldade, o que se pode comprovar em muitos casos, que continuamente acontecem, mas bastarão aqui dois ou três.

Estando a descansar uma noite à beira dum rio em pequenas cabanas alguns cristãos, numa delas debaixo da cama ou antes debaixo da rede suspensa por duas cordas, dormia um índio: eis que veio um tigre na calada da noite e por uma perna, talvez um pouco de fora, o agarrou e levou, não podendo a gente que aí se achava, arrancá-lo das suas unhas e dentes; o que acontece a muitos outros a quem as mesmas onças arrebatam no primeiro sono e levam para comer; e disto poderia apontar muitos testemunhos. Outra, muito feroz, tinha feito grande carnificina, matando e devorando muitos; e quarenta homens armados de arcabuzes, arcos e flechas, tentaram matá-la. A fera sem medo de tanta gente armada, atirou-se a um, e agarrando-o com as unhas pela cabeça e peito o teria matado, se uma flecha dirigida pelo Senhor, a não atingisse no coração e derrubasse morta. Andando dois índios perto de Piratininga no caminho por onde com frequência imos e voltamos, saiu-lhes ao encontro uma onça. Um fugiu. O outro não só com flechas, mas também com destreza do corço repeliu valorosamente o ímpeto da fera até trepar a uma árvore, mas nem a árvore é fortaleza bastante segura contra estas feras dotadas de grande agilidade. Ela ficou ao pé da

árvore procurando por onde subir e toda a noite (isto passava-se quase a o pôr do Sol) se mexeu e urrou até que subindo ou derrubou o homem ou ele caiu cansado de tão longa aflição e susto. Havia à roda um lugar alagado e lodoso onde ele ao cair se afogou, não o podendo a fera tirar embora gastasse nisso inutilmente o resto da noite; e por fim cansada, se deitou ao chão. De manhã chegaram os que já na véspera tentaram em vão socorrer o homem e mataram a fera que pela excessiva fadiga já não se podia mover. E acharam-lhe no ventre o polegar daquele índio que se supõe ela devorara quando subira, pois ainda se viam na árvore os sinais das unhas.

Há outros animais (querem que sejam leões) igualmente ferozes, mas mais raros. Há também outro animal de feio aspecto, que os índios chamam tamanduá,⁽⁴⁰⁾ de corpo maior que um cão grande; mas curto de pernas, pouco se ergue do chão, e por isso é vagaroso, e o homem pode alcançá-lo na carreira. As suas cerdas (negras, entremeadas de cinzentas) são muito mais arrepiadas e compridas que as do porco, sobretudo na cauda, provida de longas cerdas dispostas umas de cima para baixo e outras transversalmente, com a qual recebe e repele o golpe das armas. Recobre-se de pele dura, que as flechas não penetram com facilidade: a do ventre é mais mole. O pescoço é comprido e fino, a cabeça pequena muito desproporcionada ao tamanho do corpo, a boca redonda, da medida de um ou quando muito de dois anéis, a língua estirada com três palmos de comprimento na porção que pode deitar fora, sem contar a que fica dentro (que eu medi); e deitando-a de fora, costuma-a estender nas covas das formigas, e, assim que estas a enchem inteiramente, a recolhe para dentro da boca. E este é o seu ordinário comer. Admira que tão grande animal se sustente com tão pequeno alimento. Tem braços muito fortes e grossos, quase iguais à coxa do homem, armados de unhas duríssimas, uma das quais muito excede em comprimento as de todas as demais feras. Não faz mal a ninguém a não ser em defesa própria. Quando as outras feras o atacam, senta-se e de

braços erguidos espera o ataque e com um só golpe penetra as entranhas e mata. É muito bom para comer, dir-se-ia carne de vaca, se não fossem carnes menos substanciosas.⁽⁴¹⁾

Há outro animal, bastante frequente, próprio para comer, que os índios chamam tapiira,⁽⁴²⁾ os hispânicos “anta” e os latinos, segundo creio, alce.⁽⁴³⁾ Animal parecido com a mula, um pouco mais curto de pernas, tem as patas fendidas em três pontas, muito proeminente o beiço superior, cor intermediária entre o camelo e o veado, a pender para preta; um músculo levanta-se no lugar das crinas, pelo cachaço, desde a cruz até a cabeça, na qual, erguendo-se um pouco mais, arma toda a testa e abre caminho no cerrado dos matos, apartando os paus dum lado e outro. Tem a cauda muito curta, sem nenhuma cerdas, e a sua voz é um grande silvo. De dia dorme e repousa, e de noite corre duma banda para outra a nutrir-se de diversos frutos de árvores, e, se faltam, come as cascas. Quando os cães a perseguem, repele-os a dentadas ou coices, ou atira-se aos rios e fica muito tempo escondido debaixo de água, e por isso vive de preferência perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma escavar a terra e mastigar barro. De seu couro fazem os índios rodela endurecidas apenas ao sol, inteiramente impermeáveis às flechas.⁽⁴⁴⁾

Há outro animal (que os índios chamam aîg e nós preguiça,⁽⁴⁵⁾ por causa da sua excessiva lentidão), na verdade preguiçoso, mais vagaroso que um caracol. Tem o corpo grande, de cor cinzenta, cara que se assemelha um tanto a rosto de mulher, longos braços munidos de unhas também compridas e recurvadas, com que o dotou a natureza para subir a certas árvores, de cujas folhas e rebentos tenros se alimenta, no que gasta boa parte do dia. Não é fácil dizer quanto tempo demora em mover um braço; e em subindo fica lá até esgotar a árvore toda, depois passa a outra, às vezes mesmo antes de chegar ao cimo, e agarra-se com tanta força ao tronco da árvore que não é possível arrancá-lo senão cortando-lhe os braços.

Há outro semelhante a uma raposa pequena (que os índios chamam sariguéa)⁽⁴⁶⁾ que cheira muito mal e gosta muito de comer galinhas. Tem no baixo ventre um saco, aberto de cima para baixo, onde se

Criou-se muito folclore em torno de Anchieta, um deles de que falava com os animais selvagens.



escondem as tetas, e, quando pari, as crias entram nele, pega-se cada qual a sua teta, e nunca mais saem senão quando já não precisam do auxílio da mãe e podem estar em pé e caminhar por si. E até quando se mata a mãe, é difícil arrancá-los com vida de suas tetas. Já matamos muitos, um dos quais trazia naquele saco sete filhos.

Há também uns animais pequenos do gênero dos ouriços cobertos de cerdas compridas e muito agudas, na maior parte descoradas, negras na ponta, as quais quando tocam alguma coisa, sobretudo carne, penetram pouco a pouco sem ninguém as empurrar, das quais se costumam servir as mulheres brasis para furar as orelhas evitando a dor. ⁽⁴⁷⁾ Eu vi um couro dobrado, de não pequena espessura, furado de lado a lado, no espaço de uma noite, por uma cerda destas que por si mesma entrou.

Os macacos, em quantidade infinita, são de quatro castas, ⁽⁴⁸⁾ muito boas todas para se comerem, como com frequência o experimentamos, alimento muito são até para os doentes. Vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cimos das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem saltar duma árvore a outra, o maior e como chefe do bando, agarra-se de cauda e pés a um ramo curvado, pega outro com as mãos faz de si mesmo caminho e como ponte para os restantes, e assim todos passam com facilidade. As fêmeas têm as mamas no peito como as mulheres, e com as crias pequenas sempre pegadas às costas e aos ombros vão de um lado para o outro, até elas poderem andar por si. Contam se delas coisas maravilhosas, mas incríveis, e por isso as omito.

Há outro animal, bastante frequente entre nós (que chamam tatu), que vive pelos campos em cavidades subterrâneas, na cauda e na cabeça quase sempre semelhantes a lagartos. Tem o corpo coberto por cima duma concha muito dura que as flechas não atravessam, muito parecida à armadura do cavalo. Para se defender, escava a terra com grande rapidez, e quando se abriga em sua toca, se não se lhe apanha uma perna, em vão se trabalha em o tirar para fora: agarra-se à terra tão pertinazmente com conchas e pés, que embora se lhe puxe a cauda, mais fácil é separar-se ela do corpo do que arrancá-lo da cova. É de sabor bastante agradável. ⁽⁴⁹⁾

Os veados são de dois gêneros, uns armados de chifres como os da nossa terra, e estes raros; outros brancos, sem chifres, ⁽⁵⁰⁾ que nunca entram nos matos, mas sempre pastam em bandos pelos descampados. Há grande quantidade de gatos monteses, ligeiríssimos, ⁽⁵¹⁾ gamos, porcos bravos, ⁽⁵²⁾ várias espécies. Longe daqui, no sertão, para os lados do Peru, que dizem Nova Espanha, há ovelhas monteses, do tamanho de vacas, revestidas de lã branca e bela, das quais os índios se servem para levar e trazer cargas, como de jumentos. ⁽⁵³⁾ Um nosso irmão, que naquelas partes andou muito tempo, afirma que as viu e comeu das suas carnes. Delas tratam as crônicas do Peru, que correm em espanhol.

Criam-se em canas (taquaras) uns bichos ⁽⁵⁴⁾ roliços e alongados, todos brancos, da grossura dum dedo, que os

índios chamam rahû e costumam comer assados e torrados. E há-os em tanta quantidade que deles se faz banha semelhante ao do porco, e serve para amolecer o couro e para comer. Destes insetos uns se tornam borboletas, outros saem ratos que fazem os ninhos debaixo das mesmas canas, e outros se transformam em lagartas que devoram as ervas. Acham-se muitos outros gêneros de animais, que resolvi omitir por não serem dignos de se conhecer nem relatar.

Seria difícil exprimir por palavras as diversas espécies de formigas que são de várias naturezas e nomes, porque (diga-se de passo) na língua brasílica é muito comum dar nomes diversos a espécies diversas, e raras vezes se nomeiam os gêneros por nome próprio; e assim a formiga, o caranguejo e o rato e muitos outros não têm denominação genérica, enquanto as espécies (que são quase infinitas) nenhuma deixa de ter o seu nome próprio, e a causa verdadeira admiração tanta abundância e variedade. Quanto às formigas, só parecem dignas de menção as que destroem as árvores, de nome içã, ⁽⁵⁵⁾ arruivadas, e que esmagadas cheiram a limão, e cavam para si grandes casas debaixo da terra. Na primavera, isto é, em setembro e daí por diante, fazem sair o enxame dos filhos, quase sempre num dia seguinte ao da chuva e trovões, se fizer bom sol. Vão à frente os pais, de boca aberta, por um lado e outro, enchendo os caminhos e, mais cruéis que nalgum outro tempo, as suas mordidelas chegam a fazer sangue, seguem-nas os filhos com asas, de corpo maior, e logo voam à procura de novas casas para si, tão numerosos que fazem no ar densa nuvem, e onde quer que caíam, aí cavam logo a terra construindo habitações cada qual para si; e pouco depois morrem, e do seu ventre se geram outros inumeráveis filhos, e assim não admira que haja tanta quantidade de formigas, quando de uma só nascem tantas. Para esta saída de suas covas se juntam os índios e também as aves. Junta-se os índios, que esperam ansiosos este tempo. Tanto homens como mulheres saem de casa, chegam-se e correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os novos frutos. Aproximam-se das entradas das cavidades e abrem pequenas covas, que inundam de água, onde se metem e se defendem contra a fúria dos pais, apanham os filhos, que saem dos subterrâneos, enchem os seus recipientes, que são uns grandes cabaços; e voltam para casa e os assam ao lume em grandes vasilhas de barro e os comen; assim torrados duram muitos dias sem se corromper. Quão saborosa e quão sã seja esta comida sabemos-lo os que o experimentamos. Mas também umas aves, semelhantes a andorinhas, ⁽⁵⁶⁾ de que há três gêneros, se ajuntam no ar quase sem número, e com admirável rapidez cortam pelo meio as formigas que saíram voando, e lhes devoram o ventre, deixando a cabeça, as asas e as pernas; e deste modo sucede que muito poucas escapam.

De abelhas encontram-se quase vinte gêneros diversos, que fabricam mel, umas nos troncos das árvores, outras em colmeias construídas entre os ramos, outras debaixo da terra, donde também se segue que haja muita abundância de cera. ⁽⁵⁷⁾ Só com

mel curamos as feridas, e com a ajuda de Deus facilmente saram. E sendo (como disse) muitos os gêneros de mel, lembrarei apenas um, que os índios chamam eiraaquâyêta, que quer dizer “mel de muitos orifícios”, porque as abelhas têm muitas entradas na colmeia. Quando este se bebe, logo chega a todas as juntas do corpo, contrai os nervos, causa dor e tremura, produz o vômito e desarranja os intestinos.

De moscas e mosquitos, que para sugar o sangue picam acerbamente, há grande quantidade nos matos, sobretudo no verão, quando se alagam os campos. Uns têm o ferrão e as pernas compridas e finíssimas, perfuram a pele e chupam sangue até que com o corpo todo cheio e distendido mal podem voar.⁽⁵⁸⁾ Contra estes, o remédio é a fumaça com que se dispersam. Outros, que vivem nos charcos da beira-mar, chamados mariguê,⁽⁵⁹⁾ são uma praga terrível, tão pequenos que mal se enxergam: picam e não se veem picar, queimam sem haver fogo nenhum, e tantos incômodos subitamente sobrevindos não se sabe donde vêm: se se coça com as unhas maior dor se sente, e por dois ou três dias se renova e excita a ardência que produziram no corpo.

Quanta seja a diversidade das aves, ornada de cores variegadas, não é fácil explicar. Os papagaios,⁽⁶⁰⁾ mais abundantes do que aí os corvos, são de diversos gêneros, todos se podem comer, uns ajudam a prender o ventre, outros imitam vozes humanas. Quando voam em bando para comer milho já espigado procedem de modo que, enquanto estão a comer, sempre fica um ou dois no cimo duma árvore como de atalaia, vigiando todos os lados; se veem aproximar alguém dão sinal de retirada e todos fogem; se não há perigo, aqueles quando estiverem fartos sobem, e descem os vigias a comer.

Também há emas,⁽⁶¹⁾ as quais o extraordinário tamanho do corpo impede voar. Há uns passarinhos, chamados guainumbi,⁽⁶²⁾ os mais pequenos de todos. Só se alimentam de orvalho.⁽⁶³⁾ Há vários gêneros; e um, afirmam todos que nasce da borboleta.⁽⁶⁴⁾ Há outra ave semelhante ao corvo, mas com bico de pato, que mergulha nos rios e fica muito tempo debaixo da água a comer peixes. Há ainda outra, de corpo pequeno, quando bate as asas faz tanto barulho que parecem árvores a cair no chão. Há ainda uma ave marinha, por nome guarã,⁽⁶⁵⁾ igual ao mergulhão, mas de pernas mais compridas, de pescoço igualmente longo, de bico estendido e adunco. Alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Dá-se com ele uma como perpétua metamorfose. Na primeira idade reveste-se de penas brancas, que se mudam depois em cor cinza, e passando algum tempo tornam a embranquecer, embora de menor alvura que na primeira idade; e por fim, ornam-se de cor purpúrea, belíssima; as quais os brasis muito apreciam, pois com elas enfeitam os cabelos e braços em suas festas. Há também outra ave marinha, parecida com a adém,⁽⁶⁶⁾ que tem no lugar das asas pequenos membros cobertos de lanugem macia e as patas quase na cauda, de maneira que

não podem sustentar o corpo e servem só para ela nadar, pois não pode voar nem caminhar.

Há muitas aves de rapina, algumas de corpo tão grande que matam veados e os despedaçam; mas sobretudo uma, a qual como principal, quando está no ninho, não só os pais, que dela têm particular cuidado, mas também todas as mais aves de rapina trazem sustento; e também tem isto que se passar fome muitos dias nenhum mal recebe.⁽⁶⁷⁾ De outra, também das de rapina, soube que não há muito no cimo duma árvore, estando no ninho a criar os filhos; subindo um caçador para os apanhar, não fugiu, mas abrindo as asas para proteger a prole, ficou imóvel, preferindo antes ser tomada que abandonar os filhos.

Há outra, que se chama anhíma,⁽⁶⁸⁾ de grande corpo; quando grita parece o zurrar dum burro; em cada asa tem como que três pontas. E uma também na cabeça, iguais aos esporões dos galináceos, mas muito mais duros. Quando os cães a atacam, embora a grandeza do corpo a não impeça de voar, ela armando as asas fere-os gravemente e os afugenta. Há do mesmo modo galinhas do mato de três gêneros,⁽⁶⁹⁾ perdizes, faisões e outras aves todas cor de púrpura, outras verdes, outras esbranquiçadas, notáveis pela multiplicidade e variedade de cores. Isto quanto a animais.

Quanto a ervas e árvores, não quis deixar de referir que estas raízes, que usamos na alimentação e se chamam mandioca,⁽⁷⁰⁾ são venenosas e nocivas por natureza, a não ser que pela indústria humana se preparem para comer. Se se comem cruas, assadas ou cozidas, matam os homens, mas podem-nas comer impunemente os porcos e os bois, exceto o suco que delas sai; que se o comerem logo incham e morrem.

Há outras raízes de nome yeticopê⁽⁷¹⁾ semelhantes ao rábano, de agradável sabor, bastante apropriadas para acalmar a tosse e descongestionar o peito. A sua semente, parecida com fava, é violentíssimo veneno. Entre outras, há uma erva disseminada por toda parte (muitas vezes a vimos e tocamos), que chamamos viva, e parece animada de um como que sentido, pois tocando-se ainda que de leve, com a mão ou qualquer objeto, logo as suas folhas se recolhem em si, juntam e como se colam; e depois, com pouca demora, tornam-se a abrir.⁽⁷²⁾

Das árvores, parece digna de menção (embora haja outras que destilam líquidos semelhantes à resina, úteis para remédios), uma que dá um suco suavíssimo, que querem seja bálsamo. Escorre a princípio como óleo por orifícios abertos pelo caruncho ou também por incisuras feitas por facas e machados, e depois coalha e parece tomar a forma de bálsamo. Exala cheiro não demasiado, mas suavíssimo, e é muitíssimo próprio para curar feridas, de maneira que em pouco tempo nem sinal fica da cicatriz (como dizem estar comprovado pela experiência).⁽⁷³⁾

Há outras árvores que enchem por toda a parte os esteiros do mar, onde se criam, cujas raízes, nascidas umas quase no meio do tronco, outras nos pontos que brotam e se erguem os ramos, do comprimento de lanças, se inclinam pouco a pouco

para o chão, até que passados muitos dias o tocam. ⁽⁷⁴⁾ Na povoação, que chamam Espírito Santo, há uma árvore ⁽⁷⁵⁾ bastante comum, altíssima. O seu fruto admirável é semelhante à uma panela. A tampa, como que trabalhada a torno, com que está pendente da árvore, abre-se por si quando amadurece e apresenta dentro muitos frutos, semelhantes a castanhas separadas por delgadas tiras como sebes intermediárias, agradabilíssimos ao paladar. O recipiente ou panela, onde se encerram, não é de menor dureza que a pedra; e pode-se facilmente calcular o seu tamanho pelas castanhas que contém, que passam de cinquenta. Além disto, há pinheiros, ⁽⁷⁶⁾ de altura estupenda, que se multiplicam profusamente, enchendo o espaço de seis ou sete milhas. Ao seu fruto dão os índios por antonomásia o nome particular (que aliás é comum a todos os mais frutos) de *ibâ*, que quer dizer “fruto”: são compridos à feição dos [pinhões] da nossa terra, mas muito maiores, de casca tenra, semelhantes ao miolo das castanhas. As terras do norte não produzem estas árvores.

Frutos erráticos há de diversas árvores, próprios para se comerem, muitos de suavíssimo cheiro e gosto delicioso.

Úteis à medicina, há muitas árvores e raízes de plantas, mas direi alguma coisa sobretudo das que servem para purgantes. Há uma árvore da qual cortando-se a casca com a faca ou quebrando-se um ramo, sai um líquido branco, parecido ao leite, mas mais espesso, o qual, se se beber pouco, desembaraça os intestinos e limpa o estômago com um vômito de grande violência; mas, se houver demasia na porção, por pouco que seja, mata. ⁽⁷⁷⁾ Convém tomar só o que cabe numa unha e diluído em muita água. Não se fazendo assim, causa cruéis dores, queima a garganta e mata. Há outra raiz, muito útil para o mesmo, comum nos campos; rala-se e bebe-se diluída em água. Esta, embora provoque vômito com bastante violência, contudo toma-se sem perigo de vida.

Há outra, chamada vulgarmente raiz bárbara; se o é realmente julguem os que sabem. ⁽⁷⁸⁾ Os índios dizem *marareçô*: as folhas são semelhantes aos ácaros, raiz pequena e roliça, que ou se come assada ou se bebe moída, em água que se deixou uma noite ao relento. Encontrou-se há pouco outra, que se tem em grande conta e não sem razão: é comprida e fina; esmagada e posta de infusão em água durante uma noite bebe-se de manhã sem dificuldade, nem causa náusea, nem dá fastio. Desembaraça os intestinos com bastante fluxo, que cessa logo que se tome qualquer alimento. ⁽⁷⁹⁾ O que é também comum às que acabei de referir. Além destas, há muitas outras, de bom préstimo para desembaraçar o ventre, ao passo que para o prender (exceto o fruto d'algumas árvores) quase não se encontra nenhum remédio eficaz.

Até nas pedras há com que admirar e portanto exaltar a onipotência de Deus Nosso Senhor, sobretudo uma, útil para afiar espadas; mas tem de maravilhoso que se presta a ser tratada como couro maleável, e, qualquer parte que ela se toque, move-se como encaixe, de maneira que não parece uma pedra só mas muitas, pegadas entre si por diversas

junturas. ⁽⁸⁰⁾ Num rio habitado pelo contrário, a umas trinta milhas de Piratininga, há muitas conchas em que se criam umas pedrinhas transparentes, que querem sejam pérolas, do tamanho do grão de bico e muitas ainda maiores. Isto o que tinha a dizer das árvores, plantas e pedras.

Quanto ao que costuma atemorizar os índios, os espectros noturnos ou antes demônios, o direi em poucas palavras. É conhecido e anda na boca de todos, haver uns demônios que os brasis chamam *curupira*, que muitas vezes no mato acometem os índios e os ferem com açoites, atormentam e matam. ⁽⁸¹⁾ Disto são testemunhas os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por elas. Por isso, os índios, num caminho, que por matos ásperos e montes íngremes vai para o sertão, ao passar no cimo do monte mais alto, costumam deixar penas de aves, abanos, flechas e outros objetos semelhantes, rogando-lhes muito que lhes não faça mal. Há outros nos rios, que dizem *igpupiára*, ⁽⁸²⁾ isto é, “moradores da água”, que do mesmo modo matam os índios. Num rio, que fica perto de nós, antes de para lá irem os cristão, afogavam muitas vezes os índios ao atravessarem-no em pequenas canoas, que fazem de um só pau ou casca. Há outros, sobretudo nas praias junto ao mar e dos rios, que se chamam *baêtatá*, isto é “coisa de fogo”, que é o mesmo que dizer “coisa que toda é fogo”. Aparece de noite e nada mais é que uma faúlha de fogo a correr com velocidade dum lugar para outro. Ataca os índios e os mata como a *curupira*. O que isto seja ainda não consta. ⁽⁸³⁾

Deste modo há outros fantasmas, que não só apavoram os índios, mas também lhes fazem mal. Nem admira que, com este e outros semelhantes, que seria longo relatar, queira o demônio tornar-se temido destes brasis, que ignoram a Deus e exercer contra eles crudelíssima tirania. Por fim direi que entre estes brasis quase não se encontra nenhuma deformidade natural, e só raramente um cego, um surdo, um aleijado ou coxo, nenhum nascido monstro. Todavia não há muito que numa aldeia de índios, a uma ou duas milhas de Piratininga, nasceu uma menina ou antes monstro, que tinha o nariz pegado como queixo e por baixo a boca, o peito e as costas semelhantes às do lagarto do rio, ⁽⁸⁴⁾ cobertas de horrendas escamas e o sexo quase nos rins; a qual o pai apenas ela nasceu fez enterrar viva. E dão a mesma morte aos que suspeitam terem sido concebidos em adultério. Talvez não seja menos de admirar que há pouco nascesse em Piratininga um porco hermafrodita, que segundo creio ainda vive.

Isto, com a brevidade que pude. Embora eu não duvide que haverá outras coisas dignas de menção, que para nós, ainda pouco experientes, são desconhecidas. Entretanto, pedimos aos que acharem gosto em ler ou ouvir estas coisas que queiram ter o trabalho de rezar por nós e pela conversão deste país.

Escrita em S. Vicente (que na Índia Brásílica é a derradeira povoação dos portugueses, da parte do Sul), no ano do Senhor de 1560, no fim do mês de maio.

O último da Companhia de Jesus, José.



Mapa mostra o litoral paulista e a região do planalto. Segundo relatos de Anchieta, o trajeto entre São Vicente e Vila de São Paulo de Piratininga era muito precário.

⁽¹⁾ Carta de Diogo Laínes, renovando a recomendação sobre informes peculiares a respeito da ecologia das áreas geográficas, por onde se estendera o labor missionário dos jesuítas no mundo.

⁽²⁾ Desde 1553, pela instrução de Santo Ignácio de Loyola, transmitida pelo secretário João de Polanco (MB, I, 520), sabia Anchieta do interesse despertado na Europa pelas notícias, vinda das regiões missioneiras.

⁽³⁾ Quadrimestre de maio a setembro (MB, II, §§ 22-23, 96-97, 113-114). Breve aceno à situação geográfica de São Vicente e costumes de seus habitantes.

⁽⁴⁾ A tradução "nordeste" da palavra *caurus* ou *corus* em latim, não corresponde ao sentido original (vento "noroeste", ou "sudoeste"), mas sim ao fenômeno de ordem natural, tal como se verifica em São Vicente. Daí a tradução brasileira, admitida por Serafim Leite.

⁽⁵⁾ Mt., 14,22.

⁽⁶⁾ Piratininga está a trinta milhas de São Vicente, nos diz Anchieta. Essa milha anchietana, encontrada em outros seus textos latinos, corresponde a 1.000 braças, ou 2.200 metros. Cada três milhas, uma légua. As trinta milhas equivalem a 10 léguas, ou 66.000 metros. A distância de fato, entre São Paulo e São Vicente, é algo maior (Viotti).

⁽⁷⁾ Suprimidos dez dias pela reforma gregoriana do calendário (de 4 para 15 de outubro de 1582), passaram os solstícios (13 de dezembro, dia mais comprido; dia 11 de junho, mais curto) para 22 de dezembro e 22 de junho.

⁽⁸⁾ O iguaraguá, ou "peixe-boi", existe na costa atlântica brasileira é o *Trichechus manatus* Lin. Uma espécie vizinha se encontra na Amazônia (*Manatus inunguis* Natterer) (Nota de Olivério Mário).

⁽⁹⁾ Referência à carta perdida, de fim de maio de 1558, novamente mencionada na carta de 1º de junho de 1560, § 1 (sequinte, n. XI).

⁽¹⁰⁾ Saíram, sob a direção de Leonardo Nunes, em outubro de 1553, da Bahia (além de uns dez meninos), cinco jesuítas, Padres Vicente Rodrigues e Brás Lourenço e Irmãos Anchieta, Antônio Blasques e Simão Gonçalves. Em Porto Seguro ficou Blasques, em lugar de Gregório Serrão. E ali tomaram os cinco outro navio, de São Vicente, enquanto o Padre Nunes prosseguiu no mesmo navio, do Ouvidor Pêro Borges, chegando incólume a Vitória. Atrasou-se o navio de São Vicente e foi colhido pela tempestade aqui relatada. Todos se reuniram depois em Vitória. Na nota de S. Leite (MB, III, 209) trocam-se os navios: no de São Vicente viaja Leonardo Nunes; no de Pêro Borges vão os demais, e este acaba açoitado pela tempestade.

Bastará ler a carta de Brás Lourenço, para comprovar o engano (MB., II, 43, ou Anchieta, o Apóstolo do Brasil, São Paulo, 1966, 40-44).

⁽¹¹⁾ Baixios do Arquipélago dos Abrolhos, à altura do sul da Bahia.

⁽¹²⁾ Apresentação de Nossa Senhora, festa a 21 de novembro.

⁽¹³⁾ Porto de Caravelas. V. supracitada Carta de Brás Lourenço.

⁽¹⁴⁾ Alusão à passagem do Evangelho de São João, XXI, 11.

⁽¹⁵⁾ Piraiquê, “entrada dos peixes”, que da água salgada procuram a água rasa dos esteiros, a fazer sua desova. A palavra passou a designar os lugares que, tapados em seguida com esteiras, facilitavam a pesca em grande escala de tainhas, curimãs e outras espécies, depois de embebedados com o timbó: Piraiquê ou Perequê. V. na Relação de Jácome Monteiro (HCJB, VIII, 399) a descrição do piraiquê “real” de Magê.

⁽¹⁶⁾ Timbó. Além do timbó (*Paulinia pinnata* Lin.), é usado também certo cipó cujo sumo forma o tingui. Na Capitania de São Vicente, o comum seria o guaraná timbó (*Dahlstedtia pinnata* Benth), ou a suinã (*Erythrina speciosa* Andr.), ambas papilionáceas.

⁽¹⁷⁾ Sobre a sucuriuba, fala Anchieta, evidentemente, por ouvir dizer.

⁽¹⁸⁾ A sucuri ou sucuriuba (*Eunectes murinus* Lin.) nome que assume polimórficas variações, é conhecida também como giboiçu, boiuna etc. Ao contrário do que aqui se diz, embora não tenha presas, tem ao todo 102 dentes. Sua longa digestão é que teria dado origem à lenda desse apodrecimento e recuperação, que Mestre Afrânio do Amaral julga ser impossível.

⁽¹⁹⁾ Réptil da família dos crocodilos, um emidosáurio, representado no Brasil pelos gêneros caimão e jacaretinga. Da Bahia para o sul, o comum é o jacaré “de papo amarelo” (Rodolfo Garcia, em nota a Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925, 143).

⁽²⁰⁾ A observação de Anchieta não corresponde à realidade. A capivara é roedor da família dos cavídeos (*Hydrochorus hydrochorus* Lin.). Trata-se de um herbívoro (que é o sentido exato da palavra indígena), cujo aparelho dentário se assemelha ao dos roedores em geral (O. Mário).

⁽²¹⁾ Aqui se focaliza a Lontra paranensis Rengger, do sul do Brasil, e não a ariranha (*Pteronura brasiliensis* Zimm.) da região amazônica (O. Mário).

⁽²²⁾ Refere-se aqui, provavelmente ao “rato do banhado” (*Myocastor coypus*), chamado impropriamente de lontra, mas que à diferença da lontra (carnívora), é apenas um roedor (O. Mário).

⁽²³⁾ A aproximação filológica entre caranguejo e câncer (da pele, no caso, e que representa variedade de outras enfermidades - O. Mário) tem seu fundamento na nomenclatura clássica. Moléstias da pele há perfeitamente curáveis, o que até agora, infelizmente, não se aplica ao câncer.

⁽²⁴⁾ Não soube o copista reproduzir aqui a palavra indígena. Uruguáporé seria essa palavra.

⁽²⁵⁾ *Bothrops jararaca* Wied; *B. atrox* Lin., *B. Neuwiedii* Wagl.; da família dos crotalídeos (Alcântara Machado).

⁽²⁶⁾ Comumente conhecida como cascavel (*Crotalus terrificus* Laur. da família dos crotalídeos. A boi-cininga, “cobra de chocalho”, não

serpeia aos saltos, por ter pouca força muscular (A. do Amaral).

⁽²⁷⁾ Vulgarmente “cobra coral” (*Micrurus leniscatus* Lin.); (*Elaps Marcgravi* Wied) da família dos colubrídeos. Chamada Ibibiboca, por ter o hábito de furar a terra e ali se alimentar de vermes e larvas (A. do Amaral).

⁽²⁸⁾ Cutiara ou “cobra pintada” (*Bothrops cotiara* Gomes) da família dos crotalídeos (A. do Amaral).

⁽²⁹⁾ Boipeba (*Xenodon merrerii* Wagl.) é a cobra chata, da família dos colubrídeos.

⁽³⁰⁾ Povoação de portugueses, entre São Vicente e Piratininga, até 1560, só poderia ser Santo André. Nesse ano, exatamente, se abria o novo “caminho do Padre José”, e se extinguia a Vila de Santo André, por ordem de Mem de Sá.

⁽³¹⁾ Alusão às passagens evangélicas de Lc., 10,19 e Mc., 16,18.

⁽³²⁾ A descrição corresponde aos escorpiões, cujos tentáculos dianteiros se tomariam como duas cabeças (A. do Amaral).

⁽³³⁾ “Cor de pez”: o termo latino é picei, e não picti, como leu Diogo de Lara Ordonhes (S. Leite).

⁽³⁴⁾ Aranhas “caranguejeiras” (A. Machado). As maiores, aqui focalizadas pertencem ao gênero *Grammostola* (14 espécies) e *Lasiadora* (18 espécies) (Vital Brasil e J. Vellard).

⁽³⁵⁾ “A família dos pampilídios (ordem dos himenópteros, super-família vespoídea) pertencem os mais notáveis caçadores de aranhas do Brasil”. Na luta nem sempre o vencedor é o vespão. Quem se alimenta da aranha é a sua larva (Pio Lourenço Corrêa).

⁽³⁶⁾ Vulgarmente taturana, originalmente tatá-rana, “semelhante a fogo” (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 321).

⁽³⁷⁾ “Lagarta socaúna, como declara Soares de Sousa, descrevendo seus efeitos” (*Tratado descritivo*, 315-316) (S. Leite).

⁽³⁸⁾ *Sassuarana*, ou onça parda (*Felis concolor* Lin.). O *Felis* (*Puma*) *concolor* Lin.) seria o “Leão” americano, de que abaixo fala Anchieta (Viotti).

⁽³⁹⁾ Jaguar, canguçu, vulgarmente “onça pintada” (*Felis onça* Lin.) (Melo Leitão, *Zoogeografia do Brasil*, 254).

⁽⁴⁰⁾ Quatro são as espécies de tamanduá existentes no Brasil. Aqui se trata do “tamanduá bandeira” (*Myrmecophaga tridactyla* Lin.).

⁽⁴¹⁾ Embora comestível, não o comiam os índios, por ser animal que combate imóvel e crerem os naturais que, através da alimentação, se adquirem as propriedades do alimento (J. Monteiro, *Relação*, HCJB, VIII, 419). Péssima a sua carne, declara A. Machado.

⁽⁴²⁾ Tapir ou anta (*Tapirus americanus* Briss.). Ao boi chamavam os tupis-guaranis tapiruçu, já que na fauna brasileira não possuíam nada maior que o tapir, ou tapiretô (o “verdadeiro”). Cf. Cardim. *Tratados*, 37 e 111. (Cit. de R Garcia).

⁽⁴³⁾ Alce ou Alces, is (f.) era o designativo de um animal, encontradão na Floresta Hircânia (hoje reconhecido como *Cervus Alces* Lin.), mal conhecido pelos romanos e, por isso, variamente descrito por eles. Mencionado não apenas por César, mas também por Plínio, Solino e seu comentarista Salmásio. *Est et alces mulis comparanda*, diz este último. Pela descrição feita por estes últimos

(mocho, orelhas menores que as mulas, lábio superior semelhante aos proboscídeos...), vê-se que Anchieta, exímio conhecedor da literatura latina, teve razão em aduzir, neste lugar, esse nome latino. Cf. *Lexicon totius latinitatis* de Forcellini, ed. De J. Furlanetto Pádua, 1827 (Viotti).

⁽⁴⁴⁾ Do couro da anta faziam os índios os seus escudos, que as flechas, disparadas com furor, não conseguiam traspasar. Cf. Cardim, *Tratados*, 39 e Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 224. Caçavam-na para comer, pois a carne é excelente.

⁽⁴⁵⁾ Das quatro espécies de “preguiça” (gênero *Cecropia* Lin.), Anchieta conheceu as que vivem no sul do país (*Bradypus trydactylus* Lin. e *Bradypus torquatus* Illg.). O nome aig seria o onomatopáico do grito desse animal.

⁽⁴⁶⁾ Gambá, eis o seu nome usual. *Marsupial* (*Didelphis aurita* Lin.) (T. Sampaio, cit. Por A. Machado).

⁽⁴⁷⁾ “Ouriço cacheiro”, ou “porco espinho”. É o *Cuandocoim* descrito por J. Monteiro (HCJB, *Relação*, 420). Há nove espécies desses coendídeos (*Coendu villosus* Lich.), entre elas o *cuanduguaçu* e *cuandumirim* (S. Leite e A. Machado).

⁽⁴⁸⁾ Das cento e cinqüenta espécies de símios brasileiros, a maioria vive no norte do país. Deles se trata mais de uma vez na biografia de Anchieta. Cf. Cardim, *Tratados*, 41-43; G. Soares, *Tratado descritivo*, 297-299; J. Monteiro, HCJB, VIII, *Relação*, 421 (S. Leite). Carne apreciadíssima até hoje pelos índios.

⁽⁴⁹⁾ Desdentado da família dos *dasipodídeos*. O nome tupi alude exatamente ao casco grosso (T. Sampaio). Dezesesseis as espécies existentes. Carne excelente.

⁽⁵⁰⁾ Mais de quinze espécies registradas só no Estado de São Paulo. As duas citadas por Anchieta seriam o “veado galheiro”, ou *suassupara*. (Cf. relação do J. Monteiro, HCJB, VIII, 416) e o “veado pardo”, ou *suassupitanga* (Op. Cit. 416). Cita ainda abaixo os gamos, “veado branco”, *suassutinga* (Op. Cit., 416-417) (S. Leite).

⁽⁵¹⁾ Vários são os pequenos felídeos, avultando entre eles a jaguatirica, ou macarájá (*Felis pardalis* Lin.). (Cf. Cardim, *Tratados*, 43 e G. Soares, *Tratado descritivo*, 227.

⁽⁵²⁾ *Catetes* ou *caitetus* e “queixadas”, estas maiores. “Porcos do mato” é o nome genérico em português. *Taiiaçu*, na língua tupi. *Ungulados da família dos suídeos*. *Caetetu* (*Taiiaçu tajaçu* Lin.). *Queixada* (*dycotiles Pecari* Lin.). *Taiiaçutirica*, apud, Cardim e G. Soares.

⁽⁵³⁾ “Nova Espanha” chama aqui Anchieta a toda a América espanhola; determinadamente ao Peru. A denominação, contudo, seria privativa do México e regiões adjacentes. A lhama, a alpaca, a vicunha são as “ovelhas montesas” de que trata Anchieta. A lhama (*Camelus glama* Lin.) se conhecia no Brasil, através do relato de viajantes, sobretudo no caso de Antônio Rodrigues que é o irmão aqui citado por Anchieta (MB., I, 468-481; II, 116-117).

⁽⁵⁴⁾ “Bichos de taquara” são “formas imaturas da mariposa *Pyralidae-myolobia amerintha* (A. Machado). Alimento (substituto da manteiga entre colonos) e soporífero alucinógeno, em certos casos, usado pelos índios. Inexata a observação de Anchieta aqui consignada.

⁽⁵⁵⁾ Ver nota n. 11 da Carta n. 4.

⁽⁵⁶⁾ Esses pássaros seriam os *Suiriris* (G. Soares, *Tratado descritivo*, 275), vulgarmente *bem-te-vis* (T. Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 309). Poderiam ser ainda vários outros do gênero *Erioridae*, que se alimentam de insetos.

⁽⁵⁷⁾ Na família dos *apídeos* é às do gênero *Melipona* (mais de sessenta no Brasil), que se refere Anchieta (O. Mário).

⁽⁵⁸⁾ *Dípteros*, de que no Brasil existem numerosos gêneros e inúmeras espécies: *Culicídeos*, (transmissores alguns de moléstias, como hoje se sabe). O mais conhecido é o *pernilongo* (assim chamado no sul do país) e que, no nordeste recebe nome de *muriçoca* e, na Amazônia, *carapanã* (O. Mário).

⁽⁵⁹⁾ *Dípteros* *quironomídeos*, a que se aplica o nome genérico de *marigui* ou *maruim*. Do gênero *culicíde*. É o “mosquito-pólvoa” o mais comum (O. Mário).

⁽⁶⁰⁾ Da numerosíssima família dos *psitacídeos*, possui o Brasil uma oitava parte (Miranda Ribeiro). À época, deveriam ser ainda muito numerosos nas cercanias de São Paulo, onde igualmente não faltariam os *milharais*!

⁽⁶¹⁾ A *ema*, “*avestruz americano*” (*Rhea americana* Lin.), recebia dos tupis o nome de *nhandu*, ou *nhanduguaçu*. Não voa, mas “corre com estrépito”, que é o sentido de seu nome indígena (T. Sampaio).

⁽⁶²⁾ O *colibri*, ou *beija-flor*, era assim apelidado pelos índios no século XVI: *Guainumbi*, nome hoje desaparecido. São variadíssimas as espécies da família dos *troquilídeos* (A. Machado).

⁽⁶³⁾ Alimentam-se de insetos, não desprezando o mel das flores. Com este, de mistura, absorveriam alguma gota de orvalho... Só de orvalho é que não poderiam subsistir.

⁽⁶⁴⁾ Acompanhou aqui Anchieta mais uma lenda indígena. Esvoaçando juntos a *Macroglossa annulata* (das maiores borboletas) e o *Lophornis Gouldii* (dos menores *beija-flores*), ao redor das mesmas corolas, podem ser facilmente confundidos, pondera Wappaeus.

⁽⁶⁵⁾ Uma das aves brasileiras, que comparece, na biografia maravilhosa de Anchieta. Da família dos *ibibídeos* (*Eudocimus ruber* Lin.) *Guirá*, “pássaro”, se teria transliterado em *guará* (T. Sampaio) *Daí*, *Guaratinga*, que é o pássaro branco, conhecido como *garça*.

⁽⁶⁶⁾ “*Mergulhão*” na onomástica popular. Sob esse nome, várias são as aves *mergulhadoras*, de classificação diferente. Aqui se trata, provavelmente, da *Podilymbus podipes* Lin. (O. Mário).

⁽⁶⁷⁾ “*Gavião real*”, ou “*gavião de penacho*” (*Thrasaetus harpya* Lin.) A observação de ordem biológica é devida, sem dúvida, a uma outra crendice dos nossos *silvícolas* (O. Mário).

⁽⁶⁸⁾ *Anhima* ou *anhuma* (*Anhima cornuta* Lin.), da família dos *palamedídeos*. Dois esporões apenas, e não três, em cada asa (Lara Ordonhes).

⁽⁶⁹⁾ Dentro desse mesmo apelativo de “*galinhas do mato*” estariam compreendidas, além das *perdizes*, as *codornas*, *inambus*, *jaós* e *macucos* (aves *tinamiformes*), e ainda os *urus*, *jacus*, *jacutingas*, *mutuns* (aves *galiformes*) (O. Mário).

⁽⁷⁰⁾ “O principal mantimento da terra era a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz, *euphorbiaceae*), que fornecia “farinha de pau” e o “cauí”, a bebida inebriante dos índios”. Dela tratam Anchieta e Cardim em vários escritos (do primeiro, v. a *Informação do Brasil*, C. Jes., III, 320) e os autores em geral, que tratam do Brasil no século XVI. A mais cultivada hoje no sul do país é o aipim, não venenoso, (*Manihot dulcis* Gmel Pax) (Dom Bento José Pickel, O.S.B., “As primeiras plantas brasileiras, citadas e descritas pelo Padre José de Anchieta”. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, CLXXI, Ano XXIX, 33-64, com separata).

⁽⁷¹⁾ Jacatupé (*Pachyrhizus bulbosus* (L.) Britt., *papilionaceae*), que Anchieta grafa como Yeticopé. Cultivado atualmente em pequena escala, para fins culinários. Ótima forragem para o gado (Pickel, *Op. Cit.*, 4041).

⁽⁷²⁾ “Sensitiva” (*Mimosa pudica* Lin.), ou também “dormideira”.

⁽⁷³⁾ Copaíba. Das várias espécies, a que se focaliza deve ser a *Copaifera officinalis* Lin. Crê Dom Bento Pickel que Anchieta lhe tenha associado ainda outra árvore oleífera, já que o óleo de copaíba “não tem cheiro” (Pickel, *Op. Cit.*, 55).

⁽⁷⁴⁾ Mangue. Perfeita a descrição do emaranhado de raízes-escoras da *Rhizophora mangle* Lin., *rhizophoraceae* (Pickel, *Op. Cit.*, 58).

⁽⁷⁵⁾ A Sapucaia (*lecythes pisonis* Camb. Ex St. Hil., *lecythidaceae*) chamou muito bem a atenção de Anchieta, desde sua primeira passagem pelo Espírito Santo, em 1553 (Pickel, 58).

⁽⁷⁶⁾ “Pinho do Paraná”, por se encontrar em maior abundância nesse Estado. “Pinheiro” do sul do Brasil, simplesmente. O ibá (aplicado por antonomásia ao pinhão), alimento dos mais substanciosos, era disputado pelos índios e abasteceu a muitas das bandeiras paulistas, em suas entradas pelo sertão.

⁽⁷⁷⁾ Seria a “gameleira”, ou “gameleira branca de purga” (*Ficus doliaria* Mart., *moraceae*) e não a obirá paramaçari de Gandavo (*Allamanda blanchetti* A. DC, *apocynaceae*), que não passa de um arbusto e aparenta um cipó, ao passo que Anchieta menciona uma árvore (Pickel, 51-52).

⁽⁷⁸⁾ “Bareriçó do campo”, utilizado pelos nossos caipiras. Recebe ainda os nomes de “batata de purga”, “ruibarbo do brejo” “capim-rei” (*Trimezis juncifolia cathartica* (Mart.) Bth; *fluminensis* (Freire Alemão) e *Alophia linearis* (Klatt)). O bareriçó ou antes marereçó é comparado ao ruibarbo.

⁽⁷⁹⁾ Poaia, ou ipecuanha (*Cephalis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich., *rubiacaceae*) é tida como verdadeira panacéia. Cresce em todo o Brasil (Pickel, 53).

⁽⁸⁰⁾ A “pedra flexível”, estudada por A. P. Viegas, é realmente um cogumelo. Denominado saporema, apresenta-se como um bloco de pedra, não passa, todavia, de massa de micélio de fungo (*Polyporus saporema* Moeller, *polyporaceae*), misturada com argila ou areia proveniente do terreno onde cresce. Esse escleródio é órgão de reserva do cogumelo. Sua consistência pode inutilizar uma serra... (Pickel, *Op. Cit.*,

⁽⁸¹⁾ Gênio da mitologia selvagem, protetor da floresta e da fauna. “Diabo do mato”, no dizer de S. Leite, “malfazejo ao homem e ainda hoje temido pelos caboclos e índios de língua geral”, na Amazônia. V. Métraux, *La religion des Tupinamba*, 64-66.

⁽⁸²⁾ Ipupiara (Anchieta e Cardim), ou hipupiara (Gandavo). Deste, a narração de como se matou em São Vicente, ano de 1564, tal “monstro marinho”. Seria antes um “leão marinho”, de tamanho excepcional. *História da Província de Santa Cruz*, 123.

⁽⁸³⁾ Bae-tatá é o fogo-fátuo, tomado como gênio maléfico pelos índios.

⁽⁸⁴⁾ “Lagarto do rio”, isto é o jacaré (V. *supra*, § 3).



AFresco do Palácio Anchieta, em Vitória (ES), mostra a representação da Igreja Nossa Senhora da Assunção, erguida pelos missionários jesuítas com a ajuda dos índios locais.

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma

São Vicente, 1º de junho de 1560

*Jesus, Maria
Pax Christi nobiscum!*

No ano de 1558, no fim do mês de maio, escrevi,⁽¹⁾ Reverendo em Cristo Padre, o que se passava, assim a nosso respeito, como da conversão e doutrina dos índios. De então até agora nunca achamos ocasião para poder escrever, porque nem aportou cá, nem daqui partiu navio algum. E por isto mais é para compadecer-se de nós, que para agastar-se, que tanto tempo carecemos das cartas de nossos irmãos, e vimos a tamanha falta, que até para dizer missa, nos falte vinho por alguns dias.

Darei agora conta do que depois sucedeu, e primeiramente que recebemos grande alegria com as cartas, que agora recebemos, máxime com as de V. Paternidade, nas quais se mostrava o paternal amor e singular cuidado, que tem de nós. Porque, além de V. Paternidade nunca cessar de nos oferecer à Divina Majestade em suas orações, ordenou que todos os nossos irmãos nos encomendem particularmente a Nosso Senhor,⁽²⁾ do que, está claro, nos há de vir muita ajuda e proveito. Porque, como era possível que pudéssemos sofrer tanto tempo e com tanta alegria tamanha dureza de coração dos brasís que ensinamos, ouvidos tão cerrados à palavra divina, tão fácil renúncia aos bons costumes, se é que alguns não aprendido, recaída tão rápida nos costumes e pecados de seus antepassados e finalmente tão pouco ou nenhum cuidado de sua própria salvação, se as contínuas orações da Companhia não nos desse mui grande ajuda?

Há tão poucas coisas dignas de se escreverem, que não sei o que escreva, porque se espera V. Paternidade que haja muitos dos brasís convertidos, enganar-se-á sua esperança. Porque os adultos, aos quais o mau costume de seus pais quase se converteu em natureza, cerram os ouvidos para não ouvir a palavra de salvação e converter-se ao verdadeiro culto de Deus. Com estes, se bem que continuamente trabalhamos para os atrair à fé, todavia, quando caem em alguma enfermidade, de que parece morrerão, procuramos

de os mover a que queiram receber o batismo, porque então comumente estão mais aparelhados. Mas quantos são os que conheçam ou queiram receber tão grande benefício? Darei dois ou três exemplos, com que isto se possa entender.

Adoeceu um dos catecúmenos numa aldeia não longe de Piratininga. Fomos lá para lhe dar algum remédio, principalmente para sua alma. Dissemos-lhe que olhasse por sua alma, e deixando os costumes passados, se preparasse para o batismo. Respondeu ele que o deixássemos sarar primeiro, e esta era a única resposta, que nos dava a tudo o que lhe dizíamos. Nós lhe declarávamos brevemente os artigos da fé e os mandamentos de Deus, que muitas vezes de nós havia ouvido, ao que respondia ele como agastado, que já tinha as orelhas tapadas e não ouvia o que lhe dizíamos. E contudo a outras coisas fora deste propósito respondia tão prontamente, que bem parecia não ter cerradas as orelhas do corpo, senão as do coração.

Adoeceu outro noutra lugar, a quem, como muitas vezes admoestássemos a mesma coisa, diferiu-o ele pensando que iria sarar, mas crescendo cada dia mais a enfermidade visitei-o eu, indo a outra parte, quando já estava in extremis. Comecei com palavras a agradá-lo e exortá-lo ao batismo. Ele muito indignado, com a voz que lhe restava, gritava que não o molestasse, que estava são. Trabalhei contudo por todas as vias (o que já alguns irmãos em vão haviam tentado) de ganhá-lo ao Senhor. E esforçando-me nisto com muitas palavras, parecia que já dava consentimento, ao qual disse: pois que assim é, batizar-te-ei e alcançarás a eterna salvação. Ele não somente não consentiu, mas antes, cobrindo o rosto, me afastou de si, sem responder mais palavra alguma. E noutra dia, permanecendo na sua obstinação, morreu.

Que direi de outro, que tornando da guerra com duas flechadas e quase para morrer, o curamos com toda a diligência, o que costumamos fazer a todos, até que cobrou saúde? Aquele,

porém, que com a dor das feridas, prometia receber o batismo e viver bem, conforme os mandamentos de Deus, cessando ela, não menos voltou aos costumes antigos, que se nenhum mal houvera padecido. Deixo outros, que agem da mesma forma, para os quais seria mister longa oração, que nenhum cuidado tem das coisas futuras, para que não deem nossas cartas a V. Paternidade mais ocasião de dor, que de alegria.

Venho àqueles, que o piedoso Senhor, de tão inumerável multidão sujeita ao jugo do demônio, não deixa de trazer à sua Igreja e revestir de glória imortal nos céus. E silenciando quanto aos inocentes, dos quais morrem muitos batizados e vão a gozar da eterna vida, nos mesmos adultos há muita ocasião de louvar ao Senhor e receber grande consolo.

A um já cristão e casado legitimamente, que havia muito tempo estava enfermo, fomos a visitar a um lugar cinco milhas de Piratininga. ⁽³⁾ Consolou-se ele muito e confessou-se com muita dor e contrição. Tornados nós para casa, chegou lá um feiticeiro do sertão. O doente, assim por leviandade de coração, como pelo desejo de saúde, deixou-se esfregar dele e chupar, segundo o rito dos gentios, mas como não visse nenhum sinal da saúde que esperava, arrependido com grande dor se veio a nós a confessar seu pecado e estar junto da igreja, onde com frequentes confissões pudesse limpar sua alma dos pecados. Curamo-lo, e daí a alguns dias, achando-se melhor regressou para sua casa, onde caiu numa enfermidade incurável, com a qual se fez transportar a Piratininga, para aí acabar de expirar. Os dias, que aí viveu, não os gastou ociosamente, mas antes, confortado com assíduas confissões e admoestações salutares dos irmãos, se aparelhava para passar o resto da vida. Chegando, pois, o termo da existência, mandou chamar os irmãos. E, vindo um sacerdote, com um intérprete, lhes disse ele: "Sentai-vos um pouco, e enquanto me dura uso da razão procurarei o que pertence à saúde de minha alma. Encomendai-me a Deus, quando houver falecido e enterrai-me na igreja. Minha mulher e filhos morem aqui, para aprenderem as coisas da fé e bons costumes". E dizendo estas e outras muitas coisas semelhantes, de arraigada, demos mais atenção à salvação de sua alma e a incitávamos com muita devoção, daí a pouco se partiu desta vida para a eterna, segundo cremos.

Uma catecúmena, que havia dois anos que estava enferma de febres, fez-se transportar a Piratininga por seus parentes, para que a curássemos. Aplicamos-lhe os remédios possíveis, mas como quer que a febre estava já posto e achamo-la já in extremis, e dando-lhe de comer, admoestamo-la a que se preparasse para o batismo. Respondeu ela que estava preparada e que o desejava muito. Logo nessa hora a trouxemos a Piratininga ao desejo da vida eterna, o que ela abraçando com todo o afeto do coração desejava, e pedia muito o batismo. Daí a alguns dias, se foi a uma aldeia vizinha, para que aí uma sua irmã tivesse cuidado dela. Alí a visitamos muitas vezes, ⁽⁴⁾ e perseverando no mesmo bom propósito de seu coração, depois de uma grave doença esteve quase meio dia fora de si, e tornando em si mais tarde, como se despertada

de algum sonho, mandou logo uns rapazes que nos chamassem. Fomos lá sem demora, sendo já o sol noite, por mais que um seu irmão e outro, que a haviam de transportar, diziam que se diferisse para o dia seguinte. Instruímo-la mais completamente na fé, o que já outras muitas vezes havíamos feito e a batizamos. Logo parece que o rosto se lhe mudou e se tornou mais alegre. E a que antes, pelas angústias do sofrimento, era afligida sem nenhum sossego, começou logo a repousar, e daí a duas ou três horas se passou à vida.

Não após muitos dias, duas de suas irmãs caíram numa grave enfermidade. A uma delas, que morava em Piratininga, já cristã e casada, sangrei duas vezes e se achou melhor. A outra, que ainda era catecúmena e morava em outro lugar, bem como instruída nas coisas da fé, e que em bondade natural parecia exceder todas as outras, adoecendo de febre, não mais no-lo fez saber, até que passaram quatro ou cinco dias. Fomos a visitá-la, sangramo-la e juntamente a instruímos. E depois da sangria achou-se melhor. Depois de alguns dias, estando muito agravada da doença, mandou-me chamar, ⁽⁵⁾ para que a tornasse a sangrar. Fui eu bem depressa, mas quando cheguei já não tinha os sentidos, nem sinal algum de vida. Todo o corpo estava frio de maneira que parecia morta, mas como lhe deitasse água na cara, começou a mover os olhos e, enfim, tornando a si, lhe perguntei se queria que a batizasse. Mas por que não o queria quem toda sua vida nenhuma outra coisa mais desejara? Assim a batizei e viveu ainda duas horas, invocando o santíssimo nome de Jesus e confessando a verdadeira fé, até que deu o espírito a seu Criador, para haver de receber o prêmio eterno. Depois de alguns meses a seguiu a outra sua irmã, que acima disse que sarou, mui firme na fé e confessada muitas vezes.

Um só exemplo contarei ainda, por me não deter em cada coisa particular, que não será causa de menor alegria. Faleceu há pouco uma velha, que havia sido manceba de um português quase quarenta anos e havia gerado muitos filhos. Esta, como nossos irmãos, houvera nove anos, a admoestassem que olhasse por si e não quisesse ir-se ao inferno por aquele pecado, logo arrependida e conhecendo a maldade em que havia vivido, aborreceu o pecado e, perseverando em castidade, trabalhava de purgar seus pecados com muitas esmolas, que nos fazia. ⁽⁶⁾ Agora, ferida de uma longa e incurável enfermidade, foi-se a Piratininga onde, feita uma casa por seus filhos e escravos, entendia somente em coisas relativas à salvação de sua alma. Confessava-se e comungava muitas vezes e, dando-nos muitas esmolas, aparelhava eternos tabernáculos no céu. Visitavam-na muitas vezes os irmãos e confortavam-na como divinas palavras, principalmente quando, já no fim, tendo corruptos os órgãos secretos (esta era sua enfermidade, que é muito comum nestas mulheres do Brasil, ainda nas virgens), exalava de si tão mau cheiro, que os mesmos seus a desamparavam. Mas o Pe. Afonso Brás e o Ir. Gaspar Lourenço, intérprete, dando maior atenção ao olor, que daí a pouco sua alma havia de dar, venciam o fedor que



Visão de Anchieta: tela em exposição na cripta do Pateo do Collegio mostra Anchieta profetizando o nascimento de São Paulo.

aos outros era intolerável, e estavam toda a noite sem dormir, animando-a com divinas palavras, nas quais ela muito se deleitava, até que expirou com ditoso fim, como é de crer. ⁽⁷⁾

De outros muitos poderia contar, maxime escravos, dos quais uns morrem batizados de pouco, outros que já há dias que o foram, feita sua confissão se vão para o Senhor. Pelo que, quase sem cessar, andamos visitando várias povoações, assim de índios, como de portugueses, sem fazer caso de calmas, chuvas e grandes enchentes de rios, e muitas vezes de noite por bosques muito escuros socorremos aos enfermos, não sem grande trabalho, seja pela aspereza dos caminhos, como pela incomodidade do tempo, maxime sendo tantas estas povoações e tão distantes umas de outras, que nem nós bastamos acudir a tão variadas necessidades, como ocorrem, nem, ainda que fôssemos muitos mais, poderíamos bastar. A isto se ajunta que nós, que socorremos as necessidades dos outros, muitas vezes estamos mal dispostos e, fatigados de sofrimentos, desfalecemos pelo caminho, de maneira que apenas o conseguimos levar a cabo. Deste modo não menos necessidade de ajuda parece terem os médicos, que os enfermos. Mas nada é árduo aos que têm por fim somente a glória de Deus e a salvação das almas, pelas quais não duvidarão dar a vida.

Muitas vezes nos levantamos do sono, ora para os doentes e moribundos, ora para as mulheres de parto, nas quais colocamos as relíquias dos santos ao pescoço, e logo parem. Não ignorando elas isso, mal começam a sentir as dores, logo as mandam pedir, havendo antes confessado.

No meio destas coisas acontece que se batizam e mandam ao céu algumas crianças, que nascem semimortas, e outras movidas, o que acontece muitas vezes, mais por malícia humana que por desastre, porque estas mulheres brasílicas abortam com muita facilidade. Ou iradas contra seus maridos ou, as que não os têm, por medo ou por outra qualquer ocasião muito leviana, matam os filhos, ou bebendo para isso algumas beberagens, ou apertando a barriga, ou tomando alguma carga excessiva e de outras muitas maneiras, que a crueldade inumana faz inventar.

Detive-me em contar os que morrem, porque fruto verdadeiro se há de julgar o que permanece até o fim. Porque dos vivos não ousarei contar nada, mesmo se o houver, que, por ser tamanha a inconstância em muitos, ninguém pode nem deve prometer deles coisa, que haja de durar. Mas bem-aventurados os mortos, que morrem no Senhor, ⁽⁸⁾ que, livres das perigosas águas deste mudável mar, abraçada a fé e

mandamentos do Senhor, são trasladados à vida, soltos das prisões da morte! ⁽⁹⁾ E assim os bem aventurados êxitos destes nos dão tanta consolação que podem mitigar a dor, que recebemos da malícia dos vivos. E contudo trabalhamos com muita diligência em doutriná-los, admoestando-os com pregações públicas e práticas particulares que perseverem no que aprenderam. Confessam-se e comungam muitos cada domingo. Veem também de outros lugares, onde estão esparzidos, a ouvir missa e a confessar-se, maxime quando querem ir à guerra. À confissão e aos mais sacramentos têm muita reverência, e tanta que muitas vezes afirmam os doentes que se lhes abrandam as dores depois da confissão.

Assim não existe dúvida, senão que neles se faria muito fruto, se estivessem juntos, onde se pudessem doutrinar, de que se tem experiência agora na Bahia, onde juntados em umas grandes aldeias, por ordem do governador, ⁽¹⁰⁾ aprendem da melhor vontade a doutrina e rudimentos da fé, e dão muito fruto, que durará enquanto houver quem os faça viver naquela sujeição e temor.

Nas festas principais, maxime quando se celebra o Nascimento e Paixão do Senhor, concorrem a Piratininga de todos os lugares vizinhos, quase todos, muitos dias antes. Estão presentes aos divinos ofícios e procissões, disciplinando-se até derramar sangue, para o que muito antes aparelham disciplinas com muita diligência. O mesmo fazem noutros tempos, quando por alguma necessidade se fazem procissões. O ofício de trevas fazemo-lo na igreja, sem canto, que concluímos tomando uma disciplina com três Miserere. Também lhes pregamos a Paixão em sua língua, não sem grande devoção e muitas lágrimas dos ouvintes, que também derramam em abundância nas confissões e comunhões.

Também se lhes ensina a rezar particularmente, e para isto lhes damos rosários, para que, dizendo muitas vezes a Ave Maria, tenham principal amor e devoção a Nossa Senhora. Estes rosários faz o irmão Diogo Jácome ⁽¹¹⁾ ao torno, mui polidos, conquanto ele nunca haja aprendido nem exercitado essa arte. Mas, constringido pela obediência e caridade, tentou esta obra nunca dantes por ele usada, e não só ele saiu mestre, mas também alguns irmãos, que gastam nisso algumas horas, maxime em fazer rosários, que distribuídos, assim aos portugueses, como aos nossos novos cristãos, não são pequenos incitamentos para a devoção.

Não deixarei de dizer, já que vem a propósito, que quase nenhuma arte existe das necessárias para o comum uso da vida, que os irmãos não saibam fazer. Fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpargatas de um fio como de cânhamo, que nós extraímos de uns cardos, ⁽¹²⁾ lançados nágua e curtidos, as quais alpargatas são muito necessárias pela aspereza das selvas, e as grandes cheias das águas, que é necessário passar muitas vezes por grande espaço até a cintura e ainda até ao peito. Barbear, curar feridas, sangrar, fazer casas e coisas de barro, e outras semelhantes coisas não se busca fora, de maneira que a ociosidade não tem lugar algum em casa.

Prosseguindo, pois, meu propósito, procedem os índios na doutrina da fé, e em lugar dos catecúmenos, que de Piratininga se foram, vêm outros de diversos lugares, querendo viver segundo a vida cristã. Fizeram casas de taipa, para o que lhes deu grande ajuda o Pe. Afonso Brás, ⁽¹³⁾ com incansável trabalho.

Observam-se em muitos, maxime nas mulheres, assim livres como escravas, mui manifestos sinais de virtude, principalmente em fugir e detestar a luxúria, que sendo comum pernície do gênero humano, nesta gente parece que teve sempre, não somente imperioso senhorio, mas até tirania muito cruel. E sendo isto verdade, é muito para espantar e digno de grande louvor quantas vitórias e triunfos alcancem dela. Sofrem as escravas que seus senhores as maltratam com bofetadas, murros e açoites por não consentir no pecado. Outras desprezam as dádivas, que lhe oferecem os mancebos desonestos. Outras, a quem pela violência lhe querem roubar sua castidade, defendem-se, não somente repugnando com a vontade, mas até com clamores, mãos e dentes fazem fugir os que as querem forçar. Uma, acometida por um e perguntada de quem era escrava, respondeu: “De Deus sou, Deus é meu Senhor, a Ele te convém falar, se queres alguma coisa de mim”. Com estas palavras, se foi vencido e confuso e contava isso a outros com grande admiração. Indo outras ao trabalho, por ordem de seu senhor, seguiu-as um moço desavergonhado. E, como quisesse violentar a uma delas, correram as outras de pressa, exortando-se a repelir aquela injúria e livrando sua companheira, enxotaram o homem a repêlões, enchendo-o de lodo e poeira, de que bem pudera ele auferir considerações sobre a fealdade e torpeza da maldade, que pretendia cometer.

Poderia juntar a estes outros muitos exemplos, que cada dia achamos, dos quais se poderia claramente ver quanto valem para muitas pessoas, pela divina bondade, as contínuas exortações dos irmãos, mas será fácil coisa conhecer por estes quanta seja a força e virtude da palavra divina, que pode fazer correr das pedras preciosos arroios de água, que alegrem a soberana cidade de Deus. ⁽¹⁴⁾

Destarte, nas coisas da doutrina se trabalha com muito esforço e cuidado, assim em Piratininga, onde, ultra da ordem comum, em que cada dia duas vezes são chamados à igreja, de noite se juntam muitos dos homens em casa, dando-se sinal para isso, para ser ensinados particularmente, - como aqui entre os portugueses, ⁽¹⁵⁾ cujas mulheres, escravos e escravas trabalham com muita diligência em aprender o que lhe convém para a salvação, confessando-se muitos e comungando todos os domingos, vindo às pregações e ofícios divinos. No qual trabalho os irmãos, que têm isso a cargo. E principalmente o P. Luís da Grã, com atividade incansável e contínua, procura a salvação das almas. Três, quatro e cinco vezes cada dia reparte o pão da doutrina aos famintos. Tão alegremente se ocupa em ensinar dois ou três, como se estivesse a igreja cheia. Põe grande cuidado em visitar os enfermos, admoestar particularmente a uns e a outros e ouvir confissões.

Nos dias passados, depois do sol posto, veio um impetuoso vendaval, com chuva e granizo, que fez tremer as casas, arrebatou os telhados e causou grande estrago nos bosques. ⁽¹⁶⁾ Mandou o padre que se juntassem os irmãos para o habitual refúgio da oração, e ele, tomando consigo ao Ir. Manoel de Chaves, intérprete, andava de casa em casa, visitando a todos, para que, se a algum houvesse acontecido algum desastre com a queda das casas, acudir-lhe com remédio corporal e espiritual. Quase todos fê-los ajuntar na igreja, que parecia lugar mais seguro, exortando-os a implorar o auxílio divino. A alguns velhos, doentes e crianças, fez trazer à [nossa] casa até o dia seguinte. Finalmente em tudo se houve tão bem, ensinado pela Divina Sabedoria, que parece que nenhuma coisa se podia ou devia fazer melhor do que se fez. Pelo que, não sem motivo, o têm todos como pai, assim os índios como os portugueses, aos quais também prega muito a miúdo, aqui e em outras povoações com grande edificação dos ouvintes.

Muitas coisas parece contei a respeito dos índios, a que ajuntarei algumas de suas guerras, nas quais, como tenham posto quase todo seu pensamento e cuidado nelas, se soi ver quanto valha com eles a virtude e doutrina da vida cristã. Nos dias passados, indo contra os inimigos, venceram um lugar e tomaram cativos a muitos, dos quais se dizia que um iria ser morto numa povoação próxima de Piratininga, com seus cantares, vinhos e festas, como é costume. Sabendo disso o P. Luís da Grã, foi lá para o proibir. Rogou aos moradores que não quisessem cometer aquela maldade. Prometeram eles que não haviam de deixar sujar sua aldeia, em que havia tantos cristãos, com derramamento de sangue inocente. Mas como depois houvesse fama, que se aparelhava tudo o necessário para a matança, tornou lá uma e outra vez, estando aquela aldeia quatro milhas de Piratininga. ⁽¹⁷⁾ E embora os que já eram batizados promettessem que não se faria, todavia seu senhor, que o cativara, infiel, que ali viera de outra parte, para ganhar aquela misérrima e torpíssima honra, e induzido pelo conselho de algumas velhas, determinou matá-lo e tomar seu nome por insígnia honorífica.

Sabendo nós ⁽¹⁸⁾ que assim estava determinado, fomo-nos lá, como que íamos a negociar outras coisas (para que não no-lo escondessem, como soem) a fim de batizá-lo e de que sua alma inocente fosse participante dos gozos eternos. Era ele uma criança inocente de dois até três anos, mui elegante e formoso, a que fizemos trazer à nossa presença e o batizamos, pesando-nos por uma parte de se haver de matar uma criança inocente e formosa com tamanha crueldade, em cuja morte tantos, ainda dos já batizados, haviam de pecar gravemente. E por outra parte alegrando-nos muito, porque logo sua inocente alma havia de ir possuir a vida eterna. Isto acabado, porque já a coisa estava segura e não havia perigo de o esconderem, começamos diante de muitos a detestar aquela maldade e notá-los de covardes e frouxos, que queriam em meninos pequenos vingar as injúrias e mortes, que recebiam e ameaçá-los com o juízo

divino e a morte, se ousassem comer ao menino já batizado. Depois de alguns dias, estado nós ausentes, o mataram, com as costumadas solenidades (mas não o comeram), estando presentes alguns dos moradores. Mas outros, que já tinham deitado mais fundas raízes na fé, foram-se a outros lugares, não querendo nem sequer manchar os olhos com tal espetáculo. É também muito para espantar e dar muitas graças a Deus, que nem estes, nem os outros dos lugares vizinhos, que já faz algum tempo de nós ouvirem, e ainda agora ouvem a palavra de Deus, não comem carne humana, não tendo eles nenhuma sujeição, nem medo dos cristãos.

Contarei ainda outro exemplo, que dará muita alegria. Pouco há cativaram outro, que levaram a um outro lugar a matar. E detendo-se uma noite em Piratininga, foram os irmãos a lhe dar combate com as armas da palavra divina, a ver se podiam tomar por força de armas aquela fortaleza, que tanto tempo havia estava ocupada por Satanás, e convertê-la ao senhorio de nosso Salvador. Logo ao primeiro ataque, fugiu o demônio, que estava em sua alma, querendo-se ele converter à fé. Era ele ainda rapaz, ao parecer de quinze anos e de muito bom natural. Respondia com tanta prontidão e fervor de coração às coisas da fé, que lhe perguntavam, que parecia que havia dias que as havia aprendido. Instruído, pois, pelos irmãos e avisado que sofresse com bom coração as injúrias, que os índios lhe fizessem, ao seguinte dia foi levado a outro lugar. A quem seguiu o P. Afonso Brás à tarde, com o Ir. Manuel de Chaves e Gonçalo de Oliveira, intérpretes. Perguntando-lhe, pois, o Ir. Gonçalo, que tinha especial cuidado de o instruir, como o haviam tratado, respondeu: “Uma velha somente me deu um sopapo, mas eu me lembrando de suas palavras não o senti”.

Tomaram-no então os irmãos a seu cargo para o instruir mais inteira-mente na fé e defendê-lo dos que lhe quisessem fazer algumas injúrias, que naquele tempo costumam fazer-lhes muitas. Davam-lhe também [os índios] uma moça (como é seu costume) para manceba e guardadora, mas os irmãos não o consentiram, e ele mesmo o aborreceu muito, dizendo que nunca se sujara nesse pecado. Não faltou dentre os índios quem quisesse o retirassem do poder dos irmãos, e o levassem pelas casas a bailar toda a noite, e, como não quisessem os irmãos, falou-lhes [este tal] palavras insolentes e injuriosas. Outros, passando por junto do rapaz, lhe diziam: “Morrerás”, que é palavra solene daquela circunstância, que ele não sentia. E, como os irmãos o quisessem proibir, dizia-lhes que os deixassem, que já ele não sentia aquelas coisas. À meia noite o batizaram, havendo-o instruído muito bem na fé, e admoestaram-no que se entregasse todo a Deus e se olvidasse desta vida, na qual tão pouco tempo havia de estar. Mas o Senhor, que o havia predestinado ab aeterno, ⁽¹⁹⁾ estava já tão apoderado de sua alma, que não o deixava pensar nem desejar outra coisa. Porque, como o Ir. Manuel de Chaves lhe perguntasse que determinavam os inimigos, se nos queriam fazer guerra, como soem, respondeu ele: “Meu avô, deixa isso

agora, que me quero ir para Deus". Um pouco antes da manhã, em que o haviam de matar, um índio de Piratininga, cristão mui estimado entre todos, fez uma fala em derredor das casas (como é seu costume), admoestando aos seus que deixassem os irmãos fazer com o inimigo tudo quanto julgassem ser-lhe necessário para sua alma, do contrário o teriam a ele por cruel inimigo e destruidor.

Raiando a aurora, quando sua alma havia de ser vestida do resplendor do sol de justiça, ⁽²⁰⁾ conduziram-no ao terreiro, estando presente uma grande multidão, atado pela cintura com longas cordas, que muitos seguram de uma parte e de outra, quanto ao resto solto. Chega-se o que o havia de matar, usando primeiro de suas cerimônias e ritos. Diz-lhe a palavra solene: "Morrerás"! Gritaram-lhe os irmãos que se pusesse de joelhos, o que ele logo cumpriu, levantando os olhos e mãos para o céu e invocando o santíssimo nome de Jesus. Quebrou-lhe a cabeça com um

pau, e voou sua ditosa alma para gozar de glória imortal nos céus. Prazaao Senhor tal morte nos dar, sendo-nos quebrada a cabeça por amor de Cristo. Morto ele, tiraram-lhe as cordas e o deixaram, sem lhe fazer mais coisa alguma, ao qual os irmãos envolveram numa rede e, trazendo-o às costas a Piratininga, o enterraram na igreja, para se levantar com os justos na vinda do Senhor. ⁽²¹⁾ Bendito seja Deus, cuja infinita sabedoria recolhe de diversas partes seus escolhidos, para que se cumpra o número daqueles, que hão de ser admitidos na sorte dos filhos de Deus!

Dos rapazes, que logo no princípio foram ensinados na escola em costumes cristãos, cuja vida, quanto mais diferia da de seus pais, tanto maior ocasião dava de louvar a Deus e receber consolação, não quisera fazer menção, para não refrescar as chagas, que parecer estar algum tanto cicatrizadas. Deles direi somente, que, como chegaram aos anos da puberdade e começaram a poder consigo, vieram a tanta corrupção, que tanto sobrepujam agora seus pais em maldade, quanto antes em bondade. Com tanto maior descaramento e desenfreamo se dão às bebedeiras e luxúrias, quanto com maior modéstia e obediência se entregavam dantes aos costumes cristãos e divinos ensinamentos. Muito nos esforçamos em reduzi-los ao reto caminho, nem nos espanta esta mudança, pois vemos que os mesmos cristãos fazem da mesma maneira.

Dos índios do sertão muitas vezes estamos com receio da guerra, padecendo sempre suas ameaças. Mataram há poucos dias alguns portugueses, que vinham do Paraguai, aonde haviam ido. E, ensoberbecidos com esta maldade, ameaçam-nos com a morte. Também os inimigos, com assaltos contínuos, acometem as aldeias, destroem os mantimentos e levam a muitos cativos. ⁽²²⁾ No ano passado deram em uma casa, aqui junto da vila, ⁽²³⁾ e cativaram muitas mulheres, que se haviam saído de casa e iam fugindo, e as levaram, embarcando-as em canoas. Mas uma delas, mestiça, que era aqui assídua na doutrina e confissões, com ânimo varonil, resistiu aos inimigos,

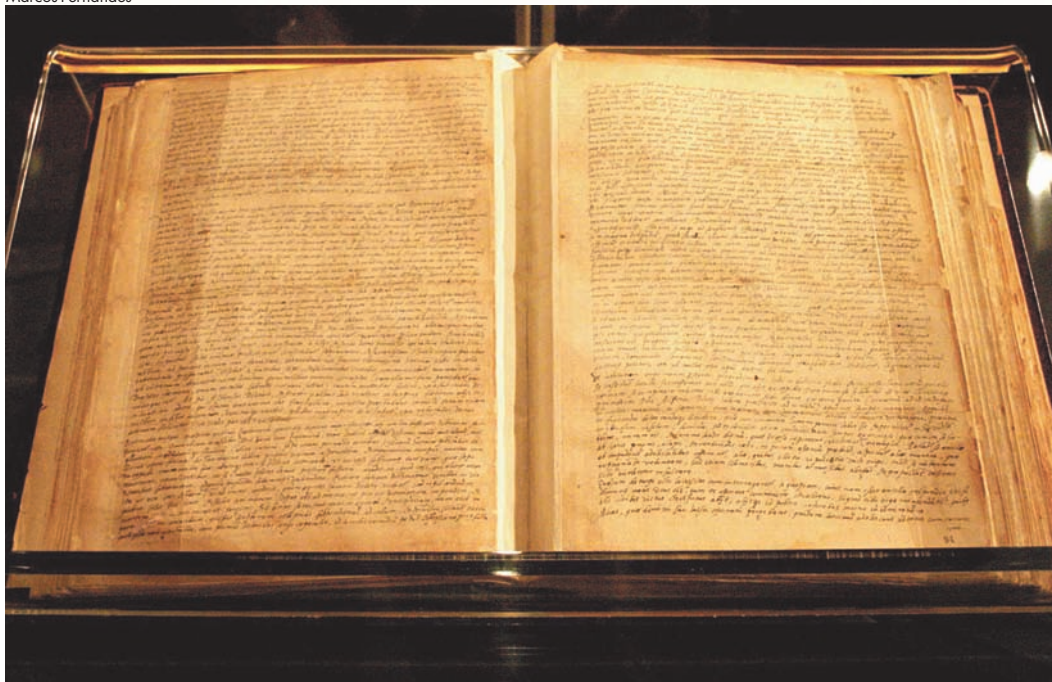
por que não a levassem, que, como forcejassem muito por embarcá-la e não podendo, mataram-na com feias feridas. O que, é de crer, que ela o faria com aquela intenção que, muitas vezes, ela manifestava às outras, que andavam na mesma doutrina, principalmente um dia antes que a matassem, despedindo-se delas. Costumava ela dizer que, se os contrários dessem em casa de seu pai e a cativassem, que não havia de se deixar levar viva, por que não a tivessem lá por manceba, como fazem a todas as outras, e por isso que se havia antes de deixar matar, que ir com eles, onde sabia certo que havia de correr perigo e padecer força sua castidade.

Antes destes, haviam vindo outros, com os quais vieram quatro franceses, que com pretexto de ajudar aos inimigos na guerra, se queriam passar a nós, o que puderam fazer sem muito perigo. Estes, como depois se soube, apartaram-se dos seus, que estão entre os inimigos, numa povoação, que nós chamamos Rio de Janeiro, daqui a cinqüenta léguas, e têm trato com eles. Aí fizeram casas e edificaram uma torre mui provida de artilharia e forte por todas as partes, onde se diziam serem mandados pelo rei de França a assenhorear-se daquela terra. ⁽²⁴⁾ Todos estes eram hereges, aos quais mandou João Calvino dois, a que eles chamam ministros, para que lhes ensinassem o que se havia de ter e crer. ⁽²⁵⁾ Daí a pouco tempo (como é costume dos hereges), começaram a ter diversas opiniões uns dos outros, mas concordaram nisto, que escrevessem a Calvino e a outros letrados, e o que eles respondessem isso aceitariam todos.

Nesse meio tempo, um deles, instruído nas artes liberais, grego, e hebraico, e mui versado na Sagrada Escritura, ou por medo de seu capitão, ⁽²⁶⁾ que tinha diversa opinião, ou por querer semear seus erros entre os portugueses, veio-se para cá, com outros três companheiros idiotas, ⁽²⁷⁾ que, como hóspedes e peregrinos, foram recebidos e tratados mui benignamente. Este, que sabe bem a língua espanhola, ⁽²⁸⁾ começou a blasonar que era fidalgo e letrado, e, com esta opinião e uma fácil e alegre conversação, que tem, fazia admirarse os homens e que o estimassem.

Escreveu também uma breve carta ao Pe. Luís de Grã, que estava então em Piratininga, na qual lhe dava conta de quem fosse e do que havia aprendido, dizendo que depois que o moderador de sua adolescência, varão singular, o havia metido nas covas das Piérides, ⁽²⁹⁾ e bebera na fonte cavalina amênissimos arroios de sabedoria, passara ao estudo da Sagrada Teologia e Divina Escritura, que para mais facilmente alcançar havia aprendido a língua sacra, isto é a hebréia, dos mesmos rabinos, dos quais havia ouvido muitos segredos, que praticaria com o padre, quando se vissem. Tais coisas pouco mais ou menos compreendia na sua epístola, que concluiu com um dístico.

Não se passaram muitos dias, quando ele começou a vomitar de seu estômago seus fétidos erros, dizendo muitas coisas das imagens dos santos, que aprova a Santa Igreja, do Santíssimo Corpo de Cristo, do Romano Pontífice, das indulgências e outras muitas coisas, que temperava com



**Documentos do Arquivo Romano da Companhia de Jesus (ARSI)
com as cartas históricas escritas por José de Anchieta.**

certo sal de graça, de maneira que ao paladar do povo ignorante, não somente não pareciam amargas, mas até muito doces. Sabendo isto o Pe. Luís da Grã, veio logo de Piratininga a se opor à pestilência e arrancar as raízes ainda tenras deste mal, que começava a brotar. Tendo receio disto, e não sem favorecer fortasse, para indignar ao padre contra si e fazê-lo suspeito, se porventura denunciasse a seu respeito, mandou-lhe uma invectiva, cujo princípio era este: *Adeste mihi caelites, afferte gladios ancipites ad faciendam vindictam in Ludovicum Dei osorem etc.* ⁽³⁰⁾ Na qual o acusava e reprendia mui acremente, porque não partia o pão da doutrina aos portugueses, por trabalhar na conversão dos infieis. E por este teor amontoou outras muitas coisas, com que lhe parecia que se exasperava o padre.

Mas o padre, que tratava a causa de Deus e não a sua, tendo mais respeito à comum salvação de todos, que à sua própria glória, foi-se ao vigário, ⁽³¹⁾ requerendo-lhe que não deixasse ir por diante esta peçonha luterana. E nos sermões públicos admoestava ao povo que se guardasse destes homens e dos livros, que trouxeram, que eram cheios de heresias. Mas o vulgo imperito, em freqüentes práticas, louvava ao francês, maravilhando-se de sua sabedoria e eloqüência, e apregoava o conhecimento que tinha das artes liberais. E pelo contrário caluniava ao Pe. Luís da Grã, dizendo, que, desgostoso pela invectiva que lhe mandara, o perseguia. Para que mais? Ia-se já a pestilência pouco a pouco encaixando nos corações incautos da imperita multidão, que sem dúvida se houveram de

infeccionar muitos com esta peçonha mortal, se não houvesse quem lhe resistisse. Tanto valeu de repente sua autoridade para com todos, que mui facilmente diminuiu a boa opinião do padre, a quem todos tinham em muita reputação por seu exemplo de vida e doutrina singular.

Depois disso o mandaram à Bahia, para que lá se conhecesse de sua causa mais largamente. O que lá e aqui se efetuou a seu respeito, porque por cartas particulares se saberá e não é coisa que convenha para carta geral, o calarei. ⁽³²⁾ Direi somente que se tratou a coisa de maneira, que terá V. Paternidade ocasião de grande dor, considerando quão pouco caso se fez entre os fiéis cristãos da causa da fé.

Deste soube o governador a determinação dos franceses. E com naus armadas veio combater a fortaleza. Daqui lhe foi socorro em navios e canoas. Nós lhe demos o costumeado socorro de orações, e ultra das particulares, que fazia cada um, se diziam cada dia umas ladainhas na igreja, acabada a missa. Também se mandou daqui um padre com um irmão por intérprete, ⁽³³⁾ a rogos do governador, para que se ocupassem em confessar os soldados e ensinar os índios, que com ele haviam vindo. De lá tornou o irmão muito doente, pelo muito trabalho e frio, que lá passou, mas em breve pela divina bondade sarou.

Era a fortaleza muito forte por natureza e sítio do lugar, toda cercada de penhas, à qual não se podia subir, senão por uma ladeira muito estreita e íngreme, através do rochedo, como por muita artilharia, armas, alimentos e grande

multidão de bárbaros, que tinha, de maneira que, a juízo de muitos eram inexpugnável. Acometeram-na apesar de tudo, por terra e por mar, confiados mais no poder divino que no seu próprio. Defendiam-se os franceses com os inimigos. ⁽³⁴⁾ Foi uma grande e cruel peleja. De ambas as partes morreram muitos, e mais dos nossos. Veio a coisa a tanto, que já tinham perdida a esperança da vitória, e tomavam conselho como se poderiam embarcar a si e às munições que estavam em terra, sem perigo, o que por certo não poderiam fazer sem morrerem muitos. Mas havendo eles acometido esta coisa tão árdua e, ao parecer de quase todos, temerária, pela justiça e a fé, ajudou-os o Senhor dos Exércitos. E, quando já nas naus não havia pólvora e os que pelejavam em terra desfaleciam já, pelo muito trabalho, fugiram os franceses, desamparando a torre e recolhendo-se às povoações dos bárbaros em canoas. De maneira que é de crer que mais fugiram com o espanto, que lhes incutiui o Senhor, que com as forças humanas. ⁽³⁵⁾

Tomou-se, pois, a fortaleza, na qual se achou grande cópia de coisas de guerra e mantimentos (mas cruz ou alguma imagem de santo, ou sinal qualquer de católica doutrina não se achou), grande quantidade de livros heréticos, entre os quais, (se porventura isto é sinal de sua reta fé) se achou um missal, com imagens raspadas. Socorra o Senhor as suas ovelhas!

Com o governador, veio o Pe. Manuel da Nóbrega, muito doente e magro, com os pés e o rosto inchados, as pernas cheias de apostemas, e com outras muitas enfermidades, as quais, logo que aqui chegou, se começou a achar melhor. Esperamos na

bondade de Deus, que pouco a pouco lhe irá dando saúde. ⁽³⁶⁾

Algumas vezes adoecem também os irmãos, mas em breve tempo convalescem, os quais, com entender com a saúde dos próximos, muito mais trabalham pela sua, servindo ao Senhor em alegria, dando-se aos sóbitos exercícios de oração, obediência e humildade, e exortando-se com mútuas práticas à virtude. A maior parte está sempre em Piratininga, onde alguns filhos dos portugueses aprendem gramática. Aqui estão sempre dois sacerdotes.

O Pe. Luís da Grã não tem assento firme, por melhor acudir a todos. Ora está em Piratininga, onde há muitos portugueses com toda a sua família, e aí e em outros lugares vizinhos trabalha na doutrina dos índios; ora aqui e em outros lugares ao redor, procurando o proveito espiritual dos portugueses e seus escravos. Pouco há que recebeu cartas, ⁽³⁷⁾ em que se lhe encomendava o cargo desta província, o que disse aos irmãos, chamando-os todos à igreja e mandando-os sentar, ele de joelhos acusando-se gravemente, afirmando não ser apto para tal cargo, e depois, prosternado por terra, beijando os pés de todos os irmãos.

Isto é, Reverendo em Cristo Padre, o que quererá saber de cá. Resta que, com assíduos rogos, encomende a Nosso Senhor estes mínimos filhos da Companhia, para que possamos conhecer e perfeitamente cumprir sua santíssima vontade.

Do Colégio de Jesus de São Vicente, ano de 1560, ao primeiro de junho. Mínimo da Companhia de Jesus, Jos

⁽¹⁾ Carta perdida (MB, II, 459)

⁽²⁾ MB, III, 7-11.

⁽³⁾ Cinco milhas, menos de duas léguas, ou exatamente 11 quilômetros, Cf. nota 6 da Carta anterior, n. 11.

⁽⁴⁾ Anchieta, no seu papel de catequista (oficializado nesse ano pelo Padre Nóbrega, novo superior de São Vicente), segue visitando as aldeias, de que as principais são a de Pinheiros e a de São Miguel.

⁽⁵⁾ Além de catequista, enfermeiro, no exercício da medicina, cabível nas circunstâncias e dentro dos conhecimentos adquiridos em Coimbra.

⁽⁶⁾ Desde 1551 cuidara, como se vê, Leonardo Nunes de atrair essa alma, cristã pelo batismo, à observância das leis divinas, no que "logo" foi bem sucedido. Não há dúvida, pelas circunstâncias aqui enumeradas, que se trata da companheira de João Ramalho, mãe de seus numerosos filhos. Mbcy, seu primeiro nome indígena, passou a ser conhecida pelo nome de Bartira. Isabel Dias, o seu nome cristão.

⁽⁷⁾ Freqüentando em Piratininga os sacramentos na igreja dos jesuítas, nessa igreja foi sepultada.

⁽⁸⁾ Apc., 14,13.

⁽⁹⁾ Alusão ao Sl. 23, 7.

⁽¹⁰⁾ Governador geral Mem de Sá (1558-1572). Providências adotadas: 1) proibição terminante de comer carne humana; 2) ordem de se juntarem em grandes aldeias; 3) e de nelas erguerem igreja e casa para o missionário. S. de Vascellos, Crônica, 1. II, §§ 50-52. "Informação

dos primeiros aldeamentos", em C. Jes., III, 349-382.

⁽¹¹⁾ Vindo com Nóbrega, na primeira leva de 1549, entrara Diogo Jácome um ano antes para irmão-coadjutor. Companheiro de Leonardo Nunes, fixou-se com este em São Vicente. Em Piratininga, de que foi um dos fundadores, estudou latim com Anchieta e casos de consciência com Luís da Grã. Em 1562 vai à Bahia, com Manuel de Paiva e ali é logo ordenado sacerdote. Além de torneiro, como se vê, foi sobretudo missionário de índios, sabendo-lhes bem o idioma. Trabalhou na Bahia e no Espírito Santo, onde faleceu a 15 de abril de 1565. Autor de uma carta, escrita em São Vicente, no ano de 1551. HCJB, VIII, 305; MB, I, 239-247.

⁽¹²⁾ Caraguatás explicita S. de Vascellos, Crônica, 1. I, § 72. Neoglasiovia variegata Mez. (S. Leite).

⁽¹³⁾ Afonso Brás, nascera por 1524, entrando para a Companhia em 1546. Veio na leva de 1550. Fundador da casa dos jesuítas em Vitória, em 1551, de que foi primeiro superior, aí construindo casa e igreja, ganhando fama de bom carpinteiro e mestre de obras. Como tal e no ofício de ministro, tomou parte na fundação de São Paulo, em 1554. Trabalhou muitos anos no Rio de Janeiro, em cujo colégio veio a falecer, aos 86 anos, a 30 de maio de 1610. Dele uma carta de 1551, do Espírito Santo. HCJB, VIII, 122; MB, I, 273-275.

⁽¹⁴⁾ Sl. XLV, 5.

⁽¹⁵⁾ A saber, nas Vilas de São Vicente e Santos.

⁽¹⁶⁾ É a tempestade, de que se fala na Carta, § 2, anterior. O padre aqui mencionado é Luís da Grã, que só embarcou, já provincial, para a Bahia a 25 de junho de 1560, na frota do governador.

⁽¹⁷⁾ Aldeia situada nove quilômetros de São Paulo.

⁽¹⁸⁾ Quem batizou a criança, destinada ao bárbaro ritual da morte em terreiro, foi o próprio Anchieta. Se assim não fosse, não deixaria de nomear o autor, como fez em seguida (§ 16).

⁽¹⁹⁾ Ef., 1,5; Rom., 8,29.

⁽²⁰⁾ “Splendor lucis aeternae et sol justitiae”. Antífona “O” de 21 de dezembro (S. Leite).

⁽²¹⁾ 1 Cor., 1,8, Repare-se como, embora sacrificado fora de Piratininga, foi trazido a enterrar na “igreja do colégio”.

⁽²²⁾ Estes “inimigos”, diferentes dos tupis do sertão, são os tamoios que habitavam o litoral norte de São Paulo, o vale do Paraíba e tinham seu principal assento na Guanabara.

⁽²³⁾ Anchieta escreve em São Vicente: esta é, pois, a vila, a que se refere.

⁽²⁴⁾ Henrique II de França (1547-1559), mediante a atuação do ministro Gaspar de Chatillon, senhor de Coligny.

⁽²⁵⁾ Com os dois ministros, Pedro Richier e Guilherme Chartier, vieram doze outros huguenotes de Genebra, enviados por João Calvino, um dos quais João de Lery. Olivier Reverdin, Quatorze calvinistes chez les Topinambous, Genebra, 1957. Lery autor de Viagem à terra do Brasil, São Paulo, (1951).

⁽²⁶⁾ Nicolau Durand de Villegaignon (1510-1572), vice-almirante da Bretanha e cavaleiro de Malta, fora contemporâneo de Calvino na Universidade de Paris. Empenhado em consolidar sua fundação no Rio de Janeiro, pediu-lhe enviasse para lá alguns de seus predicantes... De volta à França e envolvido nas guerras do tempo (inclusive de religião), escreve, contra a doutrina de tais predicantes, vários opúsculos polêmicos, em defesa sobretudo do mistério eucarístico. Em novembro de 1555 dera início, na Guanabara à “França Antártica”, erguendo na ilha de Serigipe (hoje de Villegaignon) poderosa fortaleza, desmantelada em 1560 por Mem de Sá. Sobre ele e o livro de A. Heullard, Villegaignon, Roi d’Amérique, Paris, 1897, v. o trabalho de A. G. Araújo Jorge, em RIHGB, LXXVII, 2ª p., 1906.

⁽²⁷⁾ A vinda para São Vicente de João Cointá, “senhor de Boulez”, com três companheiros iletrados (Pedro Vila Nova, Dionísio Bouilly e André Lafon, provavelmente), se deu em fins de 1558, ou princípios de 1559. Dava-se por antigo mestre da Sorbona, convidado por Coligny a vir fazer estatutos para a colônia francesa. Huguenote à sua maneira, entrou em conflito com os predicantes genebrinos, depois com Villegaignon. Não tendo como regressar à França, refugiou-se entre os portugueses de São Vicente. Depois de dois processos em São Vicente (do 2º v. MB, III, 176-196) e do processo realizado na Bahia, foi remetido à Inquisição, a Lisboa (1563), reconciliando-se ali aparentemente no ano seguinte. Em Lisboa publicou dois pretensiosíssimos folhetos, e acabou sendo remetido para a Índia. Em Goa, no ano de 1572, o supliciou a Inquisição, como relapso. Processo de João de Bolés, Anais da Biblioteca Nacional, XXV, ano de 1904; I. S.

Révalh, “Jean Cointa, sieur des Boulez, executé par l’Inquisition de Goa en 1572”, apud Annali Sezione Romanza, 11, 2, julho de 1961, 71-75.

⁽²⁸⁾ Sobre ele escreve Villegaignon: “un iacobin renyé, nommé Jehan Cointat, homme d’entendement prompt et versatile”. Carta VII. Entre as “pièces justificatives”. P. Gaffarel, Brésil Français, 401-406. Além do espanhol, sabia também o italiano e não tardou a aprender o português (S. Leite).

⁽²⁹⁾ As nove Musas, vencedoras das filhas do Rei da Macedônia, Pierus.

⁽³⁰⁾ “Acudi-me Anjos do céu, trazei-me espadas de dois gumes, para dar cabo de Luís, inimigo de Deus”. Cf. Sl CXLIX, 6-7. Com essa invectiva, conseguiu pretexto para lançar à conta de espírito de vingança, o processo que lhe moveu Luís da Grã...

⁽³¹⁾ Padre Gonçalo Monteiro, que durante algum tempo ocupou também o ofício de capitão-mor de São Vicente, nomeado por Martin Afonso de Sousa, quando se ausentou de sua capitania. Nessa questão não procedeu com a devida inteireza, fazendo desaparecer o primeiro processo e absolvendo, no segundo, ao réu, alegando não encontrar motivo para a condenação. Processo, em Anais, XXV, 235.

⁽³²⁾ V. nota anterior. Dom Pedro Leitão, o bispo (1559-1572), agiu com firmeza e serenidade no caso, detendo preso na Bahia o perigoso heterodoxo, até o enviar, conforme solicitara o réu, à Inquisição, a Lisboa. Quanto a Mem de Sá, não tinha por que invadir o foro eclesiástico...

⁽³³⁾ Fernão Luís Carapeto e Gaspar Lourenço. Adiante, nas ânuares de 1581 e 1583, o elogio fúnebre de ambos os jesuítas. V. MB, III, 245, § 10.

⁽³⁴⁾ “Posto que vi muito e li menos, a mim me parece que se não viu outra fortaleza tão forte no mundo. Havia nela 74 franceses e alguns escravos, depois entraram mais de 40 dos da nau, e outros três, que andavam por terra. E havia muito mais de 1.000 homens do gentio da terra, tudo gente escolhida e tão bons espingardeiros como os franceses. E nós seríamos 120 portugueses e 140 do gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar. A armada trazia 18 soldados moços, que nunca viram pelejar. A obra foi de Nosso Senhor, que não quis que nesta terra plantasse gente de tão maus zelos e pensamentos; eram todos luteros e calvinos”. Carta de Mem de Sá, de 16 de junho de 1560, em RIHGB, I, 1839, 128-129, e XXI, 1858, 13-14.

⁽³⁵⁾ Mesma ideia é desenvolvida poeticamente por Anchieta, no De Gestis Mendi da Sãa (vv. 2810-2846).

⁽³⁶⁾ “A versão de Vasconcelos (e de Antônio Franco), de que Nóbrega, por muito doente, não ficou no Rio, mas seguiu logo para São Vicente, estriba-se nos Apontamentos de Anchieta, citados à margem da narrativa. É a exata”. H. A. Viotti. S. J., Anchieta, o Apóstolo do Brasil, 322-323.

⁽³⁷⁾ A 22 de abril já assumira Luís da Grã o cargo de provincial. MB, III, 178. Não se conservam estas cartas em que vinha nomeado. Trazidas da Bahia, por Nóbrega, com toda a probabilidade, constituem mais uma razão para que este se não demorasse no Rio, mas viesse logo a São Vicente a passar o cargo ao seu sucessor.

Carta do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma

São Vicente, 30 de julho de 1561

*Jesus, Maria
Pax Christi!*

No ano passado escrevi por duas vias ⁽¹⁾ o que o Senhor teve por bem de obrar nestas partes, onde andamos ocupados na salvação das almas. Agora darei conta do que quiserás saber V. Paternidade, para consolação dos irmãos, que desejam saber notícia de nós, como nós as desejamos deles.

Depois de partido o Pe. Luís da Grã para a Bahia de Todos os Santos, com o governador, no mês de junho, um dia depois de São João Batista, ⁽²⁾ se foi o Pe. Manuel da Nóbrega a Piratininga, a visitar os irmãos, que ele, depois que chegou da Bahia, ainda não havia visitado por suas muitas enfermidades, de que se esteve curando. Das quais, depois que um pouco convalesceu, se partiu logo, passando assás incômodo, por ter as pernas todas chagadas, e ainda escarrar sangue, e os caminhos serem mui ásperos e despovoados, onde não há convivência, a não ser de onças, cujas pegadas achamos muitas vezes frescas, por onde passamos. E é necessário, onde se há de pousar, construir a casa, ou, por melhor dizer, a cabana de novo, de paus e folhas de palmeiras, e buscar lenha para fazer fogo à noite, porque não há outras mantas contra o frio, que é tão grande que às vezes somos forçados a atizar o fogo mais de doze vezes, e assim se passa o mais da noite nisso, sem poder dormir. E o que é melhor, acontece por vezes não ter fogo, nem cabana e passar toda a noite no bosque, ao frio e à chuva, cobertos tão somente pelo divino amparo, por cujo amor isto se padece. Ajuntar-se a isso a fome, que por estes caminhos desertos sói acompanhar aos caminhantes.

Depois de estar em Piratininga alguns dias, nos mandou o padre visitar as aldeias dos índios, nossos antigos discípulos, os quais, como quer que há muito tempo que aprendem os costumes do demônio, estão já tão afeiçoados a este ruim preceptor, que muito pouco desejam aprender de nós. Porque, embora no princípio, quando estavam todos juntos, algum fruto se fazia neles, maxime nas mulheres e crianças, depois

que se espalharam por várias partes (como consta das cartas anteriores), ⁽³⁾ nem se lhes pode acudir com doutrina, nem, o que é pior, eles a querem. E assim, quando os visitamos por suas aldeias, parte pelos rios, parte por terra, com não pequeno trabalho, recebem-nos como aos outros cristãos portugueses, que soem tratar e resgatar com eles, como amigos, sem ter nenhum respeito à salvação de suas almas ou doutrina de seus filhos, totalmente metidos em seus antigos e diabólicos costumes. Exceto o comer carne humana, que parece está um tanto desarraigado entre estes, que já ensinamos. Verdade é que ainda fazem grandes festas na matança de seus inimigos, eles e seus filhos, etiam os que sabiam ler e escrever, bebendo grandes vinhos, como antes costumavam e, se não os comem dão-nos a comer a outros seus parentes, que de diversas outras partes vêm e são convocados para as festas.

Tudo isso procede de que eles não estão sujeitos, e enquanto assim estiverem, difícil coisa será arrancá-los do jugo de satanás, que tão senhoreados os tem. Praza ao Senhor que chegue já este tempo tão desejado, como chegou aos da Bahia, com cuja conversão se podem nossos irmãos consolar entretanto, e rogar ao Senhor pela conversão destes.

Não deixe, porém, o Senhor de chamar a si alguns deles, que elegeu para seu reino. E assim, agora de uma aldeia, a agora de outra, vêm alguns aqui a confessar-se, outros a batizar-se morrer bem. E outros, que não podem vir, mandam pedir remédio de confissão, outros trazem seus filhos inocentes, de maneira que sempre se colhem alguns manípulos, semeados cum fletu et labore, ⁽⁴⁾ assim em Piratininga, como quando nos vamos a visitar por suas aldeias, de cujas visitas, quando não fosse outra coisa, ao menos se tira este proveito, que se padece alguma fome, cansaço e trabalho por amor de Nosso Senhor. Uma vez, depois de termos corrido todas estas aldeias, partimos da última muito de manhã para poder vir à missa, que era domingo, e um irmão saiu à frente, o qual, assim por saber mal

o caminho, como pela grande escuridão do nevoeiro, que muito tempo do ano dura até às dez horas, e é frigidíssimo, pensando que se encaminhava para casa, tomou o caminho ao contrário e se perdeu, e andou de campo em campo, de vale em vale e de monte em monte, sem achar caminho até o meio dia, quando se desfez de todo a névoa, e Nosso Senhor o encaminhou, sem saber a via que levava, direito à casa, bem molhado do rocio gélido, e assás suarento do esforço, e muito alegre no Senhor.

Contarei aqui de um manípulo, que poucos dias, há (segundo confiamos) se recolheu no granel celestial. Este era um velho de mais de cem anos, que, sendo morador em outro lugar duas léguas de Piratininga, como lhe disseram os padres que se viesse a Piratininga a aprender as coisas de Deus, logo deixou quanto tinha e foi o primeiro, que começou a povoá-la,

⁽⁵⁾ indo de certos em certos dias a buscar de comer com sua gente ao outro lugar, que por amor de Deus havia deixado, onde tinha suas roças e fazenda. E quando havia de partir-se, ia-se primeiro à igreja, a dar conta a Nosso Senhor de sua partida, dizendo-lhe em sua língua, posto de joelhos: "Senhor, eu vou buscar de comer; hei de tardar tantos dias; guardai-me, que não me aconteça algum mal". E outras muitas coisas desta maneira, que falava com tanta simplicidade e fé com Deus, como as falava conosco, a quem sempre pedia licença, quando havia de ir. Ao regresso, entrava antes de mais nada na igreja, a dar graças a Nosso Senhor e a dizer-lhe que já viera, como prometera. Nesta fé e simplicidade perseverou sempre, ouvindo cada dia missa, e pregando continuamente a seus filhos e netos, que tinha muitos, que fossem bons e cressem em Deus e guardassem o que lhes ensinássemos. Trazia um bordão com uma cruz, que nós lhe demos, na qual tinha muita fé e esperança. E quando ia fora, aquele era seu arco e flechas que levava, e por aquele - dizia - que lhe guardava Deus do mal e lhe dava longa vida.

É certo que era para maravilhar ver um homem de tanta idade, que se espantavam todos de como tanto vivia, ser tão rijo e são, que parecia cada vez fazer-se mais moço, o que tudo (como era verdade) ele atribuía a Nosso Senhor, e seus desejos não eram outros, senão de estar já com seu Pai, que assim chamava ele a Deus. Chegando-se-lhe pois sua última enfermidade, recebeu-a como dada pela mão do Senhor, pondo nele toda sua esperança e desejo. E sempre esteve

Paulo Pampolin/Hype



Padre e Cacique: tela de Martin Bautista, 1965, exposta no Museu Anchieta.

invocando o sacratíssimo nome de Jesus, até que já não podendo falar, a boca e olhos levantou ao céu, nomeando com o coração a quem com a boca já não podia. E assim se foi para Aquele, que tanto sua alma desejava. Deixou em testamento a seus filhos, que com ele estavam, que nunca se apartassem da igreja e doutrina de nossos irmãos, como ele havia feito. Isto cumpriu muito bem um seu filho, que desde menino se havia criado com a doutrina dos padres, ⁽⁶⁾ o qual, adoecendo de uma longa enfermidade, nos últimos tempos, depois de muitas vezes se haver confessado, nos encomendou sua mulher e filho, para que vissem e morressem em Piratininga junto da igreja, como ele havia vivido, e pediu o sacramento da extrema-unção. E porque se deu alguma tardança em trazer-lho, tornou-me ⁽⁷⁾ a dar pressa, dizendo que viesse logo para não morrer sem ele. E

acabando de o receber, com muita fé e devoção, rogou aos circunstantes que o encomendassem a Deus, e daí a uma ou duas horas deu o espírito ao Senhor.

Destes poderia contar outros muitos, maxime dos escravos, que, por serem de geração tão bestial, parece que dão maior ocasião de louvar a Deus com sua muita fé e conhecimento, que mostram o amor de Nosso Senhor. Praza a ele, por sua divina bondade, que cheguemos a um tempo, em que, não de dois ou três, mas de todos se dê grande glória a sua Majestade, e nós recebamos consolação. Deixo de contar de muitos que Nosso Senhor, em estado de inocência, leva a seu reino cada dia. Com as mulheres e escravos dos portugueses se faz muito fruto, e nisto nos ocupamos principalmente, porque lhes é tão necessária a doutrina da fé, ao menos aos escravos, como aos mesmos índios. Destes se batizam e se confessam muitos, e se lhes dá estado de vida, casando-os, porque é quase geral costume da terra, não se dar nada aos senhores, que estejam seus escravos amancebados. E querem mais o serviço deles, que a sua salvação, não têm conta com a sua doutrina, e assim os têm por suas fazendas espargidos, sem os fazer vir à igreja, senão por maravilha; e assim a maior parte deles é tão rude nas coisas da fé, que nem sequer sabem se há Deus. De maneira que é tanta a negligência dos senhores nisto, e tanta a perdição dos escravos, que temos por muito grande proveito ocupar-nos em sua doutrina, máxime não havendo índios

que queiram aprender.

Aqui em São Vicente há sempre concurso deles à doutrina e confissões, como pelas outras terão sabido. Noutra vila, ⁽⁸⁾ foram postos um padre e um irmão intérpretes, onde se faz muito fruto em doutrinas e confissões. É muito grande o concurso dos escravos, assim homens como mulheres, de noite e de dia a aprender e se confessar, de maneira que quase todo o dia se gasta em confissões. E se mais intérpretes houvera, muito mais se confessariam, e não é pequena desconsolação vê-los estar todo o dia esperando na igreja e ir-se muitos sem poderem confessar, por não haver quem lhes entenda sua língua.

A outro lugar de portugueses, daqui seis ou sete léguas pela praia, ⁽⁹⁾ se acode algumas vezes, onde se mostra muito o grande desejo que têm da salvação de suas almas, porque quase todos se confessam e comungam, quando lá vamos. E os escravos não nos dão vagar, nem mesmo para repousar à noite, porque muito antemanhã nos vêm pedir confissão, e desde então até à noite não cessamos. Seja o Senhor por tudo louvado! Também de ida ou vinda sempre se recolhe algum fruto, porque por toda aquela praia estão fazendas dos portugueses e sempre se acham por elas alguns escravos enfermos de morte, que se confessam e aparelham para bem morrer. Aqui se ordena outra casa, ⁽¹⁰⁾ para quando os padres lá forem, e para quando houver algum enfermo, por ser lugar muito aprazível.

Aos engenhos de açúcar se provê também com doutrina e confissões, quanto é possível. ⁽¹¹⁾ De maneira que toda a gente da capitania recebe serviço de nossa parte, a que todos correspondem com amor e crédito que nos têm, o que muito se mostrou neste caso, que direi.

Havendo os dias passados vagado o cargo de capitão e ouvidor nesta capitania, por se acabar o tempo do que o era e não prover El Rei, nem o senhor da terra, foi necessário que o povo os elegeisse. E como nestes casos soem haver parcialidades e bandos e desassossego na terra - e neste também se começava, porque um o pretendia ser com pouca razão, sem ser canonicamente eleito -, por evitar o que se temia, juntos todos os principais da terra, em que está o governo, acordaram de comum consentimento que um padre da Companhia se achasse presente ao tomar dos votos, a fim de que cessasse toda a suspeição, porque só dele confiavam não permitiria fazer-se coisa injusta. E pedindo isto todos ao Padre Nóbrega, se achou ele presente, ⁽¹²⁾ do que a terra ficou quieta e contente, crendo que o que saía, vinha por vontade do Senhor, como é de crer, porque lhe foi pedido com missas, orações, jejuns e disciplinas.

Em Piratininga, conquanto dela se tenham apartado os índios, para poderem viver mais livremente à sua vontade, todavia alguns ficaram, maxime dos da geração daquele velho, que acima disse, ⁽¹³⁾ os quais perseveram firmes na fé e confessando-se a miúdo, dos quais creio que muitos são salvos e se salvarão.

Ultra disso, uma povoação de portugueses, que estava três léguas afastada, se mudou para Piratininga por mandado do

governador, à instância dos padres, por estar em mui grande perigo dos inimigos temporais, dos quais estava já espiada, por caminhos que haviam aberto pelos matos desde sua terra, e temia-se cada dia que viessem destruí-la ou a menos saltar e matar alguns dos cristãos e escravos, como costumam. E muito mais pelo grandíssimo perigo em que estavam dos inimigos espirituais, dos quais não somente espiada, mas assaltada e roubada estava muitas vezes, porque não tinha sacerdote, que lhes dissesse missa e administrasse os sacramentos. E se bem que em suas enfermidades os socorriamos, etiam de noite por selvas mui espantosas, todavia sempre o diabo se levava muitos de seus escravos, aos quais não se podia muitas vezes remediar que primeiro não morressem. Por estas causas trabalharam muito os padres, ⁽¹⁴⁾ que se passasse a Piratininga, onde agora estão, e muitos deles como sujeitos à vontade e disposição dos padres, no que toca as suas almas, confessando-se e comungando as mais festas e domingos do ano.

Nas suas mulheres e escravos é para louvar a Deus ver o desejo e fervor que têm em aprender. Duas vezes cada dia são ensinados em sua língua, quando se lhes declaram as coisas importantes à sua salvação pelo Irmão Gregório Serrão, que ao presente tem a seu cargo aquela vila, ⁽¹⁵⁾ e sabe já a língua dos índios. O confessar de muitos é muito a miúdo, e tanto que não se lhes podem às vezes satisfazer os desejos.

Está Piratininga posta na fronteira destes nossos índios, que muitas vezes se arruinam pelo pouco temor, que têm dos cristãos. E tanto assim que, poucos dias há, vieram uns poucos a uma fazenda dos portugueses e lhe levaram e mataram quatro ou cinco escravos, e de muito melhor vontade o fariam aos senhores, se os ajudassem para isso os outros seus parentes, que não quiseram consentir, porque parece, segundo mostram, que estimam a amizade e trato que têm com os portugueses. E esta é a causa porque não se pode neles fazer fruto. Por outra parte tem os contrários, ⁽¹⁶⁾ que estão tão perto, que em quatro ou cinco dias se pode vir de suas terras. Estes nunca cessam por mar e por terra de perseguir os cristãos, levando-lhes seus escravos e matando-os, e até a eles mesmos, de maneira que sempre se vive em contínua inquietação com eles, maxime agora que pelos matos bravos e montanhas mui espantosas e desertas abriram caminhos por diversas partes, pelos quais vêm assaltar as fazendas dos portugueses, sem haver quem o impeça.

Por esta causa determinaram os moradores de Piratininga com alguns mestiços, vendo que ninguém acudia a estes males, fazer guerra a um lugar dos inimigos fronteiros, para que pudessem viver em alguma paz e sossego, e juntamente comesçassem a abrir algum caminho, para se poder pregar o Evangelho, assim aos inimigos, como a estes índios, ⁽⁷⁾ que já temos sabido que por temor se hão de converter, mais que por amor. E para isto se aparelharam todos, confessando-se e comungando, mais zelosos da honra de Deus e dilatação da fé, que amigos de seus próprios interesses.

Foi com eles um sacerdote, para lhes dizer missa e pregar, e levar adiante a bandeira da cruz, e um irmão intérprete para os índios batizados, que com eles iam. ⁽¹⁸⁾

Seu caminho é desta maneira. Vão primeiro por um rio ⁽¹⁹⁾ algumas jornadas em almadias, que não são cada uma senão uma casca de árvore, mas tão grande que cabem vinte e vinte e cinco pessoas nela, com seu mantimento e armas. Chegados ao porto do primeiro rio, por onde vão as tiram fora dele e as levam nas costas, por quatro ou cinco léguas de bosques de mui maus caminhos, que a ir descarregados não seria pouco trabalho, até as tornar a lançar noutra rio, ⁽²⁰⁾ que já está em terra dos inimigos.

Partiram-se pois de Piratininga, onde então nos encontrávamos, esta quaresma passada, ⁽²¹⁾ dizendo-lhes o padre cada dia missa e pregando-lhes. E antes de chegar aos inimigos, se tornaram a confessar e comungar muitos deles, fazendo igreja daqueles bravos e espantosos matos. E com estas ajudas, lhes deu Nosso Senhor grande vitória, destruindo o lugar, sem escapar mais do que um só, sendo a coisa mais forte, que até hoje se viu de inimigos nesta terra. E bem se provou nos muitos destes índios, que morreram e foram flechados, e dos portugueses, que logo ao entrar os feriram quase todos e mataram três. De maneira que só dez ou doze homens, com ajuda da real bandeira da cruz, que o padre lhe trazia à frente, animando-os, queimaram e assolaram o lugar, de onde se houveram muitos inocentes, que já estão metidos no grêmio da Santa Igreja pelo batismo.

Enquanto eles andavam na guerra, nosso ofício era ajudá-los com orações públicas e particulares, repartindo a noite de maneira que sempre havia oração até a manhã, e ao cabo da oração cada um tomava sua disciplina. O mesmo faziam muitas mulheres devotas das mestiças, tendo sua disciplina, vigília e oração. E ordenou Nosso Senhor que a batalha se desse nos dias de sua Paixão, ⁽²²⁾ nos quais eram tantos os gemidos, choros e disciplinas no fim do Ofício de Trevas, assim dos de casa, como dos de fora, que toda a igreja era uma voz e pranto, que não podia deixar de penetrar os céus e mover o Senhor a ter misericórdia de nós e dos guerreiros, que então pelejavam por seu amor, havendo padecido assás trabalho de fomes e cansaço, pelos caminhos serem desertos.

Depois desta guerra tomaram os cristãos tão grande ânimo, que estão determinados de dar-se à guerra contra estes inimigos, até o ponto de que eles, vencidos, se sujeitem, como se fez na Bahia. E está agora apregoada guerra, em que vai o capitão com toda a mais gente da capitania. Esperamos em Nosso Senhor que, pois este é o meio com que esta brava geração se quer, favorecerá aos cristãos, para que não tenhamos inveja aos da Bahia. ⁽²³⁾

Este ano nos castigou a divina justiça com muitas enfermidades, principalmente com câmaras de sangue, as quais deram maxime entre os escravos, de que morreram muitos, de tal modo que parecia pestilência. Dois, três, quando muito quatro dias duravam com elas, que não

morressem, embora outros hajam escapado. Isto nos deu muito trabalho, porque de dia e de noite não cessávamos de os confessar e acudir com os remédios que podíamos, maxime em Piratininga, onde os irmãos são médicos espirituais e corporais, e tudo depende deles, onde não havia casa sem doença, e em algumas havia três, quatro, de maneira que bem se havia mister o dia e parte da noite, para os sangrar e confessar. E pela muita diligência que os irmãos nisto punham, não morreram ali tantos, como noutros lugares, onde isto lhes faltava, nos quais morreram muitos sem confissão, pelas povoações serem muitas e nós poucos e não poder socorrer a todas.

Depois que tínhamos curado a todos, quis o Senhor começar a dar o galardão dos trabalhos, e isto foi fazendo-nos participantes da mesma enfermidade de câmaras de sangue, mas com elas e com febre, que sempre as acompanha, foi necessário acudir uma noite a confessar uma índia, que delas estava quase no fim. Deram primeiro em um irmão e, como delas convalesceu, deram logo em outro mais rijas e de que pensamos não escapasse, mas já pela bondade de Deus se acha bem.

Esperávamos que, sarando ele, dessem em outro e assim os corressem todos, mas o Senhor não nos teve por dignos de tanto bem, como é a enfermidade, maxime nesta terra, onde tão poucos remédios e afagos há para ela.

De caetero, ⁽²⁴⁾ os irmãos se acham bem, pela bondade do Senhor, se bem que freqüentemente são vexados com diversas moléstias, qual de cabeça, qual de estômago, qual de febres e outras dores, que das muitas águas, que atravessam freqüentemente, se geram, mas andam já tão acostumados a sofrê-las e dissimulá-las (parece que por não haver médico, que as saiba encarecer), que nem por isso deixam de fazer seu ofício de ajudar os próximos com doutrinas e confissões, embora com assás trabalho. Do qual não pouco se edificam os próximos, máxime aqueles, que são assíduos na frequência dos sacramentos, que nos têm grande amor e crédito.

E daqui veio que, sabendo estas mulheres mestiças de São Vicente que um irmão, que aqui soía ensiná-las, estava em Piratininga muito mal de câmaras, não se puderam conter que, na igreja, não fizessem um grande pranto, e toda a semana da Páscoa, que aliás soíam gastar em suas honestas recreações e saídas, não quiseram receber nenhuma consolação, antes em jejuns, orações e tristezas a passaram, continuando-a com os dias lutosos da Semana Santa, pedindo ao Senhor lhes emprestasse ainda aquele irmão por um pouco de tempo, para proveito e salvação de suas almas. E bem creio que suas orações, juntas com as de nossos caríssimos que, aí nessas partes têm particular memória de nós, lhe alcançaram do Senhor mui de pressa a saúde.

No mês de janeiro, dia de São Paulo Eremita, ⁽²⁵⁾ quis o Senhor levar para si nosso Irmão Mateus Nogueira, ferreiro, que era já homem de idade e bem mais envelhecido pelas contínuas enfermidades, que padecia, com as quais nunca

deixava de trabalhar e ser mui contínuo na oração. E tinha muito especial zelo da conversão destes brasis, pelos quais continuamente rogava a Deus, porque não sabia sua língua para lhes pregar. Morreu de uma dor como de cólica e pedra, que ele muitas vezes padecia, com que esteve sofrendo cinco dias, até que deu a alma ao Senhor, conhecendo sua morte um dia antes que falecesse. Não é necessário lembrar à caridade dos irmãos, que roguem a Deus por ele, pois disso tanto se ocupam, assim pelos vivos, como pelos mortos.

O Pe. Nóbrega, pela misericórdia de Deus, se acha melhor e pode acudir aos sermões e confissões, onde se encontra, como qualquer outro, e andar os caminhos, visitando a todos, e com isto se acha mais são, que quando repousa, exceto que as águas lhe tratam mal os corrimentos.

Nos trabalhos e ocupações não se esquece ele do exercício da oração, onde o Senhor comunica as forças para eles. Fez-se uma casinha em Piratininga, muito a propósito, aonde se recolhem todos os irmãos por sua ordem, e cada um tem ali seus dias de recolhimento, em que se renovem em novo fervor e conheçam suas faltas e as castiguem.⁽²⁶⁾

O estudo da Gramática se continua com dois irmãos de casa, e quatro de que temos boa expectativa, que agora se receberam para isso, e alguns de fora. Dê-nos Nosso Senhor Jesus Cristo sua copiosa graça para conhecer sua santíssima vontade e perfeitamente a cumprir.

*Deste Colégio de Jesus de São Vicente, a 30 de julho de 1561.
Minimus Societatis Jesu José*

⁽¹⁾ Cartas de 31 de maio e de 1º de junho de 1560, Cartas 11 e 12.

⁽²⁾ Em companhia de Mem de Sá, parte Luís da Grã para a Bahia, a 25 de junho de 1560.

⁽³⁾ Cartas de Anchieta de fim de abril de 1557 e 1º de junho de 1560, Cartas 8 e 12.

⁽⁴⁾ 2 Cor., 2,27.

⁽⁵⁾ Vasconcelos, Crônica, L. I, § 160, onde se aponta a João Caiubi como sendo esse índio velho que, com Tibiriçá, veio “a viver junto aos padres” e se consignam as mesmas informações desta carta. Principal de Aldeia de Jaraibatiba. A Machado, C. Jes., III, 175.

⁽⁶⁾ Teria sido um dos primeiros a serem levados a São Vicente para o “Colégio de catecúmenos” de Leonardo Nunes, em 1551. Casado havia pouco, pois deixava apenas um filho, como diz Anchieta.

⁽⁷⁾ Anchieta, que recebe o aviso, apela evidentemente a um dos padres da residência, que lhe administre a extrema-unção.

⁽⁸⁾ Vila de Santos.

⁽⁹⁾ Povoação de Itanhaém, elevada a vila em 1561, por ato do Capitão-mor

Francisco de Moraes. Distância real, cerca de dez léguas...

⁽¹⁰⁾ Casa a ser construída em Itanhaém. Outra, possivelmente, se construiu depois em Peruíbe. S. Leite, MB, III, 375.

⁽¹¹⁾ Por meados do século XVI, conhecem-se: 1) O de São Jorge dos Erasmos, começado por Martin Afonso de Sousa e que passou por fim a Erasmo Schetz e seus herdeiros; 2) o de São João, de José Adorno; 3) o da Madre de Deus, de Pêro e Luís de Góis, vindo a pertencer mais tarde, salvo engano, a Domingos Leitão; 4) o de Estêvão Pedroso (ou Ribeiro); 5) o de Estêvão Raposo; 6) o de Francisco de Barros Azevedo. Os dois últimos na Ilha de Santo Amaro. Na sua carta de 1548, declara Luís de Góis, que eram seis os engenhos na região. Outros houve, posteriores a estes, enquanto alguns devem ter desaparecido, durante o período mais agudo das hostilidades tamoias. Cf. carta de Góis em História da colonização portuguesa do Brasil.

⁽¹²⁾ Senhor da terra, isto é, da Capitania de São Vicente, era Martin Afonso de Sousa (1534-1572). Capitão-mor em São Vicente, Francisco Moraes (1559-1561); a 1º de maio preside Nóbrega a eleição de seu sucessor, na pessoa de Pedro Colaço Vilela (1561-1562), reconduzido mais tarde ao cargo (1571-1573).

⁽¹³⁾ Descendentes de João Caiubi, Cf. nota n. 5.

⁽¹⁴⁾ Trata-se da Vila de Santo André, cuja população, de acordo com o próprio desejo (MB, III, 345-347), foi mudada para junto do Colégio de São Paulo, a pedido de Luís da Grã e mediação de Nóbrega, por ordem de Mem de Sá, durante a estada do governador na capitania, de 31 de março a 25 de junho de 1560.

⁽¹⁵⁾ “Gregório Serrão já era ministro da Casa de São Paulo, quando, a 12 de agosto de 1560, tomou posse da Sesmaria de Jaraibatiba em nome de Nóbrega” (M, III, 270-271). S. Leite.

⁽¹⁶⁾ Os tamoios, ou tupinambás do Rio de Janeiro.

⁽¹⁷⁾ Os tupis, ou tupiniquins de São Vicente.

⁽¹⁸⁾ Padre Manuel de Paiva e, por intérprete o Irmão Gregório Serrão. MB, III, 345-347; Anchieta na biografia de Paiva, C. Jes. III, 486-487.

⁽¹⁹⁾ Rio Tietê, antigo Anhembí, remontando às nascentes.

⁽²⁰⁾ Rio Paraíba. O varadouro estaria entre as atuais cidades de Guararema e Santa Branca, cinco ou seis léguas abaixo da junção do Rio Paraíba com o Paraitinga.

⁽²¹⁾ A quarema de 1561 começou a 20 de fevereiro, caindo a páscoa a 6 de abril.

⁽²²⁾ Deu-se o combate vitorioso dos piratininganos nos primeiros dias do mês de abril.

⁽²³⁾ Boa parte dos tamoios acabou retirando-se para o interior do país, após a expedição punitiva de Salema ao Cabo Frio (1575). Ou então escravizados, e os que se recolheram às aldeias do Rio, se converteram ao cristianismo. Foi o que sucedeu igualmente com os da Fronteira, pacificados por Nóbrega e Anchieta, na embaixada de Iperuí. Muitos foram os que pereceram na guerra para a conquista da Guanabara (1560-1567).

⁽²⁴⁾ De resto.

⁽²⁵⁾ Em 1561 a festa de São Paulo Eremita, em terras portuguesas, era celebrada a 29 de janeiro. S. Leite, MB, III, 381, n. 24. Um dos fundadores de São Paulo, ajudou Mateus Nogueira a sustentar, com seu ofício de ferreiro, a comunidade da Casa de São Paulo.

⁽²⁶⁾ Primeira “casa de retiros”, iniciativa do Padre Manuel da Nóbrega.

Do irmão José de Anchieta ao geral P. Diogo Laínes, Roma

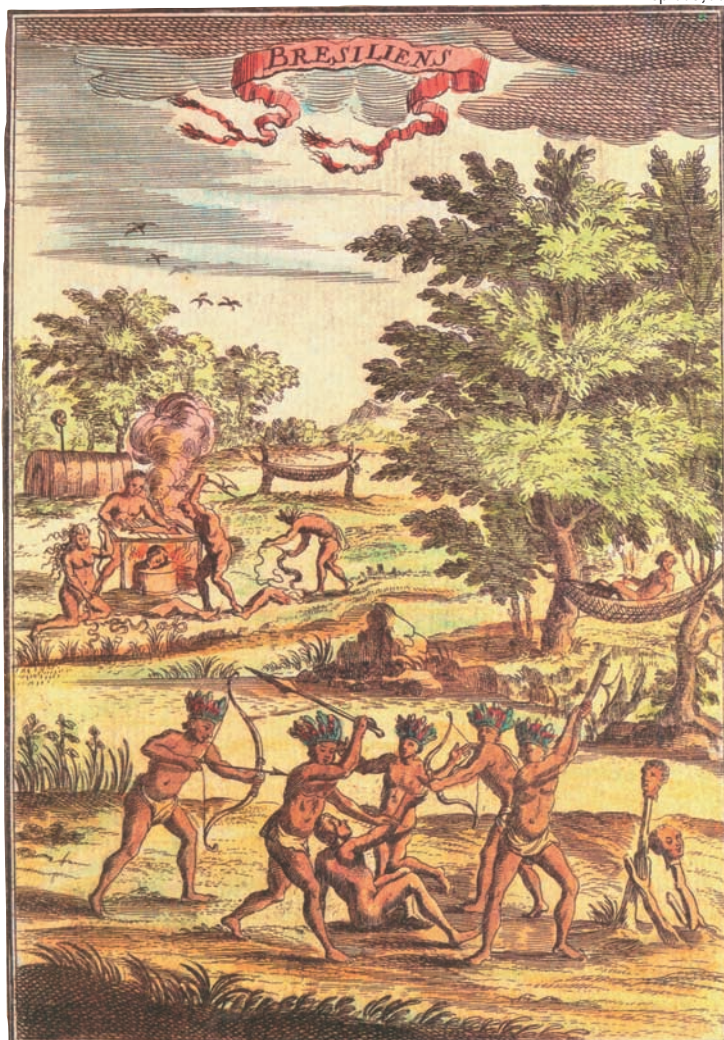
São Vicente, 16 de abril de 1563

Jesus Maria Pax Christi!

Um ano há, e passa, que se escreveu desta capitania, pelo mês de março de 62, ⁽¹⁾ a V. Paternidade, acerca do que fazem os irmãos nos seus ministérios, em serviço de Nosso Senhor e ajuda das almas. Resta dar conta do mais que sucedeu, segundo o manda a santa obediência.

Nas cartas passadas fiz menção de como ficávamos na Casa de Piratininga, com alguns estudantes nossos e forasteiros, ocupando-nos em ensiná-los, e na doutrina dos índios, juntamente com os escravos dos cristãos, em nossos sólitos ministérios espirituais, instruindo e aparelhando para o batismo os que não estão batizados, e confessando os que já o estão, e ajudando-os também nas suas enfermidades corporais, curando-os e sangrando-os e acudindo-lhes, maxime na hora da morte, para que consigam o fim de sua criação. Nisto nos ocupamos, estando sempre esperando os embates dos inimigos, de uma parte – dos contrários destes, com quem vivemos, ⁽²⁾ e, de outra, dos mesmos nossos, que estão espargidos pelo interior do País, ⁽³⁾ como muitas vezes tenho escrito. E destes nossos nos temíamos mais, por ser ladrões de casa e haver muitos anos, que nos têm ameaçado com guerra, maxime aos que estamos em Piratininga, que é fronteira deles e chave das povoações dos cristãos, ⁽⁴⁾ que estão situadas nestes portos de mar.

Havendo, pois, estes índios matado muitos dos cristãos portugueses, em diversos tempos e lugares, por suas terras, aonde iam a lhes resgatar suas coisas, como é costume, acrescentaram agora sua maldade matando outros dois cristãos, um dos quais era homem muito virtuoso e que se confessava e comungava quase cada oito dias. Cujas mulher era índia da geração destes nossos índios e tinha muitos irmãos e parentes entre eles. Não era menos amiga de



A antropofagia era prática comum em algumas tribos indígenas. Eles acreditavam que dessa forma iriam se apossar da força do inimigo.

Nosso Senhor, continuando os mesmos exercícios que seu marido, confessando-se por intérprete e comungando mui a miúdo. Esta, que então ia em companhia de seu marido, depois da morte dele tornando-se para os cristãos, com alguns escravos seus e índios de Piratininga, que sempre a haviam acompanhado, foi presa e detida pelos mesmos seus, por um principal de uma aldeia, para que os cristãos lhe dessem resgate por ela e, entretanto, tê-la por manceba, por haver sido mulher de português, o que eles têm por grande honra. Mas ela, que tinha outro conhecimento e amor de Deus Nosso Senhor e de sua santa fé e lei, tinha determinado de antes morrer que em tal consentir, ainda que soubesse matar-se a si mesma. E foi o caso que, naquele dia em que a prenderam, se saiu de noite de casa dos índios secretamente e nunca mais apareceu, por mais que muito a buscassem, pelo que eles mesmos dizem que creem que se enforcou ou lançou nalgum rio, por não consentir em ser manceba de nenhum infiel. Mas a nós nos parece que eles mesmos a mataram pelo mesmo caso e depois deitaram esta fama. E porque tínhamos muito bem conhecida sua inocente vida de muitos anos que frequentou os sacramentos em nossa casa, não podemos pensar outra coisa, nem crer que havia Nosso Senhor de permitir que quem tão bem havia sempre vivido, no fim de sua vida se perdesse.

Acabado isso, começaram logo a apregoar guerra contra Piratininga, coisa que há muito tencionavam, ⁽⁵⁾ porque tão carniceira é esta gente que parece impossível poderem viver sem matar. E se bem determinassem fazê-lo com todo o segredo, deu-nos contudo aviso Nosso Senhor, com que, embora castigados, nos salvássemos. No dia seguinte ao da Visitação de Nossa Senhora, ⁽⁶⁾ recebemos aviso de um índio, que tinha seus parentes entre nós e que, apartando-se dos malfeitores, veio correndo por outro caminho fazer com que nos preveníssemos para a defesa. Muitas particularidades sucedidas neste caso haveria que contar, mas falarei tão somente das grandes misericórdias que usou Deus conosco. E a maior delas foi mover o coração de muitos índios, nossos catecúmenos e cristãos, a que nos ajudassem, tomando armas contra os seus. Sabida a nova e verdade da guerra, se vierem estes de sete ou oito aldeias, em que viviam dispersos, a meter-se em nossa companhia. Não todos, mas somente aqueles a quem quis a mão de Deus escolher, para que nos defendessem da fúria dos encarniçados inimigos.

E foi de tal sorte que, de noite à luz de velas acesas, vinham, tremendo de frio (que nesta época é aqui muito intenso), a bater à porta da vila, não por medo que tivessem dos seus, mas coagidos ao que parece pelo poder de Deus, sem quase perceberem o que faziam. Outros se uniam aos adversários, imaginando que à sua grande multidão não poderiam resistir os poucos, que se achavam em Piratininga. Outros houve que foram de surpresa, nas selvas, não os querendo ajudar. E, após, se retirarem com as cabeças quebradas para suas terras, vieram juntar-se conosco.

Quem maiores mostras deu de cristão e amigo de Deus foi Martim Afonso, ⁽⁷⁾ principal de Piratininga (de quem muitas outras vezes tenho feito menção em outras cartas), o qual recolheu logo toda a sua gente, que estava repartida em três aldeias, desmanchando suas casas e abandonando suas lavouras à destruição dos contrários. Tão grande era a solicitude que tinha dos portugueses, que nada mais fez, nos cinco dias em que estivemos aguardando o combate senão adverti-los e esforçá-los, pois eram mui poucos e alguns tolhidos e enfermos, pregando continuamente noite e dia pelas ruas (como é costume dos índios), que defendessem a igreja, que os padres haviam erguido para lhes ensinar a eles e as seus filhos, que Deus lhe daria vitória contra seus inimigos, que tão sem motivo lhes queriam dar guerra.

E por mais que alguns de seus irmãos e sobrinhos se deixaram ficar em uma aldeia, ⁽⁸⁾ não querendo segui-lo, e um deles ⁽⁹⁾ vinha juntamente com os atacantes e mandara amedrontar muito aos de cá, com dizer que eram muitos e haviam de destruir a vila, todavia prezou mais o amor que nos tinha e aos cristãos que o de seus sobrinhos, que os índios têm em conta de filhos, levantando logo bandeira contra todos eles e uma espada de pau toda pintada e ornada de penas de diversas cores, como sinal de guerra.

Chegado pois o dia, que foi a oitava de Visitação de Nossa Senhora, ⁽¹⁰⁾ investiu pela manhã contra Piratininga a hoste numerosa dos contrários, pintados e empenachados, com enorme alarido, aos quais saíram incontinentemente a receber os nossos discípulos, que eram bem poucos, com grande denodo. E os trataram muito mal. Foi coisa de pasmarmos que ali se encontravam e se contrapunham às flechadas irmãos a irmãos, primos a primos, sobrinhos a tios, e o que é mais, dois filhos, que eram cristãos e estavam conosco, contra o próprio pai, que estava contra nós. De maneira que parece que a mão de Deus os separou assim e os coagiu, sem eles darem por isso, a proceder desta sorte.

As mulheres e crianças dos portugueses e até mesmo as dos índios se recolheram quase todas a nossa casa e igreja, por ser um pouco mais segura e forte, onde algumas das mestiças passaram toda a noite em oração e deixaram ainda bem tingidas de sangue, arrancado com as disciplinas, as paredes e os bancos. Sangue, não duvido, que combatia mais rijamente contra os inimigos, que as setas e os arcabuzes.

Tiveram-nos sitiados dois dias apenas, de peleja ininterrupta, ferindo muitos dos nossos índios e, conquanto muitas das flechadas fossem perigosas, nenhum morreu pela bondade de Deus. Retiraram-se todos eles para nossas casas e aí os curávamos do corpo e da alma. E assim o fizemos posteriormente, até sararem todos. Mas dos inimigos houve muitos feridos e alguns mortos, entre os quais se encontrou um nosso catecúmeno, que pode ser considerado capitão dos malvados.

Sabendo este ⁽¹⁾ que todas as mulheres se haviam de recolher nossa casa e que havia mais que saquear, veio dar o

assalto pela cerca de nossa horta, mas aí o topou uma flecha, que lhe deu pela barriga e o matou, dando-lhe a paga daquilo que nos pretendia infligir em troca da doutrina, que lhe havíamos ensinado, e outras boas obras, que lhe fizéramos ao tempo em que estava conosco, a ele e a seus irmãos, curando-os de ferimentos graves, recebidos de índios contrários.

No segundo dia de combate, achando-se bem malferidos e maltratados, e perdida já a esperança de penetrar na praça, se deram a sacrificar as vacas dos cristãos e mataram muitas, destruindo grande parte das plantações pelo campo a fora. Sobre a tarde⁽¹²⁾ se puseram em fuga, e com tal rapidez que não esperava o pai pelo filho, nem irmão por irmão. Sairam-lhes no encalço os nossos discípulos e aprisionaram a dois dos fugitivos.

Um destes quis apadrinhar-se com os missionários, chamando por eles, dizendo que eles o haviam ensinado e catequizado, que seria seu escravo. Mas pouco lhe aproveitou, pois, sem nos dar conta disso, lhe quebrou logo a cabeça Martim Afonso, com sua espada de pau, pintada e emplumada, que para isso tinha já erguida, juntamente com a bandeira.⁽¹³⁾ E isto fez para apartar-se definitivamente dos seus, que com tanta injustiça o vinham matar, a ele e a nós, se Deus lho tivesse consentido.

Depois disso fez Nosso Senhor muitas mercês aos nossos discípulos e a nós, em diversos assaltos que os inimigos vinham fazer pelos caminhos, nos quais sempre levaram a pior. E porque os inimigos tinham levado muitos dos que estavam espargidos pelas aldeias, antes que se pudessem recolher, e os detinham em suas terras, quase como cativos, para que não fossem de nossa parte, juntaram-se uns poucos de nossos discípulos cristãos e catecúmenos, com três portugueses, e entraram quase vinte léguas pela terra dos malfeitores e trouxeram bem quarenta almas de homens, mulheres e crianças, os mais deles cristãos, dos quais uns tinham seus filhos em Piratininga, outros as mulheres, e algumas a seus maridos.

Mas não os retiraram tanto a seu salvo que não fossem assaltados pelos inimigos, ainda que para seu mal, que foram mortos três deles e os outros deram a fugir, deixando morto um menino inocente batizado, e um nosso discípulo com tantas flechadas e tão perigosas, que por ninguém foi julgado sobrevivesse. Donde se inferiu por suma mercê de Deus, escapar com vida, quase sem curativos, e tão rapidamente que mais parece que agiu o Senhor da vida, que nenhuma outra medicina, por ser este um dos melhores cristãos, que se fizeram nesta terra, e mais amigo das coisas de Deus, e o que mais peleja em defesa dos cristãos, saindo ele, depois de sua cura, quase inesperada e súbita, com grande conhecimento da mercê que lhe fez Nosso Senhor, e com propósito de melhor viver.

Esta guerra foi causa de muito bem para nossos antigos discípulos, que são agora forçados pela necessidade a deixarem as habitações todas, em que se tinham espalhado, e a recolherem-se todos a Piratininga. A qual eles mesmos cercaram agora de novo com os portugueses e está segura de

toda investida. E desta maneira podem ser ensinados nas coisas da fé, como agora se faz, havendo contínua doutrina, de dia às mulheres e de noite aos homens, aonde concorrem quase todos, havendo um alcaide,⁽¹⁴⁾ que os obriga a entrar na igreja. Batizaram-se e casaram-se alguns deles e prossegue-se a mesma obra, já com esperança de maior fruto, porque estes não têm para onde se apartar, por estarem inimistados com os seus. E estando sempre juntos conosco, como agora estão, não podem deixar de tomar os costumes e vida cristã, ao menos pouco a pouco, como já se principiou.

Parece-nos agora que estão as portas abertas nessa capitania para a conversão dos gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira, com que sejam sujeitados e postos sob o jugo. Porque, para este gênero de gente, não há melhor pregação que espada e vara de ferro,⁽¹⁵⁾ na qual, mais que em nenhuma outra, é necessário que se cumpra o compelle e os intrare.⁽¹⁶⁾ Vivemos agora terra esperança, se bem que postos em perigo por estar toda a terra levantada. E como são ladrões de casa, cada dia vêm assaltar as fazendas e caminhos.

Entre outros bens, que a divina bondade soube tirar desta guerra, foi um que se batizaram e ajudaram a bem morrer alguns escravos dos portugueses, que destas povoações marítimas,⁽¹⁷⁾ nos foram dar socorro. Mas já depois da contenda acabada, os quais adoeceram de graves febres. E, acudindo a os sangrar, achávamos a uns, que somente o nome tinham de cristãos, sem o serem, pelo grande descuido de seus senhores, outros que em toda a vida nunca tinham sido confessados, nem ensinados nas coisas que haviam de crer e praticar. E assim haveriam de morrer, se por estes meios não lhes procurasse Deus sua salvação, levando-os a Piratininga, onde, pela graça do Senhor, têm os irmãos grande vigilância sobre estas coisas. Dos índios também, que por força, haviam sido levados pelos seus, se tornaram alguns para nós, alguns dos quais não parece que vinham mais que para buscar sua salvação, porque dentro de poucos dias morriam, depois de recebido o batismo, tanto inocentes, como adultos.

Morreu também nosso principal, e grande amigo e protetor Martim Afonso. O qual, depois de se haver feito inimigo de seus próprios irmãos e parentes, por amor de Deus e de sua Igreja, e depois de lhe haver dado Nosso Senhor vitória de seus inimigos, estando ele com grandes propósitos e mui determinado de defender a causa dos cristãos e nossa Casa de São Paulo, que ele bem conhecia haver sido edificada em sua terra por amor dele e de seus filhos, lhe quis Deus dar o galardão de suas obras, dando-lhe uma doença de câmaras de sangue, na qual, como não houvesse sinal de melhora, mandou chamar um padre, que quase cada dia o visitava e curava,⁽¹⁸⁾ e se confessou, e ao outro dia se tornou a reconciliar, com grande sentimento de sua vida passada e de não haver bem guardado o que lhe havíamos ensinado, com tanto juízo e maturidade que não parecia homem brasil.

Fez seu testamento e deixou encomendado à sua mulher e filhos que seguissem nossas palavras e doutrina. E no dia da

Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo ⁽¹⁹⁾ morreu, para nascer em nova vida de glória, como esperamos. Foi enterrado em nossa igreja, com muita honra, acompanhando-o todos os cristãos portugueses, com a cera de sua confraria. ⁽²⁰⁾ Ficou toda a capitania com grande sentimento de sua morte, pela falta que sentem todos que lhes faz, porque este era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se todos ser-lhe mui obrigados pelo trabalho que tomou em defender a terra.

Mais que todos creio que lhe devemos, nós os da Companhia. E por isso determinou considerá-lo na conta, não só de benfeitor, mas também de fundador e conservador da Casa de Piratininga e de nossas vidas. ⁽²¹⁾ Porque havendo ele ajudado a fazê-la com suas próprias mãos, e havendo nos ajudado a sustentar logo no princípio de sua fundação, que não havia ali nenhuns portugueses, agora o quis fazer Deus nosso defensor, e pôs em suas mãos a vida de dez irmãos, ⁽²²⁾ que naquele tempo da guerra nos achamos em Piratininga, e todo o demais povo dos portugueses. E digo pôs em suas mãos, porque quase todos os daquela comarca, que se recolheram conosco, dependiam dele, e querendo ele consentir com a maldade dos seus (como eles mal cuidaram) pouco houvera que fazer em nos matar e comer. Isto creio que basta para dar a entender a obrigação, que todos temos de o encomendar a Nosso Senhor. Praza a sua divina bondade de nos abrir porta, para se poder fazer algum proveito na conversão de tanta gentildade que há nesta terra.

Têm-se prosseguido sempre os sólitos ministérios nossos de doutrinas e confissões com os índios e escravos, assim em Piratininga como em outros lugares marítimos, acorrendo a umas e outras partes, segundo as necessidades ocorrentes, de que sempre se colhe algum fruto. Pregando também o Padre Manuel da Nóbrega aos portugueses, empregando nisto e noutros trabalhos em serviço de Deus Nosso Senhor a saúde, que a sua divina bondade se dignou comunicar-lhe, que ao presente é muita, e mais do que esperávamos que fosse, segundo as graves enfermidades em que estava, como se terá sabido pelas cartas passadas. Bendito seja o Senhor em seus dons.

Esta quaresma ⁽²³⁾ se tem socorrido a Vila de Santos, que é a principal povoação desta capitania, com um sacerdote e um irmão intérprete, para a doutrina e confissão dos escravos, onde estiveram quinze dias somente, para poder acudir a outras partes. Os quais foram tão bem empregados que, desde antemanhã até grande parte da noite se ocupavam em confissões, fazendo-se doutrina pela manhã e tarde a todos, homens e mulheres, a quantos vinham, e à noite especialmente aos escravos.

Como souberam que éramos chegados ⁽²⁴⁾ para os ensinar a confessar, correu grande multidão deles das fazendas, com grandes desejos de confessar-se. E o melhor é que, como não sabem usar de muitas cortesias, nem ter mais respeito que à sua devoção, dá-lhes pouco se estamos cansados, se temos necessidade de sono ou não. E assim se confessou grande parte deles, aqueles quinze dias que ali estivemos,

com muito proveito de suas almas. E como quer que não tenham tantos embarços, nem cuidam mais que de servir a seus senhores, alguns deles já casados, guardando muito bem, e estimando muito as leis do matrimônio, outros solteiros vencendo muitos encontros tentações de diabos encarnados, e dando muito crédito ao que lhes ensinamos, não duvido de antepô-los a seus senhores, que comumente cada vez se embarçam mais com diversos gêneros de impedimentos, com que nem podem nem querem admitir o remédio, que lhes querem dar os da Companhia. E assim recorrem a outros médicos, que lhes cicatrizem as chagas por cima, deixando dentro a sãnie corrosiva, que penetra até as entranhas. Não deixa contudo de haver alguns, que se confessam e comungam a miúdo com os padres, seguindo em tudo seu parecer e saudável conselho para suas almas.

Cumpridos quinze dias, que estivemos na Vila de Santos, onde se confessou grande parte dos escravos e mulheres dos portugueses, que sempre são mais devotas que seus maridos, nos tornamos a este Colégio de São Vicente. E daqui nos partimos logo a outro lugar, chamado Itanhaém, seis ou sete léguas pela praia, que é fronteira dos índios que se levantaram agora, onde também se mudaram a morar com os cristãos duas aldeias de índios, matando alguns dos malfeitores, que também vinham sobre aquela povoação. ⁽²⁵⁾ E agora tem feitas casas de novo junto dos portugueses, desejando ser ensinados e batizados, mas por falta de intérprete não se pode fazer nada agora ao presente. Nesta vila ⁽²⁶⁾ estivemos outro pedaço da quaresma, ocupando-nos nos mesmos exercícios de ensinar e confessar senhores e escravos, de noite e de dia com assás trabalho, mas mesclado com muita consolação de ver a diligência, que têm os escravos e acudir das fazendas em que estão esparramados a confessar, e quão bom cuidado têm na guarda dos mandamentos de Deus.

Entre esses índios que digo, está um que creio passa de cento e trinta anos, ao qual todos os que há muito tempo que o conhecem dão testemunho de haver sempre vivido sine querela esse tempo em que o conheceram, assim com os seus como com os nossos portugueses. Outra vez que fomos àquela vila, pela festa da Conceição de Nossa Senhora, ⁽²⁷⁾ a quem sua igreja é dedicada, falamos-lhe que o queríamos batizar para que não se perdesse a sua alma, mas que por então não podíamos ensinar-lhe o que era necessário por falta de tempo, mas que estivesse aparelhado para quando voltássemos. Folgou ele tanto com esta nova como vinda do céu, e teve-a tanto na memória que, agora quando voltamos e lhe perguntamos se queria ser cristão, respondeu com muita alegria que sim, que já desde então o estava esperando.

Tomando-o, pois, entre mãos e começando-lhe a ensinar as coisas mais essenciais de nossa fé, pensávamos que já não pudesse prestar tino a nada, por sua grande velhice e por ter já perdido parte do ver e do ouvir, e seus membros todos [serem] pouco mais que os ossos, cobertos com a pele muita enrugada. Mas foi o contrário, que o que a muita idade lhe negava era

suprido pela grande vontade e desejo que tinha de ser cristão, máxime depois que lhe demos a entender quanto lhe ia naquilo. E de tal maneira tomou o que lhe ensinávamos que não me lembro, entre muitos que já instruí, ⁽²⁸⁾ pequenos e grandes, haver achado tal aparelho e prontidão, como neste velho.

Dando-lhe, pois, a primeira lição, de ser um só Deus todo poderoso que criou todas as coisas etc., logo se lhe imprimiu na memória, dizendo que ele lhe rogava muitas vezes que criasse os mantimentos para a sustentação de todos, mas que pensava que os trovões eram este Deus, porém que agora que ele sabia haver outro Deus verdadeiro sobre todas as coisas, que a Ele rogaria, chamando-lhe Deus Pai e Deus Filho. Porque dos nomes da Santíssima Trindade, somente estes dois pode reter, porque se lhe podem dizer em sua língua, mas o Espírito Santo, para o qual nunca achamos vocábulo próprio, nem circunlóquio bastante, ainda que não o sabia nomear, sabia-o porém crer, assim como lhe dizíamos.

Tornei depois a visitá-lo, perguntando-lhe pela sua lição. Tornou-me a repeti-la toda, dizendo que a maior parte da noite, que por sua muita velhice não podia dormir, estava pensando e falando consigo aquelas coisas, desejando que sua alma fosse para o céu. Quando lhe vim a declarar o mistério da encarnação, mostrou grande espanto e contentamento de Nossa Senhora parir e ficar virgem, perguntando algumas particularidades acerca disso (o que é bem alheio dos outros, que nem sabem duvidar nem perguntar nada), e falando palavras afetuosas de amor a Nossa Senhora, e nunca mais se lhe olvidou nem o mistério nem o nome da Virgem.

O nome de Jesus teve mais dificuldade em reter, e para isso chamava seus filhos e netos que viessem a ouvir, para que lhe recordassem aquilo que lhe esquecesse. E os filhos e netos também nos rogavam que o batizássemos. Uns diziam: “batizai meu avô, não vá sua alma para o inferno”. Outros: “batizai meu pai, para que vá sua alma para o céu”. E assim cada um com o que podia o ajudava. O que mais se lhe imprimiu foi o mistério da ressurreição, que repetia muitas vezes, dizendo: “Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e se foi ao céu, e depois há de vir muito irado a queimar todas as coisas”.

Finalmente depois de ter suficiente conhecimento das coisas de nossa santa fé, e aborrecimento da vida passada, com mui grande desejo do batismo, o levamos um dia à igreja, à qual ele foi por seus pés, sustentando-se num bastão e ajudado por seus netos, por um monte acima assás áspero ⁽²⁹⁾ para aquela idade, mas o grande ardor de sua alma dava forças aos membros já desfalecidos. Chegando à porta da igreja, o assentamos numa cadeira, onde já estavam seus padrinhos com outros cristãos, esperando-o. Ali lhe tornei a dizer que dissesse, diante de todos, o que queria. Ao que ele respondeu que queria ser batizado, e que toda aquela noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para queimar todo o mundo e destruir todas as coisas, e de como havíamos de ressuscitar todos, detestando também a sua vida

passada, dizendo que, por falta de conhecimento da verdade, comera carne humana e fizera outros pecados, no tempo de sua mocidade, mas que agora a tudo aborrecia, e que bastava que as almas de seus antepassados estavam no inferno, mas a sua queria que fosse para o céu a estar com Jesus, de que todos os presentes davam glória a Deus.

Estando-lhe, pois, fazendo os exorcismos, um pouco antes da bênção da água, ⁽³⁰⁾ começou a chorar e esfregar os pés muito pensativo, a causa do que depois direi, como ele mesmo me contou. Depois de o batizar e feito todo o officio, tornamos a assentá-lo na cadeira, dizendo-lhe seus padrinhos e outros que estavam presentes que se alegrasse, pois de novo era nascido. E como lhe dissessem seus netos que se fosse, perguntou ele muito espantado: para onde? Parece que acreditou que não havia de tornar da igreja, mas que dali se havia de ir ao céu. E, tornando a sua casa, começou a chorar, e seus filhos e netos com ele. Ao outro dia, tornando-nos para este colégio. Fui-me a despedir dele, e ele me disse, sem eu nada lhe ter perguntado, que nunca se havia de esquecer de minhas palavras, dizendo-me mais: “mui alegre estou, que há de ir minha alma ao céu, e por isso chorava eu ontem, quando me batizavam, lembrando-me de meus pais e avós, porque não alcançaram esta boa vida que eu alcancei”. Com isto nos despedimos dele muito consolados, deixando-o encomendado a seus padrinhos.

Maravilhas são estas, que sabe fazer a suma bondade de Nosso Senhor com seus escolhidos, restituindo este de tanta velhice à infância e inocência do batismo, e em tempo que antes parecia ele mais menino que velho, sem ter ocupação interior nem exterior nenhuma, pelo que esta, que tão necessária lhe era, se lhe imprimiu tanto no coração. Pouco tempo pode viver naturalmente, e parece-nos que não lhe dilatava Deus a vida, senão até chegá-lo a esta hora, em que recebesse vida de graça para ser participante da eterna vida. A Deus seja glória por tudo!

Partidos dali, regressamos pela praia buscando almas perdidas e desamparadas dos escravos dos cristãos, que estão guardando suas lavouras, e achamos em diversos lugares cinco ou seis, algumas em extrema necessidade de medicina espiritual, uma aqui, outra ali, em umas pobres cabanas metidas pelas selvas, onde fazem seus mantimentos. A uns confessamos de toda a sua vida, porque nunca o haviam feito, sendo já de mui longa idade, e sangramos juntamente. A dois inocentes batizamos, que se Deus Nosso Senhor não os fora buscar desta maneira, não sei se acharam entrada para a vida eterna. Um dos quais achamos só, com outra menina de menos idade que ele, em uma choça de palha junto de um bosque, muito ao cabo e com pouca esperança de vida. E sabendo dele que não era cristão e que o queria ser, o trouxemos a um rio, lembrando-nos de São Filipe, quando batizou ao eunuco, ⁽³¹⁾ o metemos no rio e o batizamos, chamando-lhe Filipe. Estes pequeninos manípulos se colhem por estes caminhos com assás, trabalho e cansaço, calores e chuvas. Sirva-se de tudo Jesus Cristo Nosso Senhor,

que com os imensos trabalhos de sua vida e morte nos andou buscando, que de todo estávamos perdidos. Destoutra banda do Norte, temos os contrários, ⁽³²⁾ inimigos também destes nossos índios, ⁽³³⁾ de que muitas vezes tenho escrito. Estes parece que têm justiça contra os portugueses, pelas muitas sem justiças e sem razões, que deles não de sempre recebido, e por isso os ajuda sempre a justiça divina, porque vêm muito a miúdo, por diversas partes, por mar e por terra, a assaltar, e sempre levam escravos dos cristãos, e aos mesmos homens matam. E agora, no tempo em que estes índios se levantaram, ⁽³⁴⁾ deram em umas fazendas e tomaram e mataram mais de quarenta almas cristãs de escravos e filhos dos portugueses. E de envolta três mulheres casadas, das mestiças, uma das quais lhes fugiu de noite nua, e as outras levaram, das quais temos notícias que são vivas.

Estas são umas duas irmãs, que aqui sempre ouviam a doutrina e se confessavam e comungavam muito a miúdo. Às quais deu Nosso Senhor esforço, maxime a uma delas, de que os mesmos contrários nos contaram em particular que, querendo o que a cativara tê-la por manceba, nunca o quis consentir, nem com afagos nem com ameaças, até que determinou de matá-la, ao que ela se ofereceu de boa vontade por não ofender a Deus. E estando já seu senhor para o pôr por obra, impediram-no outros seus parentes, dizendo que a deixassem, que a tornariam a resgatar os cristãos. E com isto a deixou. Isto mencionei para que de tudo se dê glória a Deus, que ainda das mulheres bráslicas tem quem de bom grado queira receber a morte pela guarda da castidade.

Vendo o Pe. Manuel da Nóbrega os grandes trabalhos e inquietação de toda esta capitania, com as contínuas incursões destes contrários e a muita justiça, que tem de sua parte, se determinou, encomendando isso a Nosso Senhor, de ir tratar pazes com eles, se estes povos dos portugueses quisessem, e ficar-se entre eles, e eles virem cá, e assim haver comunicação e concórdia. E havendo já dois anos e mais que Nosso Senhor lhe dá isto a sentir, e faltando sempre oportunidade, agora quis Deus abrir caminho para tal.

E é que, indo lá um barco a saber destas mulheres cativas, foram muito bem recebidos por eles, e souberam como os contrários sabiam de nosso desejos de pazes, e como se levantaram nossos índios contra nós. Pelo qual desejam

muito que se efetuem as pazes, maxime sabendo que os padres não de ir morar entre eles, dos quais há muito tempo que têm notícia, assim por informação de muitos escravos dos cristãos, que daqui fogem e eles levam, como dos seus mesmos, que nós impedimos a estes índios nossos discípulos que não comam nem matem, pelo que mostram grandes desejos de nos ter consigo, para lhes ensinar seus filhos. É esta uma nova de grande alegria para toda esta terra, e muito mais para nós, que esperamos que por esta via se abrirá alguma porta para ganhar muitas almas ao Senhor.

Agora estão aparelhados dois navios, em que havemos de ir, o Pe. Manuel da Nóbrega e eu por intérprete, por falta de outro melhor, porque os mais irmãos foram mandados à Bahia a tomar ordens, ⁽³⁵⁾ onde têm bem em que empregar seus talentos, em serviços de Deus Nosso Senhor e ajuda das almas.

Querendo os contrários dar reféns, que venham cá, nos havemos de ficar em suas terras, e com isto esperamos que terá algum sossego esta capitania, que anda deles tão infestada, que já quase não pensam os homens senão em como não de ir e deixá-la. E juntamente se poderão amansar e sujeitar estes nossos índios, para se poder fazer alguma coisa de proveito em suas almas. E assim nos mesmos contrários, nos quais se lançará agora este pequeno fundamento, sobre o qual depois se poderá edificar grande obra. E quando mais não fosse, já poderia ser que por ali se nos abrisse alguma porta para ir mais depressa para o céu.

Estamos já de caminho para esta jornada, ⁽³⁶⁾ entregando-nos à divina Providência, como homens morti destinados, ⁽³⁷⁾ não tendo mais conta com morte nem vida que quando for mais glória de Jesus Cristo e proveito das almas, que Ele comprou com sua vida e morte. ⁽³⁸⁾

Nos santos sacrifícios e orações de Vossa Parternidade e de todos os nossos caríssimos irmãos, desejamos e pedimos muito ser encomendados a Deus Nosso Senhor, para que não dê graça, com que conheçamos e cumpramos perfeitamente sua santíssima vontade.

*Deste Colégio de Jesus de São Vicente,
hoje 16 de abril de 1563 anos.
Minimus Societatis Jesu, José.*

⁽¹⁾ Carta 14, anterior.

⁽²⁾ Tamoios, ou tupinambás, nome pelo qual são nomeados pelos franceses.

⁽³⁾ Tupis, ou tupiniquins.

⁽⁴⁾ Única povoação portuguesa, implantada no interior do País, longe do mar e na boca do sertão, Piratininga era uma atalaia e um baluarte da colonização, em face dos silvícolas, exposta, mais que qualquer outra, aos ataques provenientes dessas regiões então desconhecidas.

⁽⁵⁾ Embora confederados, não distinguiam suficientemente os tupiniquins os portugueses dos espanhóis, que os pressionavam da banda do Paraguai. Guerreiros profissionais, lançavam mão de

qualquer pretexto para romper hostilidades. E não pequeno pretexto seria a prática da escravização, por parte dos colonizadores. Estes, aliás, presentindo o perigo, tomavam de antemão suas providências: a 28 de maio de 1562, em Piratininga, era nomeado pelo capitão-mor de São Vicente, para chefiar a defesa militar de São Paulo, de acordo com o cargo já exercido anteriormente em Santo André, o velho "guarda-mor" do Campo, João Ramalho. Atas da Câmara de São Paulo, I, 14-15. Em torno da vila se havia levantado um muro de taipa.

⁽⁶⁾ 3 de julho de 1562.

⁽⁷⁾ Martim Afonso Tibiriçá, de quem abaixo se fala mais extensamente.

⁽⁸⁾ O principal da Aldeia de Uraraí, irmão de Tibiriçá, seria Piquerobi. Citando a propósito S. de Vasconcelos, com a devida interpretação, já feita aliás por outros autores, como João Mendes de Almeida e Machado de Oliveira, apresenta A. Machado nesses termos o § 134 do L. II da Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil.

⁽⁹⁾ Sobrinho de Tibiriçá, filho de Piquerobi era Jaguanharon (o “cão bravo”), que tentou demover o principal de Piratininga de seu propósito de defendê-la contra a multidão de seus parentes.

⁽¹⁰⁾ 9 de julho. A festa da Visitação cai a 2 de julho. Cf. n. 6.

⁽¹¹⁾ Jaguanharon, acima nomeado. Nota 9..

⁽¹²⁾ Tarde do dia 10 de julho.

⁽¹³⁾ Nota de Serafim Leite: a “bandeira”, insígnia militar portuguesa, a “espada de pau”, símbolo guerreiro indígena, representam aqui a aliança entre o elemento europeu e o americano e suas respectivas culturas.

⁽¹⁴⁾ Esse “alcaide” corresponde ao “meirinho” das aldeias da Bahia.

⁽¹⁵⁾ Sl. 2.9. Condição prévia para a livre aceitação do Evangelho por parte dos selvagens, era o seu enquadramento nas leis naturais.

Com isso se fariam homens, para daí, sendo possível, se tornarem cristãos. Para enquadrá-los nesse “direito humano”, nada mais indicado que a vassalagem ao Estado português oficialmente católico, chamado pela Providência a criar nesta parte do mundo uma nova sociedade civilizada.

⁽¹⁶⁾ Lc., 14,23. Entre a imposição de condições sociais, favoráveis à pregação do Evangelho, e a adesão do índio ao cristianismo, abre-se um “hiato”, que o próprio Deus, que assim decretou, tem de respeitar: o livre alvedrio, algo de intransponível e sagrado. Conforme a isso procedem seus ministros, os missionários da Igreja Católica.

⁽¹⁷⁾ São Vicente, Santos, Bertioga e Itanhaém.

⁽¹⁸⁾ Padre Fernão Luís Carapeto (Crônica, L. II, § 138), o mesmo que irá assistir no Rio de Janeiro à morte de Manoel da Nóbrega.

Demonstração prática de como sempre respeitou a Igreja, em nossos índios, a eminente dignidade da pessoa humana.

⁽¹⁹⁾ 25 de dezembro de 1563.

⁽²⁰⁾ Eis que já existia, em 1562, em São Paulo a “Irmandade da Misericórdia”, que outra não pode ser essa “confraria”.

⁽²¹⁾ Designados “fundadores”, nas Constituições da Companhia, de seus colégios e casas de formação, são os que doam a terra e os recursos para sua construção e/ou os “fundos” para seu sustento. Epítome Instituti, Societatis Jesu, Pars, VI, tit. V, cap. IV, n. 583. Nem por se tratar de um silvícola deixou a piedade agradecida de Anchieta e seus companheiros do Colégio de São Paulo de inscrevê-lo, com direito a sufrágios especiais, no livro de sua perene gratidão. Anchieta, o Apóstolo do Brasil, 292.

⁽²²⁾ Superior em Piratininga era o Padre Vicente Rodrigues. Fernão Luís, também sacerdote, seria então o ministro. Mestre, Anchieta, que contaria sete discípulos, três dos quais foram depois sacerdotes: Luís Valente, Diogo Fernandes e Manuel Viegas. Os outros quatro

não perseveraram. MB., III, 457-459.

⁽²³⁾ Primeiro dia da quaresma foi 25 de fevereiro; 11 de abril, a páscoa.

⁽²⁴⁾ O sacerdote, não sendo Nóbrega, caso em que certamente aqui seria nomeado, foi seguramente seu companheiro, o Padre Afonso Brás. O intérprete vem aqui implicitamente indicado, é o autor da carta: “éramos chegados”.

⁽²⁵⁾ Dominavam os tupis o litoral sul de São Paulo, atingindo Superaguí, margem norte da baía de Paranaguá. Cananéia se conhecia como “porto dos tupis”. Pouco abaixo de Itanhaém ficavam duas aldeíolas de índios tupiniquins, que se mantiveram fiéis à amizade com os portugueses.

⁽²⁶⁾ Vila de Itanhaém, de que continua falando. Anchieta, sócio e intérprete do sacerdote: “estivemos”.

⁽²⁷⁾ 8 de dezembro de 1562. O índio, mais que centenário é individuado na Crônica de S. de Vasconcelos (L. II, § 141): Piririguá-ubi. Anchieta, que o catequizou e preparou para o batismo é aqui seu interlocutor...

⁽²⁸⁾ Na explanação das verdades da fé, segue exatamente Anchieta a ordem do Diálogo da Fé ou “Doutrina do Venerável Padre José de Anchieta”, ARSI, Opp. NN. 23.

⁽²⁹⁾ A colina de Itanhaém, sobre a qual está a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Já não é a mesma capela dos tempos de Anchieta, reconstruída que foi pelos franciscanos no século seguinte, mas a imagem é a mesma, fabricada, segundo a tradição, por Gonçalo Fernandes.

⁽³⁰⁾ Trata-se aqui de um batismo solene, administrado pelo sacerdote; oficiado, pois, pelo Padre Afonso Brás.

⁽³¹⁾ Atos dos Apóst. VIII, 36-38.

⁽³²⁾ Tamoios.

⁽³³⁾ Tupis. O ódio dos tupinambás contra os tupis, confederados com os portugueses de São Vicente, era, sem dúvida uma das principais razões da guerra, que desde 1545, moviam contra estes.

⁽³⁴⁾ Refere-se ao ataque de 9 e 10 de julho contra São Paulo.

⁽³⁵⁾ Para a Bahia, em companhia do Padre Manuel de Paiva, seguiram, com parada no Espírito Santo, os Irmãos Gregório Serrão, Diogo Jácome e Manuel de Chaves, lá ordenados por Dom Pedro Leitão, logo a seguir. Desde 1559 os chamara Nóbrega, como também a Anchieta, mas este não encontrou substituto (S. Leite).

⁽³⁶⁾ Partiram para Bertioga a 19 de abril, três dias depois de escrita esta carta. Alipassaram cinco dias em ministérios, partindo finalmente no dia 25 para Iperuí.

⁽³⁷⁾ 1 Cor., 4,9.

⁽³⁸⁾ Cf. Rom., 5, 9-11. 16ª CARTA PERDIDA: Do Padre Manuel da Nóbrega ao Irmão José de Anchieta. Iperuí. (De São Vicente, princípios de agosto de 1563).

Referência: Principiava com estas palavras: “Irmão, se ainda estais vivo”. MB. IV, 34



Pintura de autor desconhecido retrata a partida de José de Anchieta, natural de Tenerife, nas Ilhas Canárias, rumo ao Brasil.

Do P. José de Anchieta, superior de São Vicente, ao geral da Companhia a S. Francisco de Borja

São Vicente, 10 de julho de 1570

*Jesus Mui Rev. em Cto, padre
Pax Christi!*

Não tenho presentemente outra coisa que avisar a V. Paternidade, senão que estamos, todos os que deixou o Pe. Inácio de Azevedo nesta capitania, bem pela bondade de Deus Nosso Senhor e esperando por ele cada dia, com desejo de nos aproveitar in Spiritu, com seu exemplo e doutrina. ⁽¹⁾ Entretanto, trabalhamos por nos conformar, quanto o permite a terra, com o que nos deixou ordenado.

Estamos aqui, nestas povoações dos cristãos portugueses, cinco, a saber: o Pe. Afonso Brás, ⁽²⁾ Pe. Adão Gonçalves, ⁽³⁾ o Pe. Baltasar Fernandes, ⁽⁴⁾ Pe. Manuel Viegas ⁽⁵⁾ e eu, cujas qualidades já V. Paternidade terá bem entendidas. Ocupamos todos ordinariamente em confessar e ensinar, assim aos portugueses, como aos naturais. Sempre se colhe algum fruto, pela misericórdia do Senhor. E não é tão pouco, que não seja muito para louvar a Deus. Em uns e nos outros, como mais largamente se verá pela geral. ⁽⁶⁾

Em nossa Casa de São Paulo de Piratininga, estão o Pe. Vicente Rodrigues, ⁽⁷⁾ que é prepósito, e o Pe. Manuel de Chaves, ⁽⁸⁾ Pe. Simeão, ⁽⁹⁾ o Pe. Antônio Gonçalves ⁽¹⁰⁾ e o irmão João de Sousa. ⁽¹¹⁾ Ocupam-se com os portugueses e brasís, com algum fruto in Domino. Há trabalho de sobra em visitar tantas povoações, ⁽¹²⁾ como há, em acudir a tantas necessidades em tão diversos lugares, distantes três e quatro e até sete léguas. Mas para tudo dará forças Nosso Senhor, que isto manda por meio da santa obediência, ajudando-nos V. Paternidade com suas santas orações. E creia que, se em algumas partes tem filhos necessitados, que são os destas, especialmente eu, que peço muito particular favor de sua paterna caridade, bênção e intercessão diante de Nosso Senhor, para que persevere e até o fim, na sua Santa Companhia.

De São Vicente, 10 de julho, 1570.

De V. Paternidade filho indigno in Domino P. José, S. J.

⁽¹⁾ O que se estabeleceu na consulta de 1567 em São Vicente, realizada por Inácio de Azevedo, deve coincidir com o memorial da Visita, aprovado em Roma (MB, IV, 483-489). A 15 de julho, cinco dias depois da data desta carta de Anchieta, perecia Inácio de Azevedo e seus trinta e nove companheiros, martirizados, junto à Ilha da Palma, Canárias, pelo corsário da Rochela, Jaques Sória. Sete composições poéticas de Anchieta glorificam os "Mártires do Brasil".

⁽²⁾ Afonso Brás. Cf. n. 13. de Carta 12, anterior.

⁽³⁾ Adão Gonçalves, dos arredores de Braga, nascido por 1523. Vindo secular para São Vicente, onde teve fazenda, levou a Portugal notícia da prata, encontrada no sertão. Bartolomeu, seu filho, havido de uma índia, morreu jesuíta, em 1576. Nascera em São Vicente, em 1548. Adão tomou parte na conquista da fortaleza de Coligny. Entrou para a Companhia, aos 39 anos, em 1561, na Bahia. Já sacerdote, foi superior em São Paulo (1574...). Sabia bem a língua geral e possuía talento para tratar com os de fora. Faleceu no Colégio do Rio, a 22 de março de 1593.

⁽⁴⁾ Baltasar Fernandes nascera no Porto, por volta de 1537. Acompanhou o Padre Inácio de Azevedo, em sua visita ao Brasil (1566). Autor de duas cartas, escritas, em Piratininga e São Vicente. Na última, de 1568, ex-commissione do superior Anchieta, narra a conversão de João Ramalho (MB, IV, 458-464). Foi superior em Vitória (1573-1575) e em Porto Seguro (1583-84). De 1604 a 1615, trabalhou em Camamu. Fora desses períodos, viveu no Colégio da Bahia. Em 1581, designado por Anchieta para a evangelização dos africanos, chegados em grande número nesse ano à Bahia, estudou a língua de Angola, traduziu nela a Doutrina, fundou a Irmandade de N. S. do Rosário para os Homens Pretos, redigindo-lhe os estatutos. Durante 25 anos se dedicou a esse apostolado. Em 1619 deu testemunho no Processo informativo da Bahia, sobre Anchieta. Faleceu ali, aos 28 de fevereiro de 1628, aos noventa e poucos anos de idade.

Paulo Pampolin/Htype



Na cripta do Pateo do Collegio, vestígios da construção original do edifício.

⁽⁵⁾ Destinatário da última carta de Anchieta, escrita em Reritiba, ano de 1596. Aí, a notícia sobre ele, já dada na introdução a este volume.

⁽⁶⁾ Ver-se-á pela Ánuia da Província.

⁽⁷⁾ Vicente Rodrigues, irmão do Padre Jorge Rijo, nasceu em Sacavém, vizinhança de Lisboa, por 1528. Seguindo ao irmão, entrou para a Companhia no ano de 1545. Veio para o Brasil, com Nóbrega, em 1549. Quer S. Leite que tenha sido o primeiro mestre-escola no Brasil. Algumas aulas logo “no princípio” teria dado o Padre Azilcueta Navarro (H. V. Viotti, S. J., Nóbrega e Anchieta - Memória literária, São Paulo, 1978, 22, n. 24). Ordenou-se, sem maiores estudos, no ano de 1553. Veio nesse ano para o sul, em companhia de Anchieta. Um dos fundadores de São Paulo, onde recebeu aulas de latim, até ser destacado para a Maniçoba, donde

regressou ainda em 1554, continuando estudo em Piratininga. Duas vezes superior aí: em 1562-1564, mais tarde, em 1568-1573. No intervalo serviu (1565-1567) como capelão na conquista e fundação do Rio de Janeiro. Trabalhou dez anos na Bahia (1574-1584). Nesse ano desejava regressar a Portugal. Daí veio para o Rio, onde faleceu a 9 de junho de 1600. Autor de seis cartas (MB, vol. I e IV).

⁽⁸⁾ Manuel de Chaves foi dos primeiros povoadores de São Vicente. Nascera em Moreiras, Diocese do Porto, por 1514. Recebido, como Pêro Correa, por Leonardo Nunes, em 1550. Ambos dos melhores línguas da terra. Um dos fundadores de São Paulo, discípulo do Padre Anchieta. Ordenado na Bahia em 1562 por D. Pedro Leitão. De lá regressou definitivamente à Capitania de São Vicente, donde já não se ausentou, trabalhando quase sempre em Piratininga, como excelente missionário entre índios. “Melhor ou dos melhores operários da conversão”, escreve Marçal Beliarde, em 1591 (ARSI Lus., 71, 4). Faleceu em São Paulo, aos 76 anos, em 1590.

⁽⁹⁾ Simeão Gonçalves foi dos órfãos vindos de Lisboa, havendo entrado para a Companhia em São Paulo, no ano de 1555. Aí foi discípulo de Anchieta. Em 1565, já sacerdote, era missionário na Aldeia de Santo Antônio (BA). Em 1567, mestre de noviços, no Colégio da Bahia. Vindo para São Paulo, aqui veio a falecer, doente do peito, no ano de 1572. Não deverá confundir-se com o Irmão Simão Gonçalves, coadjutor.

⁽¹⁰⁾ Antônio Gonçalves, nascido em N. S. da Serra, proximidades de Lisboa, pelo ano de 1531, entrou para a Companhia em Portugal, aos 23 anos, em 1554. Chegado ao Brasil em 1560, aprendeu desde logo a língua tupi, que lhe permitiu dedicar-se longamente à missão entre índios. Desde 1563, se encontra em Porto Seguro, de onde escreve aos jesuítas de Portugal a carta de fevereiro de 1565 (MB, 318-320). Depois de alguns anos trabalha em São Vicente e também em São Paulo. Em 1584 era superior em Vitória. Passou seus últimos anos

(desde 1589, pelo menos) no Rio de Janeiro, aí falecendo em 1611.

⁽¹¹⁾ O Irmão estudante João de Sousa, de Braga, nascido por 1540, entra na Companhia, por 1565, em São Vicente, ao que parece aos 25 anos de idade. Em 1567 estava em São Paulo. Pelo Catálogo de 1568 (ARSI, Bras., 15, 5-1, fs. 6-8), se encontra em São Vicente aplicado aos serviços domésticos. Em 1573 seguiu para a Bahia. Já não aparece no Catálogo de 1584.

⁽¹²⁾ De Piratininga saíam os missionários, a visitar cada 15 dias, alternadamente, as aldeias de Pinheiros e de São Miguel, correndo igualmente as fazendas dos moradores. De São Vicente (aqui abrangida no trecho acima) visitavam Santos, Bertioga, Itanhaém, as aldeias de Peruíbe, os engenhos e fazendas dos colonos. Movimentação realmente notável.

Carta ânua da Província do Brasil, de 1583, do provincial José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva

Bahia do Salvador, 1º de janeiro de 1584

Jesus

A carta, que enviamos no ano passado, ⁽¹⁾ foi bem mais breve que de costume, uma vez que nenhuma correspondência recebêramos do Rio de Janeiro, nem das capitanias a ele subordinadas. Agora, porém, conhecendo, como de fato, o estado de toda a província, empregaremos, com o favor de Deus, novo sistema, tomando princípio por este colégio.

COLÉGIO DA BAHIA

Residem neste colégio, descontados os que vivem nas duas capitanias, setenta e cinco religiosos da Companhia, dos quais vinte e seis sacerdotes; quatro professos de quatro votos; dois de três votos; oito coadjutores espirituais formados; seis mestres: um de teologia sagrada, outro de casos de consciência, outro de filosofia; dois de humanidades; e o sexto de meninos. Entre os demais, dezesseis são estudantes; dezessete coadjutores, dos quais seis formados. Os restantes são noviços.

Em todos (tal é a bondade de Deus) resplandeceu o amor da virtude, pelo qual cada um, na observância das regras do Instituto, se lançou alegremente à conquista do prêmio eterno. Com a devida preparação, renovaram-se neste ano os santos votos. Emitiu um sacerdote a profissão de quatro votos; outros quatro, os votos de coadjutores espirituais; três irmãos pronunciavam os de coadjutores formados, na presença do Padre Visitador, ⁽²⁾ cuja vinda para o nosso meio parece ter trazido nova luz, nova alegria e o exemplo da fortaleza espiritual. Os religiosos todos deste colégio, com efeito, lhe deram a conta de consciência com tal sinceridade,

revelando-lhe, fora de confissão, seus mais recônditos problemas, que teve o padre ocasião de comprovar, quanto estão apegados à mortificação e firmes no amor à vocação.

Chegou ele, é certo, com febre altíssima e tão combalido pelos trabalhos da navegação, que muitos imaginaram seu estado como desesperador. Aproveu, contudo, a Deus restituir-lhe inteiramente as forças, a fim de que nos restaurasse a todos, com suas exortações paternais, colóquios familiares e a explanação do Instituto. Não faltaram neste ano enfermos, que por fim convalesceram perfeitamente.

Um, porém, de nação inglesa, noviço, e aqui chegado no comando de uma nau mercante, rosa colhida entre os espinhos (seus companheiros todos estavam infectados pela heresia), sofrendo de graves hemoptises, sem que os muitos medicamentos empregados tivessem o menor efeito, passou a melhor vida, com grandes sinais de santidade. Estava ele no seu primeiro ano de provação e se havia com tão grande domínio de si mesmo, que dificilmente encontravam os superiores motivo, por leve que fosse, para lhe impor qualquer penitência. ⁽³⁾

Em seu lugar, foram recebidos na Companhia dez candidatos, sete escolásticos, três coadjutores, todos de boa índole e idôneos aos ministérios da Religião. Estes e os demais noviços, com grande fervor empenham saúde e forças no serviço e amor de Deus; havendo terminado o tempo de provação, três deles se ligaram pelos votos à Companhia. E os demais, por se esforçarem admiravelmente, foi concedida licença de fazerem seus votos de devoção, como se permite aos noviços, para com maior segurança e facilidade corresponderem aos benefícios de Deus.

Nada de novo foi acrescentado ao edifício do colégio, a não ser uma enfermaria, bastante espaçosa, exposta por ambos os lados ao ar fresco e salutar. Continuando o traçado, foi concluído outro pavilhão, para capela, em que os irmãos assistam à missa e possam comparecer os doentes, já que está aberta no centro, rasgando-se a parede numa grande janela, pela qual se pode avistar inteiramente o altar. ⁽⁴⁾ Nela estabeleceu o P. Visitador que se localizem todas as relíquias, em cofres artísticos e identificados com placas de marfim. Entre elas, uma belíssima imagem da Virgem Mãe. Estes e outros empreendimentos já começados, esperamos sejam levados a termo com feliz progresso.

Não faltou empenho este ano para o propósito de atrair as almas para Deus, que é o fim principal da Companhia. Daí, para a maior glória de Deus, se seguiram numerosas iniciativas, principalmente o exercício da pregação, quer em nossa igreja, como na Sé desta cidade, todos os domingos e dias de festa. E também as confissões, em grande parte confissões de toda a vida, para as quais é freqüente o concurso. Para isso muito ajuda o rico tesouro de indulgências, concedido pelo Sumo Pontífice a este colégio.

Ao sagrado fragmento da cruz do Senhor e às relíquias das Santas Virgens, se juntaram este ano mais uma cabeça das mesmas e um osso de São Sebastião. Foi doado um busto de prata, dentro do qual se guarda uma cabeça das Virgens, no valor de mais de duzentos cruzados. Outra pessoa nos regalou com uma caixa de prata, para estojo da relíquia de São Cristóvão. Com estes e outros estímulos, de tal modo é incentivado o fervor popular para as confissões que, em cada dia festivo, o número dos que se aproximam da sagrada eucaristia sobe a mais de quinhentos. Além das pregações sobreditas, todos os dias é ministrado o catecismo pelos nossos, aos índios e africanos (de que há muitíssimos nesta cidade). Ouvem-lhes as confissões, e aos pagãos preparam-nos para o batismo. Ministério, cuja assiduidade, seja em casa, seja nas missões, que se dão pelas fazendas dos arredores, ocupa quase o ano inteiro. Mas disso falaremos adiante.

Já é tempo de tratarmos dos ministérios, que são mais peculiares nesta nossa província, e de que resultam tão variados e copiosos frutos. Foram empreendidas algumas missões às paróquias e aos engenhos do recôncavo baiano, nas quais se atende, com o socorro da penitência e dos sermões, aos cristãos que passam o ano inteiro privados dos sacramentos; e os escravos recebem a catequese, são batizados e casados sacramentalmente.

A uma nação de tapuias, que vivem no sertão, a sessenta léguas daqui, foi mandado um padre, com seu companheiro, para que os descesse em sua companhia, e para tentar, por intermédio deles, fazer as pazes com os outros índios, que na língua brasílica se denominam aimorés, raça de homens, piores que as feras, sobre os quais outras vezes escrevemos ⁽⁵⁾ e que, com contínuos e terríveis assaltos e repetidas matanças de homens, infestam a Capitania de Ilhéus. Onde as fazendas

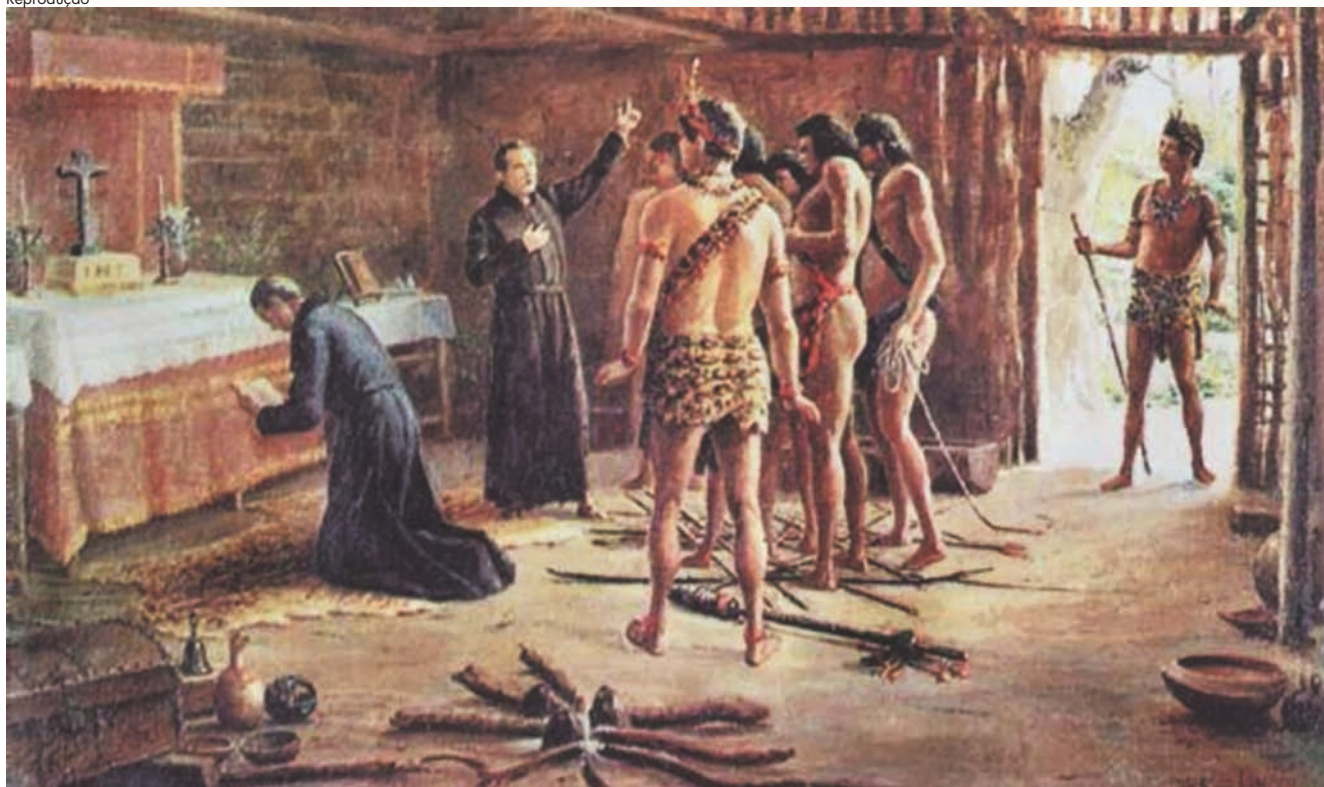
dos moradores se vão despovoando, com as repentinas incursões e emboscadas desses selvícolas.

Com intervenção dos tapuias, intentou-se a empresa, todos os recursos foram mobilizados, para que esta infeliz e cruel nação entrasse em intercâmbio conosco e assim, aos poucos, aprendesse os costumes cristãos e abraçasse a fé em Jesus Cristo. Tudo inútil! Pois, para se pôr em contato com eles e entabular negociações de paz, percorrendo os índios as ocultas brenhas (que são as moradas dos aimorés), se viram não poucos traspassados uma e outra vez por suas flechas, regressando assim às regiões nativas. Continuam, pois, os inimigos a perpetrar as tropelias de antes. Queira Deus que um dia se abram os seus olhos, para conhecerem e amarem o seu Criador! ⁽⁶⁾ Por muitos sofrimentos passaram os nossos nessa entrada, atormentados pela fome, o frio e o calor. A alguns, doutrinados na fé, purificaram in extremis com as águas do batismo, voando eles imediatamente à pátria celeste.

De outras missões, porém, não mediócras foram os resultados obtidos. Muitos, efetivamente, deixando o concubinato, em que viveram durante muitos anos, se uniram pelas leis do matrimônio; outros depuseram velhas inimizades e ódios, bem alheios foram restituídos; ouviram-se confissões gerais de muitos anos. Para resumir: foram batizados, entre adultos e crianças, 1805; unidos pelo matrimônio, 725; entre índios e africanos, ouvidos em confissão, 3.470. Casos peculiares aconteceram também, que omito por amor da brevidade. De caminho topa um sacerdote com um menino atravessado por flecha, batiza-o e ele morre. A outra sucede o mesmo, com um adulto: instrui-o com cuidado, batiza-o e ele morre. Comprovado está, por experiência, que, de tais missões resultam sempre frutos estupendos, conquanto expostas a imensos perigos, por mar e por terra.

Três são as aldeias, que este colégio supervisiona. ⁽⁷⁾ Em cada uma delas habitam quatro dos nossos, sendo que um padre é o superior dos outros e os visita amiúde, no desempenho de seu cargo. Observam entre si, todos, embora poucos, o costumeiro e o programa do colégio, passando no cultivo desta vinha não pequenos trabalhos, de que os maiores são na defesa da liberdade dos índios.

O ministério do ano inteiro com os índios consiste no seguinte: ensinar-lhes e explicar-lhes a doutrina cristã, batizá-los, uni-los pelo matrimônio, visitar os enfermos, ungir os doentes com os santos óleos, sepultar os mortos, dedicar-se à salvação de quantos lhes estão confiados, manter escolas primárias, em que os meninos aprendem também, com muita diligência a arte do canto e a tocar flautas e charamelas. Dão muito relevo, com o canto de órgão, às vésperas e missas, quer nas aldeias, quer no nosso colégio, nos dias consagrados às santas relíquias. E para isso são escolhidos aqueles, cujas vozes se apresentam mais afinadas para formar o coral. E tamanha é a perfeição que, pela indústria dos nossos, adquirem nessas funções, que enchem da maior admiração aos portugueses.



Anchieta e Nóbrega na Cabana de Pindobuçú: tela de Benedito Calixto mostra os dois padres com os índios tamoios.

Cada ano os ofícios da Semana Santa são entre eles celebrados com toda a solenidade, pelo que para lá ocorre imensa assembléia de índios e de portugueses. Para os portugueses se tem o sermão do mandato, para os índios, o da paixão dolorosa de Cristo, no qual são tais os gemidos e as lágrimas dos ouvintes, que abalam os corações mais empedernidos. Faz-se uma devota procissão, na qual são muitos os que se disciplinam com rigor. E na mesma semana, os que para a comunhão do corpo de Cristo, se submetem a um severo exame, aliviam-se na confissão do peso de seus pecados, e no dia da páscoa do Senhor, com grande piedade e devoção espiritual, se ajoelham à mesa do banquete divino.

Igualmente, nos dias dos oragos de suas igrejas, soem celebrá-los com o mesmo culto, quando recebem a indulgência plenária, concedida pelo Sumo Pontífice. A todas essas aldeias acudiu o P. Visitador,⁽⁸⁾ não sem experimentar intensa alegria, ao ver tal gente, esquecida de seus ritos pagãos, revestidos dos princípios cristãos, fiel aos bons costumes. Gente da qual tantas vezes ouvira dizer serem bárbaros e incultos. Para todos distribuiu relíquias de santos, que eles recebiam das mãos do padre, genuflexos, e regressando a suas casas exultantes de alegria.

Sucedeu este ano que uma nau da armada de Diogo Flores,

general de El-Rei Dom Filipe, arrastada pela fúria dos ventos, se viu em perigo iminente de destroçar-se contra uns escolhos ameaçadores, nas proximidades de uma aldeia, distante oito léguas daqui.⁽⁹⁾ Ao ver tal coisa, abandonando suas casas, acorreram rapidamente os índios cristãos e lançaram ao mar suas "jangadas" (esse o nome, que dão os portugueses a uma plataforma de paus levíssimos, amarrados entre si). Ao menos para, depois do naufrágio, recolher e salvar a vida aos militares todos. Quis Deus, entretanto, que o vento norte, soprando da terra, afastasse a nau para o mar alto e esta chegasse incólume à Bahia. Não cessavam os mareantes de elogiar a atitude dos índios e de agradecer intensamente aos nossos, cuja atuação, para os orientar no sentido do bem, reconheceram e experimentaram.

Cresce cada dia o número dos estudantes e melhora o resultado dos estudos. Possui o Reverendíssimo Bispo quem possa utilizar, sem dúvida, para ouvir confissões e pregar sermões, nas suas paróquias, mas em breve possuirá outros obreiros, dotados de igual capacidade e que atualmente estudam no curso de filosofia. Observam todos com diligência as suas regras; cada mês, cada oito, cada quinze dias, se confessam aos nossos sacerdotes e se alimentam com o santíssimo corpo de Cristo. Sobretudo nas festas da Virgem Mãe

de Deus, à qual se consagraram com tamanho empenho, que demonstram a maior diligência em abraçarem essa devoção.

Os meninos da escola primária, que completam o número de oitenta, dão mostra incomum de sua virtude. Com muita aplicação, procuram traçar as primeiras letras, para se poderem transferir depois às aulas de latim. Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas frequentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando, e das regras da aritmética. Incentivados pelo exemplo dos meninos, os estudantes das classes superiores, reunidos, nas sextas-feiras da quaresma, em nossa igreja, cantaram ao som do órgão e dos alaúdes as completas solenes, função a que comparecia quase toda a cidade.

As relíquias, que esse ano nos foram mandadas,⁽¹⁰⁾ foram trazidas da catedral para a nossa igreja, com solene procissão e grandes festas, participando o clero e o povo. Estavam, a essa altura, as ruas ornamentadas de folhagens e de flores e, de pé, a um lado e outro do percurso, as seguintes figuras: a Devoção, a Paz, a Castidade e o Anjo Custódio desta cidade, que cada qual saudava, com sua alocação, as relíquias, congratulando-se com a cidade pela sua sorte venturosa. Introduzidas que foram no templo, foi proferido um breve sermão, acomodado às circunstâncias, e apresentadas as relíquias para serem beijadas pelo povo. Nos dias de festas dessas relíquias, vem pregar à nossa igreja o Bispo, ficando a jantar conosco.

Houve recepção ao novo governador, como é costume, no pátio do colégio, com discurso em latim e breve diálogo dos meninos. E o mesmo se fez ao general de El-Rei Dom Filipe, que por mais de uma vez nos visitou.

CAPITANIA DE ILHÉUS

Seis dos nossos moram nessa capitania, que está a quase noventa milhas afastada da Bahia, para o sul. Destes, três são sacerdotes, e outros tantos irmãos. Houve entre eles alguma doença leve. No que se refere à vida espiritual, todos se esforçam por ser fiéis aos seus compromissos. Vivem de esmolas, que pedem. Ajudam à maioria dos habitantes, sobretudo nos dias de festa, com freqüentes sermões e confissões. Apaziguou-se inteiramente, pela ação e diplomacia dos nossos, a discórdia que se levantou entre o povo e o capitão-mor. Outros, antes entre si desavindos, foram reconciliados pelos laços da amizade; injúrias perdoaram-se; demandas tiveram fim.

Acudiu-se durante o ano, amiudadas vezes, às fazendas dos portugueses, onde após a exposição das verdades da fé aos neófitos, se deram aos mais rudes demoradas explicações. Depois de ensinadas cuidadosamente as verdades da fé, batizaram a cento e sessenta, e outros tantos foram casados sacramentalmente, absolvidos em confissão muitos, que haviam anos não se confessavam.

A casa, em que habitam, é bastante ampla, e foi erguida com esmolas. Seu interior se reparte em seis ou sete cubículos

e, nela, além das oficinas, se abriga também a escola dos meninos, educados, como os demais, nos bons costumes.

CAPITANIA DE PORTO SEGURO

A capitania, que se chama Porto Seguro, subordinada a este colégio, se localiza à distância de sessenta léguas para o sul desta cidade. Tudo quanto das outras se disse, gostaria de dizer a respeito desta, já que se assemelham tanto, em número, em bons frutos e no trabalho. Alguns ali adoeceram, mas o Senhor lhes restituiu logo as antigas forças, com que puderam valer a si e ao próximo, conforme pedem a disposições de nosso Instituto. É o que fazem, com freqüentes pregações e atendimento ao confessionário. Ocupam-se aqui os nossos com uma escola elementar.

Tão grande é a pobreza desta capitania, que chegam a passar necessidade em matéria de víveres. Há aqui onze aldeias de índios que, no decurso do ano, são visitados algumas vezes pelos nossos, além de uma outra, em que mais amiúde habitam. Visitou esta capitania e a anterior este ano o Padre Visitador.⁽¹¹⁾ E deixou, com sua presença confortados aos padres, para levar avante maiores iniciativas por amor de Deus.

COLÉGIO DO RIO DE JANEIRO

Habitam este colégio vinte e quatro religiosos, oito dos quais sacerdotes, os demais irmãos. Alguns foram vítimas de doenças graves, mas com os desvelados recursos, empregados pelos superiores, se conseguiu que todos restabelessem sua boa saúde. Com exceção do P. Fernão Luis. Consumido por uma prolongada enfermidade e velhos achaques que, como egrégio operário, padecera durante vinte anos, recebidos todos os sacramentos, permutou a presente vida pela eterna. Costumava o bom velho, em conversa com os irmãos, repetir a miúdo estas palavras: “guardo a notícia, a notícia aguardo”. Como recrudescimento da moléstia, disse: “a notícia acaba de chegar!”. Tal era a sua preparação para a morte e o desejo de ir gozar do Espírito do Senhor.⁽¹²⁾

Outro foi um rapaz que, da Vila de São Vicente, veio para esta cidade, para aí ser admitido em nossa Companhia. Mandou-o o P. Provincial, que fosse deslindar alguns negócios seus temporais, para poder, com maior prontidão e desembaraço, dar-se ao serviço de Cristo Nosso Senhor. Nesse intervalo, colhido por enfermidade, veio a falecer. Considerado nosso irmão, fizemos por ele os sufrágios de costume.⁽¹³⁾ Cinco foram os que neste colégio deram seu nome à Companhia, três como indiferentes, dois como coadjuutores. Tanto estes, como os que acima mencionei, de tal modo se sujeitam à obediência, que dela não se afastam sequer um ponto. Renovaram-se nos dias consuetos os votos, precedendo a confissão geral e tudo o mais, que para isso habitualmente se predispõe.

Ensinam aqui os nossos humanidades, primeiras letras e

casos de consciência. Embora poucos, mostram-se os estudantes inclinados à virtude. Os meninos então, quando deparam com alguém a jurar, modestamente o admoestam. Como recompensa de tais advertências, não raro são esbofeteados, como aconteceu este ano, ao repreenderem certos soldados, se bem que de outros são ouvidos de boa vontade e recebem agradecimentos.

Da palavra de Deus e da expiação das consciências, o fruto verificou-se mais farto que anteriormente. Muitos com isso reconciliaram-se com seus inimigos, extinguiram-se pecados públicos, restituíram-se aos donos bens mal possuídos. E o número dos que conosco se confessaram e se reconfortaram com o pão do céu chega a três mil, número, que pela escassez dos moradores, não parece tão pequeno.

Duas aldeias de índios estão sujeitas, nesta cidade,⁽¹⁴⁾ à administração da Companhia. Numa residem permanentemente e à outra visitam com frequência, ministrando aos índios as lições salutares, para conhecerem as verdades da fé. Visitou-as o P. Provincial. E a muitos, aos que já muito bem preparados o pediam com instância, autorizou a comungar, o que até então a ninguém fora concedido. Foi tamanha a devoção e as lágrimas, com que se apresentavam para o sagrado banquete, que despertaram, nos demais, desejos e verdadeira sede de se darem à fé cristã. Movidos por tais espetáculos, é de pasmar quanto os pagãos se despojam de sua antiga ferocidade e de seus ritos gentílicos.

Grassando a esse tempo uma pestífera epidemia, grande

número de inocentes, purificados pela água do santo batismo, faleceram, o que representa entre índios, colheita ordinária e segura. Outros foram consorciados segunda as leis da Igreja. Fora isso, houve 430 batismos. No colégio, além disso, e nas missões, foram 1.490; o que dá, se não me engano, a soma de 1920.

Numerosa e bem aparelhada, entrou neste Rio, a tomar refresco, uma armada de El-Rei Dom Filipe, que demandava o Estreito de Magalhães. Trazendo mais de dois mil homens de armas, não faltou matéria aos nossos religiosos, para se exercitarem nos ofícios da caridade. Primeira providência foi, com efeito, dispor, para os inúmeros doentes, que dela desembarcaram, os medicamentos indispensáveis para a recuperação da saúde, oferecendo-lhes antes de mais nada os auxílios conducentes ao bem de suas almas.

Notável foi, a esse tempo, o vivo interesse e a liberalidade dos cidadãos em agasalhar e dar tratamento aos doentes e, sobretudo na construção (obra na qual envidaram nossos índios seu generoso esforço) dos edifícios, onde se recolhessem os enfermos, pois de forma alguma cabiam no hospital.⁽¹⁵⁾ Permanecendo muitos deles nos navios, lá foram ter nossos confessores e pregadores e, desempenhando cada qual seu ofício, puderam colher fruto espiritual não desprezível. Tão edificado ficou o general e o resto da oficialidade deste ministério religioso que, aos padres da Companhia, apelidavam comumente de anjos enviados do céu. E nos mostrou todo tempo, que ali se

Reprodução



Pintura de Jean-Baptiste Debret retrata o surgimento da cidade de São Paulo com a chegada dos jesuítas.

deteve, maravilhoso afeto, prometendo que de tudo faria ciente a El-Rei, como fez.⁽¹⁶⁾

Sobre isso facilmente se poderá conjeturar pelo seguinte episódio. Tendo sido condenado à morte um soldado e como intervissem para lhe obter perdão o governador, sua esposa e alguns franciscanos, nada lograram obter. Mas a um pedido nosso, declarou que de modo nenhum poderia recusar. E satisfazia, além disso, a muitas outras solicitações nossas de não pouca importância. Estava nesta ocasião neste colégio o Padre Provincial,⁽¹⁷⁾ de cuja atividade e apoio se valia amiúde o general, para mais rapidamente abastecer a frota e prosseguir a rota começada, com todos os aprestos para a viagem. Por intervenção do mesmo padre, não falharam os cidadãos de maior importância em se pôr, por suas exortações, ao trabalho e, de acordo com suas possibilidades, em dar atendimento ao necessário. Destarte tudo foi provido oportunamente pelos nossos, tanto nas necessidades do espírito, como do corpo.

CAPITANIA DE SÃO VICENTE

Os que vivem nesta capitania atingem o número de sete, dos quais cinco são sacerdotes e dois irmãos. Gozaram todos de excelente saúde, de que se serviram para promover assiduamente a salvação dos próximos. Pronunciaram os votos de coadjutor espiritual dois padres antigos, não sem regozijo dos moradores, que os conhecem de vinte anos, que aí residem,⁽¹⁸⁾ com a permanente fragrância de sua religiosidade. Emitiu um irmão os votos de coadjutor temporal formado.

Exercitam em favor dos portugueses, com muita diligência, os costumados ministérios da Companhia, de que resultou apreciável proveito para a glória de Deus. Grandemente obsequiosas se mostram aqui para conosco as pessoas, sempre dispostas a executar de muito boa vontade as nossas diretivas. Na vila, a que, em português, chamamos de Santos, pelo tempo da quaresma, estiveram dois padres, que atendendo à salvação das almas, ouviram as confissões dos moradores e os afavoraram amiúde com a palavra de Deus. A essa e a outras pequenas povoações, situadas em torno, se fazem freqüentes missões. Para que nelas não falte assistência dos nossos, se passam muitos trabalhos, por caminhos ásperos e silvestres, na travessia dos rios, com evidentes perigos muitas vezes da vida, de que o Todopoderoso se digna preservá-los. Entre essas vilas, que citamos, em Piratininga, já e há muitos anos mantêm residência permanente os nossos, que constam de quatro padres e dois irmãos. Os moradores desta vila não têm outros nenhuns vigários ou sacerdotes, cujo ministério supremo os nossos, com toda a eficiência.⁽¹⁹⁾ E tal é a gratidão deles para conosco, que nos sustentam com suas esmolas e, cada dia, com inexcedível solicitude, se lembram de nos enviar algum presente. Para enriquecer a igreja doaram dois paramentos de seda. Com as primeiras letras e em bons costumes são aqui educados os meninos, que têm feito na virtude grandes progressos.

Para aumento da piedade, foi instituída este ano a célebre confraria de Nossa Senhora do Rosário, com pomposa solenidade e concerto musical, tendo por início o santo sacrifício do altar. Procedeu-se a seguir a uma devota procissão rogatória, na qual todos traziam à cabeça suas coroas de rosas (que só aqui florescem) e de outras flores, carregando o padre debaixo do pálio de seda uma imagem da Virgem Mãe, também ela emoldurada de rosas vermelhas.⁽²⁰⁾ Duas aldeias de índios são atendidas pelos nossos, que cada quinze dias os visitam, para a celebração da missa e a explanação da doutrina evangélica. Foram 220 os batizados durante o ano nesta vila.

CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

Sete da Companhia residem nesta capitania, dos quais quatro são sacerdotes. Com igual método se dedicam à salvação dos próximos. Aos seus cuidados estão igualmente encomendadas duas aldeias de índios. Em uma delas, que conta quase três mil, residem muitas vezes; a outra visitam amiúde.⁽²¹⁾

Quando o P. Provincial, transportado numa ampla e aprazível canoa, os foi a ver, ao se aproximar da aldeia, eis que de súbito irrompem os índios, trajando roupas de seda e ornados de penas multicores, com alardes e em corpo de guerra. E em suas canoas, arrancadas com fragor altíssimo de remos, vêm rodear ao padre, executando em remadas compassadas festivos movimentos. E erguendo ritmadamente suas vozes de saudação, com tal contentamento e aplauso, que encheram os nossos do maior agrado.

E dessa forma, entre canções e jogos, levaram o padre até o porto.⁽²²⁾ Entre todos os índios, que até agora catequizamos, em toda esta região, estes são os que se mostram como os de mais agudo engenho e os mais propensos aos costumes cristãos. Durante sua permanência nesse lugar, aos já cristãos, examinados rigorosamente a respeito da doutrina e achados capazes, admitiu-os à comunhão, com tanta consolação e felicidade, que deixaram com espontâneas lágrimas transparecer seu antigo desejo de tamanho bem. Muitos receberam também o batismo.

Havendo surgido, em razão dos índios, veemente discórdia entre o governador e o povo,⁽²³⁾ intervindo o Padre Provincial, foi ela de todo suavizada e extinta. Na sua volta, apaziguou facções perniciosas, que provocaram já grandes tumultos. De tudo isso proveio muito bem estar para todos. Também nesta capitania, vivemos de esmolas, mantemos escola para meninos que, pela freqüência dos sacramentos, manifestam os excelentes costumes, que aprendem.

COLÉGIO DE PERNAMBUCO

Sustenta o colégio a dezoito religiosos; seis padres; irmãos os demais, parte escolásticos, parte coadjutores e

noviços. De todos soubemos, pela correspondência, que estão gozando boa saúde e no firme propósito espiritual de observar nosso Instituto.

Deram-se este ano com tanto ardor ao trabalho de ouvir confissões e de pregar, que muitos, concebendo, por inspiração divina, um novo espírito, se converteram a uma vida bem melhor do que a que antes levavam. Pelo cuidado e diligência de um nosso sacerdote, foi possível extirpar pela raiz sedições, que, por instigação do demônio estavam prestes a explodir. E se distribuíram aos pobres, para alimentação e vestuário, grossas esmolas.

Obteve-se por essa mesma influência o perdão de injúrias e o generoso cancelamento de dívidas. Duas virgens, reduzidas à indigência, retiradas à companhia da mãe, foram colocadas em casa de honestas matronas, eliminando-se o perigo para sua castidade. Com o dote liberalmente concedido por certo fidalgo, a rogo de nossos padres, deu-se a outra estado por meio do matrimônio. Cargo público na magistratura, de utilidade, foi agenciado, em favor de um fidalgo pobre. Outro que, por obsessão do demônio, se portava como louco, recuperou perfeita paz e serenidade. Por exortação dos nossos,

alguns dos principais cidadãos, desavindos entre si, reconciliaram-se, e hoje são grandes amigos.

Nada se construiu de novo neste colégio, a não ser um novo lago, para entretenimento dos irmãos. Com ele, uma engenhosa nora, por onde, para regar a horta, se escoava rapidamente a água acumulada.⁽²⁴⁾ E ainda uma longa alameda de palmáceas que, a um e outro lado, se sustentam sobre quarenta pilares de ladrinhos.⁽²⁵⁾ Foi doada ao colégio a esmola de cem cruzados, com que se fabricou um armário, para guardar os paramentos sacerdotais na sacristia.

Sobre os estudos, nada acrescentarei ao que já foi notado, pois são poucos os estudantes. Lecionam-se casos de consciência; educam-se os meninos. Cada ano pela quaresma realizam eles, com devotas ladainhas, suas procissões acompanhadas de multidão de povo.

Até aqui tratei de tudo quanto se refere a toda a província. Queira Deus Todopoderoso, que tais empreendimentos alcancem no futuro progressos ainda maiores.

*Desta Bahia do Salvador, primeiro de janeiro de 1584.
José de Anchieta*

⁽¹⁾ Carta relativa ao ano de 1582, de Luís da Fonseca, provavelmente, já que Anchieta passou todo esse ano e metade do seguinte no Rio de Janeiro (e São Vicente). Carta perdida.

⁽²⁾ Padre Cristóvão de Gouveia (1542-1622). Do Porto. Entrou na Companhia em Coimbra, aos 14 anos, em 1556. Estudou em Coimbra e Évora. Mestre em Artes. Reitor em Bragança, visitador na Madeira, mestre de noviços e vice-reitor em Coimbra (1570-1575...) reitor no Colégio de Santo Antão em Lisboa (1579-1581), visitador no Brasil (1583-1589). Reitor na universidade de Évora (1591-1593).

Provincial de Portugal e prepósito da Casa Professa de São Roque, onde se extinguiu aos oitenta anos (13-2-1622). Na volta do Brasil, caiu prisioneiro de piratas franceses, que o abandonaram no Golfo de Biscaia. Sua estada no Brasil coincidiu com o governo de Manuel Teles Barreto (1583-1587), com a qual viajara. Desse governador, entretanto, não conseguiu obter sequer uma trégua nos seus rancores contra a Companhia de Jesus. Como visitador atualizou as diretivas internas para o bom andamento das obras apostólicas e o funcionamento regular das casas e promoveu, através de seu secretário Fernão Cardim principalmente, intenso movimento de informações, de grande vantagem para os conhecimentos históricos.

⁽³⁾ "Capitão de navio mercante inglês, do qual se não conserva o nome, infelizmente, mas que entrou na Companhia e faleceu a meio do noviciado, 'como um santo', em 1583" (Bras., 8, 8). S. Leite, HCJB, VII, 266.

⁽⁴⁾ Por onde se vê que essas obras, como outras várias noutros lugares, vinham sendo incentivadas, pelo provincial Anchieta, a quem se deve a permanência do arquiteto Ir. Francisco Dias no Brasil.

⁽⁵⁾ Cf. *Ânua anterior*, de 1581, § 22.

⁽⁶⁾ A pacificação dos aimorés e início de sua catequese, se deveu ao Padre Domingos Rodrigues (que lhes estudou a língua), no primeiro decênio do século seguinte. S. Leite, HCJB, II, 123-128.

⁽⁷⁾ Aldeias do Espírito Santo, São João e Santo Antônio. Cf. nota 13 da *Ânua anterior*.

⁽⁸⁾ A visita à Aldeia do Espírito Santo e de São João, vem descrita, com todo o seu encanto pastoral e "pastoril", pelo secretário Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925, 290-294.

⁽⁹⁾ Aldeia do Espírito Santo, ao Norte de Salvador, hoje Abrantes.

⁽¹⁰⁾ Gouveia trouxe bom número de relíquias. "Trouxe o padre uma cabeça das Onze Mil Virgens, com outras relíquias, engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento..." E vai descrevendo Cardim a procissão, que levou da Sé ao Colégio essas relíquias. Menciona duas figuras, aqui não consignadas: a "Sé" e a "Cidade". *Tratados*, 287.

⁽¹¹⁾ Embarcando a 18 de agosto da Bahia para Pernambuco, foi o visitador, em cuja companhia viajava também o provincial Anchieta, arrastado pelos ventos rumo ao Sul. Visitou então a fazenda de Camamu, Ilhéus e Porto Seguro, donde regressou a 2 de outubro. De volta da visita à Aldeia de São Mateus em Porto Seguro, a vinte e tantos de setembro, eis que colhe Cardim este flagrante: "...vindo encalmados pela praia", veio uma índia trazer, de parte de seu patão para Anchieta, "uma porcelana da Índia, cheia de queijadinhas de açúcar, com um grande púcaro de água fria". "Tomamos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissemos desse ao Padre José, que vinha de trás com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo; uma coluna grande desta província, e

tem feito grande crmandade e conservado grande exemplo; de ordinário anda a pé, nem há tirá-lo de andar, sendo muito enfermo. Enfim sua vida é vere apostolica". *Tratados*, 297-298.

⁽¹²⁾ Fernão Luís Carapeto (1516-1583). Entrou para a Companhia em São Paulo, no ano de 1556, sendo já sacerdote. Natural de Feira e provável irmão de Antônio Luís, o companheiro de Anchieta em Iperuí. Vigário de Santos (1550) e de Bertioga (1555), possuía terras na Ilha de Santo Amaro, trocadas pelo quinhão de José Adorno em Guaratiba (1589). Tomou parte, como capelão, em companhia do Irmão Gaspar Lourenço, na expugnação da Fortaleza de Coligny (1560), com o socorro ido de São Vicente. Assistiu a Martim Afonso Tibiriçá, por ocasião de sua morte (1562). Fazendo parte da primeira comunidade do Colégio do Rio de Janeiro, assistiu à morte de Nóbrega (1570). De viagem, com Luís da Grã, para a Bahia (1573), sofreu naufrágio nas costas do Espírito Santo. Sabia a língua dos índios, com quem trabalhou em Piratininga e no Rio. Da Bahia retornou ao Rio, onde morreu, com as belas disposições, que acima se descrevem.

⁽¹³⁾ Entre a morte de Fernão Luís e a do Irmão Fernando Navarro (23-9-1583), que vem mencionada na *Ánua seguinte de 1584*, insere o "Catálogo geral" dos defuntos da Companhia no Brasil (Bibl. Vitt. Emm., Fondo Ges., 3492/1363, n. 6), o nome do Ir. Baltasar de Lucena. É, sem dúvida, o noviço, de que aqui faz menção Anchieta.

⁴⁾ Além da Aldeia de São Lourenço, de que abaixo se fala, e que recebe neste ano seu primeiro capelão permanente (HCJB, I, 433), surgira nova aldeia, que trasladada para junto ao Rio Macacu, chamou-se de São Barnabé.

⁽¹⁵⁾ A Irmandade da Misericórdia é contemporânea da fundação da Cidade, e com o tempo deveria ter alguma sede para o desenvolvimento de suas atividades assistenciais. O que não havia ainda era um hospital. Desembarcados os doentes, construiu para eles Sarmiento de Gamboa umas choças, para enfermaria:

"Aquellos para quien no hubo comodidad, [nas casas particulares] Pedro Sarmiento les hizo chozas a la redonda de su casa..., donde tenia enfermaria y com el favor de Diós los curaba y alegraba". *Relación de lo sucedido a la armada Real de Su Majestad, en este viagem del Estrecho de Magallanes*. Apud Pastells, *El descubrimiento del Estrecho de Magallanes*. Madrid, 1920, Doc. n. 24, pp. 154-238. A *Relación* está datada de 1º de junho de 1583, do Rio de Janeiro. Enfermeiro no Colégio do Rio, que já o fora no Colégio da Bahia (onde cuidou de Anchieta em sua enfermidade de 1581), era o Irmão, depois Padre, Pêro Leitão. Foi igualmente, nessa ocasião, o braço direito do Provincial, na omnímota assistência prestada a esses doentes. Seu depoimento jurídico no Processo Informativo de 1619, na Bahia, dirime qualquer dúvida: "Sabe que ele [Anchieta] foi insigne na caridade com os próximos, com os quais praticou as obras de misericórdia espirituais e corporais. Isso experimentou a testemunha e pode ver exercitado pelo dito Padre José no Rio de Janeiro, por ocasião de uma armada de 3.000 espanhóis, que aí aportou no ano de 1582, com o General Flores Valdês. Ocasião, em que, tendo feito construir um hospital, que até

então não havia nesse lugar, para que nele se curassem os doentes que vinham nessa armada, mandava que nesse hospital fossem servidos, visitados e providos os mesmos doentes de todas as coisas, que lhes eram necessárias, com a máxima caridade, pelos padres do colégio". O trecho vem fielmente traduzido na "Positio super dubio an costet de virtutibus", *Summariun* n. 17, p. 120. *Romae*, 1733. De que se extrai a seguinte sintética assertiva, na *Responsio ad novas animadversiones*, *Romae*, 1735, 79: "Anno 1582 nobile a fundamentis xenodochium erexit ad infirmos curandos", "no ano de 1582 levantou, desde os fundamentos, um nobre hospital destinado à cura dos doentes". Nesses documentos da Santa Sé, vem qualificado Leitão, como "testis de visu et observatione propria".

⁽¹⁶⁾ Em carta de 23 de outubro de 1582, ao Rei, refere-se Valdês, com elogios a Salvador Correia de Sá, ali governador (e por tabela ao seu tio o antigo Governador geral Mem de Sá). Não menciono sequer os jesuítas. Carta lida, a 13 de junho de 1957, no Arquivo das Índias, de Sevilha.

⁽¹⁷⁾ Padre José de Anchieta, provincial (1577-1588). Na ocasião recebeu na Companhia a um dos carpinteiros, recrutados por Sarmiento de Gamboa, de nome Francisco de Escalante, dando assim motivo de queixa ao arrogante fidalgo espanhol.

⁽¹⁸⁾ A 21 de maio de 1582, pronunciavam, perante o provincial Anchieta seus votos de coadjutores espirituais os Padres Adão Gonçalves e Manuel Viegas, e a 3 de junho o Irmão Antônio Ribeiro, os de coadjutor temporal formado, ARSI, Lus. 19.

⁽¹⁹⁾ A nomeação do primeiro vigário para São Paulo, Padre Lourenço Dias Machado, só se deu no ano de 1591. HCJB, I, 313.

⁽²⁰⁾ Essa Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, não era ainda a Congregação Mariana, cuja fundação na Bahia, aprovada em Roma, é do ano de 1586. HCJB, II, 341.

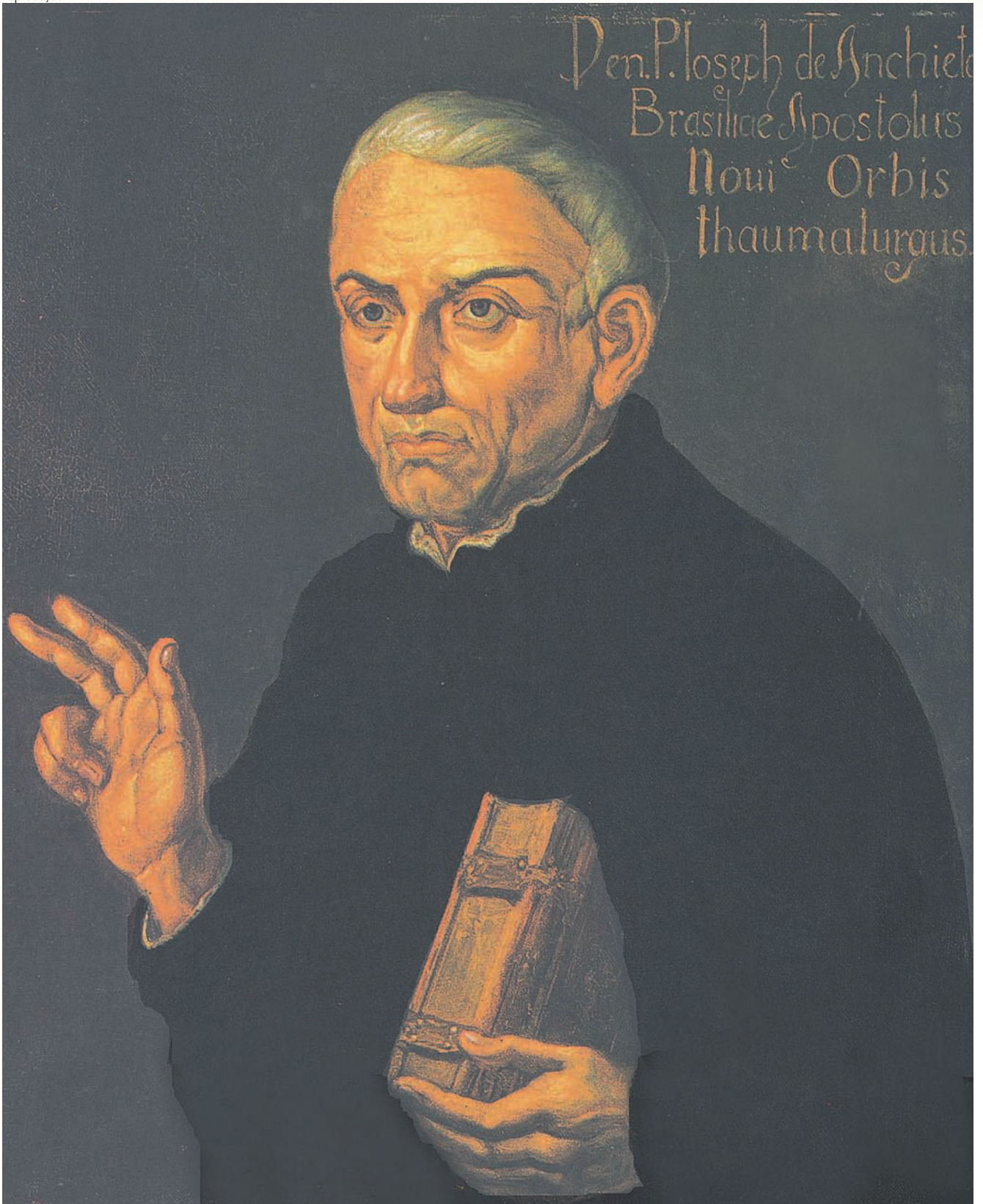
⁽²¹⁾ Essa aldeia, onde residiam às vezes, a três léguas, subindo o Rio Santa Maria, era a Aldeia da Conceição. A outra, meia légua mais adiante, era a de São João, que visitavam amiúde.

⁽²²⁾ A festa, com que dois anos depois, presente ainda o Padre Anchieta, fizeram os mesmos índios ao visitador e que vem narrada pelo Padre Fernão Cardim (*Tratados*, 339) não foi senão uma reprise desse mesmo espetáculo. Os índios, que a princípio deram origem a essas aldeias, eram os temiminós do Rio de Janeiro. A essa mesma tribo pertenciam os que povoaram depois no Rio a Aldeia de São Lourenço.

⁽²³⁾ Anchieta passou, vindo da Bahia, pelo Espírito Santo, pelo mês de janeiro ou fevereiro de 1582. Nessa ocasião deve ter apaziguado a discórdia entre o povo e o Governador Vasco Fernandes Coutinho Filho. A volta se deu pelo mês de julho do ano seguinte.

⁽²⁴⁾ Na *Ánua* anterior, se faz referência a essa mesma nora, § 39.

⁽²⁵⁾ Sobre essa horta, assim discreta Fernão Cardim: "Muito grande e dentro dela um jardim fechado, com muitas ervas cheirosas e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras e uma fruta, que chamam maracujá" etc. "Também tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessário para as laranjeiras, porque o céu as rega. O jardim é o melhor e o mais alegre que vi no Brasil" ... *Tratados*, 327-328.



Carta do provincial P. José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva

Bahia, 8 de agosto de 1584

+ *Jesus*

*Muito Reverendo em Cristo P. [Cláudio Acquaviva]
Pax Christi!*

Desde o primeiro de março, - em que daqui partiu o Padre Antônio Gomes, procurador, pelo qual escrevi extensamente a V.P. - até agora, não tive um dia de saúde. E por isso não escrevo esta por minha mão, nem pude acompanhar o Padre Visitador Cristóvão de Gouveia na visita ao Colégio de Pernambuco, onde agora está.⁽¹⁾

Como minha doença começou há muitos anos e agora, com a idade e os trabalhos, apertou mais, há poucas esperanças de saúde. E assim espero que o Padre Visitador me tirará o cargo da província, se a morte não tiver cuidado de o fazer antes. E, como ele dá extensa conta de tudo e os reitores de seus colégios, e eu estou na maneira que digo,

não pretendo com esta senão pedir a V.P. a sua santa bênção e a ajuda dos seus santos sacrifícios e orações e de todos os padres e irmãos da Companhia, assim para a vida como para a morte.

Deste colégio da Bahia de Todos os Santos, 8 de agosto de 1584. O Padre Vicente Rodrigues persiste na sua pretensão de morrer em Portugal. E diz que tem medo de ficar louco neste Brasil, com imaginações. Veja V.P. se convirá conceder-lhe isto na sua velhice, ne quid ei deterius contingat.⁽²⁾

*De V. P. filho indigno in Domino.
José de Anchieta.*



Selo comemorativo lançado em 1978 em homenagem ao Pátio do Colégio, mostrando como ele é atualmente.

⁽¹⁾ Há pouco mais de cinco meses anda recolhido Anchieta à enfermaria do Colégio da Bahia, dando mostras de sua insigne paciência e tratando por vezes de outros doentes. "Ficava muito mal", escreve a seu respeito Fernão Cardim, ao iniciar a narrativa da viagem de Cristóvão de Gouveia a Pernambuco. Ancorando a 14 de julho no Recife, a uma légua de Olinda, dali partiram de volta a 16 de outubro, chegando a Salvador a 20 desse mês; *Tratados da*

terra e gente do Brasil, Rio, 1925, 326-336. Mas já a 28 de novembro partia o provincial, em companhia do visitador, para a visita do sul do país.

⁽²⁾ "Nada lhe suceda de pior". Acerca de Vicente Rodrigues, que contava então cinqüenta e seis anos de idade, e exercitava na Bahia os cargos de padre espiritual e prefeito da igreja, ver *Carta* 20, n. 6.

Carta do P. José de Anchieta ao geral P. Cláudio Acquaviva

Espírito Santo, 7 de setembro de 1594

Jesus
Muito Rev. em Cto. Pe. N.
Pax Christi

O Pe. Marçal Beliarde⁽¹⁾ provincial me enviou a estas Capitâneas do Rio de Janeiro e São Vicente a visitar; detive-me nelas o tempo, que me pareceu necessário, porque o padre provincial, por ser tomado dos franceses,⁽²⁾ não pode acudir ao tempo, que esperávamos, que era muito importante para o bom governo daquele colégio e quietação de alguns dos Nossos.

Daquele colégio se enviaram por sua ordem alguns ao da Bahia, dos quais creio alguns são despedidos, pelas causas que o mesmo padre provincial haverá já dado a V. Paternidade. Em São Vicente se despediu um, recebido para coadjutor; as causas foram muito urgentes, e tais que na demora estava o perigo. Outros se enviaram para a Bahia para o mesmo fim, e a um, que foi o Pe. Belchior da Costa,⁽³⁾

Paulo Pampolin/Hype



Passado e Presente: obra de Nilda Luz, exposta no Café do Pateo do Collegio, mostra as duas épocas da cidade.

se deu licença para a Cartuxa. E de tudo foi advertido muito particularmente o padre provincial, que me escreveu sobre um, que fora bem despedido, mas que temia, que lhe havia tardado muito. E segundo isso não há que duvidar a respeito dos outros, que tiveram causas muito mais claras e urgentes, indignas omnino vocatione nostra. Não as toco, nem os nomeio a eles, porque disso dará informação o padre provincial, a quem dei muito larga.

No Rio de Janeiro fica como Vice-reitor o Pe. Francisco Soares.⁽⁴⁾ Em sua companhia está o Pe. João Pereira,⁽⁵⁾ que há pouco fez profissão de quatro votos, pouco satisfeito de seu modo de proceder e muito desejoso de mudança para outra parte. Acabei com ele que sobrestivesse, ajudando-o, a ele e a todo o colégio e a toda a terra, até se dar conta ao padre provincial. Os demais também permaneceram quietos, com a esperança da vinda do padre provincial, que temos agora por nova ser o P. Pero Rodrigues, visitador que foi de Angola e se achou [presente] à congregação provincial na Bahia.⁽⁶⁾

Na Capitania de São Vicente fica o Pe. Pero Soares,⁽⁷⁾ que agora fez lá profissão de quatro votos, com muita consolação sua e lágrimas dos externos, que se acharam [presentes] a ela. Com ele fica o Pe. Domingos Ferreira, por superior de uma daquelas casas.⁽⁸⁾ Fazem bem seus ministérios, eles e seus companheiros, assim com os portugueses como os índios brasis: conquanto estes, como a capitania por uma parte foi saqueada dos ingleses,⁽⁹⁾ e por outra se levantaram os brasis do sertão e mataram alguns homens,⁽¹⁰⁾ não têm a quietação desejada para sua doutrina, mas sempre se visitam,

confessam e ouvem missa e recebem os demais sacramentos, com não pequeno trabalho dos Nossos, que são poucos para os acudir a eles e aos portugueses e seus escravos.

Nesta do Espírito Santo acho agora muita perturbação, entre os portugueses uns com outros sobre pretensões de ofícios e honras, e com os Nossos, porque não lhes concedemos que façam dos índios cristãos à sua vontade, querendo servir-se deles a torto e a direito. Mas como esta é guerra antiga, que no Brasil não se acabará, senão com os mesmos índios, trabalhamos o possível por sua defensão, para que com isto se salvem os predestinados, que se não se tivesse respeito a isso, era quase insofribel a vida dos padres nas aldeias, sed omnia sustinemus propter electos.⁽¹¹⁾

Eu, embora velho e mal disposto, desenganado estou que não terei descanso nesta peregrinação; resolvido estou de me dar aos superiores, que me revolvam como quiserem para serviço de Deus e dos Nossos. Não meu falte sua graça et omnia potero in eodem, maxime se V. Paternidade tivesse memória de mim, encomendando-me a Deus Nosso Senhor e abençoando mihi in eodem Christo Jesu Domino Nostro. E porque esperamos pela resolução de muitas coisas com a vinda do Pe. Luís da Fonseca,⁽¹²⁾ não aponto agora coisa em particular.

Desta Capitania do Espírito Santo do Brasil, 7 de setembro, 1594.

*De V. Paternidade filho indigno in Cto.
P. José de Anchieta, S. J.*

⁽¹⁾ Marçal Beliarte sucedeu a Anchieta no provincialado. Aportando a 7 de maio de 1587 a Pernambuco, só no ano seguinte, a 28 de janeiro, chegou à Bahia, onde tomou posse do cargo. Lisboa, nascido por 1543, entrou na Companhia aos dezanove anos. Ensinou em Lisboa e Coimbra, dando curso de filosofia em Évora (1572-1575). A 24 de agosto de 1585, fez sua profissão solene em Coimbra (Lus., 69, 137). Bom pregador. No Brasil promoveu o progresso dos estudos e pretendeu criar universidade na Bahia. Presidiu à Congregação Geral de maio-junho de 1592. Regressando a Portugal, onde teve oportunidade de dar parecer a favor da liberdade dos índios, veio a falecer em Évora, em julho de 1596.

⁽²⁾ Em 1592 escapara Beliarte de ser capturado por Thomas Cavendish. Capturou-o no ano seguinte um pirata francês (HCJB, II, 447 e 553). A vinda de Anchieta como visitador das casas do sul, em fins de 1592, vincula-se exatamente a tais perigos, a que estava então exposta a navegação. Em viagem de canoa de Santos para o Rio, escapara igualmente Anchieta de cair prisioneiro de outro pirata inglês, refugiando-se na Ilha de São Sebastião.

⁽³⁾ Belchior da Costa, provavelmente o ex-escrivão da câmara eclesiástica da Bahia, ali teria sido recebido na Companhia e anos

depois ordenado, em 1592, (Carta de Beliarte, Bras., 15, 409, de 9 de agosto de 1592). De sua saída para a Cartuxa em Portugal trata S. Leite (HCJB, II, 447).

⁽⁴⁾ Francisco Soares, do Porto (convém distingui-lo de seu contemporâneo e homônimo, nascido em Ponte do Lima, autor de Algumas coisas mais notáveis do Brasil), nascera por 1545. Entrou aos dezesseis anos para a Companhia. Em Portugal ensinou teologia moral em Évora (1583-1584), matéria que ensinou igualmente no Brasil. Embarcando em Lisboa, a 30 de janeiro de 1585, foi logo a seguir aprisionado por piratas franceses (ocasião em que pereceu o Padre Lourenço Cardim) e desembarcado por eles na Galiza. Em 1594 era, como se está vendo, vice-reitor do Colégio do Rio de Janeiro. Mais uma vez reitor desse colégio, após Fernão Cardim (1595-1598), aí veio a falecer, a 2 de fevereiro de 1602. Dele existe uma carta, reproduzida em parte por Pêro Rodrigues, estranhando que o "visitador", não se conformasse com as normas das visitas comuns do provincial anualmente a cada casa. É que - explica Anchieta -, no Rio estava ele esperando, durante todo o tempo que ali viveu, aquela visita, que não pôde realizar-se... Escrevendo a Vida do Padre José, nela exprime suficientemente Pêro Rodrigues a opinião, que veio finalmente a formar sobre a queixa de Soares.

⁽⁵⁾ João Pereira, nascera em Elvas, por 1541. Foi dos órfãos

chegados de Lisboa em 1555. Entrou na Companhia em 1557, na Bahia. Estudou dois anos de latim, dois de filosofia e um de teologia, ordenando-se antes de terminar os estudos. Crê S. Leite que sua ordenação teria sido em 1560 (HCJB, II, 178) o que nos parece totalmente improvável, pois teria apenas dezenove anos. Conhecia bem a língua brasílica. Encarregado, em 1564, da pregação na Vila Velha, já no ano seguinte se encontrava na Aldeia de São João (BA). Tomou parte, como capelão, na entrada de Antônio Dias Adorno (1574), erguendo igreja na Aldeia do Mar Verde, interior de Minas Gerais. De 1575 a 1576 auxiliou a malograda missão do Rio Real (Sergipe). Com passagem pelo Rio (1584), foi superior cinco anos e meio, de 1588 a 1593, na residência de Santos. Nesse último ano fez sua profissão de quatro votos. Novamente no Rio, em 1594, como se vê da presente carta. Por três anos, superior em Porto Seguro. Em 1600, superior na Aldeia de Santo Antônio (BA). Faleceu em janeiro de 1616, no Colégio da Bahia. Pregador e sobretudo bom missionário de índios.

⁽⁶⁾ Em maio de 1592, aportava à Bahia, de caminho para Angola, o Padre Pêro Rodrigues, nomeado visitador daquela missão. Na Bahia demorou cerca de um ano, tomando parte na Congregação provincial de 1592, presidida por Beliarte. Terminando a visita em Angola, nomeado para suceder a este, como provincial do Brasil, chega à Bahia a 17 de julho de 1594, tomando posse do cargo dois dias depois. Foi provincial até 1603, quando o substituiu Fernão Cardim. Permaneceu no Brasil. Entre os anos de 1605 e 1609 se ocupou com escrever a mencionada Vida do Padre José de Anchieta. Desde 1609, superior no Espírito Santo. Passou seus últimos anos, como padre espiritual e confessor em Pernambuco, aí vindo a falecer, a 27 de dezembro de 1628, aos oitenta e seis anos de idade. Professo de quatro votos, desde 1577. Nascera em Évora, no ano de 1542, entrando aí mesmo na Companhia a 15 de fevereiro de 1556. Após quatro anos de filosofia e quatro de teologia, ensinou cinco anos de humanidades e outros tantos de teologia moral. Reitor sete anos no Colégio do Funchal e outros sete em Bragança.

⁽⁷⁾ Pêro Soares, de Évora, nascido em 1546, entrou aos dezenove anos para a Companhia, em 1565, nela estudando durante quatro anos latim, filosofia e teologia (Bras., 5,38v.). Ensinou gramática um ano. Veio na grande leva, trazida por Gregório Serrão, chegando na véspera de Natal de 1577 à Bahia (HCJB, I, 568). Entre 1581 e 1587, superior em São Vicente e, desde 1585, em Santos. De Santos passa a superior em São Paulo (1588-1592). De novo superior em Santos em 1594, como consta da presente carta. Em 1596 era esperado como superior em Vitória. Em 1598, superior em Porto Seguro, toma parte na Congregação provincial desse ano na Bahia, e acompanha ao Padre Baltasar Fernandes como missionário no Recôncavo. Novamente em São Paulo, como superior, pregador e confessor, no ano de 1600. Em 1610 estava em Guarapari, donde deve ter seguido, já enfermo, para o Colégio do Rio de Janeiro, em

que vem a falecer, privado das faculdades mentais, no ano de 1614.

⁽⁸⁾ Naturalmente da Casa de São Paulo de Piratininga. Da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1553, entrando na Companhia em Portugal, veio Domingos Ferreira para o Brasil com Inácio Tolosa, em 1572, ainda escolástico, completando seus estudos no Brasil. Foi superior em Porto Seguro, no ano de 1600 (HCJB, V, 238); em Vitória 1607-1608 (HCJB, VI, 136); reitor em Olinda, em 1627 (HCJB, I, 424 e V, 428). Em 1631, quando da invasão holandesa, ali se encontrava, já com setenta e oito anos, havendo desaparecido, em data e lugar incerto, ou durante a campanha, ou no desterro.

⁽⁹⁾ Tomas Cavendish, o terceiro navegador a dar a volta ao mundo (1586-1588), nascera em Suffolk em 1555, havendo estudado em Cambridge. Armado cavaleiro pela Rainha Isabel e esbanjando em pouco tempo a fortuna mal adquirida, empreendeu sua terceira viagem, escolhendo para suas piratarias a América do Sul. Pelo Natal toma de surpresa - todo o povo reunido na igreja - A Vila de Santos, no ano de 1591, tudo saqueando e incendiando. Após quarenta dias, retoma sua viagem em direção ao Estreito. Batido por tempestades, regressa, tentando novamente apoderar-se da Ilha de São Vicente, mas é rechaçado com fortes perdas. Velejando então para o Espírito Santo, que pensava surpreender, sofre ali pesadíssima derrota. E morre, de volta para a Inglaterra nesse ano de 1592. A essa sua viagem se prendem as aventuras de A. Knivet no Brasil e a conversão ao catolicismo, de Tomás Lodge, poeta e aventureiro e futuro humanitário médico em Londres, começada com as leituras que fez, na Biblioteca da Residência dos jesuítas em Santos, de que teria levado seu botim para a Inglaterra. Sobre a estada de Cavendish em Santos, ver a Carta de Beliarte (HCJB, II, 503).

⁽¹⁰⁾ Excitados, sem dúvida pela primeira campanha de Jerônimo Leitão, dirigida (1585-1587), principalmente, contra os carijós, em busca de escravos, levantaram-se os tupiniquins do sertão. A 7 de julho de 1590 se deu o ataque dos sublevados, apoiados por alguns índios apóstatas das aldeias cristãs, contra Pinheiros, onde queimaram a igreja e despedaçaram a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Reacendeu-se a luta, levada a cabo durante uns poucos anos pelo capitão-mor Leitão e seu sucessor Jorge Correia (Atas da Câmara Municipal de São Paulo I, 403-404, 409, 446-448 etc.). Aqui teve início o ciclo bandeirante da "caça ao índio".

⁽¹¹⁾ "Suportamos, porém, tudo isso, por amor dos eleitos". Cita Anchieta a epístola segunda a Tim., 2,10. Notemos este conceito do Apóstolo do Brasil, que bem parece uma de suas profecias: o problema do índio no Brasil, posto agora em novos termos, seja perante o Estado, seja perante a Igreja, só desaparecerá, quando o índio desaparecer... E o que se dará (única hipótese admissível, evidentemente), quando este deixar de ser índio, pelo sua incorporação à sociedade cristã e civilizada.

⁽¹²⁾ A 19 de março de 1594, completara Anchieta sessenta anos. Sobre Luís da Fonseca, ver as notas da carta anterior ao Padre Pêro Leitão, residente em Pernambuco.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE SÃO PAULO

Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loyola, Roma

São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554

Jesus Maria

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nossos corações.

Amém.

Julgo que na outra carta⁽¹⁾ ficou explicado suficientemente o que se passa nestes lugares e sobretudo nesta nova povoação de cristãos. Mas, julgando que é pouco conhecido de V.R. Paternidade como vai cada uma das coisas que se fazem aqui onde estamos, e levados também pela carta⁽²⁾ de V.R. Paternidade, há pouco recebida, procuraremos informá-lo de tudo aquilo que escreve ser-lhe necessário conhecer, ainda que há de ter melhor e mais clara notícia pelo P. Leonardo, que partiu de cá para aí há poucos dias.⁽³⁾

Vivemos nesta Índia Brasília dispersos em quatro partes, sob a obediência do Reverendo em Cristo P. Manoel da Nóbrega.

Na Bahia de Todos os Santos, que também se chama Cidade do Salvador, onde reside o Governador com os nobres, está o P. Luis da Grã com o Ir. João Gonçalves e o P. Antônio Pires, que lá chegou há pouco⁽⁴⁾ vindo de Pernambuco, distante daquela Cidade 300 milhas. Ocupam-se em pregações e o Irmão a ensinar os meninos. Outro Irmão nosso, de nome Domingos Pecorella, intérprete dos índios, admitido aqui na Companhia, passou há pouco ao Senhor.⁽⁵⁾

Noutra Capitania, que chamam Porto Seguro, distante da precedente 180 milhas, reside o P. Ambrósio Pires com o Ir. Antônio Blásques. Esta Capitania está dividida em quatro⁽⁶⁾ vilas de portugueses. Algumas distam três, outras seis milhas, entre si; cada semana cultiva espiritualmente todas estas povoações com não pouco trabalho, ora celebrando missa, ora fazendo pregações. Frequentemente também é

necessário celebrar e pregar aos domingos duas vezes e ir de vez em quando a outra povoação, 18 milhas distante destas. Espera-se maior fruto, não só por causa do amor que todos lhe dedicam, mas também pela boa opinião que há de sua virtude e doutrina. Ao nosso Irmão Antônio,⁽⁷⁾ seu companheiro, foi entregue o ensino dos meninos nos rudimentos da fé e nos elementos de ler e escrever. Não têm trato nenhum com os índios, porque são indômitos e ferozes nem se dobram à razão. Na carta Quadrimestre, que será mandada da Cidade do Salvador, o que lá [Bahia] e ali [Porto Seguro] se faz escreverão mais pormenorizadamente, como foi mandado aos Irmãos: estando mais perto, poderão mais facilmente comunicar-se uns com outros.

A estas duas segue-se a terceira Capitania, que se chama Espírito Santo, distante da Bahia de Todos os Santos 360 milhas, na qual trabalha na pregação da palavra de Deus o P. Brás Lourenço com o Ir. Simão Gonçalves admitido cá⁽⁸⁾ na Companhia. Consegue-se abundantíssimo fruto, porque uns contraem matrimônio com as concubinas, suas escravas; e outros começam a viver no caminho da salvação, apartando-as de si. Nisto brilha sobretudo a virtude dum grande e nobre senhor que entrou na via reta da salvação, repudiando a concubina com quem vivera unido muito tempo e da qual tivera filhos. Não é também pequena a emenda e correção em extirpar os outros vícios. Para evitar os juramentos, foi instituída uma Confraria de Caridade:⁽⁹⁾ os que desejam entrar nela, se se acusam espontaneamente no caso de jurarem, pagam certa quantia para o casamento de alguma

Reprodução



Padre Anchieta retratado em afresco de Giuseppe Irlandini: a obra se encontra no Palácio Anchieta, em Vitória (ES).

órfã; se porém são acusados por outro, pagam o dobro. Deste modo só raríssimamente se pronuncia com irreverência o nome de Deus. Mas se alguns, vindo de fora, lá chegam e juram, sem saberem, o que está estabelecido, são logo repreendidos pelos outros e acautelam-se para o futuro.

As aldeias⁽¹⁰⁾ dos índios estão distantes. Mas os escravos, que constituem a maioria da população, são instruídos na doutrina cristã. Quatro ou cinco meninos órfãos, dos que nasceram de pai português e mãe brasileira,

vivem em nossa casa sujeitos aos padres e reservados para o Colégio, se se vier a fazer. A todos eles dá mantimento a mesa de Cristo. Estas e as restantes coisas, que se fazem lá, tornar-se-ão conhecidas pormenorizadamente por cartas do mesmo padre.

O vestuário é o mesmo que usam os nossos irmãos em Portugal, e é-nos dado pelo Rei Sereníssimo. Em vez de camas, a maior parte dos Irmãos usa uns panos de algodão, tecidos à maneira de rede e dependurados das traves por

duas cordas; alguns porém, que se encontram adoentados⁽¹¹⁾ deitam-se em camas como em Portugal.

Falta só a quarta Capitania de Portugueses, separada 720 milhas da Cidade do Salvador. Está dividida em seis⁽¹²⁾ vilas, numa das quais chamada São Vicente, moraram até agora os irmãos da nossa Companhia: o Reverendo em Cristo P. Manuel da Nóbrega, o P. Manuel de Paiva, o P. Francisco Pires, o P. Vicente Rodrigues, o P. Afonso Brás, e o P. Leonardo,⁽¹³⁾ que partiu este ano para Portugal, a fim de poder lá haver conhecimento mais exato e mais certo das coisas que se fazem cá; e também o Ir. Diogo Jácome, Gregório Serrão e eu, todos mandados de Portugal.

Cá foram admitidos na Companhia Pero Correia, dos nobres deste reino,⁽¹⁴⁾ muito conhecedor da língua dos índios que trouxe o maior auxílio à conversão dos infiéis com a grandíssima autoridade que tem junto deles e com o conhecimento exatíssimo da língua; Antônio Rodrigues e Manoel de Chaves, Fabiano⁽¹⁵⁾ e Antônio⁽¹⁶⁾ – todos intérpretes dos índios; - Mateus Nogueira, João de Souza, Gonçalo,⁽¹⁷⁾ Antônio.⁽¹⁸⁾ Todos estes como disse acima, residiam em São Vicente entre os portugueses, onde tinham juntado muitos filhos dos índios de diversas partes e os instruíam muito bem nos rudimentos da fé cristã, nas primeiras letras e na escrita.⁽¹⁹⁾

Para sustento destes meninos, a farinha de pau era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era muito trabalhoso e difícil por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre⁽²⁰⁾ pareceu melhor no Senhor mudarmo-nos para esta povoação de índios, que se chama Piratininga. Isto por muitas razões: primeiro, por causa dos mantimentos; depois, porque se fazia nos portugueses menos fruto do que se devia, ainda que logo ao princípio o trato do padre⁽²¹⁾ lhes trouxe a maior vantagem, como será fácil entender do P. Leonardo, que foi o primeiro da Companhia a vir para aqui; e especialmente porque se abriu por aqui a entrada para inúmeras nações, sujeitas ao jugo da razão. Por isso, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia no ano do Senhor de 1554, chegamos a ela a 25 de janeiro e celebramos a primeira missa numa casa pobrezinha e muito pequena no dia da conversão de S. Paulo,⁽²²⁾ e por isso dedicamos ao mesmo nome esta Casa. De tudo isto escrevi por miúdo na carta precedente que abrangeu até o mês de junho.⁽²³⁾ Falta continuar brevemente o que depois se passou.

Residimos aqui ao presente oito⁽²⁴⁾ da Companhia, aplicando-nos a doutrinar estas almas e pedindo à misericórdia de Deus Nosso Senhor que finalmente nos conceda acesso a outras mais gerações, para serem subjugados pela sua palavra. Julgamos que todas elas se hão de converter muito facilmente à fé, se lha pregarem.

Estes, entre os quais vivemos, entregam-nos de boa vontade os filhos para serem ensinados, os quais depois, sucedendo a seus pais poderão constituir um novo agradável a Cristo. Na Escola, muito bem ensinados pelo mestre Antônio Rodrigues,⁽²⁵⁾ encontram-se 15 já batizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. Os quais, depois de

rezarem de manhã as ladainhas em coro na Igreja, a seguir à lição, e de cantarem à tarde a Salve Rainha, são mandados para suas casas; e todas as sextas-feiras fazem procissões com grande devoção, disciplinando-se até o sangue.

Nesta aldeia, foram admitidos para o catecismo 130 e para o batismo 36, de toda idade e de ambos os sexos. Ensina-se-lhes todos os dias duas vezes a doutrina cristã, e aprendem as orações em português e na língua própria deles. A frequência e concurso das mulheres é maior. Todos os domingos se lhes celebra missa; mas muitos dos catecúmenos levam a mal serem mandados embora depois do ofertório⁽²⁶⁾ e pende-nos assiduamente que os admitamos ao batismo. Se o não fazemos é por precaução, para que não voltem ao vômito dos antigos costumes,⁽²⁷⁾ pois pensamos que o batismo não lhes deve ser concedido senão depois de longa prova.

Vendo o Senhor que se aproximavam agora do verdadeiro estado e prática da fé, começou a privar muitos desta vida, para os levar para a eterna, segundo cremos. Cuidou-se com a maior diligência e zelo que morressem muitos firmes na fé. Entre estes também alguns inocentes passaram ao Senhor, depois de recebido o batismo.

Um dos principais que, deixando a pátria, distante daqui mais de 300 milhas, viera a ter conosco, acompanhado do Ir. Pelo Correia, afim de receber os preceitos da lei divina e a doutrina da fé cristã, tendo ido um dia à povoação dos portugueses⁽²⁸⁾ afastada de nós 9 milhas, e sendo convidado por um cristão a beber, respondeu que determinara deixar os antigos costumes e que isso lhe estava proibido por nós. Insistiu o outro: não tenhas medo, que eles não virão a saber. Vencido afinal por longa importunação, consentiu deus-se à bebida. Por causa dela, caiu em gravíssima doença, a que se seguiu a morte. Faleceu porém confessado e contrito, depois de recebido o batismo.⁽²⁹⁾ Este costumava repetir-nos a cada passo que muitas vezes era chamado do céu e incitado a vir ter conosco por um filho seu inocente, falecido depois do batismo, e que não duvidava ter sido trazido aqui pelo filho.

Outro, que fora há muito feito cristão pelos portugueses, que habitaram outrora nesta vila,⁽³⁰⁾ mas se apartara de nós para poder seguir com mais liberdade os costumes gentílicos, viu-se atingido de grave doença e, manifesto juízo de Deus! não pôde aproveitar-se do auxílio dos irmãos. Pois, quando chegamos, já tinha perdido o uso da fala; e vindo a morrer, para terror dos outros, privamo-lo de sepultura eclesiástica, e se sepultou como gentio que como gentio vivera.

Nem parece menos digno de admiração outro caso. Tendo o nosso Padre⁽³¹⁾ decidido que levássemos à sua terra alguns índios, que chamam carijós, para que ajudassem os restantes a converter-se à fé de Cristo, atacou-os doença súbita de que morreram quase todos. Ora soubemos depois que eles não estavam bem dispostos conosco e tinham assentado apartar-se de nós, quando estivessem na própria terra, ou fazer-nos outro mal maior. Mas, sem ajuda deles, se alguma vez formos àquela nação ou a outras muitas,

vizinhas desta, esperamos colher maior fruto.

Estes, com quem vivemos, têm muito antigas inimizades com outros da mesma nação e por isso frequentissimamente há guerra entre uns e outros para a qual se juntam muitos de diversas partes; e até quando nós estávamos entre eles, partiram contra os inimigos. Na véspera de entrarem em luta, os que tinham vindo doutras partes, como é costume deles, construíram uma pequena cabana [e] começaram a oferecer sacrifício aos seus feiticeiros (a quem chamam pajés)⁽³²⁾ perguntando-lhes que lhes iria suceder no combate. Sendo convidados para isso também os nossos catecúmenos e outros entre os quais a palavra de Deus já fora semeada por meio dos irmãos da Companhia, responderam que não queriam prestar fé àquelas mentiras que traziam o seu Deus nos próprios corações e que fiados no seu auxílio haviam de ganhar maior vitória do que eles com os seus sacrifícios imundos.

Travando-se a batalha e aparecendo grande multidão de inimigos, os nossos tomados de medo e terror começaram a perder o ânimo. Vendo isto a mulher do principal⁽³³⁾ desta aldeia, já batizada, a qual partira para a guerra juntamente com o marido, como é costume deles, exortou a todos com espírito viril a que, perdendo o medo, fizessem o sinal cruz na frente. E deste modo só dois que o deixaram de fazer, foram feridos e um morreu. Os inimigos foram dispersos e postos em fuga pelos restantes; e, sendo alguns tomados pelos nossos catecúmenos, foram mortos e sepultados à maneira dos cristãos. Antes costumavam-se comer com a maior alegria e grandes vozerias e cantos. E pouco depois de se afastarem, vieram os contrários e encontrando sepultados os que julgavam ser inimigos, desenterraram-nos e levaram-nos para comer.

Regressando da guerra, não encontrando um deles a mulher em casa e ouvindo dizer que ela o tinha deixado, aceso no maior furor veio à Igreja onde ela aprendia a doutrina e tratou-a indignamente, puxando-a para fora pelos cabelos diante de todos e dando-lhe grandes punhadas e bofetadas. Tendo notícia disto o principal, prendeu-o, pedindo-nos que mandássemos fazer algemas, pois dizia ter desejo de lançar na prisão todos os criminosos e sobretudo aquele que cometera tão grande crueldade no templo de Deus. Mas, sendo final solto por nossa intercessão, pediu-nos perdão, tendo feito aquilo, não por própria determinação, mas levado por alguns maus conselheiros. A sujeição deste índio é muito para admirar, não vivendo eles obrigados a nenhuma lei, nem direito, e não obedecendo à autoridade de ninguém.

Aqueles feiticeiros, de que já falei, são tidos em grande estima. De fato, chupam os outros quando estes sofrem alguma dor, e afirmam que os livram da doença e que têm sob seu poder a vida e a morte. Nenhum destes aparece entre nós, porque lhes descobrimos os enganos e as mentiras. Um dos catecúmenos porém apresentou-se para ser curado a um, que passava por aqui com os demais a caminho da guerra. Tendo-o sabido um filho, que se encontra entre nós na escola, repreendeu-o duramente, dizendo que ele havia de ser um

demônio e que não entrasse mais na Igreja, pois recusou acreditar em nós para se fiar num feiticeiro.

Uma menina de quatro ou cinco anos, caída em doença grave, pedia muitas vezes com lágrimas à mãe que a levasse à Igreja; e gemendo diante do altar, dizia na própria língua: "Ó Pai, sara-me". Interrogada pelo seu pai se queria lhe trouxesse aquele feiticeiro para lhe dar remédio, rompendo em grande pranto lançou-se ao chão dizendo que queria voltar à antiga saúde não com o auxílio do feiticeiro mas com o de Deus; e o próprio Senhor o fez, pois tratada pelos nossos irmãos com maior mezinha, ela recuperou inesperadamente a saúde.

Esperamos com a graça e favor divino, que se não de recolher ubérrimos frutos por meio dos operários que o Senhor mandará para esta vinha tão fecunda; mas julgamos que já não é pouco fruto o maior benefício de Deus, que entre tanta multidão de infiéis, algumas poucas ovelhas se abstenham ao menos de comer seus próximos.

Com o Reverendo em Cristo P. Manuel da Nóbrega moramos presentemente aqui sete irmãos, separados do convívio dos portugueses e unicamente aplicados à conversão dos índios. Temos também em casa conosco alguns filhos dos gentios, que atraímos a nós de diversas partes. Estes apartam-se tanto dos costumes dos pais, que, passando aqui perto de nós o pai de um, e visitando o filho, este muito longe esteve de lhe mostrar qualquer amor filial e terno de maneira que só por pouco tempo contra a vontade e obrigado por nós, é que falou com o pai; e outro, estando já há muito separado dos pais, indo de caminho uma vez com nossos irmãos pela aldeia que a mãe habitava, e dando-lhe estes licença a ir visitar se quisesse, passou sem saudar a mãe; deste modo põem muito acima do amor dos pais o amor que nos têm. Louvor e glória a Deus, de quem deriva todo o bem.

Desde janeiro até o presente, estivemos às vezes mais de vinte⁽³⁴⁾ numa casa pobrezinha, feita de barro e paus e coberta de palha, de 14 passos de comprimento e 10 de largura, que é ao mesmo tempo escola,⁽³⁵⁾ enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa; mas não temos saudades das casas amplas que os nossos habitam noutras partes. Com efeito, em mais estreito lugar foi posto Nosso Senhor Jesus Cristo, quando se dignou nascer num pobre presépio entre dois brutos animais e em estreitíssimo morrer por nós na cruz. Esta casa construíram-na os próprios índios para nosso uso,⁽³⁶⁾ mas agora preparamo-nos para fazer outra um pouco maior, de que nós seremos operários com o suor de nosso rosto⁽³⁷⁾ e o auxílio dos índios.

Encontramo-nos de fato em tal estreiteza, que muitas vezes é necessário dar ao ar livre a lição de gramática⁽³⁸⁾ aos irmãos e, apertando frequentemente fora o frio e dentro o fumo, antes queremos sofrer fora o frio do que dentro o fumo.

Quanto aos meninos que andam na Escola,⁽³⁹⁾ quem não se comoverá vendo-os expostos ao vento e ao frio, aquecendo-se ao calor dum tição aceso, e aplicar-se à lição numa pobríssima e velhíssima,⁽⁴⁰⁾ e, no entanto, feliz cabana?

O principal alimento desta terra é farinha de pau, que se faz

de certas raízes que se plantam, e chamam mandioca, as quais - quando comidas cruas, assadas ou cozidas, matam. É necessário deitá-las na água até apodrecerem; apodrecidas, desfazem-se em farinha, que se come, depois de torrada em vasos de barro bastante grandes. Isto substitui entre nós o trigo. Outra parte do mantimento fornecem-na carnes do mato, como macacos, gamos, certos animais semelhantes a lagartos, pássaros⁽⁴¹⁾ e outros animais selvagens, e ainda peixes de rio, mas estas coisas raras vezes. A parte principal da alimentação consiste portanto em legumes, como favas, abóboras e outros que se podem colher da terra, folhas de mostarda e outras ervas cozidas; em vez de vinho bebemos água cozida com milho,⁽⁴²⁾ ao qual se mistura mel, se o há. Assim sempre bebemos tisanas ou remédios; e se há isto, não nos parece ser pobres.

As coisas necessárias para a conservação de nossa vida adquirimo-las com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo S. Paulo, para não sermos pesados a nenhum destes.⁽⁴³⁾ Devemo-las principalmente às mãos de um irmão nosso, ferreiro,⁽⁴⁴⁾ ainda que nada peça, oferecem-lhe os índios, em paga das coisas que lhes faz, farinha e legumes e às vezes carne e peixe. A isto ajuntam-se também outras esmolas que eles, movidos pelo amor de Deus, nos dão, e assim muitas vezes o Senhor, a cujo cuidado nos entregamos, nos provê até donde menos esperávamos, a nós que nos encontramos faltos de todas as coisas.

Não podemos portanto deixar de admirar muito a grandíssima bondade de Deus conosco, que nos conserva perfeitamente a saúde do corpo, carecendo nós por completo de todos os mimos, sendo o alimento indispensável muito insípido e de pouca substância e não nos deixando a terra viver em delícias. Assim, um irmão nosso,⁽⁴⁵⁾ que viera doente de Portugal, e vivia numa aldeia,⁽⁴⁶⁾ distante desta nossa 90 milhas tinha por alimento diário uma galinha, que se lhe ia buscar a diversos lugares com não pouco trabalho ainda que por baixo preço; e o estômago não a podia conservar e logo vomitava. Quando porém veio para aqui⁽⁴⁷⁾ e começou a alimentar-se das nossas comidas pobríssimas, pôs-se robusto.

Na outra aldeia⁽⁴⁸⁾ de índios estão semeando a palavra de Deus o P. Francisco Pires e o P. Vicente Rodrigues com outros irmãos;⁽⁴⁹⁾ fazem contudo fruto por causa da dureza deles.

Esta parte da região do Brasil que habitamos, está, segundo dizem, a 22 graus de latitude sul. Mas, desde Pernambuco, que é a primeira povoação de cristãos até aqui e mais além, toda esta costa marítima, na extensão de 900 milhas, é habitada por índios, que sem exceção comem carne humana; nisso sentem tanto o prazer e doçura que frequentemente percorrem mais de 300 milhas quando vão à guerra. E se cativarem quatro ou cinco dos inimigos, sem cuidarem de mais nada, regressam para com grandes vozearias e festas e copiosíssimos vinhos, que fabricam com raízes, os comerem, de maneira que não perdem nem sequer a menor unha, e toda vida se gloriam daquela egrégia vitória. Até os cativos julgam que lhes sucede nisso coisa nobre e digna, deparando-se-lhes morte tão gloriosa, como eles

julgam, pois dizem que é próprio de ânimo tímido e impróprio para a guerra morrer de maneira que tenham de suportar na sepultura o peso da terra, que julgam ser muito grande. Estes, entre os quais trabalhamos, estão espalhados pelo interior na extensão de 300 milhas, como julgamos, e todos comem carne humana, andam nus e habitam casas de madeira e barro, cobertas de palha ou cascas de árvores.

Não estão sujeitos a nenhum rei ou chefe e só têm alguma estima aqueles que fizeram algum feito digno de homem forte. Por isso frequentemente, quando os julgamos ganhos, recalcitram, porque não há quem os obrigue pela força a obedecer; os filhos obedecem aos pais conforme lhes parece; e finalmente cada um é rei em sua casa e vive como quer: por isso nenhum fruto, ou não menos pequeníssimo, se pode colher deles, se não se juntar a força do braço secular, que os dome e sujeite ao jugo da obediência. Vivendo sem leis nem autoridade, segue-se que não se podem conservar em paz e concórdia, de maneira que cada aldeia consta de só seis ou sete casas, nas quais, se não fosse o laço e união do sangue, não podiam permanecer juntos, mais comer-se-iam uns aos outros, como vemos que acontece em muitos outros lugares, onde eles não dominam essa paixão insaciável, nem sequer para se absterem de devorar abominavelmente os consaguíneos.

Juntam-se a isto os matrimônios contraídos com os mesmos consaguíneos até primos direitos, de maneira que, se queremos receber algum para o batismo, por causa do laço de sangue é difícilimo encontrar-lhe mulher com a qual possa casar. O que é para nós não pequeno impedimento, pois não podemos admitir ninguém à recepção do batismo conservando a concubina; por isso parece-nos sumamente necessário que se mitigue nestas partes todo o direito positivo,⁽⁵⁰⁾ de maneira que possam contrair-se matrimônios em todo os graus, exceto de irmãos com irmãs. O mesmo é necessário também fazer-se noutras leis da Santa Madre Igreja, pois, se os quiséssemos obrigar a elas no presente, não há dúvida que não quereriam dispor-se a seguir a fé cristã. São tão bárbaros e indómitos que parecem estar mais perto da natureza das feras do que da dos homens. O que não é tanto de admirar como a tremenda malícia dos próprios cristãos, nos quais encontram, não só exemplo de vida, mas também favor e auxílio para praticarem más ações.

De fato, alguns cristãos nascidos de pai português e mãe brasileira, que estão apartados de nós 9 milhas numa povoação de portugueses,⁽⁵¹⁾ não cessam nunca de esforçar-se, juntamente com o seu pai,⁽⁵²⁾ por lançar à terra a obra que procuramos edificar com a ajuda de Deus, pois exortam repetida e criminosamente os catecúmenos a apartarem-se de nós e a crerem neles, que usam arco e flechas como os índios, e a não se fiarem de nós que fomos mandados para aqui por causa da nossa maldade. Com estas e semelhantes coisas conseguem que uns não creiam na pregação da palavra de Deus e que outros, que parecia já termos encerrado no redil de Cristo, voltem aos antigos costumes e se apartem de nós, para

poderem viver mais livremente. Os nossos irmãos tinham gasto quase um ano inteiro em doutrinar uns que distam de nós 90 milhas, ⁽⁵³⁾ e eles, renunciando aos costumes gentílicos, tinham resolvido seguir os nossos e tinham-nos prometido nem matar nunca os inimigos nem comer carne humana. Agora, porém, convencidos por estes cristãos e levados pelo exemplo duma nefanda e abominável depravação, prepararam-se, não só para os matar, mas também para os comer.

Da guerra, a que me referi acima, tendo um destes cristãos trazido um cativo, entregou-o a um irmão dele para o matar. E matou-o de fato com a maior crueldade, tingindo as próprias pernas de vermelho e tomando o nome de quem matara em sinal de honra, como é costume dos gentios; e se não comeu, deu-o ao menos a comer aos índios, exortando-os a que não deixassem perder quem ele matara, mas assassem e levassem para comer. Outro irmão do mesmo, advertindo-se de que tivesse cuidado com a Santa Inquisição por seguir alguns costumes gentílicos, respondeu que vararia com flechas duas inquisições. E são cristãos, nascidos de pai cristão, que sendo espinho não pode produzir uvas. ⁽⁵⁴⁾

Este passou quase 50 anos nesta região, junto com uma concubina brasílica, ⁽⁵⁵⁾ e gerou muitos filhos: a salvá-los dedicaram os irmãos da nossa Companhia todos os cuidados e canseiras, pedindo-lhes com toda a mansidão e incitando-os em espírito de brandura a apartarem-se da má vida. Tanto que o P. Manuel de Paiva se valeu muito do laço de sangue bem chegado, que reconheceu existir entre si e o pai deles, e julgou que se poderia conseguir deste modo alguma coisa em favor do mesmo homem. Notando, porém, que nenhum fruto se obtinha dele, mas que pelo contrário continuavam os maiores escândalos - por causa da maneira de viver torpe e dissoluta tanto do pai como dos filhos, que estão unidos com duas e duas filhas do mesmo pai ⁽⁵⁶⁾ - começaram os irmãos a exercer sobre eles algum rigor e violência, sobretudo separando-os da comunhão da Igreja. Mas eles, que deveriam ter mudado com esta medida, estão a tal ponto depravados, que nos têm o maior ódio e procuram prejudicar-nos por todos os modos, ameaçando-nos até de morte, mas principalmente esforçando-se por inutilizar a doutrina em que instruímos e educamos os índios, e por concitar o ódio deles contra nós. E assim, se não se extinguir completamente esta peste ⁽⁵⁷⁾ tão pernicioso, não só não poderá progredir a conversão dos infiéis mas terá de debilitar-se e diminuir cada vez mais. Mas, dito isto de passo volto ao meu propósito.

Além destes índios, há outro gentio espalhado ao longe e ao largo, a que chamam carijós, ⁽⁵⁸⁾ nada distinto destes quanto à alimentação, modo de viver e língua, mas muito mais manso e mais propenso às coisas de Deus, como ficamos sabendo claramente da experiência feita com alguns que morreram aqui entre nós, bastante firmes e constantes na fé. Estes estão sob o domínio dos castelhanos, a quem de boa vontade constroem as casas e de boa mente ajudam a obter as coisas necessárias à vida.

Paulo Pampolin/Hype



Peça do Museu Anchieta no Pateo do Colegio.

A estes seguem-se inumeráveis outras gentes a ocidente, pelo interior até à Província do Peru, quase todas as quais percorreu um irmão nosso. ⁽⁵⁹⁾ São mansas, chegam-se mais perto da razão, estão todas sujeitas a um só chefe, vive cada um com a mulher e os filhos separadamente em sua casa, e de maneira nenhuma comem carne humana. Se a palavra de Deus lhes for anunciada, não há dúvida que se há de aproveitar mais \com eles num mês do que com estes num ano.

E outra infinita multidão de nações está vizinha destes, chamados pelo próprio nome escravos [“Servi”] ⁽⁶⁰⁾ por meio dos quais se vai até ao Amazonas, e julgamos que vivem etíopes na outra banda do mar.

Foi agora ⁽⁶¹⁾ enviado o Irmão Pero Correia, com dois outros irmãos, ⁽⁶²⁾ a umas aldeias de índios, que estão ao longo do mar, ⁽⁶³⁾ para lhes pregar a palavra de Deus e sobretudo, se puder ser, para abrir caminho até certos povos que chamam ibiraiaras, ⁽⁶⁴⁾ os quais julgamos que se avantajam a todos estes no uso da razão, na inteligência e mansidão dos costumes. Todos estes obedecem a um só

senhor, têm horror a comer carne humana, contentam-se com uma só mulher, guardam diligentemente as filhas virgens - coisa de que os outros não cuidam - não as entregam a ninguém senão ao próprio marido, e se a esposa comete adultério o marido mata-a. Mas se esta, fugindo às mãos do marido, se refugia na casa do chefe, é recebida por ele com bondade e é conservada lá até se apacar completamente a ira do marido. Se alguém se apodera duma coisa alheia, é levado diante do chefe e ele manda-o açoitar por um algóz. Não creem em nenhuma idolatria ou feiticeiro, e avantajam-se a muitíssimos outros nos bons costumes, de maneira que parecem muito próximos da lei da natureza. Só parece neles digno de repreensão matarem às vezes na guerra os cativos e guardarem as cabeças deles como troféus.

Esperamos agora a chegada do P. Luis da Grã, para se deliberar com o seu conselho o que se há de afinal fazer e se se hão de mandar alguns dos irmãos para aquelas nações, no caso de os haver. Temos grande falta deles, por isso muita obrigação tem V.R. Paternidade de mandar operários para tão fecunda messe. Esperamos confiadamente que o faça,

porque Deus, pelo cuidado que tem desta região, a entregou à particular administração de V.R. Paternidade.

A isto acrescenta-se também que, tendo-se dirigido todas as orações e gemidos dos nossos Irmãos, desde que estão cá, a pedirem continua e fervorosamente a Deus se dignasse mostrar claramente o caminho, pelo qual estes gentios se haviam de levar à fé, agora acabou Ele por mostrar grandíssima abundância de ouro, prata, ferro e outros metais antes bastante desconhecida, como todos dizem, e esta abundância julgamos que será ótimo e fácil meio, como já nos ensinou a experiência. Pois, vindo para aqui muitos cristãos, sujeitarão os gentios ao jugo de Cristo, e assim estes serão obrigados a fazer, por força, aquilo a que não é possível levá-los por amor.

Resta que peçamos humildemente sermos encomendados, nós e estas almas, nas orações de V.R. Paternidade e de todos os nossos Irmãos.

Piratininga, Casa de São Paulo, 1554.

O último da Companhia de Jesus, José

⁽¹⁾ *Refere-se à Quadrimestre até junho de 1554, que não foi conservada, e de que fala mais abaixo no fim do § 7.*

⁽²⁾ *Carta P. Polanco, por comissão de Santo Inácio, ao P. Manoel da Nóbrega, de 13 de agosto de 1553 sobre o modo de escreverem as cartas de edificação e notícias e que Nóbrega recebeu pouco antes e transmitiu ao Ir. Anchieta para este se conformar com suas normas (Mon. Bras., I, 519-520).*

⁽³⁾ *O P. Leonardo Nunes partiu pelos meados de junho de 1554, segundo a carta, (MB, II, 65-72), do Ir. Pêro Correia de 18 de julho de 1554, § 13. Estes "poucos dias" ("paucis ante diebus") representam mais de 60; mas pode entender-se que começasse a redigir esta carta por fins de junho.*

⁽⁴⁾ *O P. Antônio Pires chegou no 1º domingo do advento de 1553 (3 de dezembro): "llegó aqui este primero domingo del Adviento que pasó hizo un año" (MB, II, 141-146), carta de Luís da Grã ao P. Mirón, 27 de dezembro de 1554, § 6.*

⁽⁵⁾ *Ir. Domingos Ane Pecorella faleceu a 24 de dezembro de 1553 (LEITE, Artes e Ofícios, 121).*

⁽⁶⁾ *Cf. MB, II, 50-54, carta de Ambrósio Pires, de Porto Seguro, 5 de maio de 1554, §§ 5-7; LEITE, História, 1, 209-211.*

⁽⁷⁾ *Blázquez.*

⁽⁸⁾ *"Cá" (hic), isto é, no Brasil (Bahia) em 1549.*

⁽⁹⁾ *Cf. LEITE, História, 1, 217; II, 324.*

⁽¹⁰⁾ *Sobre estas primeiras aldeias do Espírito Santo, cf. LEITE, História, 1, 233-239, e MB, II, 372-377, carta de Francisco Pires (carta 57).*

⁽¹¹⁾ *No Espírito Santo só nomeia um padre e um irmão: esta palavra adoentados, no plural, dá sentido mais amplo e deve englobar os meninos.*

⁽¹²⁾ *Seis Vilas: São Vicente, Santos, Bertioga, Conceição (Itanhaém) e Santo André da Borda do Campo. A sexta deve ser Piratininga, a*

que em geral chama aldeia, mas à qual, logo a seguir (§ 7) se aplicam ambas as qualificações "indorum habitationem" (aldeia), e "oppidum" (vila).

⁽¹³⁾ *Leonardo Nunes.*

⁽¹⁴⁾ *Reino de Portugal. No mínimo, significaria que era "dos principais desta terra".*

⁽¹⁵⁾ *Fabiano de Lucena.*

⁽¹⁶⁾ *Antônio (Gonçalves do Vale). Cf. LEITE, Diálogo, 110-111; e MB, II, 346-356, carta 52, § 2. Mais tarde, Leonardo do Vale.*

⁽¹⁷⁾ *Gonçalo de Oliveira.*

⁽¹⁸⁾ *Antônio de Atouguia. Sobre todos e cada um destes nomes, e ainda o Ir. Cipriano, Cf. LEITE, "Nóbrega e a sua herança em São Paulo de Piratininga", in Brotéria 58 (1954) 9-11. Por não constar de nenhum documento, não incluímos na lista dos jesuítas presentes em São Paulo em 1554 um Pedro Dias, de que começaram a falar mais tarde os genealogistas, dando-o como irmão leigo da Companhia. "Que o Padre Serafim Leite não tenha podido colher este nome na documentação jesuítica da época, não será de estranhar, sabida a má vontade que os inacianos votavam aos neófitos, que não perseveraram nas primeiras intenções" (J. CORTESÃO. A Fundação de São Paulo, 200). Esta explicação anti-inaciana - à qual, como ainda a outras deste escritor, se desejaria base científica mais sólida - tem logo contra si aquela própria lista: Fabiano de Lucena e Antônio de Atouguia não perseveraram nas primeiras intenções, saindo da Companhia de Jesus; e, no entanto, os seus nomes, como se vê, colhem-se da documentação jesuítica da época.*

⁽¹⁹⁾ *Trata-se de quando ainda residiam na Casa de São Vicente, entre os portugueses.*

⁽²⁰⁾ *Nóbrega.*

⁽²¹⁾ *Nóbrega.*

(22) 25 de janeiro de 1554. Sobre o texto seguinte, erroneamente traduzido, pretendeu Serafim Leite, em seu Breve Itinerário. 105-106, inferir que Nóbrega tenha subido ao planalto, aí celebrando missa nesse dia e dando pessoalmente à nova casa o nome de São Paulo: "Itaque... visum est Nobregae Collegii corpus eo transferre. Piratiningam cum ventum esset extremo ferme januario, placuit ei domui, re divina primum facta, Beati Pauli nomem, cujus conversionis commemoratio in illum ipsum diem recurrebat, imponi" (N. Orlandini, *Historiae Societatis Jesu prima pars* (Roma (1615), L., XIV, n. 118). Tradução correta deste texto, inferiu Simão de Vasconcelos e inferimos nós que Nóbrega não esteve nesse dia em Piratininga, aí não celebrou a missa, oficiada por Manuel de Paiva, nem deu pessoalmente o nome de São Paulo a essa casa. Em artigo "Para uma biografia de Nóbrega", na análise exaustiva que, a propósito, fizemos (Revista de História, São Paulo, VII, 28, outubro-dezembro de 1956, ps. 326-332), concluímos exatamente como, de textos coevos, concluiu João de Polanco, o secretário de Santo Inácio: Visum est Nobregae... expedire ut... aliqui ex nostris simul cum pueris nigrarent... / Missi ergo fuerunt octavo Kalendas Februarii aliqui ex nostris, inter quos Josephus fuit. Piratiningam cum pueris hoc anno pervenerunt, etc in paupere et angusta domuncula die conversionis B. Pauli primam missam celebrarunt, etc ideo ei domum nostram dedicarunt, quae St. Pauli dicta duit" (Chronicon, IV, ps. 612-613, §§ 1298-1299). (Viotti).

(23) Esta carta não se conservou. Cf. n. 1.

(24) Oito, diz aqui. Nóbrega e sete irmãos. Cf § 14.

(25) Todo este § 8 se resumiu nas edições de 1555 e 1556, suprimindo-se o nome do mestre Antônio Rodrigues (cf. LEITE, Nóbrega e a fundação de São Paulo, 69-70). A Escola de meninos índios era de ler, escrever e cantar, explica Pêro Correia, MB II, 65-72, a 18 de julho de 1554 (carta 17, § 9). Correia não dá o nome do Mestre. Mas observa nesta carta que Pêro Correia só cita, com o nome próprio, as pessoas, que o destinatário da carta conhecia pessoalmente: Padres Nóbrega e Leonardo Nunes e Irmãos Gregório Serrão e José de Anchieta, mestre de gramática ou dos estudantes (que é latim). E para essa mesma finalidade - de aprenderem a ler e escrever - que já tinham em São Vicente (§ 6), mudou Nóbrega para Piratininga os filhos dos índios.

(26) Cf. LEITE, "Particularidades referentes a Nóbrega na fundação de São Paulo". In *Particleria* 57 (1953) 431.

(27) Cf. Pet., 2, 22.

(28) Santo André da Borda do Campo.

(29) Trata-se de batismo in extremis. Antes do batismo ainda não era cristão e por isso não podia se confessar; e logo depois do batismo de um moribundo não é necessário o sacramento da confissão. A frase, para se justificar, supõe que o moribundo sobreviveu algum tempo a seguir ao batismo. O texto do Rio conserva a frase, mas o copista do texto 2 deve ter visto a dificuldade e suprimiu-a.

(30) Alusão à Vila de Piratininga, fundada por Martim Afonso de Souza em 1532 (cf. MB, II, 15-17, carta 3, § 3). O índio podia ser

batizado na própria vila ou fora dela. Como a Vila se desfez logo, a segunda alternativa parece mais provável. Não consta que até então existisse pároco ou vigário próprio no Campo de Piratininga. E o que se lê em Cartas de Anchieta, 72: "Capelão desta povoação" é erro de leitura por "capitão desta povoação" (Cópia de unas cartas 1555); e é o mesmo capitão ou principal, de que trata abaixo o § 13.

(31) Nóbrega.

(32) Pajé, palavra tupi, que entrou no vocabulário português do Brasil e é ainda hoje muito usada no Norte com o sentido de curandeiro: e no Sul, a certas manifestações de baixo espiritismo chamam "pajelanca". Cf. OSVALDO ORICO. *Vocabulário de Crendices Amazônicas*. São Paulo, 1937, 186-188; BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, São Paulo, 1939. 203. Destes feiticeiros ou pajés indicou Nóbrega as principais funções na "Informação das Terras do Brasil". § 3 (cf. Mon. Bras., 1, 17-18); e também Leonardo do Vale, *Vocabulário na Língua Brasileira*, verbo "Feiticeiro".

(33) O Principal Martim Afonso Tibiriçá.

(34) Estes "mais de vinte" eram, pelo expresso no § 14, não apenas da Companhia, mas também alguns filhos dos gentios, sobre os quais ainda então se alimentava alguma esperança de vocação religiosa e viviam em casa.

(35) Escola de Gramática, na própria casa feita de novo para uso dos padres, como se diz no fim deste § 15.

(36) Casa feita de novo para os padres pelos índios: ajudou a fazê-la Tibiriçá por ordem de Nóbrega: Tibiriçá "tendo ajudado a fazê-la (a casa de Piratininga) por suas próprias mãos" (carta do Ir. José de Anchieta de São Vicente, 16 de abril de 1563 ao P. Geral Diego Laynes, *Cartas de Anchieta*, 187); por ordem de Nóbrega: "No ano de 1554 mudou o P. Manoel da Nóbrega os filhos dos índios ao Campo, a uma povoação nova, que os índios faziam por ordem do mesmo Padre" ("Informação do Brasil e suas Capitânicas" - 1584 - do P. José de Anchieta, ib. 316). Cf. Leite Cordeiro, "A fundação de São Paulo", in *São Paulo em quatro séculos*, 1-43.

(37) "Maiormente com o suor do Padre Afonso Brás". C. Jes III, 94.

(38) Esta lição de gramática aos irmãos era dada pelo próprio autor da carta, di-lo Pêro Correia, MB, II, 65-72, p. 71 e o dirá o mesmo Anchieta na carta de 20 de março de 1555. § 7. "Aos Irmãos Enfermos".

(39) Escola de meninos, do Ir. Antônio Rodrigues (supra § 8).

(40) "Velhíssima", portanto outra, diferente da casa "nova", de que trata o § 15. Cf. LEITE, Nóbrega e a fundação de São Paulo, 48-50.

(41) Da enumeração destes animais faz alguma dúvida aquilo de "gamos" ou corsas (damae, no texto latino) e, sobretudo, estes "pássaros", que em latim é passeres, como traz o texto; "pardais" só foram levados de Portugal para o Brasil já neste século XX (C. DE MELLO LEITÃO, *Zoo-geografia do Brasil*, - São Paulo, 1937, 357). Como notamos a propósito da língua em que teria sido esta carta bem poderia Anchieta, designar por passeres aos "pardais da

terra”, aos vulgaríssimos “tico-ticos”. (Viotti).

⁽⁴²⁾ Milho, para os autores latinos era milho miúdo (europeu e asiático); mas aqui trata-se de milho da terra (cf. “Informação das Terras do Brasil”, § 1, Mons. Bras., 1, 148).

⁽⁴³⁾ Cf. 1 Tess., 2, 7.

⁽⁴⁴⁾ Mateus Nogueira.

⁽⁴⁵⁾ Gregório Serrão (MB, II, 65-72, carta de Pêro Correia de 18 de julho de 1554, § 12).

⁽⁴⁶⁾ Maniçoba, (cf. *ib.*, e carta n. VI de Anchieta, no fim de março de 1555, § 33).

⁽⁴⁷⁾ Para Piratininga, onde escreve.

⁽⁴⁸⁾ Maniçoba (carta n. 6 de Anchieta, do fim de março de 1555, §§, 6 e 33).

⁽⁴⁹⁾ Não identificados.

⁽⁵⁰⁾ Cf. carta de Nóbrega do último de agosto de 1553. § 6, (Mon. Bras., 1, 515)

⁽⁵¹⁾ Santo André de Borda do Campo.

⁽⁵²⁾ João Ramalho.

⁽⁵³⁾ Maniçoba (*supra*, nota 46)

⁽⁵⁴⁾ Cf. Mat., 7, 16)

⁽⁵⁵⁾ Bartira (LEITE, Nóbrega e a fundação de São Paulo, 77).

⁽⁵⁶⁾ No texto latino consagüíneas, isto é, filhas do mesmo pai. Deve-se entender, segundo a frase clara de Nóbrega, pedindo dispensas matrimoniais, na carta do último de agosto de 1553. § 6: “porque unos duermen com dos hermanas y desean, después que tienen hijos de una, casar com ella y no pueden”. Irmãs, elas entre si, não irmãs dos homens com quem dormiam.

⁽⁵⁷⁾ A expressão “nisi haec tam perniciosa pestis extingatur” (“a não ser que esta peste tão perniciosa seja extinta”), como se lê no original latino, se inspira, evidentemente, no latim oratório de Cícero, modelo universal das escolas humanísticas da época. A peste a ser extinta, não eram os indivíduos em si, mas o mau exemplo de sua conduta, escandaloso desafio às leis divinas e humanas. Para extingui-la, pois, bastaria implantar-se, como alhures explica o próprio Anchieta, a presença da força coercitiva do poder público. (Viotti)

⁽⁵⁸⁾ Carijós ou guaranis, cuja menção se encontra já nas primeiras cartas de Nóbrega. Cf. carta de 9 de agosto de 1549. § 6 (Mon. Bras., 1, 122).

⁽⁵⁹⁾ Irmão Antônio Rodrigues, que na carta de 31 de maio de 1553 conta as suas andanças na Bacia do Rio da Prata até as fronteiras do Peru (Mon. Bras., 1, 477).

⁽⁶⁰⁾ “Servi (escravos) é outra acepção que se reservou ao designativo tapuias (bárbaros).

⁽⁶¹⁾ A 24 de agosto de 1554.

⁽⁶²⁾ Irmãos João de Souza e Fabiano de Lucena (carta n. 6 de Anchieta do fim de março de 1555, § 17).

⁽⁶³⁾ À beira do mar (*ib.*, § 22), desde Cananéia para o Sul, pois ao Sul de Cananéia ficavam os índios carijós e os ibirajaras que buscavam.

⁽⁶⁴⁾ Ibirajara, “senhores do garrote” (cf. LEITE, História, 1, 351-352), conhecidos também por índios “bilreiros”, que descreve Jácome Monteiro (*ib.*, VIII, 396).

Patrícia Cruz/Luz



Estátua representando o padre José de Anchieta pregando o Evangelho. A peça artística pode ser vista no jardim do Pateo do Collegio, no centro velho de São Paulo.

Muito prazer, somos a Associação Comercial de São Paulo.



A **ACSP** faz parte da vida de empreendedores de diversos tamanhos, representando-os, dando voz a eles, promovendo mudanças, impactando políticas públicas e oferecendo serviços para o desenvolvimento da classe.

Enfim, criando um ambiente favorável aos seus negócios.

Com a gente, você ganha agilidade em questões burocráticas, tranquilidade para conduzir seu negócio e ainda muitas vantagens para você e seus funcionários.

É assim há **119 anos**, sempre em defesa da livre-iniciativa e do desenvolvimento do empreendedor!

Seja um associado da **ACSP**, e você terá acesso a uma infinidade de benefícios exclusivos, além de ter à sua disposição **15 pontos** de atendimento em São Paulo.

NOSSA FORÇA. SEU NEGÓCIO.

**ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL**

São Paulo

Associe-se agora mesmo à ACSP:
11 3180 3737 / www.acsp.com.br



associacaocomercialsps



acspsdigital



Papa João Paulo II abençoa as Cartas de Anchieta, trazidas a São Paulo em 2004 para exposição no Pateo do Collegio, em comemoração aos 450 anos da cidade, uma iniciativa da Associação Comercial de São Paulo (ACSP). De joelhos, segurando os documentos, o padre Pedro Canisio Melchert, reitor do Pateo do Collegio na época.